



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

Murilo César de Carvalho Pereira

**HISTÓRIAS DE VIDAS DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM TRÊS LAGOAS – MS**

PARANAÍBA- MS

2020



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

Murilo César de Carvalho Pereira

**HISTÓRIAS DE VIDAS DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM TRÊS LAGOAS – MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade vinculada à linha de pesquisa “História, Sociedade e Educação” da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ademilson Batista Paes

PARANAÍBA- MS

2020

P493h Pereira, Murilo César de Carvalho
Histórias de Vidas de Professoras de Educação Física em Três Lagoas –
MS / Murilo César de Carvalho Pereira. Paranaíba, MS: UEMS, 2020. .
307f.

Dissertação (Mestrado) - Unidade Universitária de Paranaíba.
Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Dr. Ademilson Batista Paes

1. História Oral. 2. Prática Docente - História 3. Formação de Professores - História Paes, Ademilson Batista II. Título

CDD – 23. Ed. – 371.102

MURILO CÉZAR DE CARVALHO PEREIRA

**HISTÓRIAS DE VIDAS DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
EM TRÊS LAGOAS – MS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Aprovada em ____/____/____

Prof^o. Dr^o. Ademilson Batista Paes (Orientador)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof^a. Dr^a Estela Natalina Mantovani Bertolotti
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof^a. Dr^a Kenia Hilda Moreira
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

(Em memória)

À minha amada mãe Ana Maria de Carvalho Pereira,
Mulher, guerreira, que fez história à sua própria maneira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof^o. Dr^o. Ademilson Batista Paes, pelo profissionalismo, companheirismo, pela preocupação, pelas conversas, orações e por toda dedicação a meu projeto e meus estudos, mesmo sabendo que não tinha intimidades com a história da educação e com a metodologia da história oral, auxiliou no direcionamento dos meus estudos de forma fraternal.

Ao meu amigo e companheiro Flávio Henrique, por toda a paciência nos momentos difíceis, quando as leituras pareciam não ter fim, quando o cansaço batia, você sempre esteve lá para me fazer levantar e dar mais um passo, meu muito obrigado!

A meus pais, José Soares e Ana Maria (em memória) por toda dedicação de uma vida, pelo suporte, pelas broncas, e por sempre acreditarem que um dia eu realizaria esse sonho, agradeço imensamente a vocês!

Agradeço a todo o corpo pedagógico e administrativo da UEMS de Paranaíba pela paciência e sabedoria no decorrer deste processo, em especial às professoras Dr^a Estela Natalina e Dr^a Tânia Regina Zimmermann por toda a dedicação em contribuir com o processo de ensino durante o curso, sempre com muita paciência e carinho, meu muito obrigado!

À minha tia, Aldenôra Gomes Freire, por toda ajuda nos momentos de viagens de estudo, sempre cuidando com muito zelo dos meus animais, plantas e de minha casa, além, de toda a preocupação com minha saúde e bem estar, a você minha eterna gratidão!

Agradeço a toda turma do mestrado 2018, pelas amizades construídas no decorrer deste processo, desejo a todos vocês muito sucesso e longevidade durante esse percurso, árduo, porém, extremamente gratificante. Em especial à Julice e o Ednaldo pela companhia durante as horas de viagens que fazíamos juntos até Paranaíba. Também à amiga Daniela pelo auxílio e por se mostrar tão prestativa quando precisei de livros.

A amiga Suzana, por me receber em sua casa em Paranaíba de braços tão abertos por tantas vezes, jamais esquecerei sua ajuda! Muito Obrigado!

Agradeço a toda equipe de trabalho do CEI Novo Alvorada, onde exerço a função de professor há dez anos, por todo o suporte necessário durante os momentos que precisei me ausentar da unidade para cumprir com as obrigações do estudo.

Um agradecimento especial vai para as professoras participantes deste trabalho, Arlinda, Marli e Verônica, por todas as contribuições com o projeto, vocês são a inspiração e o exemplo de sucesso para toda uma geração de professores. Sem vocês, esse trabalho não teria sido possível, portanto a vocês, minha eterna gratidão pela contribuição com a história da Educação Física no Brasil.

*“Assumir a nossa história pode ser difícil,
mas não tão difícil como passarmos nossas
vidas fugindo dela.”*

Cassandra Brené Brown

*“Tudo o que temos de decidir é o que fazer
com o tempo que nos é dado.”*

John Ronald Reuel Tolkien

PEREIRA, Murilo César de Carvalho Pereira. *Histórias de Vidas de Professoras de Educação Física em Três Lagoas – MS*. 2020. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unidade Universitária de Paranaíba, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2020.

RESUMO

Nesta dissertação, apresentam-se resultados finais de pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, na linha de pesquisa “História, Sociedade e Educação”, vinculada ao Grupo de Pesquisa História da Educação Brasileira (GEPHEB). Com o objetivo de compreender os processos de constituição da profissionalização de professoras aposentadas, por meio das narrativas e histórias de vida. Deste modo, optamos na pesquisa, pelas histórias de vidas, por meio do aporte metodológico da História Oral, numa perspectiva qualitativa, que proporcionou momentos com Arlinda Fátima Andrade, Marli Aparecida dos Santos e Verônica Rosa Gomes Mendonça, professoras aposentadas - no exercício da disciplina - de Educação Física na rede estadual e municipal, de Três Lagoas (MS). Optamos também pelas contribuições de teóricos como Le Goff, no cerne do entendimento cultural histórico e de Michel de Certeau, para que o entendimento acerca do percurso histórico fosse descrito da forma mais fluente possível. Com base nas narrativas orais, transcritas, analisamos nesta dissertação os aspectos relacionados aos seus trajetos de vida, como a vida escolar e extraescolar, a formação superior e a atuação profissional, de forma a criar subsídios para a análise, também foram utilizadas fontes documentais e iconográficas fornecidas pelas próprias entrevistadas como forma de ilustração de suas histórias. As narrativas referentes às categorias que foram elencadas tornaram possível a apreensão de uma história oral temática. Percebe-se que os valores morais construídos a partir das influências parentais, impactaram a forma como as professoras percebiam o mundo que as cercavam, e, constituiu a formação identitária, indissociável do contexto pessoal e profissional, inculcando sobre seus próprios exercícios pedagógicos. As escolhas pelo campo da educação e da Educação Física, foram também percebidos, nos contextos familiares singelos e no gosto pelo esporte. Também constatamos que no cenário da década de 1980, a dificuldade na formação e da quebra de paradigmas sociais, que se transformou em dificuldade ao lecionar, contribuindo para refletirmos sobre o contexto político e social que vivemos hoje no país. Como considerações finais, afirmamos que as histórias de vidas apresentam fragmentos de uma mesma história, e colaboram para entendermos os processos educacionais e a prática docente da disciplina Educação Física em Mato Grosso do Sul e mais especificamente em Três Lagoas.

Palavras-chave: História Oral. História da Prática Docente. História da Formação de Professores. GEPHEB.

PEREIRA, Murilo César de Carvalho Pereira. *“Histórias de Vidas de Professoras de Educação Física em Três Lagoas – MS.”* 2020. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unidade Universitária de Paranaíba, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2020.

ABSTRACT

In this dissertation, final results of a Master's in Education are shown, developed in a Post Graduate Program in Education from Mato Grosso do Sul State University (UEMS), faculty of Paranaíba, from the research “History, Society and Education”, linked with the History of Brazilian Education Research Group (GEPHEB). With the aim of understand the processes of constitution of the professionalization of retired teachers, through narratives and life stories. Thus, we chose, in this research, stories of lives, with the methodological contribution of the Oral History method, in a qualitative perspective that provided moments with Arlinda Fátima Andrade, Marli Aparecida dos Santos and Verônica Rosa Gomes Mendonça, retired teachers, when they were working at the state and municipal network of Três Lagoas (MS). We also opted for the contributions of theorists such as Le Goff, in the core of the cultural and historical understanding, and Michel de Certeau, for the understanding about the historic course intended which would be described as fluent as possible. Based on the transcribed interviews, we analysed the aspects related to their lives in this dissertation, in and out of school, in higher education and in their professional lives, with the aim of creating data for the analysis, there were also documentary and iconographic sources given by the interviews as a way of illustrating their stories. The narratives regarding the categories which were created made it possible to apprehend a thematic oral history. We realized that the moral values built from the parental influences, had an impact on the way the teachers perceived the world around them and constituted their identity which is inseparable in a personal and professional context. The choices for the field of education and Physical Education were also perceived in a less-favored family context and in a sport inclination. We noticed as well that in the 80`s, the difficulty to get a degree and to break social paradigms was transformed into hardships to lecture, making us ponder over the political and social context which we live in today in our country. In final considerations, it's stated that the history of lives present bits of the same history and collaborates to understand the educational processes and the teaching practice of the Physical Education subject in Mato Grosso do Sul, more specifically in Três Lagoas.

Key words: Oral history, History of Academic Teaching, History of Teaching degrees, GEPHEB.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação da cidade de Três Lagoas, no estado de Mato Grosso do Sul.....	20
Figura 2: Professora Arlinda.....	42
Figura 3: Professora Marli.....	43
Figura 4: Professora Verônica.....	44
Figura 5: Professora Arlinda na infância (1963).....	89
Figura 6: Professora Arlinda com os pais (1980).....	91
Figura 7: Professora Marli na infância (1970).....	94
Figura 8: Mãe (direita) e Irmã (esquerda) da professora Marli.....	95
Figura 9: Pai da professora Marli.....	95
Figura 10: Professora Marli em competição.....	97
Figura 11: Verônica na infância (1949).....	99
Figura 12: Pai e Mãe da professora Verônica.....	99
Figura 13: Diploma de 1º grau da professora Arlinda.....	105
Figura 14: Certificado de registro de professor (frente).....	108
Figura 15: Certificado de registro de professor (verso).....	108
Figura 16: Diploma do magistério da professora Arlinda.....	109
Figura 17: Carteirinha associação de pais e mestres da professora Marli (Frente)	110
Figura 18: Carteirinha associação de pais e mestres da professora Marli (Verso)	111
Figura 19: Histórico escolar do segundo grau da professora Marli.....	113
Figura 20: Verônica vestida de anjo (1052).....	114
Figura 21: Professora Arlinda na juventude (1980).....	122
Figura 22: Professora Arlinda em sua Colação de Grau em EF (1980).....	126
Figura 23: Professora Arlinda assinando a ATA de Colação de Grau em EF (1980).....	127
Figura 24: Diploma de graduação superior da professora Arlinda (frente).....	127
Figura 25: Diploma de graduação superior da professora Arlinda (Verso).....	128
Figura 26: Histórico escolar da professora Arlinda (folha 1).....	128
Figura 27: Histórico escolar da professora Arlinda (folha 2).....	129
Figura 28: Professora Marli no terceiro lugar do pódio durante a faculdade (1980).....	130
Figura 29: Xerox do diploma de graduação da professora Marli (frente).....	133

Figura 30: Xerox do diploma de graduação da professora Marli (verso).....	134
Figura 31: Histórico escolar de graduação da professora Marli.....	134
Figura 32: Professora Verônica em apresentação rítmica (18/05/1973).....	137
Figura 33: Professora Verônica recebendo diploma de graduação (02/08/1975)..	138
Figura 34: Diploma de graduação da professora Verônica (frente).....	139
Figura 35: Diploma de graduação da professora Verônica (verso).....	139
Figura 36: Histórico escolar de graduação da professora Verônica (página 1 e 2).....	140
Figura 37: Panfleto de ginástica desenvolvido pela professora (1990).....	152
Figura 38: Professora Arlinda (terceira de pé da direita para a esquerda) e alunas em competição de basquetebol (década de 1980).....	152
Figura 39: Portaria da aposentadoria da professora Arlinda.....	154
Figura 40: Professora Marli (de branco no canto esquerdo) e seu primeiro local de trabalho na Escola Senador Filinto Muller (década de 1990).....	157
Figura 41: Termo de posse na prefeitura de Três Lagoas da professora Marli.....	158
Figura 42: Professora Marli durante apresentação de quadrilha com seus alunos (1990).....	159
Figura 43: Diário oficial que decreta a cedência da professora Marli.....	161
Figura 44: Professora Marli e suas estudantes em apresentação (década de 1990).....	162
Figura 45: Decreto de aposentadoria da professora Marli.....	164
Figura 46: Ficha funcional da professora Verônica.....	165
Figura 47: Declaração de lotação na Escola Dom Aquino Corrêa.....	166
Figura 48: Decreto de ascensão funcional.....	167
Figura 49: Abertura dos jogos estudantis (1977).....	169
Figura 50: Atleta da professora Verônica (1977).....	170
Figura 51: Equipe da professora Verônica (1977).....	174
Figura 52: Turma de treinamento da professora Verônica (1977).....	174
Figura 53: Alunos da professora Verônica (1977).....	174
Figura 54: Decreto de aposentadoria da professora Verônica.....	175

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Roteiro e questões das entrevistas.....	37
Quadro 2: Realização das entrevistas.....	38
Quadro 3: Síntese da atuação profissional das professoras.....	41
Quadro 4: Perfis das professoras participantes.....	46
Quadro 5: Matrículas Femininas e Masculinas por áreas gerais do conhecimento em cursos de graduação presenciais. Brasil 2003 e 2009.....	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Cursos com maiores números de matrículas de graduação por Gênero – Brasil – 2012.....	66
Tabela 2: Distribuição do contingente de formados, por sexo e curso universitário (Brasil – 1970 e 2000).....	68
Tabela 3: 10 cursos com maior número de matrículas por sexo – Brasil 2015....	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição da população total com nível universitário, por sexo (Brasil 1970, 1980, 1991 e 2000).....	64
Gráfico 2: Educação Física: Proporção entre Bacharelado e Licenciatura.....	69
Gráfico 3: Os 20 maiores cursos em números de matrículas em paridade de gênero em 2017.....	71
Gráfico 4: 15 maiores cursos de graduação em licenciatura em número de matrículas em 2017.....	72

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CND – Conselho Nacional de Desporto
CONFED – Conselho Federal de Educação Física
CREF – Conselho Regional de Educação Física
DP - Dependência
EB – Educação Básica
EF – Educação Física
EFE – Educação Física Escolar
ESEF/UFPel – Escola Superior de EF da Universidade Federal de Pelotas
HO – História Oral
IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
INDESP – Instituto Nacional para o Desenvolvimento do Desporto
JOMAP – João Magiano Pinto
MEC – Ministério da Educação
MS – Mato Grosso do Sul
NEHO-USP – Núcleo de Estudo em História Oral da Universidade de São Paulo
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE – Plano Nacional de Educação
RCEFM-MS – Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental e Médio
SEF – Secretaria Educação Fundamental
SINTED – Sindicato dos Trabalhadores em Educação
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNATI/UNISUAM - Universidade Aberta da Terceira Idade do Centro Universitário Augusto Motta

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	20
INTRODUÇÃO	25

CAPÍTULO 1

1. O fazer historiográfico e o gênero como campos de pesquisa.....	51
1.1 Compreendendo gênero.....	55
1.2 Mulheres e a profissão docente.....	62

CAPÍTULO 2

2. Percurso histórico da educação física no brasil	75
--	----

CAPÍTULO 3

3. As experiências da vida extraescolar e escolar.....	88
3.1 Apontamentos sobre a vida extraescolar da professora Arlinda.....	89
3.1.1 Apontamentos sobre a vida extraescolar da professora Marli.....	94
3.1.2 Apontamentos sobre a vida extraescolar da professora Verônica.....	98
3.2 Análise da trajetória extraescolar das professoras aposentadas.....	100
3.3 Trajetórias escolares.....	103
3.3.1 Professora Arlinda.....	104
3.3.2 Professora Marli.....	107
3.3.3 Professora Verônica.....	111
3.4 Análise das trajetórias escolares.....	178

CAPÍTULO 4

4 Trajetórias da vida acadêmica e profissional.....	121
4.1 Formação acadêmica da professora Arlinda.....	122
4.1.1 Formação acadêmica da professora Marli.....	129
4.1.2 Formação acadêmica da professora Verônica.....	135

4.2 Análise das trajetórias de vida acadêmica.....	140
4.3 Vida profissional docente.....	141
4.3.1 Trajetória profissional da professora Arlinda.....	144
4.3.2 Trajetória profissional da professora Marli.....	154
4.3.3 Trajetória profissional da professora Verônica.....	164
4.4 Análise das trajetórias profissionais.....	176
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	181
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	185
FONTES DOCUMENTAIS DE DOMÍNIO PÚBLICO.....	191
APÊNDICE A – Mapas das escolas municipais citadas pelas professoras.....	193
APÊNDICE B – Mapas das escolas estaduais citadas pelas professoras.....	194
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).....	195
APÊNDICE B – Parecer substanciado do CEP.....	197
APÊNDICE C – Roteiro das entrevistas.....	199
APÊNDICE D – Transcrição da entrevista com a professora Arlinda.....	200
APÊNDICE E – Transcrição da entrevista com a professora Marli.....	235
APÊNDICE F – Transcrição da entrevista com a professora Verônica.....	280

APRESENTAÇÃO

A concepção do desenvolvimento deste estudo se originou na convergência das inquietações que entremeiam o meu percurso profissional na área da Educação Física Escolar (EFE) com a área das Ciências Humanas, na qual as pesquisas desenvolvidas no âmbito da história e da historiografia vêm ganhando grande destaque nos últimos anos.

Apesar de ter lecionado por três anos no ensino superior em Mato Grosso do Sul (MS), a minha aproximação com a História, tanto como disciplina quanto como linha de pesquisa, não foi um percurso simples, fácil e direto, mas ao contrário. E tudo começou pela aceitação no Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade de Paranaíba, onde a confluência com essa linha de pesquisa se deu pela aceitação como orientando do professor Ademilson Batista Paes.

No decorrer desse processo, por meio de alguns debates e explicações entre meu orientador e eu, eis que surgiu minha primeira inquietação: entender como se deu o processo de constituição da EFE em Três Lagoas - MS¹, cidade onde resido atualmente.

Figura 1 – Representação da cidade de Três Lagoas, no estado de Mato Grosso do Sul



Fonte: <http://mapas.ibge.gov.br>

¹ Três Lagoas, foi fundada em 15 de junho de 1915 e esta localizada na região leste do estado de Mato Grosso do Sul, sendo a terceira cidade mais populosa do estado, com aproximadamente 121.388 habitantes, segundos dados do IBGE/2019. A cidade faz divisa com o estado de São Paulo e teve uma grande influência paulista durante sua constituição.

Após diversas discussões sobre esse o percurso histórico a ser utilizado, foram surgindo algumas outras inquietações: Quais fontes utilizar e por quê? Qual metodologia e qual campo teórico? Qual baliza de tempo? Foi nesse momento que passei a conhecer a Nova História Cultural (NHC) e a História Oral (HO), e então se iniciou todo o processo de construção deste trabalho.

Nascido em Três Lagoas (MS), filho de um ferroviário e uma ex-auxiliar de enfermagem, dona de casa e costureira, me mudei para o estado de São Paulo aos cinco anos de idade. Sempre estudante de escola pública durante a educação básica, minha formação acadêmica começou em 2004 em uma instituição privada, onde ingressei no curso de Educação Física (EF) do Centro Universitário Toledo de Araçatuba (SP).

Inicialmente, com uma bolsa atleta para competir na modalidade karatê – esporte praticado desde os meus dez anos de idade. Durante o ano de 2004, representei a instituição em competições estaduais e nacionais por aproximadamente nove meses. Sem condições de arcar financeiramente com tudo que a instituição exigia, antes de completar o primeiro ano, fui selecionado para uma bolsa de estudos para estagiar no programa Escola da Família, programa do estado de São Paulo, em que alunos do ensino superior lecionam atividades recreativas e profissionalizantes nas escolas públicas do estado durante os finais de semana. De 2005 a 2007 estagiei e lecionei nas escolas de periferia da cidade Araçatuba (SP), exercendo essa função até o final da graduação.

Em 2008, ingressei no Curso de Fisioterapia do Centro Universitário Salesiano de Araçatuba, concluindo minha formação em 2011 já em Três Lagoas (MS), pois tive de me mudar de cidade no último ano de curso.

Realizei subsequentemente uma pós-graduação *latu sensu* voltada para a área da saúde, em 2013, na mesma instituição de ensino onde me formei em EF, e apesar de continuar estudando, mesmo em áreas tão distintas das Ciências Humanas, sempre lecionei em escolas públicas desde minha primeira formação, sendo que em 2011 passei a ser professor efetivo no município de Três Lagoas.

De volta às terras sul mato-grossenses, após tantos anos longe, ao final da minha primeira pós-graduação, fui convidado a lecionar no curso de Fisioterapia e de EF das Faculdades Integradas de Três Lagoas (AEMS), e, por meio dessa experiência profissional, tive despertada uma imensa paixão pela carreira acadêmica.

Apesar disso, no final de 2015, eu precisei deixar a instituição, e por dois anos me dediquei à segunda pós-graduação em docência pelo Instituto Federal de Mato Grosso do Sul. Em 2017, em meio aos colegas e pelo incentivo dos meus professores, em especial a professora Michela Mitiko Kato Meneses de Souza e os professores Gilmar Ribeiro Pereira e Alan Rodrigo Antunes, eu me inscrevi como aluno especial do Programa de Pós Graduação em Educação da UEMS e, em 2018, fui aceito como aluno regular.

Durante o curso das disciplinas na Universidade, pude me aprofundar nas questões relacionadas ao estudo da história e historiografia brasileira, compreendendo o significado e a importância das fontes e das metodologias para o processo de construção desse conhecimento.

Durante o curso da disciplina “Gênero e educação”, ministrada pela professora Tânia Regina Zimmerman, pude navegar pelo universo que compreende as questões de gênero e educação, perceber quão à margem as mulheres ficaram na história da educação e perceber como essa luta ainda é travada no meio social e acadêmico; além disso, permitiu-me a possibilidade de investigar e iniciar meus estudos nesse campo de pesquisa, de forma a contribuir para a luta da igualdade de gênero.

Na disciplina “Historiografia da Educação Brasileira – arquivos e fontes”, ministrada pela professora Estela Natalina Mantovani Bertoletti, adentrei no exercício da pesquisa historiográfica e na história da educação, e percebi o quão relevante e importante é a preservação da memória para a representação de um grupo.

Ao cursar a disciplina Fundamentos da Pesquisa em História e Historiografia da Educação, ministrada pelo professor Ademilson Batista Paes, pude compreender os campos teóricos que permeiam a Pesquisa em Educação, abrindo um leque de possibilidades metodológicas e teóricas, passando a perceber de forma mais coerente a importância do rigor e das minúcias que permeiam a pesquisa historiográfica. Portanto, ao escrever esta dissertação, espero estar auxiliando para a continuidade desse processo de conservação da memória, dando espaço (com este trabalho) a quem ainda não teve a possibilidade de se expressar.

E foi nesse emaranhado de teorias e novos saberes que tudo começou, e apesar de não ter nenhuma experiência no campo da história, propus-me a ler e pesquisar, escrevendo um projeto de pesquisa que atendesse aos meus anseios enquanto professor de EF, aliado à prática da linha de pesquisa História, Sociedade e Educação do

Programa de Pós-Graduação, com o título inicial: “Histórias de vida de professoras de educação física aposentadas do município de Três Lagoas (MS)”, pois como afirmam Bogdan e Biklen (1994, p.76), “independentemente do modo como se origina um tema, o mais importante é que esse tema seja instigante do ponto de vista do pesquisador”.

Assim, a partir dos processos que me constituíram e continuam me constituindo enquanto professor e pesquisador, ao longo da minha trajetória pessoal e profissional, essas percepções acerca da memória e da história vão tecendo uma colcha de saberes que se desconstrói e se ressignifica a todo o momento, permitindo a partir deste estudo descobrir minha própria história.

Neste universo de pesquisa a intenção principal foi trazer à luz do conhecimento as narrativas transcritas, de professoras aposentadas enquanto participantes da constituição da EFE no município de Três Lagoas (MS), a fim de que conhecermos como se deu o processo de profissionalização docente dessas participantes.

Dessa forma, durante os aprofundamentos realizados, por meio dos acervos documentais, dos decretos e das leis promulgadas ao longo dos anos e de diversas fontes iconográficas encontradas em trabalhos pesquisados, percebi uma grande e valiosa contribuição aos estudos historiográficos para a disciplina EF.

Mas como encontrar os protagonistas para a realização deste estudo? Meu primeiro pensamento foi entrar em contato com o sindicato dos trabalhadores em educação (SINTED) de Três Lagoas. Como eu não tinha nenhum contato com alguém que tivesse o perfil procurado, isso me pareceu a melhor opção. Com base nos apontamentos realizados no projeto de pesquisa, meu interesse era de encontrar professoras de EF aposentadas que tivessem lecionado em Três Lagoas, abrangendo tanto a rede estadual de ensino quanto a rede municipal.

Por meio do SINTED, obtive quatro números de telefones de professoras aposentadas, e imediatamente entrei em contato com elas. O segundo passo foi explicar para elas sobre o que se tratava o estudo, e a sua importância para a preservação da memória; foi explicado também como seriam realizadas as entrevistas, por meio de agendamentos, gravações em áudio e sua transcrição.

Das quatro professoras, duas se recusaram a participar do estudo, alegando falta de interesse e falta de disponibilidade. A professora Arlinda Fatima de Andrade e a professora Marli Aparecida dos Santos aceitaram de prontidão a participação no estudo,

mas a primeira entrevista ficou marcada para bastante tempo depois do primeiro contato, pois o projeto ainda estava em análise pelo comitê de ética da Plataforma Brasil.

Em conversa com uma prima de minha mãe, a também professora aposentada Aldenôra, esta me lembrou que sua outra prima chamada Verônica Rosa Gomes Mendonça também era professora de EF aposentada, e me orientou a entrar em contato com ela. Ao conversar com a professora Verônica e explicar como seria realizado o estudo, ela se prontificou a participar e ficamos acordados de realizar sua entrevista posteriormente à aprovação do projeto, assim como as outras professoras.

Durante esse meio tempo, aprofundei-me na leitura e no levantamento bibliográfico, parte importante para a dissertação, pois foi nesse processo que pude abrir caminho para novos conhecimentos.

Com o projeto aprovado pelo Comitê de Ética da Plataforma Brasil² e com o roteiro de entrevistas elaborado, em janeiro de 2019 comecei a realizar as entrevistas, e esse caminho não foi fácil: por ser um pesquisador inexperiente na metodologia da história oral, logo me deparei com situações que inicialmente achei que não saberia lidar. As emoções podem ser mesmo reveladoras, tanto para quem está sendo entrevistado, quanto para o entrevistador; e assim foi, em meio a choros emocionados, risos estonteantes e expressões faciais muitas vezes enigmáticas durante os relatos ouvidos, as histórias foram se desenrolando e o fazer historiográfico foi se construindo aos poucos.

Ao lidar com essas situações aprendi muito sobre as professoras entrevistadas, mas também muito sobre mim mesmo, quando me via em situações semelhantes às narradas por elas. Assim percebi, a importância de darmos espaço para as histórias de vida de personagens que fizeram parte de qualquer tipo de processo histórico, e tive a certeza de que estava realmente fazendo algo de que poderia me orgulhar.

² Número do Parecer: 3.318.265

INTRODUÇÃO

*“Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido? Será essa, se alguém a escrever, A verdadeira história da humanidade.
O que há é só o mundo verdadeiro, não é nós, só o mundo; O que não há somos nós, e a verdade está aí.”
(Fernando Pessoa, 1944)³*

Ao propor uma abordagem metodológica por meio da História Oral (HO), busquei inicialmente responder a três perguntas fundamentais, de acordo com os apontamentos propostos pelo professor José Carlos S. B. Meihy, estudioso fundador do Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO/USP), como será explanado adiante neste texto. Seus registros sugerem as seguintes indagações ao se trabalhar com a metodologia em HO: 1) História Oral de quem? 2) Como? 3) Por quê?

Busquei explanar também, com base nas perspectivas dos três AAA (Adesão, Ação e Autoconsciência) propostos por Nóvoa (2000, p. 16), como forma de elucidar as questões que permeiam a pesquisa, conforme aponta o autor: “Como é que cada um se tornou o professor que é hoje? E por quê? De que forma a ação pedagógica é influenciada pelas características pessoais e pelo percurso de vida profissional de cada professor?”

O autor coloca também que “a utilização contemporânea das *abordagens (auto)biográficas* é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico” (NÓVOA, 2000, p. 18 – grifos do autor). Desse modo, a utilização das fontes orais propostas neste trabalho busca valorizar o “ser” professor pelas narrativas de quem de fato viveu “o chão da escola”, abrindo espaço para novas discussões e novos modelos de pesquisa.

Entretanto, é imprescindível frisar também que, na intencionalidade desta pesquisa, não se pretende criar ou escrever que no percurso histórico o roteiro que permeou a EF em Três Lagoas foi exatamente do modo narrado pelas professoras, e sim dar ênfase às suas subjetividades, desta forma, utilizamos a história aqui de acordo com os apontamentos prestados por Le Goff (1990, p. 39): “[...] História não se deve preocupar apenas com a produção histórica profissional, mas com todo um conjunto de

³ Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). - 299

fenômenos que constituem a cultura histórica ou, melhor, a mentalidade histórica de uma época”. Sendo assim, qualquer proposição posta no decorrer deste estudo busca articular o passado e o presente dessas histórias. Com o intuito de compreender como se deu o processo de profissionalização docente de professoras de EF aposentadas.

Em virtude disso, estabeleci que a opção pela utilização do aporte teórico-metodológico da HO contempla o objetivo geral proposto neste trabalho, a saber: conhecer histórias de vidas de professoras que lecionaram a disciplina Educação Física em Três Lagoas (MS), a partir da década de 1980.

Em face deste objetivo, com os delineamentos que seguiram com o estudo proposto, elaborei os seguintes objetivos específicos: recuperar as memórias das professoras aposentadas, a fim de identificar os saberes provenientes dos desenvolvimentos das trajetórias pessoais e profissionais; descrever, com base nas categorias de análise, a trajetória de vida das participantes, buscando compreender como se deu o processo de formação e atuação na área; relacionar as possíveis influências dos momentos e contextos políticos vividos e sua trajetória pessoal e profissional; contribuir para a história das disciplinas escolares no leste de Mato Grosso do Sul.

Assim, esta dissertação procura estabelecer que as histórias de vida podem contribuir nos diferentes campos de pesquisa e trazer elementos que auxiliem no entendimento de saberes referentes às professoras de EF aposentadas que atuaram no município de Três Lagoas (MS) a partir da década de 1980.

Ao considerar o tempo (a partir da década de 1980) e o local (Três Lagoas) de atuação dessas professoras na análise de suas histórias de vida, procurei fundamentar o trabalho, numa perspectiva de estudo que coloca essas protagonistas no papel de agente histórico participante do processo.

Além disso, ao compreender a década de 1970 no início do capítulo 2, retratando o período de formação escolar das professoras entrevistadas, a intenção é situar as entrevistadas num panorama de mudanças da concepção da EF que se sucedeu após diversas crises de identidade que perpassaram boa parte do século XIX e do século XX.

Segundo Costa (2017, p.26):

As décadas de 1980 e 1990 antecedem e sucedem à denominada crise de identidade vivida pela Educação Física (BETTI, 1991; BRACHT, 2010; BRASIL, 1997, 1998; DAOLIO, 2004; DARIDO, 2003; GHIRALDELLI JR., 1997; MEDINA, 1987; SOARES et al., 1992) e equivalem ao período de aparecimento de diversas tendências pedagógicas para o ensino da Educação

Física na escola. Corroborando os autores, entendemos essa crise como uma tentativa de superação das tendências higienistas, militaristas e competitivistas (GHIRALDELLI JR., 1997), em ideais eugenistas para manutenção de uma ideologia dominante (CASTELLANI FILHO, 2008; CORRÊA, 2009; SOUZA NETO, 1999) e em uma tecnização da Educação Física como uma das implicações do Golpe de 1964 (BORGES, 2001; GHIRALDELLI JR., 1997), entre outras questões.

E assim como na tese de doutoramento de Costa (2017), a opção por iniciar os apontamentos nos anos de 1970, perpassando também os anos de 1980 e 1990, deve-se ao fato de ter sido nesse período (que se tem registro) no qual a disciplina EF passou a ser ministrada por profissionais formados em EF. Portanto, ao direcionar os estudos acerca das histórias de professoras, optei por trazer na estrutura do trabalho essas narrativas com a produção teórica, na intenção de compor um diálogo entre a teoria e os dados coletados.

Nesse sentido, a dissertação de Rony Centeno Soares Júnior (2014), com o título “A Disciplina de educação física na Escola Técnica Federal de Pelotas: Práticas pedagógicas e memórias de professores” (1973-1996), trouxe um enriquecimento nos aspectos que tangem a HO, pois teve o objetivo principal de investigar as práticas pedagógicas desses professores, sendo produzidas fontes a partir da memória de onze professores, além dos programas de ensino da disciplina.

Soares Júnior (2014) percebeu que entre momentos distintos das carreiras dos professores – que ele classificou como primeiro período (1973-1985) e segundo período (1985-1996) – houve uma mudança dos processos de desenvolvimento das aulas partindo de uma EF voltada para o desenvolvimento das aptidões físicas, métodos calistênicos europeus, para uma EF voltada para o desenvolvimento de habilidades esportivas.

Denise Aparecida Corrêa (2009) trabalhou em sua tese de doutoramento o estudo intitulado “Os governos de Getúlio Vargas (1930-1954) e a Educação Física Escolar no Estado de São Paulo: lembrança de velhos professores”. Por meio de sua metodologia pautada em HO, a autora coletou os relatos de seis professores acerca de suas vivências, sendo quatro homens e duas mulheres, perpassando por seus processos de escolarização, percurso formativo e início da atuação docente entre as décadas de 1930 e 1960.

A autora pôde verificar que por mais que as conjecturas políticas da época postulassem uma sistematização do ensino, essa mudança não se configurou de imediato na prática docente dos entrevistados, referenciando sua prática ao Método

Francês e às práticas legitimadas no governo Getúlio Vargas, observadas como o desenvolvimento de aulas separadas por sexo (masculino e feminino) e/ou delimitação de práticas corporais distintas para meninos e meninas.

Enny Vieira Moraes (2012) escreveu sua tese intitulada “As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990)” com os pressupostos metodológicos da HO, por meio dos relatos de nove sujeitos envolvidos na pesquisa. Com o objetivo de democratizar o futebol feminino na Bahia, a autora coletou histórias de mulheres futebolistas. Por meio de seus estudos, a autora pôde articular questões como preconceito, falta de estrutura e credibilidade, exaltando a força da mulher brasileira. Como por muitos anos o futebol foi considerado um esporte masculino por ser um espaço de celebração da virilidade e da força, atributos considerados masculinos, a autora destaca a ousadia e a resistência que invadiram os gramados contribuindo para a democratização do esporte nacional.

Ainda nessa perspectiva, a tese intitulada “Histórias de Vida e Saberes de Professores de Educação Física que Atuaram nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental nas Décadas de 1980 e 1990”, escrita por Catia Silvana Costa (2017), coletou relatos de três professores de EF aposentados da rede estadual paulista. Os temas referentes aos saberes da docência que emergiram das trajetórias extraescolares, escolares, formativas e profissionais dos professores também se assentaram nos próprios dados e tornaram real a possibilidade de apreensão de várias histórias em uma mesma história de vida. Sendo que para isso a autora trabalhou com a análise de dados sobre as histórias de vida, saberes e identidades docentes. Como resultado de seu trabalho, Costa (2017) afirma que as histórias de vida dos professores indicam elementos que contribuem para a reflexão sobre o exercício profissional mediante as finalidades do ensino, as características dos alunos e as lacunas de formação.

Corroborando Costa (2017), este estudo também procura considerar essa reflexão na perspectiva do ensino, na época e no contexto profissional nos quais as professoras entrevistadas desenvolveram sua prática.

João Airton de Matos Pontes (2013), em sua tese de doutoramento com o título “Da Suficiência à Graduação: Percursos da formação em educação física no Ceará – 1950 a 1970”, teve como objetivo do estudo compreender a dimensão histórica do processo de formação e prática dos professores de Educação Física em Fortaleza, entre os anos de 1950 e 1970. Por meio de fontes orais e documentais, Pontes (2013), destaca

que a pesquisa viabilizou o conhecimento do percurso histórico da criação do primeiro curso de Educação Física em instituição de ensino superior do Ceará, ao mesmo tempo em que se vivenciaram os momentos que antecederam à implementação da legalização do curso superior, norteados através de lei, e os percursos vividos pelos atores envolvidos no processo.

Nesse ínterim, Tatiana Borel (2012) traz em sua dissertação intitulada “Processos de formação e práticas docentes na constituição histórica da Educação Física Escolar no Espírito Santo, nas décadas de 1930 e 1940” relatos de sujeitos que vivenciaram esse processo, bem como documentos e fontes iconográficas que auxiliam na transparência dos processos que envolvem a EFE no Espírito Santo, durante a Era Vargas (1930-1945). Nesse trabalho, Borel (2012) examinou as ideias que circulavam no curso de formação da escola de EF do Espírito Santo, criada em 1934, bem como suas relações com a prática desenvolvida pelos egressos dessa instituição nas escolas capixabas, evidenciando a EF desenvolvida no ginásio do Espírito Santo e no jardim de infância Ernestina Pessôa, postulados pela autora como estabelecimentos de ensino de grande importância no estado, no período analisado. As discussões finais colocadas por Borel (2012) indicam que a formação de professores de EF no Espírito Santo, apesar de ter passado por algumas dificuldades estruturais, destacava-se em âmbito nacional, servindo de modelo para outros estados do Brasil.

Assim, também compactuamos dessa perspectiva que busca integrar os saberes coletados nas narrativas e os acontecimentos históricos da baliza temporal empreendida no trabalho.

O trabalho de conclusão de curso intitulado “Memórias da Educação Física na década de 1980: articulações entre trajetórias de vida e leituras pedagógicas”, de Carla Cristina Urbina Carrion (2015), teve como objetivo lembrar as mudanças e os avanços ocorridos na história da EF escolar na década de 1980, a partir das memórias relatadas por uma professora que atuou na rede pública, buscando reconhecer o período chamado de “movimento transformador” da EF no Brasil a partir do processo de esportivização pautado pelo Decreto 69.450/71. Por meio das narrativas dessa professora, a autora percebeu um “movimento coletivo” a partir da memória individual, desvelando fatos como a reivindicação por turmas mistas e pelo fim do exame médico, bem como a luta pela igualdade entre os demais docentes, formulando uma nova possibilidade de ver a

história da EF no Paraná, em que se faz mais uma vez importante a utilização das fontes orais.

Ainda nessa linha de raciocínio, no estudo “Ciclos da trajetória profissional na carreira docente em Educação Física”, proposto na revista de EF da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), os pesquisadores Gelcemar Oliveira Farias, Paula Maria Fazendeiro Batista, Amândio Graça e Juarez Vieira do Nascimento (2018) investigaram os ciclos da trajetória profissional na carreira docente de 64 professores de EF, por meio de questionários e entrevistas, e identificaram que a carreira docente se caracteriza por cinco ciclos: a entrada na carreira, a consolidação das competências profissionais na carreira, a firmação e diversificação na carreira, a renovação na carreira e a maturidade na carreira; sugerindo ciclos contínuos e notadamente marcados pelos docentes.

Outro estudo relevante tendo como sua metodologia a HO, intitulado “Escola de Formação de ‘Professoras’: As Relações de Gênero no Currículo Superior de Educação Física”, realizado por Viviane Teixeira Silveira, Luiz Carlos Rigo, Maria Rita de Assis César e Eliane Ribeiro Pardo (2011), teve por objetivo investigar como as relações de gênero estiveram presentes na emergência e na consolidação do currículo da Escola Superior de EF da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPel), por meio da narrativa de 5 professoras. Os autores sugerem que a emergência da ESEF/UFPel e as suas práticas curriculares nos anos de 1970 e 1980 estiveram atreladas a discursos e a práticas que reiteraram a maximização das diferenças entre os sexos, entre homens e mulheres.

No trabalho “A relação da história da Educação Física com a história das práticas corporais de vida de uma participante da UNATI/UNISUAM”, realizado por Flavia Fernandes de Oliveira *et al.* (2013), que teve por metodologia a HO, utilizou-se da narrativa de uma participante da Universidade Aberta da Terceira Idade do Centro Universitário Augusto Motta (UNATI/UNISUAM), onde ela desenvolve diversas atividades físicas, sendo que o estudo teve por objetivo verificar a relação da história da Educação Física com a história das práticas corporais na vida dessa participante. O estudo teve por delimitação três categorias de análise, três fases: a fase da infância, a da juventude e a fase adulta, conforme sugerido pelos autores. Sendo assim, os autores concluem que a presença marcante da prática de atividades físicas durante o percurso de

vida dessa participante tem influência marcante em seu interesse por continuar a desenvolver essas atividades na terceira idade.

Nesse rol, podemos citar também a pesquisadora Silvana Vilodre Goellner, que possui diversos trabalhos publicados na área de gênero e EF e se dedica à luta pelo reconhecimento do espaço da mulher nesse campo historicamente masculinizado, apresenta em seus estudos, relevantes considerações acerca das questões aqui postuladas. Seus aportes teóricos possibilitaram que eu pudesse aprofundar meus estudos nesse campo de pesquisa, sobretudo, a partir de seu trabalho intitulado “Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades”, Goellner, (2012, p. 51), no qual a autora coloca:

Investir em tais temáticas implica não apenas uma aproximação acadêmica com a literatura internacional, mas, sobretudo, um posicionamento político, à medida que estudos em tal direção tirarão das zonas de sombra corpos e sujeitos que não podem ser categorizados. Nesse sentido, a abordagem teórico-metodológica da História Oral pode se constituir em uma ferramenta útil, visto que muitos dos corpos e sujeitos residentes nas zonas de sombra da historiografia do esporte lá estão por não haver registros.

Apesar dos esforços perpassados pelo campo da HO como produtora de fontes importantes na historiografia, sobretudo quando pautados na temática gênero e EF, a autora conclui que (GOELLNER, 2012, p. 52):

No entanto, esse entusiasmo não encontrou correspondência na historiografia brasileira do esporte, mesmo quando a categoria gênero figurou como central. Mostrou-se, ainda, como uma possibilidade para um devir.

Portanto, quando assumimos o papel de pesquisadores, assumimos a responsabilidade de introduzir no campo da pesquisa esses sujeitos, como diz a autora, “residentes nas zonas de sombra da historiografia”, pois, como reforça Pathai (2010, p. 124):

[...] nos permite ouvir histórias de indivíduos e grupos que de outra forma seriam ignorados; permite expandir os horizontes do nosso conhecimento sobre o mundo; e estimula o questionamento de nossas próprias hipóteses a respeito das experiências e dos pontos de vista de outras pessoas e culturas.

Ao engendrar uma pesquisa cujo foco se centra em conhecer as experiências de vida de professoras de EF, cujo processo histórico se encontra num contexto predominantemente masculino, assumimos os pressupostos de uma pesquisa qualitativa,

por entender que o cerne dessa metodologia se encontra em compreender os fenômenos existentes em um grupo e que seria impossível de mensurar de outra forma, impossibilitando o próprio pesquisador a inferir, fazer julgamentos ou impor crenças ou outros tipos de conceitos.

Dessa forma, a construção temática foi necessária para a análise dos dados, porém, os resultados da pesquisa se baseiam na compreensão do tema, postulando que o objeto de estudo também é um agente social historicamente construído (LAVILLE, 1999).

Nesta perspectiva, utilizei a metodologia História Oral, para constituir essa temática, de forma a possibilitar que as professoras entrevistadas reconstituíssem suas memórias, sentimentos e emoções, elementos imprescindíveis quando queremos compreender uma história de vida; memórias únicas e significativas transcendem o tempo e nos levam a reviver e redescobrir caminhos há tempos esquecidos.

Tão importante quanto um “documento oficial”⁴, a história vivida e narrada nos conduz a um mar de possibilidades, de signos e aprendizados, proporcionando o entendimento e até mesmo mais indagações de questões culturais de uma sociedade.

A HO pode ser entendida como uma metodologia de pesquisa, uma vez que busca produzir interpretações sobre diversos processos históricos que só é possível de se alcançar por meio de pessoas que participaram ou testemunharam algum tipo de evento; dessa forma, utiliza-se de entrevistas para coleta de dados e produção de fontes (FREITAS, 2006), como foi o caso deste trabalho.

Sendo a fonte oral produto de uma expressão narrativa, o termo “história” empregado na metodologia ganha um significado ao expressar um discurso inerente ao passado. Por conseguinte, a expressão “história oral” remete-se tanto ao historiador que ouve, quanto ao entrevistado que narra, traduzindo o que ambos fazem juntos no momento da entrevista (PORTELLI, 2011).

Desse modo, busquei apoio nos estudos e metodologia proposta pelo Núcleo de Estudos em História Oral – Universidade de São Paulo (NEHO/USP) e em apontamentos feitos pelo professor e historiador José Carlos Sebe Bom Meihy, pelas historiadoras Verena Alberti e Marieta de Moraes Ferreira – estudiosos da HO no Brasil, bem como o italiano Alessandro Portelli e o britânico Paul Thompson, famoso teórico da área.

⁴ Entende-se aqui: Leis, Decretos, Pareceres, etc. promulgados pelo governo.

Ao estabelecer essa relação entre a EF e a HO, propusemos ao trabalho os direcionamentos da HO temática⁵, uma vez que nos utilizamos dos conhecimentos produzidos a partir das memórias de professoras, da articulação de técnicas de entrevistas e de outros procedimentos, elaborando por meio da metodologia da HO, as fontes que representassem o universo de pesquisa deste estudo, pois como aponta Meihy (2015, p. 25), “[...] é recomendável não pensar que a história oral serve exclusivamente para ‘tapar buracos documentais’. Pelo contrário, relevar o valor das narrações como forma de vê-las em si é modo saudável de considerar a história oral”.

Sendo assim, considerar a HO como produtora de fontes orais, documentais e de conhecimentos é aceitar suas limitações e suas subjetividades como algo favorável ao se fazer história. Estabelecer esse elo entre as narrativas apresentadas não só transpõe o conceito de individualidade, como também elabora uma essência de coletividade, tão importante quando trabalhamos com a HO temática. Para Meihy (2015, p. 27-28):

O que se chama de “grupal”, “cultural”, “social” ou “coletivo” em história oral é o resultado de experiências que vinculam umas pessoas às outras, segundo pressupostos articuladores de construção de identidades decorrentes de suas memórias expressadas em termos comunitários. [...] Assim, as experiências de cada um são autênticas e se relacionam às demais por meio da construção de uma identidade comum. [...] O que garante unidade e coerência às entrevistas enfileiradas em um mesmo conjunto é a repetição de certos fatores que, por fim, caracterizam a memória coletiva. [...] Nesse sentido, a história oral é sempre social. Social, sobretudo porque o indivíduo só se explica na vida comunitária. Daí a necessidade de definição dos ajustes identitários culturais.

Em síntese, a memória é a nossa identidade, ela guarda nossas diversas experiências, e nos remete sobre quem somos e sobre o mundo a nossa volta; e partindo do convívio social, das experiências e convivências com nossos pares é que construímos nossas lembranças que serão acessadas mais tarde pela memória, permitindo a reunião desse universo social que é, em base, a essência da história.

De acordo com Thompson (1992, p. 22),

O desafio da história oral relaciona-se, em parte, com essa finalidade social essencial da história. [...] A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode

⁵ Com a História Oral temática, a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. (Freitas, 2006, p. 21).

derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior [...].

Conforme o autor, ao “dar voz” a um grupo e possibilitar que o este conte sua história, é possível uma nova abordagem e uma visão mais ampla do passado, que é interpretada por aquele que narra.

A HO não é um procedimento novo no campo do conhecimento e da educação, sendo empregada desde a invenção do gravador; seus criadores foram Allan Nevis e Louis Starr, da Universidade de Columbia, contudo, Heródoto, Tucídides e Políbio, historiadores da antiguidade, também utilizaram desse procedimento para narrar os fatos de sua época. Atualmente, considera-se o ano de 1948 como o marco inicial da HO “moderna” (ALBERTI, 2008).

Ao contar uma história, permitimos ao narrador a possibilidade política e crítica de expor seus pensamentos e opiniões, mesmo que o próprio sujeito não o perceba. Essa narrativa tem um caráter transformador à medida que essas palavras nos transportam a outro entendimento de realidade e vivência de situações passadas.

Segundo Meihy (2006, p. 194),

[...] temos a noção diferenciada entre “*verdade*” e “*experiência*” ou dizendo de outra maneira entre “*realidade*” “*vivência*”. Assim, o consagrado axioma “*compreender para explicar*” ganha mais uma dimensão ao ser aliado à “*transformação*”. Então, construindo um novo silogismo temo que: compreendendo para explicar, explicamos para transformar, donde “*compreender é transformar*”. *Transformação*, portanto, passa a ser o objetivo da história oral (grifos do autor).

Logo, toda a ação, toda pesquisa em HO é transformadora. Tomando como base as pesquisas em educação, esse caráter transformador transpõe-se a um caráter também político, uma vez que a educação visa à transformação do meio social.

Historicamente, o uso da metodologia em HO iniciou-se na tentativa de contrapor as versões históricas elitizadas e de possibilitar às classes mais baixas, aos “excluídos” o emprego de suas versões dos fatos. Contudo, essa técnica por muito tempo foi menosprezada por pesquisadores nos Estados Unidos, França, Inglaterra, entre outros. A partir dos anos de 1980, ela passa a ser vista com outros olhos e há um novo começo para a própria história da HO enquanto método para transformação. Para Ferreira (1994, p. 9), “na recuperação da história dos excluídos, os depoimentos orais podem servir não apenas a objetivos acadêmicos, como constituir-se em instrumentos de construção de identidade e de transformação social”.

A HO, como metodologia do trabalho científico, possibilita ao pesquisador uma análise qualitativa dos fatos descobertos, e isso vem possibilitando através do tempo a legitimidade desse método como fonte de pesquisa; usando as palavras de Alberti (2013, p. 29), “sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento”.

Alguns apontamentos devem ser realizados quando tratamos desse tipo de metodologia de pesquisa, tendo em vista, principalmente, responder como a história de vida dos entrevistados pode contribuir e informar sobre o lugar que o tema da pesquisa ocupava em determinada época e como os entrevistados viam/viviam o tema em questão. Essas são apenas amostras de como os encaminhamentos foram direcionados para se chegar ao objetivo da pesquisa.

Para Laville (1999, p. 159), as histórias de vida possibilitam:

[...] compreender como as pessoas representam esses fenômenos e acontecimentos históricos, sociais ou culturais, como passaram por eles, vividos na indiferença ou em uma participação mais ativa. É uma maneira de recolocar o indivíduo no social e na história: inscrita entre a análise psicológica individual e a dos sistemas socioculturais, a história de vida permite captar de que modo indivíduos fazem a história e modelam sua sociedade, sendo também modelados por ela.

Não obstante, as reminiscências da memória relevam um valor subjetivo inestimável por se tratar desse tipo de pesquisa, como Portelli apontou em seu artigo “*On the peculiarity of oral history*”, traduzido como “O que faz a história oral diferente”, em (1997): “Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos [...] Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (PORTELLI, 1997, p.7). Essas subjetividades, tão permanentes na HO mais do que em outras formas de se fazer história, não devem descredita-la, e sim torná-la única ao seu modo, assim como os sujeitos que lhe “dão voz”.

Portelli (1997, p.8) ainda nos traz o seguinte:

Fontes orais são aceitáveis mas com uma credibilidade diferente. A importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso, não há “falsas” fontes orais. Uma vez que tenhamos checado sua credibilidade factual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em qualquer circunstância, a diversidade da história oral consiste no fato de que afirmativas “erradas” são ainda psicologicamente “corretas”, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis.

Desta forma, o autor nos remete ao entendimento de que as fontes orais, assim como quaisquer outras fontes, podem ser questionadas, pois se um “documento oficial” traz nada mais do que o entendimento e o pensamento daqueles que o escreveram (sendo este ou não uma normativa a ser seguida por um grupo), logo, ele terá seu percentual de subjetividade inerente. Cabe assim destacar que não existe uma busca pela “verdade”, pois não há “verdade” sem subjetividade.

Enquanto pesquisadores em HO, devemos também nos atentar a cada gesto e formas de falar, a cada informação apresentada pelo narrador, a sua entonação de fala, sua emoção ao apresentar um ponto específico durante seu desdobramento; esses são claramente sinais que não devem ser desprezados, pois como assinala Laville (1999, p. 160), “a função da pesquisa não é a de simplesmente descrever o observado, mas sim compreendê-lo”. Compreendê-lo em seu caráter subjetivo.

Uma vez que a HO constitui um procedimento metodológico rico e significativo para entendermos um período histórico específico, e que o desenvolvimento social necessita (entre tantas coisas) da preservação da memória, impossível de se conseguir, senão por meio das narrativas, como afirma Alberti (2012, p. 165): “A entrevista de história oral é sem dúvida contingente um momento único, com circunstâncias únicas, que produz aquele resultado único, como ocorre com muitos documentos e fontes na história”.

Desse modo, o delineamento metodológico da pesquisa científica foi parte estruturalmente importante, pois ele teve a intenção de mapear e organizar a pesquisa de forma a fornecer subsídios fundamentais para a aquisição dos resultados.

Considera-se importante constituir as reminiscências das memórias das professoras, entendendo-as num contexto social e em suas tomadas de decisões ao decorrer da vida. As inferências que se fazem presentes e influenciaram suas ações, tanto na vida pessoal como na profissional e balizam justamente os objetivos propostos e expressos no trabalho.

O roteiro preliminar constituiu-se por uma pré-entrevista por telefone, quando foi explicado às participantes sobre os procedimentos da entrevista, a necessidade de uso de aparelhos para gravação, o termo de consentimento e o agendamento de horário e local. Posteriormente, o roteiro seguiu com a entrevista, transcrição, textualização e conferência. Esses procedimentos foram importantes para garantir um rigor à pesquisa.

O roteiro de entrevista foi elaborado no sentido de conduzir a pesquisa de forma similar em todas as entrevistas; contudo, este roteiro não objetivava um “engessamento”, mas sim a orientação dos caminhos a serem percorridos.

QUADRO 1 – Roteiros e questões das entrevistas.

ROTEIROS	QUESTÕES
Infância: trajetória na vida pré-escolar e escolar	Apresentação da origem familiar, pai, mãe, irmãos, local onde viveram; Infância pré-escolar – estilo de vida, representação, atividades e meio lúdico; Infância escolar – Caracterização do início do processo de escolarização, local de estudo do primeiro grau, atividades desenvolvidas, contexto social, sentimentos; Concepção de valores familiares.
Trajetória escolar na pré-adolescência e adolescência	Contexto familiar e social do período; Aspectos relativos à vida escolar entre o primeiro e o segundo grau; Concepções acerca da prática da Educação Física e seus professores durante a trajetória escolar, esportivização e participações em atividades físicas; Trajetórias que contribuíram (ou não) para a escolha da docência.
Trajetória no ensino superior	Contexto familiar e social do período; O ingresso no ensino superior; As práticas desenvolvidas durante o processo de formação e as concepções de diferenciação entre os gêneros; Descrição dos sentimentos relativos ao processo formativo e pessoas que marcaram sua trajetória.
Atuação profissional	Contexto familiar e social do período; Contexto e a caracterização da atuação profissional; Desenvolvimento das aulas e das atividades e o contexto social da época; Locais e período de atuação; Formação continuada; Aposentadoria.

Fonte: Acervo do pesquisador.

O quadro 1 apresenta de forma sucinta o roteiro de entrevistas utilizados durante a realização da pesquisa.

A elaboração do roteiro foi realizada com bases nos apontamentos propostos por Costa (2017), e correspondem ao contexto familiar e social durante a trajetória pessoal que perpassa sua vida, a caracterização da educação básica e superior, empreendendo as concepções que as entrevistadas faziam sobre a EF e seus professores, e o exercício profissional no município de Três Lagoas.

O Quadro 2 explana o processo de realização das entrevistas, as quais foram todas previamente consentidas por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

QUADRO 2 – Realização das entrevistas.

PARTICIPANTES	ENTREVISTAS	ROTEIRO	DATAS
Arlinda Fátima de Andrade	Entrevista 1	Infância: trajetória na vida pré-escolar e escolar	20/02/2019
	Entrevista 2	Trajetória escolar na pré-adolescência e adolescência	27/02/2019
	Entrevista 3	Trajetória no ensino superior	27/02/2019
	Entrevista 4	Atuação profissional	06/03/2019
Marli Aparecida dos Santos	Entrevista 1	Infância: trajetória na vida pré-escolar e escolar	13/05/2019
	Entrevista 2	Trajetória escolar na pré-adolescência e adolescência	13/05/2019
	Entrevista 3	Trajetória no ensino superior	13/05/2019
	Entrevista 4	Atuação profissional	13/05/2019
Verônica Rosa Gomes Mendonça	Entrevista 1	Infância: trajetória na vida pré-escolar e escolar	08/01/2020
	Entrevista 2	Trajetória escolar na pré-adolescência e adolescência	08/01/2020
	Entrevista 3	Trajetória no ensino superior	08/01/2020
	Entrevista 4	Atuação profissional	08/01/2020

Fonte: Acervo do pesquisador.

O Quadro 2 apresenta um panorama referente à realização das entrevistas, quando o roteiro foi fragmentado para melhor rememoração dos temas; contudo, por motivos pessoais das entrevistadas Marli e Verônica, suas entrevistas foram realizadas de uma única vez. Vale ressaltar que, apesar disso, houveram outros encontros, para explanação da realização da pesquisa, para coleta de fontes documentais e iconográficas⁶, e para sanar possíveis dúvidas referentes à entrevista.

Durante o processo de entrevistas, a professora Arlinda Fatima de Andrade me recebeu por três vezes em sua residência, sempre alegre e com um sorriso no rosto, nos sentamos à mesa da sala de jantar e ela foi narrando sua história. Cada sessão durou em média 30 minutos de gravação, o que resultou em 29 páginas de transcrição – sendo que suas entrevistas foram gravadas em áudio com auxílio de um aparelho celular.

A professora Marli Aparecida dos Santos me atendeu em seu local de trabalho, pois além de aposentada como professora do estado de MS, a mesma continua a trabalhar como diretora de uma escola municipal. Sua entrevista se deu de uma só vez,

⁶ O levantamento das fontes documentais e iconográficas realizado com as 3 professoras, se deu em dias separados das entrevistas. A exemplo dos documentos levantados podemos citar, diplomas e históricos de graduação, certificados, carteirinhas profissionais, fichas funcionais, etc., bem como as fotos disponibilizadas pelas mesmas. Como o trabalho com a memória é um campo subjetivo, algumas das fotos apresentadas no decorrer da pesquisa, não contém datas, pois as entrevistadas não lembraram quando foram tiradas e reveladas.

pois a ela assim o quis. Foi realizada uma entrevista de aproximadamente 1 hora e 20 minutos sobre sua trajetória de vida, em sua sala de direção com a presença de sua vice-diretora. Posteriormente, foi agendada outra data para realização da coleta das fontes documentais e iconográficas. A entrevista também foi gravada com o auxílio de um aparelho celular, resultando um total de 38 páginas de transcrição.

A entrevista realizada com a professora Verônica Rosa Gomes Mendonça aconteceu em sua residência, e me recebeu com muita alegria quando cheguei em seu lar. A entrevista aconteceu de forma contínua e teve duração de 1 hora e 22 minutos, totalizando 34 páginas de transcrição. Posteriormente, retornei a sua residência para coletar outras fontes documentais para a realização do trabalho.

Como benefício desta pesquisa, foi possível às participantes uma reflexão em relação aos elementos que compuseram a sua prática docente, bem como um maior autoconhecimento devido a sua ação enquanto sujeitos participantes no processo educativo na cidade de Três Lagoas. Para o meio acadêmico, as contribuições se encaminham no sentido da produção do conhecimento, da pesquisa e da história, auxiliando no reconhecimento de processos históricos que compuseram o percurso da EF no Brasil.

Ao empreender o processo de pesquisa histórica com professoras aposentadas, foram estabelecidos alguns critérios de seleção para participação no estudo, a saber: 1. Ser professora de EF aposentada que tenha atuado no município de Três Lagoas na rede municipal ou estadual de ensino; 2. Ter lecionado em escolas públicas, atuando no ensino fundamental e/ou médio, conhecidos como ensino de primeiro e segundo grau ou ciclo básico de ensino; 3. Ter disponibilidade para a pesquisa.

O processo de coleta de dados perpassa os objetivos comuns ao estudo, sendo de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa. Por isso, ao selecionar os participantes que compuseram esse universo, o rigor em seguir os critérios propostos se torna essencial, conforme aponta Bogdan e Biklen (1994, p. 95-96):

[...] a escolha de informadores e distribuição do tempo são sempre tomadas no contexto do estudo. Estas escolhas, na sua situação particular, devem ser coerentes com os seus objectivos. Resultam logicamente tanto das premissas da abordagem qualitativa como das contingências do estudo, à medida que estas vão se tornando evidentes no decurso do trabalho. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 95-96).

De acordo com os autores as decisões empregadas durante o percurso são premissas da abordagem qualitativa, uma vez que, trabalha com pessoas e contextos diferentes.

Assim como no estudo realizado por Costa (2017 p. 45), o primeiro critério relativo à condição do aposentado:

Representa a nossa busca pela inexistência de uma preocupação, nos professores pesquisados, em manter um determinado discurso. Em virtude da aposentadoria, os professores não mais possuem vínculo, estando distantes das diretrizes atuais.

Ao destacar o entendimento da autora, devemos ressaltar que independente do status funcional das entrevistadas, suas narrativas devem ser consideradas em toda sua subjetividade, ou seja, não tomando como uma verdade absoluta aquilo que é narrado, e sim como uma representatividade.

O segundo critério representa a atuação profissional das participantes, uma vez que as políticas empreendidas durante a baliza temporal determinada, tinham ações mais estreitas e rigorosas com relação às escolas públicas, sendo esse o cenário que transcorre a vida das professoras que participaram do estudo; e apesar de termos adentrado nas histórias de vida dessas aposentadas em seu contexto de atuação profissional, buscamos neste trabalho apreender o exercício que corresponde principalmente a suas atuações na educação básica.

Borges (1998) optou por trabalhar com dois professores de EF que exercessem sua atividade profissional em locais distintos. Para Borges (1998, p. 63): “A opção por trabalhar com professores que tinham por realidade de trabalho dois ambientes distintos, [...] justifica-se pelo fato de considerar que as características da instituição influenciam nas práticas pedagógicas dos docentes”.

Para que o desenvolvimento da pesquisa pudesse ter sucesso, era primordial que as professoras aceitassem dialogar comigo. Dessa forma, o terceiro critério apresenta a disponibilidade para a realização da pesquisa, e o que à primeira vista pode parecer banal, torna-se fundamental ao exercício do livre arbítrio, pois a imposição ou obrigação de participar de um estudo pode trazer distorções e/ou inverdades que podem vir a comprometer o resultado final do trabalho.

Desse modo, o trabalho foi organizado de forma que as três professoras selecionadas, pudessem compartilhar suas histórias de vida a fim de produzirmos as fontes necessárias para o trabalho. Assim como Costa (2017) e Borges, que trabalharam

em suas teses de doutoramento com dois professores, considerei que três professoras seria um número excelente, não pelo caráter quantitativo, mas pela qualidade das informações coletadas durante o processo.

Da mesma forma, Borges (1998, p. 63) afirma que:

Por que não mais que dois? Dois pareceu-me um número bastante interessante, não pelo caráter quantitativo, mas pela qualidade representativa dos sujeitos, no que diz respeito ao universo investigado e às possibilidades de achados/comparações que vislumbrava. Como diz Queiroz (1983, *apud* Caldeira 1993, p.77), “‘uma só observação bem feita’, ou ‘uma única experiência bem conduzida’ é suficiente para chegar a conclusões válidas, porque não é a quantidade de fatos que nos leva ao conhecimento, senão a análise cuidadosa de ‘fatos decisivos ou cruciais’”.

Dessa maneira, a condução do trabalho se deu de forma tranquila, para que as participantes pudessem refletir e rememorar sua trajetória de vida da melhor forma possível.

QUADRO 3 – Síntese da atuação profissional das professoras.

Professoras	Rede de Ensino	Local de Trabalho	Ano de Aposentadoria
Arlinda	Municipal	E.M. Parque São Carlos	2015
Marli	Estadual e Municipal	E.E. João Ponce de Arruda. E.E. João Magiano Pinto – JOMAP E.M. Prof Elson Lot Rigo	Estado – 2016 Município – Atual
Verônica	Estadual	E.E. Dom Aquino Corrêa	1999

Fonte: Acervo do pesquisador

O quadro 3 apresenta de forma resumida a rede de ensino na qual as professoras lecionaram durante seu período laboral, bem como os locais onde exerceram sua atividade profissional e o ano de suas aposentadorias.

A professora Arlinda Fatima de Andrade (ANDRADE, 2019), nascida em três de abril de 1959 e criada em Três Lagoas, filha de pai ferroviário e pernambucano e mãe funcionária pública, é a filha mais velha de quatro irmãs e a única a cursar o ensino superior: “[...] quatro irmãs todas meninas, né, essas quatro irmãs eu fui a única que fiz faculdade”. Ela iniciou a entrevista emocionada, ao relembrar do pai na infância: “[...] é que eu era filhinha de papai”. Arlinda também lembra que por meio de seu grande

interesse pelo trabalho e estudo foi uma das últimas irmãs a se casar: “[...] E aí ficou eu, fui praticamente uma das últimas a casar e eu casei, eu já tinha 29 anos quando me casei”.

FIGURA 2 – Professora Arlinda.



Fonte: Acervo da professora Arlinda.

Segundo Arlinda, sua trajetória escolar na Educação Básica – compreendendo o ensino primário, o ginásio (antiga 5ª a 8ª séries) e o magistério – foi constituída toda na rede pública de ensino em sua cidade natal, sendo que o magistério foi realizado no período noturno, pois tinha que trabalhar durante o dia, conforme relatado.

Para a professora, a rigidez de seu pai, aliada às condições financeiras de sua época, fez com que ela escolhesse trabalhar desde cedo e conquistar seus objetivos:

[...] Como eu era a mais velha, uma das mais velhas, eu que sempre tinha a responsabilidade de cuidar das outras, de cuidar das outras irmãs como eu era a mais velha eu cuidava das outras irmãs, pra minha mãe trabalhar, pra minha mãe lavar roupa, eu tinha que limpar casa, eu tinha que fazer comida eu tinha que fazer tudo, e eu comecei a trabalhar... Então, eu pra num ficar nessa vidinha de ter que cuidar das irmãs, eu vi que eu era meio espertinha eu falei: O que? Eu vou ficar aqui só cuidando das minhas irmãs? Eu vou é trabalhar fora! Ai eu já arrumei serviço, eu acho que com 10 anos eu já comecei a ser babá, empregada, aí eu fui empregada doméstica de uma vizinha lá, e já fui ser babá e limpar a casa dela pra ganhar um dinheirinho, ai nisso, ai meu pai falava: Não! Você esta estudando não vai fazer isso não! Ai meu pai pegou, e arrumou um serviço pra mim, o meu primeiro serviço. [...] Meu pai trabalhava com outro empregado da estrada que tinha uma livraria, e acho q ele falou que eu gostava... Né... Que eu era muito impossível e queria ganhar dinheiro, ele falou: Não, manda ela pra mim que é pra trabalhar! E eu fui trabalhar, ai estudava e trabalhava meio período. Ah, quando eu vi que podia estudar e trabalhar meio período e ganhar meu dinheirinho... Nunca mais eu parei de trabalhar... (Risos).

Ainda enquanto estudava, Arlinda participava de desfiles de fanfarra; ela relata que adorava e sempre que podia estava inserida nesse meio. Em Três Lagoas, Arlinda atuou como professora da rede municipal de ensino iniciando sua carreira docente em 1980, se aposentando em 2015, após trinta e cinco anos em sala de aula. Além disso, ela relata que foi uma professora militante, participava de todas as ações promovidas pelo sindicato dos professores (SINTED) e atualmente continua participando do grupo de aposentados do mesmo sindicato.

A professora Marli Aparecida dos Santos (SANTOS, 2019) nasceu em 1964 e é natural de Marília (SP). A professora relembra sua infância difícil – filha de uma empregada doméstica e um pedreiro é a segunda filha de um total de três, conforme relata: “[...] então nossa vida sempre foi muito dura eu não sou a mais velha das irmãs, eu sou a do meio, mas é como se eu fosse a mais velha então eu cuidava da minha irmã mais velha, e eu cuidava da minha irmã mais nova”.

FIGURA 3 – Professora Marli



Fonte: Acervo da Professora Marli.

Apesar de ter tido uma vida “dura”, conforme citado, Marli relata que sua infância foi muito feliz e que sempre brincava muito com suas irmãs:

[...] Eu brincava muito né, a gente ia assim, a gente corria, tinha uma mina lá perto de casa, a gente ia na mina de água, corria aquela agua branquinha, limpinha, a gente ia, brincava, corria na chuva fazia comidinha como dizia o outro, né, brincava de casinha né, e tudo saudável, assim, brincava as meninas os meninos da rua né, era tudo saudável sabe, eu não tinha essa coisa que tem hoje em dia que é tudo malícia né, era tudo na base da amizade, mas meu pai não gostava, porque quando tinha menino meu pai não gostava então

a gente brincava mais as meninas, no caso né, aí minha mãe ia trabalhar a gente corria escondido, corria na chuva, minha mãe chegava já estava todo mundo limpinho que eu dava banho em todo mundo pra poder minha mãe chegar e pegar a gente limpinho e a obrigação a gente sempre tinha em casa, eu aprendi a cozinhar com sete anos de idade né, eu fiz meu primeiro arroz com uma cebola todinha cortada o arroz secou e a cebola estava por cima do arroz, mas estava gostoso, bem picadinho sem salgar e assim foi minha vida essa luta.

Marli se mudou para Três Lagoas em 1988, a convite de uma amiga que conheceu por meio do atletismo, esporte que praticou durante toda sua infância, a fim de lecionar na cidade após a conclusão do curso superior de Educação Física, em 1986. Em 1998 assumiu uma vaga como efetiva no município de Três Lagoas, por meio de concurso público, onde exerceu o cargo de professora e hoje atua como diretora, e em 2000 assumiu uma vaga como efetiva no estado de MS, onde lecionou nesse município até sua aposentadoria em 2016.

A professora Verônica Rosa Gomes Mendonça (MENDONÇA, 2020), nascida no dia primeiro de junho de 1947 em Três Lagoas, filha de pai ferroviário e mãe dona de casa, foi a quarta filha de cinco irmãos, conforme relata:

[...] éramos em cinco, mas o meu irmão já morava fora que estudava para padre, a Elza já era professora, então tinha o Dario que também ficou um pouco fora, estudou em seminário, eu e minha irmã Bernadete que não era de brincar, nada, a “foleira” era eu.

FIGURA 4 – Professora Verônica



Fonte: Acervo da Professora Verônica

A professora iniciou a entrevista com brilho nos olhos ao narrar sobre sua infância em Três Lagoas. Segundo Verônica, sua infância foi muito feliz e repleta de brincadeiras de rua:

Deixe eu achar a palavra certa, dentro da nossa época éramos felizes, porque a gente era até adulto, até mocinha a gente brincava na rua com os vizinhos de pega-pega, aquelas músicas, cantigas de roda, porque não tinha malícia nenhuma.

Ainda enquanto estudava, Verônica teve uma educação rígida, apesar de feliz. Sua mãe, que lavava roupas para fora, fazia questão que os filhos tivessem uma boa educação. Segundo a professora,

Ela ralou, lavou muita roupa para fora para dar para os filhos o que ela não teve que foi o estudo. Ela falou: “a única coisa que eu posso dar é estudo”, então vamos! A minha irmã mais velha, meu irmão, vendiam banana. Minha mãe comprava cacho de banana, eles saiam com a cesta na cabeça, vendiam para ajudar a pagar escola, porque a escola eram todas escolas particulares.

Apesar dos esforços da mãe para que seus filhos tivessem uma boa educação, a professora relata que não gostava muito de estudar, tendo repetido algumas vezes:

Na escola eu fui marrenta, eu não gostava de estudar, tomei “trocentas” reprovações em minha vida, fiz três quintas, duas sextas, duas sétimas, e minha mãe falava assim: “não vai sair da escola, vai ficar velhinha, mas vai se formar”. Rapaz, eu era assim, muito birrenta com professor.

Verônica concluiu seus estudos em sua cidade natal; contudo, apesar de ter começado sua formação superior no curso de Letras na mesma cidade, a professora decidiu abandonar o curso e iniciar sua formação em EF na cidade de Andradina (SP), pois em Três Lagoas não havia curso de formação superior nessa área.

Seguindo os apontamentos propostos por Costa (2017) para compor a apresentação dos perfis das professoras supracitadas, foi organizado o Quadro 3, no sentido de ilustrar os aspectos referentes aos critérios definidos para seleção das participantes.

QUADRO 4 – Perfis das professoras participantes

PARTICIPANTES	Data e Local de Nascimento	Educação Básica	Formação Profissional	Período de Atuação Profissional
Arlinda Fatima de Andrade	03/04/1959 em Três Lagoas – MS.	Décadas de 1960 e 1970	Magistério – 1977; Licenciatura Pela em Educação Física – 1980. Pedagogia – 1989; Especialização <i>Latu Sensu</i> em Metodologia do Ensino – 1989.	1980 – 2015 (Município)
Marli Aparecida dos Santos	09/11/1963 em Marília – SP.	Décadas de 1960 e 1970	Licenciatura Plena em Educação Física – 1986; Especialização em Psicopedagogia – 2004.	2000 – 2015 (Estado) 1998 – Atualidade (Município)
Verônica Rosa Gomes Mendonça	01/06/1947 em Três Lagoas – MS.	Décadas de 1950 e 1960	Magistério – 1966 Licenciatura Plena em Educação Física – 1986	1983 – 1999 (Estado)

Fonte: Acervo do pesquisador.

O Quadro 4, apresenta o perfil das entrevistadas, constando o nome completo das participantes, seguidos da data e local de nascimento, os períodos de escolarização na Educação Básica, informações sobre a formação profissional e o período de exercício profissional.

A criação e análise de categorias auxiliam no desenvolvimento dos temas que fazem parte dos saberes docente. Isso se faz necessário porque a trajetória de vida de cada indivíduo participante pode nos trazer revelações importantes sobre sua trajetória profissional, pois como afirma Silva (2000, p.32), “para descobrir os ‘porquês’ e o ‘como’ da prática docente devemos investigar onde o professor se alicerça para pensar como pensa e fazer como faz”.

Muito embora as histórias de vida sejam um fenômeno carregado de subjetividades, a produção de conhecimento deve apreender seus significados de modo a extrair sua essência, tendo como ponto de partida a compreensão dessas influências no campo docente e profissional (AMORIM FILHO; RAMOS, 2010).

Ressaltamos que os temas que se desdobram em categorias de análise partem do princípio de que as reflexões do passado sobre as representações sociais e os saberes

de formação pessoal e profissional se fazem importantes no processo investigativo. Assim, Tardif (2008, p. 64) aponta que certos conhecimentos partem

[...] da família do professor, da escola que o formou e de sua cultura pessoal; outros procedem das universidades; outros são oriundos da instituição ou do estabelecimento de ensino, outros ainda, provêm dos pares, dos cursos de reciclagem etc. Nesse sentido, o saber profissional está, de um certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação etc.

Nesse sentido, as entrevistas realizadas buscaram permear os aspectos da vida como família, formação e atuação profissional, na tentativa de estabelecer essas reflexões sobre o fazer docente.

A identidade profissional é construída a partir de processos que dizem respeito ao modo como cada sujeito apreende sua própria história; por isso, ao estabelecer conexões com o passado, o indivíduo representa seu papel social e culturalmente construído (NÓVOA, 2000).

De acordo com Nóvoa (2000, p.17):

O processo identitário passa também pela capacidade de exercermos com autonomia a nossa actividade, pelo sentimento de que controlamos o nosso trabalho. A maneira como cada um de nós ensina está directamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercermos o ensino [...]. Eis-nos de novo face à *pessoa* e ao *profissional*, ao *ser* e ao *ensinar*. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal. (grifos do autor).

Diante do exposto, apreendemos o sentido de que essa indissociação entre o “eu profissional” e o “eu pessoal” colocado pelo autor nos conduz à reflexão sobre a importância da história de vida no processo de constituição do “eu docente”.

Assim, os processos formativos que levam o indivíduo a ser quem é (no sentido pessoal ou no sentido profissional) são constituídos de forma mútua, pois a formação profissional também deve ser encarada como a formação de um sujeito (FÁVERO; TONIETO, 2009).

Nesse sentido, os estudos propostos por Moita (2000, p.115) apontam que:

Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos.

Um percurso de vida é assim um *percurso* de formação no sentido em que é um *processo* de formação (grifos da autora).

E continua Moita (2000, p.134):

Os “percurso de vida” também são “percurso formadores”, isto é, as histórias de vida dos sujeitos são histórias sobre o seu processo formativo; sobre o processo que os levou a ser o que são as escolhas feitas, as contingências, as tensões, os conflitos, as relações pessoais, familiares e sociais, enfim, todo o contexto de vida, seja macro (universal) ou micro (particular), em que o sujeito está inserido e em constante interação contribui de forma direta ou indireta para a sua formação.

Nesse contexto, propomos estabelecer categorias que atendam às percepções empregadas neste estudo, possibilitando aos sujeitos a reflexão sobre a própria prática, pois como afirma Silva (2003, p.12), “o saber docente é todo o saber que o professor constrói ao longo da carreira e da reflexão que faz da sua ação, ao longo de sua história como aluno e ao longo de sua formação acadêmica”.

Ao estabelecer critérios de análise por meio de categorias como infância, adolescência e formação acadêmica, é possível perceber influências nas escolhas da profissão docente e da forma como ela é ministrada, dadas as influências e aquisição de valores que são construídos no decorrer da vida. Com base nisso, Silva (2000, p.30) propõe que esses elementos “vão se transformando em estruturas de pensar e agir. São saberes que se transformam em crenças, ou seja, adquirem uma base de confiança, e acabam por influenciar ou determinar as decisões e ações dos homens”.

Assim também podemos definir, por exemplo, a influência do atletismo na vida da professora Marli, do voleibol na vida da professora Verônica ou a participação na dança e na fanfarra da professora Arlinda, e assim vão sendo construídos saberes que, associados à vida cotidiana, transcendem o espaço escolar, ganham o palco da escola e a cena de suas aulas.

Partindo desse entendimento, as categorias investigativas se justificam sobre o tema apresentado, pois as reflexões construídas a partir das histórias de vida vão orientando as narrativas de modo a proporcionar conhecimento sobre as escolhas e as ações empregadas ao decorrer de sua trajetória.

Nessa perspectiva, Amorim Filho e Ramos (2010, p. 225), em uma investigação realizada nos estudos de Santos, Bracht e Almeida (2009), relatam que:

Ao investigarem o ciclo de vida de três professores de Educação Física que, há mais de 20 anos, dedicam considerável tempo de suas vidas a essa

profissão na escola salientam que as experiências vividas (danças, esportes...) antes do ingresso dos professores na universidade influenciaram no momento das suas opções em seguir a carreira da docência em Educação Física, uma vez que, além de familiar, estavam relacionadas à realização pessoal às suas histórias de vida. Deste modo, quando os alunos ingressam no curso acadêmico de formação de professores em geral e/ou no de Educação Física, eles já vêm com uma certa compreensão do que é ser professor. Esses saberes foram sendo construídos à medida que esses aprendizes tiveram experiências com diversos professores, durante sua infância e adolescência. Além disso, podemos dizer que a própria relação social, dentro e fora da escola, já transmite certa quantidade de informações do que é ser professor.

Desta forma, os saberes construídos vão formando novas redes de conexões entre história de vida e vida profissional, uma vez que esse entendimento nos leva à conclusão de que o exercício da profissão docente não é neutro, e sim apropriações de crenças e concepções que vão se constituindo conforme as experiências de vida e as interações com o meio social.

Nesta perspectiva, ressaltam-se as palavras de Goodson (2000, p.71):

As experiências de vida e o ambiente sociocultural são obviamente ingredientes-chave da pessoa que somos, do nosso sentido do *eu*. De acordo com o ‘quanto’ investimos o nosso ‘eu’ no nosso ensino, na nossa experiência e no nosso ambiente sociocultural, assim concebemos a nossa prática (Grifos do autor).

Para o autor, não é difícil encontrar nos relatos de professores seus próprios professores às vezes tidos como “favoritos”, que os influenciaram de modo significativo enquanto jovens no seu fazer profissional, muitas vezes influenciando até mesmo seu próprio campo de ensino (GOODSON, 2000). Sendo que para o autor (p.72), “[...] o ambiente sociocultural e as experiências de vida dos professores são, por sua vez, idiossincráticos e únicos e devem, por isso, ser estudados na sua plena complexidade”.

De acordo com Costa (2017, p. 72):

Além das leituras e reflexões supracitadas, os temas fundamentam-se nos próprios dados coletados nas entrevistas e na análise documental; na confirmação da pertinência dos temas por esses mesmos dados; na relação dos dados com as opções teóricas e metodológicas; no agrupamento dos dados, considerando suas especificidades e inter-relações; e na possibilidade real de apreensão de várias histórias em uma mesma história de vida, uma vez que são representativos dessa possibilidade.

Sendo assim, as categorias de análise compactuam com os objetivos propostos e auxiliam na criação dos roteiros de entrevista e na forma como esta é conduzida. Diante disso, procurei dispor os capítulos do trabalho de uma forma que pudesse

estruturar uma linha de raciocínio e, dessa forma, problematizar as questões que estão no cerne desta pesquisa.

Assim, no capítulo 1, procurei problematizar questões relacionadas ao fazer historiográfico, sua importância e considerações em relação às minorias, perpassando também pela história das mulheres no campo do ensino e da educação, propondo uma trajetória histórica até chegar aos dias atuais, nos quais estão centradas as observações com relação ao campo da EF e ao seu professorado.

No capítulo 2, o leitor irá encontrar algumas considerações sobre a história da Educação Física no Brasil, iniciando as considerações a partir da década de 1970, no que tange as suas leis e decretos, aos quais chamei de “fontes documentais oficiais” perpassando também pelas determinações e criações de cursos superiores em EF no estado de Mato Grosso do Sul.

Nos capítulos 3 e 4, encontra-se as transcrições das entrevistas realizadas com as professoras aposentadas do município de Três Lagoas, traçando um perfil inicial e, posteriormente, elencando categorias de análises, úteis para o entendimento da trajetória de vida e do fazer docente.

Ao final do trabalho, o leitor poderá encontrar as entrevistas na íntegra, bem como os pareceres emitidos pelo Comitê de Ética e pesquisa da instituição, além dos termos de livre consentimento devidamente assinados pelas participantes.

1 – O FAZER HISTORIOGRÁFICO E O GÊNERO COMO CAMPOS DE PESQUISA

Os homens – no masculino e no feminino, na infância, na juventude, na maturidade e na velhice, do nascimento até a morte – não vivem apenas no meio dos objectos e dos pensamentos de todos os dias, vivem com o seu corpo, por meio do seu corpo. Este objecto de estudo da anatomia, da fisiologia, da biologia, transformou-se também em objecto da história. As representações colectivas do corpo, esse suporte da saúde, da doença, do exercício físico, da sexualidade são diferentes, conforme as sociedades e as épocas. A história do corpo só assume todo o seu significado ao nível do quotidiano (LE GOFF, 1994, p. 8).

Abrir o capítulo com o pensamento de Le Goff permite caminhar de forma almejada e consciente num campo totalmente subjetivo. O autor reflete em sua obra como as ações do passado influenciam o presente de forma dialética num desenvolvimento histórico global, e desvela as relações entre a história e o tempo, abrindo espaços para discussão das diversas formas de história, incluindo as representações e a história social.

A operação historiográfica não é trabalho simples, uma vez que demanda compreensão do tema abordado, produção e interpretação de fontes e entendimento do aporte teórico que embasa a pesquisa da história. Desse modo, optei por trazer, além de Le Goff (no cerne do entendimento cultural histórico), Michel de Certeau, para que o entendimento acerca do percurso histórico pretendido fosse descrito da forma mais afluente possível.

Os trabalhos galgados pelo historiador permeiam um campo e produção de conhecimento, nutrindo-se de teorias, pistas, vestígios, fontes, auxiliando a percepção sobre as ações humanas no tempo e no espaço (PESAVENTO, 2003). Entretanto, cabe aqui salientar que ao escrever esse capítulo procurei centrar as reflexões sobre a história em sua temporalidade, partindo de fontes que permeiam esse campo de estudo; contudo, não pretendo com minhas palavras descrever aqui o texto como uma “verdade”, e sim

abranjer seus aspectos mais subjetivos, pois como pontuou Certeau (1982, p.66), “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural [...] está submetido a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade”. Dessa forma, pretende-se chegar a um entendimento sobre as concepções e as verossimilhanças que marcaram a entrada das mulheres num campo docente concebido para os homens, como foi o caso da EF.

Entender a história é também um exercício de entendimento da memória, assemelhando-os quanto campo de estudo e percebendo que ambos podem andar de “mãos dadas” no decurso historiográfico, apesar de serem coisas um tanto quanto diferentes. “Dessa forma, a historiografia surge como sequência de novas leituras do passado, plena de perdas e ressurreições, falhas de memória e revisões” (LE GOFF, 1990, p. 28). O exercício da história seria, então, esclarecer a memória e auxiliá-la a rever e retificar seus equívocos.

Compreender os conceitos que sondam os aspectos entre história e memória permite ao pesquisador esclarecer as diferenças entre objetividade e imparcialidade, sendo que para Le Goff (1990, p. 29) “a imparcialidade é deliberada, a objetividade é inconsciente”. Realizar o exercício de imparcialidade é talvez o aspecto mais difícil ao descrever um percurso histórico, abster-se de conjecturas políticas e sociais que entremeiam o ser produtor de conteúdo é admitidamente uma missão impossível. Nessa retórica do autor, a objetividade não se rende aos fatos, pois para a história, fatos históricos não são sinônimos de verdade, e a objetividade, portanto, não é a pura submissão aos fatos. Le Goff (1990, p. 32) ainda conclui que:

Se a imparcialidade só exige do historiador honestidade, a objetividade supõe mais. Se a memória faz parte do jogo do poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos, a história, como todas as ciências, tem como norma a verdade.

Ao realizar uma análise reflexiva acerca das contradições históricas que denotam desse íterim de objetividades e imparcialidades, chegamos ao entendimento de que por mais que os fatos não revelem uma verdade existente, as construções de ideias sobre o passado, a partir de reflexões do presente, possibilitam a escrita de uma história que tem uma objetividade sobre o seu sujeito e uma intencionalidade sobre sua própria escrita, sendo a possibilidade de criação de novos fatos talvez refém de outras verdades.

De acordo com Bastos e Stephanou (2009, p. 417-418):

O historiador/pesquisador constrói os indícios como dados de pesquisa, mediado pela teoria, pela cultura, por sua subjetividade e pelo espaço da verdade de seu tempo. [...] As pistas, as marcas, os documentos, são fragmentos que não possuem uma verdade inerente, pronta a ser desvelada pelo pesquisador. A partir da operação particular de transformar vestígios em dados de pesquisa, o historiador/pesquisador produz um discurso, uma narrativa que constitui sua leitura do passado. Isto é importante porque a memória, não sendo história, é um dos indícios, documento, de que se serve o historiador para produzir leituras do passado, do vivido, do sentido, do experimentado pelos indivíduos e daquilo que lembram e esquecem, a um só tempo.

Neste sentido, entende-se que a produção historiográfica não consente nos discursos independentes, incondicionais e nem nas singularidades absolutas, mas, na medida em que se preserva confusa e misturada, quando se começa a perceber que a história é essencialmente equívoca, sendo, em outras palavras, o reino do inexato (LE GOFF, 1990).

Bastos e Stephanou (2009, p. 420) estabelecem também o seu conceito de memória:

A memória é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas. Movemos tudo isso incessantemente e a cada movimento do caleidoscópio a imagem é diversa, não se repete, há infinitas combinações, assim como, a cada presente, ressignificamos nossa vida. Esse ressignificar consiste em nossos atos de lembrar e esquecer, pois é isso a Memória, os atos de lembrar e esquecer a partir das evocações do presente. Assim, a memória, tecida de lembranças e esquecimentos, diferente da História, não tem compromisso com o trabalho de crítica, de problematização, de interrogação sobre os processos de “transformação marinha” que sucedem no tempo e se expressam em produções discursivas inscritas nos regimes de verdade do presente.

A experiência histórica, como remetem as autoras, não quer dizer uma verdade histórica, sendo assim, não deve estar incluída nos moldes de vida do presente, e sim ressignificadas no seu próprio contexto histórico. Isso implica expor que os procedimentos durante os decursos das pesquisas históricas devem considerar sempre o tempo prescrito no próprio cerne das narrativas, respeitando suas subjetividades e suas próprias características, transcendendo a um caráter transformador do presente.

História e passado não estão interligados um ao outro de maneira que o entendimento sobre a própria história seja realizado por meio de uma só significação.

Pelo contrário, ambos existem libertos um do outro, distantes, contudo, dentro de um mesmo tempo e espaço (JENKINS, 2004).

Isso nos faz aspirar que os objetos de investigação devem ser tratados e interpretados de formas diferentes por práticas diferentes, lembrando que há sempre uma leitura e uma interpretação diferentes no tempo e no espaço em que se encontra, cabendo ao historiador/pesquisador se aproximar sempre que possível do que um dia aconteceu, relatando e grafando o que um dia há de ter acontecido, tomando em consideração tantas outras interpretações e tantas outras versões que existem sobre o mesmo fato.

Posto isto, busca-se construir uma rede, uma teia acerca do passado, partindo das fontes existentes e disponíveis, dos recursos teóricos selecionados e principalmente do seu olhar sobre o objeto, entre tantos outros possíveis, dizendo em outras palavras, marcados pela nossa própria subjetividade (RAGO, 2004).

É importante lembrar que, como tantos outros campos de pesquisa, a história ancora o tempo e o passado de acordo com os interesses que lhe são empregados, como foi pontuado, porém, o recorte que é feito sobre o que deve ser esquecido e o que deve ser lembrado, o que pode ser dito e o que não pode cerceia uma intencionalidade que em sua grande maioria advém de convicções e concepções sociopolíticas. Para Certeau (1982, p.15):

O trabalho determinado por este corte é voluntarista. No passado, do qual se distingue ele faz uma triagem entre o que pode ser "compreendido" e o que deve ser esquecido para obter a representação de uma inteligibilidade presente. Porém, aquilo que esta nova compreensão do passado considera como não pertinente – dejetado criado pela seleção dos materiais, permanece negligenciado por uma explicação – apesar de tudo retorna nas franjas do discurso ou nas suas falhas: "resistências"; "sobrevivências" ou atrasos perturbam, discretamente, a perfeita ordenação de um "progresso" ou de um sistema de interpretação.

Separando o presente do passado, sempre nesse gesto de dividir, as representações historiográficas se fazem importantes ao expor à luz da sociedade questões que as intencionalidades humanas tentam esconder, sendo o passado o principal objeto de estudo da história e o presente o lugar onde se encontra a sua prática. “O estatuto desse limite, *necessário e denegado*, caracteriza a história como *ciência humana* (CERTEAU, 1982, p.47)⁷”. Nesse sentido, o autor nos convida a uma reflexão

⁷ Grifos do autor

acerca da operação historiográfica, cujas regras e transformações são determinadas pelas unidades de sentido que nelas imperam, construindo um discurso próprio.

Ademais, as afirmações propostas por Le Goff (1990, p.12) concluem sobre o pensamento e a ruptura presente entre tempo e história:

A crítica da noção de fato histórico tem, além disso, provocado o reconhecimento de “realidades” históricas negligenciadas por muito tempo pelos historiadores. Junto à história política, a história econômica e social, à história cultural, nasceu uma história das representações. Esta assumiu formas diversas: história das concepções globais da sociedade ou história das ideologias; história das estruturas mentais comuns e uma categoria social, a uma sociedade, a uma época, ou história das mentalidades; história das produções do espírito ligadas não ao texto, à palavra, ao gesto, mas à imagem, ou história do imaginário [...].

Para o pesquisador, o fato histórico (aqui encarado como marcos sociais) produz realidades diferentes para cada sujeito. Essas ressignificações possibilitam um amplo campo de pesquisa e conhecimento sobre as diversas realidades encaradas por cada um, sendo sua função primordial a ruptura de negligências e a evidência de quem por muito tempo esteve esquecido.

Valendo-se disso, torna-se imprescindível que o historiador/pesquisador tenha consciência sobre o lugar de fala dessa história. Mais do que o tempo (presente ou passado), a compreensão sobre o funcionamento do lugar, o que rege ou regeu aquele período se faz importante no decurso historiográfico. Portar esse discernimento é entender que a lacuna entre o dito e o não dito revela mais sobre o lugar e sua sociedade do que imaginamos.

Essa ambivalência de caráter considerável para a historiografia permite a descrição de conjunturas e problemáticas comuns a sociedades, ao mesmo tempo em que interdita outras representatividades e se torna o ponto cego da pesquisa histórica, mas é igualmente nessa convergência que age o trabalho destinado à modificá-la (CERTEAU, 1982).

1.1 COMPREENDENDO GÊNERO

O objeto investigativo adotado (sendo a “História das Mulheres⁸” do inglês *Women Studies*, ou ainda *Herstory*), um campo tão bem estudado por seus pares, está

⁸ Algumas historiadoras feministas cunharam uma nomenclatura particular, dentro do campo dos *Women Studies*: o termo *Herstory* que, inicialmente, foi utilizado para chamar a atenção ao uso universal do masculino genérico subtendido na *History* (his-story). A motivação para esta crítica fundamenta-se no desajustamento entre a linguagem e a realidade a que esta se refere, o que acaba por omitir o papel

permeado por significações acadêmicas e políticas que muitas vezes estão escondidas às sombras de sua comunidade; entretanto, é de responsabilidade do/s pesquisador/es e historiador/es trazê-los à luz do conhecimento popular, empregando novas representações. Nesse sentido, vislumbrar um “mar” de multiplicidades, interpretações, histórias de vidas, ações sociais, culturas, políticas e esportivas por meio de olhares significativos é possibilitar que essas questões ganhem aceções e estejam representadas à luz da ciência.

Investigar o gênero em suas mais diversas colocações possibilita ao pesquisador encontrar sentidos nos quais pairam suas indagações; portanto, a limitação de estudo do tema apenas a quem vive na pele as opressões femininas pode levar a uma incompreensão generalizada sobre suas pautas mais importantes, sendo essa limitação o princípio de uma exclusão. Assim, Scott (2005, p.12), coloca o seguinte:

É necessário ser mulher para lecionar história das mulheres? Negro para ensinar literatura afro-americana? Judeu para dirigir um programa de Estudos Judaicos? Será que a igualdade exige as mesmas condições para todos, seja qual for o seu sexo?.

Desse modo, as interpretações apresentadas no texto buscam centrar suas perspectivas nos campos “históricos” e de “mulheres”, tendo em vista que o fazer historiográfico não pode subtrair singularidades quando todo o entendimento sobre a categoria a ser estudada transcorre em multiplicidades e pluralidades nas quais as narrativas e os gêneros são absolutamente diversos (GOELLNER, 2007b).

Estudar os conceitos que abarcam as questões de gênero e representatividade por meio de seu percurso historiográfico permite a ampliação do entendimento sobre os processos que consolidaram as diferenças na valorização entre feminino e masculino, importante fator na geração da desigualdade social. A crítica ao conceito de identidade vem contrapor essa redefinição dos processos subjetivos que permeiam as imposições de sexo, assim como o conceito da própria racionalidade (DIAS, 1994).

Historicamente, para os campos da ciência, o conceito de gênero se referiu à constituição do sexo anatômico, sendo empregado para a distinção biológica da dimensão social, fundamentando no raciocínio lógico a presença de sujeitos machos e

desempenhado pelas mulheres como sujeitos sociais na história. Ao propor a utilização do termo *Herstory*, as mesmas pretendem conferir às mulheres um lugar e, ao mesmo tempo, devolver a história às mulheres na medida em que este termo refere-se à teorização e ao registro da experiência, da vida e da linguagem delas. (Maggie Humm, *The Dictionary of Feminist Theory*, Columbus, Ohio State University Press, 1996, p. 35 apud GOELLNER, 2012, p. 46).

fêmeas na espécie humana. Contudo, para as ciências sociais e humanas, a dimensão de gênero tomou o rumo cultural, significando que a maneira de “ser” homens e mulheres são produtos de uma realidade social, abrangendo todo o contexto cotidiano. Sobre isso, Louro (1985, p.103) destaca que:

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são "generificadas", ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos.

Por meio da visibilidade empregada às “lutas de minorias” nas quais está inserida a categoria “mulher”, esta foi ganhando força nos movimentos militantes e no meio acadêmico por meio de pesquisas e estudos, buscando “representar um grupo” e “dar voz a uma classe oprimida” nas relações de poder num campo tão masculinizado.

Apresentado durante a segunda onda do feminismo⁹, os delineamentos e construções do conceito e significação de gênero ganham um status importante na definição em que propõe trazer à luz da reflexão as relações socialmente impostas entre homens e mulheres arrigadas nas relações de poder¹⁰. Partindo dessas construções é que Joan Scott (1991, p.21) remete suas afirmações com relação ao gênero, quando relata: “É um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

Essa visão “foucaultiana”, por se dizer, transcende as barreiras do tempo e demarca até hoje as formas de perceber as diferenças em que se inscreve a categoria mulher. Para as feministas¹¹, a noção de gênero recusa a ideia de que seu sexo

⁹ A segunda onda do feminismo é um período de atividade feminista que começou na década de 1960 nos Estados Unidos e durou até o início nos anos 1980. Enquanto a primeira onda do feminismo era focada principalmente no sufrágio e na derrubada de obstáculos legais à igualdade de gênero, a segunda onda do feminismo ampliou o debate para uma ampla gama de questões: sexualidade, família, mercado de trabalho, direitos reprodutivos, etc.

¹⁰ Poder aqui é tomado a partir da teorização de Michel Foucault que o concebe a partir da domesticação dos corpos, soberania sobre o outro e punição empregando suas ações nos diversos campos sociais e culturais. O poder pode ser entendido como as ações sobre as ações (FERREIRINHA; RAITZ, 2010).

¹¹ O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua global idade. Que a afetividade, a emoção, a ternura possam aflorar sem constrangimentos nos homens e serem vivenciadas, nas mulheres, como atributos não desvalorizados. Que as diferenças entre os sexos não se traduzam em relações de poder que

anatômico é seu destino final; muito pelo contrário, os papéis atribuídos a elas são convenções sociais, políticas, econômicas e culturais.

Para Simone de Beauvoir (1980), o corpo feminino é codificado por meio do universo masculino que se inscreve no interior dos códigos e discursos masculinistas, “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. E esse campo de disputa é possível ser percebido no seio político, econômico e social.

Desta forma, a articulação que se faz entre gênero e sexo parece estar longe de ser resolvida, uma vez que a análise dessa categoria ultrapassa os limites do anatômico. Ao refletir sobre os apontamentos colocados acima entre o limite do biológico e do social, percebe-se que se sexo determina as condições biológicas inerentes ao corpo humano (construído para representar as noções entre o masculino e o feminino), e se gênero representa as concepções sociais e culturais sobre o corpo sexuado que sente, que tem prazer, que sofre, que tem desejos e que representa não só um indivíduo mas grupos de indivíduos capazes de se relacionarem psicossocialmente, é possível inferir um caráter indissociável entre sexo e gênero. Segundo Scott (2012, p.346):

Gênero como uma categoria analítica pode parecer estar diretamente ligado à arena que chamamos de social, mas o objetivo de análise (as construções históricas das relações entre os sexos) é, irrevogavelmente, conectado à esfera psico-sexual. É por esta razão que gênero não pode estar livre de sua associação com sexo, isto é, com a diferença sexual. Desde que diferença sexual é referente de gênero, e desde que diferença sexual não tem nenhum significado inerente e fixo, gênero permanece uma questão aberta, um lugar de conflito sobre as definições que nós atribuímos (e outros) a ele.

A função binária proposta para definir o que é masculino e o que é feminino, partindo das relações que se tem sobre as normas imperativas como o falocentrismo¹² e a heteronormatividade¹³, torna-se um campo fecundo nas discussões feministas, abarcando as concepções socioculturais que se tem sobre o que é masculino e feminino (BUTLER, 2003). Para Goellner e Fraga (2004, p.81), as características atribuídas aos corpos questionam a legitimidade do corpo, colocando em dúvida a autenticidade de seu sexo e de seu corpo. “Afinal, o corpo e o comportamento do homem são o modelo a

permeiam a vida de homens e mulheres em todas as suas dimensões: no trabalho, na participação política, na esfera familiar, etc. (ALVEZ; PITANGUY, 1991, p.3).

¹² É a convicção baseada na ideia de superioridade masculina, na qual falo representa o valor significativo fundamental.

¹³ Termo usado para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas.

partir do qual o corpo e o comportamento da mulher são julgados, estigmatizando aquelas que ultrapassam os limites que convencionalmente lhe foram impostos”.

Neste sentido, o status construído sobre gênero torna-se irresoluto quando confrontado às proposições binárias da sexualidade, tendo como consequência disso que o homem e masculino podem significar um corpo afeminado ou um corpo masculino, e mulher e feminino podem corresponder a um corpo másculo ou feminino. Por assim ser, Butler (2003, p. 24) propõe o seguinte:

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos.

Desta forma, gênero torna irrestrito, mas ao mesmo tempo restrito ao sexo; mas nesse sentido ambíguo ele não se torna um fim em si mesmo, estando para sempre vinculado a uma rede complexa de concepções e de desconstruções de corpos culturalmente construídos e anatomicamente concebidos. (BUTLER, 2003, p.25): “Assim, se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado sexo seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”.

E a autora continua (BUTLER, 2003, p.26):

Isso não quer dizer que o termo “mulheres” não deva ser usado, ou que devamos anunciar a morte da categoria. Ao contrário, se o feminismo pressupõe que “mulheres” designa um campo de diferenças indesignáveis, que não pode ser totalizado ou resumido por uma categoria de identidade descritiva, então o próprio termo se torna um lugar de permanente abertura e re-significação.

Sendo um campo de constantes ressignificações, o termo gênero abre as portas para todos os grupos que se sentem à margem dos ditames sociais, trazendo consigo as subjetividades inerentes ao próprio contexto social. Por isso, as relações que articulam a categoria gênero estabelecem relações não só com as questões alusivas ao sexo masculino e feminino, mas com todas as demandas relativas à classe, etnia, raça, grupos sociais, multiculturalismo etc. (SCOTT, 2005). Posto isso, a autora descreve o seguinte: “A igualdade é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente. Não é a

ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração”. (p. 15)¹⁴.

As diferenças que perpassam as categorias citadas se confrontam com o “indivíduo” homem branco, hétero, cristão e de classe média alta – modelo base para comparações sociais marcadas pela história universal masculinizante (GOELLNER, 2007).

A identidade e a criação de grupos que simbolizam uma camada social que está à margem do que é “dito como o certo” representam o multiculturalismo presente em toda sociedade. Retratando isso, Scott (2005, p.17) transcorre:

Os homens eram indivíduos porque eram capazes de transcender o sexo; as mulheres não poderiam deixar de ser mulheres e, assim, nunca poderiam alcançar o status de indivíduo. Não tendo semelhança com os homens, elas não poderiam ser consideradas iguais a eles e assim não poderiam ser cidadãs [...] É interessante notar aqui, que nesses argumentos a igualdade pertence a indivíduos e a exclusão a grupos; era pelo fato de pertencer a uma categoria de pessoas com características específicas que as mulheres não eram consideradas iguais aos homens. [...] Todas as mulheres caem na mesma categoria, ao passo que cada homem é um indivíduo em si mesmo.

No que a autora refere sobre a capacidade dos homens transcenderem o sexo, ela faz uma referência ao sexo biológico, ao falocentrismo imbuído na história em detrimento da corporificação da mulher. Ao individualizar-se como ser social, o homem se centra no papel soberano sobre os demais grupos, ao passo que a estes cabe obedecer às imposições empregadas em cada papel social que lhes resta.

Sendo o corpo a materialização dessa construção, como propôs Le Goff (1994) na citação que abre esse capítulo, ele não está imune às relações de poder estabelecidas nos territórios sociais e a dominação masculina reserva para si o direito de subsistir. Desta maneira, o contexto cultural em que se insere as dominações masculinas busca reger as formas como esse corpo é representado nas esferas sociais.

Na historiografia do esporte e da Educação Física isso não foi diferente. De acordo com Goellner (2007 p. 184):

No campo do esporte, essa marcação não se dá de forma deslocada de outras tantas presentes no cotidiano dos indivíduos e seus corpos. Os gestos, as musculaturas, as roupas, os acessórios, os suplementos alimentares carregam consigo significados que, na nossa sociedade e no nosso tempo, estão também associados ao feminino e ao masculino. Essas marcas produzem efeitos e, não raras vezes, são reclamadas para justificar a inserção, adesão e

¹⁴ Ibid Scott, (2005).

permanência de homens e mulheres em diferentes práticas corporais e esportivas.

Percebe-se no decorrer historiográfico que as características que definiram a participação feminina na história do esporte e a história da EF foram marcadas pelos fatores biológicos e anatômicos, colocados pela autora como “determinismo biológico”¹⁵, e até hoje se tem uma visão de que a mulher até pode participar em esportes, mas deve preservar suas características femininas. Isso pode ser facilmente percebido nas roupas e acessórios e na forma como a mídia propaga a ideia de feminilização e até sensualização dos corpos.

Os ideais expressos até agora contribuem para a condição permanente que vem se sucedendo ao longo dos anos nas perspectivas de inclusão e exclusão das mulheres em diversas modalidades esportivas, colocando-as como um “sexo frágil” e reafirmando o determinismo biológico e a binaridade que se perpetua na sociedade.

Compreende-se, dessa forma, que as referências ao sexo, ao corpo e ao socialmente construído sobre gênero foram marcados historicamente ao fator superioridade em relação ao sexo oposto, sendo as relações de poder fator primordial na consagração dessa ideia que veio sendo posta na sociedade.

Dessa forma, refletir sobre essa representação no campo do esporte e da EF é reavaliar tudo que já foi construído e designar novas formas de pensar essa disciplina, principalmente por meio da trajetória de quem viveu isso na pele, como é o caso das entrevistadas neste trabalho.

Por conseguinte, o modo como a categoria gênero vem se constituindo ao longo do tempo interfere nas proposições deste trabalho, e as discussões de Joan Scott e Judith Butler se mostram de grande valor, ao se pensar novos acréscimos acadêmicos, além de transformações no contexto histórico social. Tendo em vista o contexto histórico que permeou o campo da Educação Física brasileira, sendo considerado até hoje como um campo predominantemente para homens, a compreensão de gênero visa fomentar discussões sobre esse tema e modificar a forma como a sociedade concebe e valoriza a diferença.

¹⁵ “normas comportamentais compartilhadas bem como as diferenças sociais e econômicas existentes entre os grupos humanos – principalmente de raça, classe e sexo – derivam de distinções herdadas e inatas” (GOULD, 1999, p. 4).

1.2 MULHERES E A PROFISSÃO DOCENTE

O ato de ensinar é considerado uma das maneiras mais antigas do ser humano se relacionar e transformar o mundo que o cerca. A educação de meninas¹⁶ perpassou por todas as instituições sociais, desde uma mãe que ensinava sua filha a tecer, cozinhar etc., em uma educação do lar e para o lar no período colonial, perpassando por séculos de submissão e repressão pelas camadas dominantes, até os dias atuais, sendo elas quase que majoritariamente representando uma expressiva participação docente (RISTOFF, 2006).

Historicamente a educação feminina no Brasil e no mundo não se deu de forma simples e amistosa, mas muito pelo contrário: esse desdobramento se efetuou por meio de muitas lutas, protestos e reivindicações, e essa história é uma referência de conquista para muitos estudiosos dos direitos das mulheres. A exemplo disso, pode-se destacar que somente com a promulgação de uma lei em 1758, pelo alvará de 17 agosto, é que se permitiu a criação de uma escola para meninas para a educação da língua portuguesa, proposta por D. José¹⁷, e esse foi possivelmente o marco inicial dos direitos femininos nos estudos no Brasil (STEPHANOU; BASTOS, 2004).

Em 25/03/1824, a promulgação da Lei de Constituição do Império trouxe em seu art. 32 o seguinte: “A instrução primária é gratuita a todos os cidadãos”. Mas apesar disso, mulheres ainda sofriam repressões políticas e sociais ao ingressar nos estudos, por serem consideradas menos instruídas (FERNANDES, 2019).

Esse cenário começou a mudar um pouco quando o então imperador Dom Pedro I sancionou a Lei de 15 de outubro¹⁸ de 1827, que apesar de ter uma educação “integral” voltada para meninos, não apenas permite a criação de escolas para meninas em grandes municípios para elas estudarem, mas também legitima a profissão docente das mulheres que são exclusivamente incumbidas de lecionarem nessas escolas e com vencimentos iguais aos dos homens, como mostram os artigos 11º, 12º e 13º dessa Lei:

Art 11º Haverão escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessario este estabelecimento.

Art 12º As mestras, além do declarado no art 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrucção da arithmetica só as suas quatro operações, ensinarão tambem as prendas que servem á economia domestica;

¹⁶ Aqui utilizando o termo “de meninas” significando uma educação moldada exclusivamente para elas.

¹⁷ Apelidado de “O Reformador”, foi Rei de Portugal e Algarves de 1750 até sua morte. O reinado de José I é sobretudo marcado pelas políticas do seu secretário de Estado, o Marquês de Pombal, que reorganizou as leis, a economia e a sociedade portuguesa, transformando Portugal num país moderno.

¹⁸ Hoje nessa data comemora-se o Dia do Professor.

e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquellas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na fôrma do art. 7º.

Art 13º As mestras vencerão os mesmos ordenados e gratificações concedidas aos Mestres.

Apesar disso, na prática as mulheres ainda continuavam a receber menos que os homens, devido a um decreto de 1831 que permitia aos governos provinciais contratarem candidatos não aprovados em concurso público com a condição de lhes pagar menores proventos (FERNANDES, 2019).

Assim, com o passar dos anos, o direito e o acesso à educação foram se estendendo para as mulheres, que apesar de subestimadas e descreditadas do seu potencial intelectual foram ganhando mais força e representação de classe.

E enquanto a demanda de mão de obra aumentava em decorrência do processo de industrialização do país, o contingente docente não supria a falta de profissionais. Foi assim que em 1835 foi criada a primeira escola normal brasileira em Niterói (RJ).

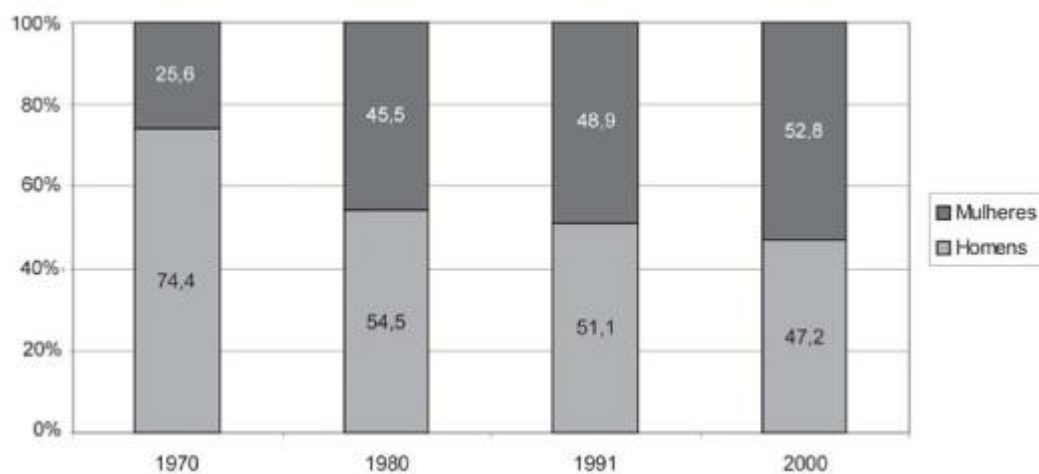
Importante destacar que apesar do acesso à educação formal ter se estendido às mulheres, principalmente àquelas que moravam em grandes cidades ou capitais, essa educação era voltada para aproximar as meninas das relações familiares e seu cumprimento de deveres do lar e da maternidade (LOURO, 1997).

Tendo ainda como base de discussão a educação formal da mulher brasileira, Fernandes (2019, n.p.) segue sua narrativa:

Em 1881, foram inauguradas as classes profissionalizantes para o sexo feminino no Liceu de Artes e Ofícios no Rio de Janeiro. [...] Em 1897, era criado, também no Rio, o Instituto Profissional Feminino [...] Lá, eram oferecidos o Curso Comercial, com as disciplinas de estenografia (taquigrafia), datilografia, contabilidade e línguas; e o Curso Profissional, com as oficinas de chapéus, bordados, costura, flores, desenho e modelagem. Durante décadas, essa instituição foi uma das principais referências no ensino profissionalizante para moças fluminenses. Apenas em 1879, o governo imperial permitiu, condicionalmente, a entrada feminina nas faculdades. As candidatas solteiras deveriam apresentar licença de seus pais; já as casadas, o consentimento por escrito de seus maridos. Embora oficialmente aceitas na graduação, o número de mulheres inscritas para tal foi irrisório por muito tempo. As razões para isso vão desde o preconceito da sociedade até a impossibilidade de elas frequentarem os melhores cursos preparatórios, dificultando a entrada no ensino superior. Após conquistarem o acesso aos cursos superiores, as mulheres seguiram progredindo no campo da educação, tornando-se mestras e doutoras em diferentes áreas do saber. Durante a segunda metade do século XX, a presença delas cresceu expressivamente na educação, tanto como força de trabalho, quanto na participação em todos os níveis de formação.

A mobilização e a organização das mulheres que culminou nos resultados observados são produtos de lutas de classe e de gênero, sendo as consequências desse impulsionamento estigmatizadas em índices que muitas vezes ficam subpostos às articulações masculinas. Contudo, os dados que seguem mostram um panorama de alavanca na educação das mulheres, principalmente no final do século XX e início do século XXI.

GRÁFICO 1 – Distribuição da população total com nível universitário, por sexo (Brasil 1970, 1980, 1991 e 2000).



Fonte: Guedes (2008, p. 124). Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 do IBGE.

A herança da universidade como um espaço masculinizado tem sido rompida desde a década de 1970, como é possível ser observado no gráfico 1, ultrapassando o percentual masculino na virada do século, representando um total de 52,8% de mulheres com nível universitário (GUEDES, 2008).

O aumento significativo no contingente feminino marcado pelos últimos cinquenta anos representa uma conquista na trajetória histórica da educação das mulheres no Brasil, independentemente da maneira como esse aumento repercutiu na inserção delas no mercado de trabalho. Esse também é o período em que se deu a formação das professoras entrevistadas neste estudo.

Rosemberg e Madsen (2011) realizaram um levantamento do índice de escolaridade entre mulheres e homens, mostrando um panorama completo sobre o início do século XXI, contemplando o período 2003-2009, relacionando diversos aspectos sobre o ensino brasileiro por meio de categorias de análises como o sexo, cor, raça e região.

Dentre os dados analisados, podemos destacar o seguinte, segundo as autoras: “Em 2003, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) estimava 4,4 milhões de estudantes no ensino superior de graduação com a seguinte distribuição por sexo e cor/raça: 41,9% de mulheres brancas; 31,9% de homens brancos; 12,8% de mulheres negras e 10,4% de homens negros” Rosemberg e Madsen (2011, p. 417).

Para as autoras, o índice elevado de mulheres brancas e negras perante o sexo masculino resultou de um incentivo governamental sobre as políticas de gênero e raça e de democratização do acesso ao nível superior, empregadas principalmente após a LDB de 1996, bem como o aumento do número de instituições federais de nível superior como universidades e institutos, principalmente em locais onde o acesso ao ensino superior era mais complicado, dando um salto de “140 em 2002 para 366 em 2010” Rosemberg e Madsen (2011, p. 418).

Outro dado importante a ser apresentado diz respeito às escolhas dos cursos de nível superior, mostrando que existem predominâncias de escolhas diferentes entre sexos.

Esses dados podem ser observados na tabela 1.

QUADRO 5 – Matrículas Femininas e Masculinas por áreas gerais do conhecimento em cursos de graduação presenciais. Brasil 2003 e 2009.

Áreas gerais	2003*			2009			Variação	
	Matrículas			Matrículas				
	Total	Femininas %	Masculinas %	Total	Femininas %	Masculinas %	Femininas %	Masculinas %
Agricultura e Veterinária	80.454	40,4	59,6	131.048	41,4	58,6	67,0	60,1
Ciências Sociais, Negócio e Direito	1.621.879	51,7	48,3	2.180.231	54,8	45,2	42,4	25,8
Ciências, Matemática e Computação	333.559	34,9	65,1	434.572	32,9	67,1	18,4	34,4
Educação	838.102	76,4	23,6	742.895	70,4	29,6	-18,3	11,2
Engenharia, Produção e Construção	301.158	26,3	73,7	537.996	28,0	72,0	89,6	74,7
Humanidades e Artes	135.413	62,1	37,9	178.895	56,0	44,0	19,1	53,4
Saúde e Bem-estar,	483.997	70,6	29,4	808.861	73,2	26,8	73,2	52,5
Serviços	90.602	66,3	33,7	101.398	62,8	37,2	5,9	23,7

Fonte: Rosemberg; Madsen (2011, p. 419)

Para as autoras, esse fator é apresentado como uma corrente socialmente construída ao longo dos anos, sendo que às mulheres se reservavam os cursos de “menor prestígio”, como o magistério, por exemplo, enquanto aos homens cabiam os cursos de “prestígio”, como as engenharias.

TABELA 1 – Cursos com maiores números de matrículas de graduação por Gênero – Brasil – 2012.

Curso	Matrículas do sexo feminino	Curso	Matrículas do sexo masculino
Pedagogia	556.283	Administração	372.893
Administração	460.149	Direito	345.999
Direito	391.272	Engenharia civil	143.868
Enfermagem	198.872	Ciências contábeis	132.017
Ciências contábeis	181.157	Ciência da computação	108.874
Serviço social	157.242	Engenharia de produção	90.266
Gestão de pessoal / recursos humanos	135.067	Engenharia mecânica	75.938
Psicologia	131.786	Formação de professor de educação física	71.293
Fisioterapia	81.982	Engenharia elétrica	67.303
Farmácia	72.342	Gestão logística	61.054

Fonte: INEP/Censo da Educação Superior - 2013.

Na Tabela 2, podemos observar que a tendência que permeia o que é socialmente construído para homens e para mulheres apresenta pouca variação quando comparada à Tabela 1, no que diz respeito às escolhas de cursos superiores e à relação de gênero. Isso reforça os estereótipos culturais de opressão e machismo disseminados por muitos anos na sociedade brasileira.

Como resultado dessa sequência histórica, percebemos os desdobramentos que acarretaram as novas nuances da atividade profissional e educacional da mulher no Brasil. Segundo dados do IBGE, em fevereiro de 2016, o Brasil tinha um percentual do PEA (População Economicamente Ativa) de 52,2%, sendo que desse montante 63,3% de pessoas eram do sexo masculino e 46,6% eram do sexo feminino, número considerável de mulheres produzindo ativamente no país.

Além disso, em 2017, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), no censo do professor, existiam até o ano da amostra um total de

1.542.925 professoras e 340.036 professores atuando na educação básica, perpassando desde a educação infantil, ensino fundamental e médio, até a educação profissional, e é somente nesta etapa de ensino profissionalizante que os professores são a maioria, sendo um total de 26.486 para 23.167 professoras.

Apesar de os dados apresentados pelo INEP constituírem uma referência sobre o perfil educacional brasileiro, segundo Ristoff (2006, n.p.):

O maior número de mulheres na escola e no campus, por si só, é insuficiente para dizer sobre mudanças efetivas nas relações de gênero que são socialmente construídas entre os sexos. Sabidamente, essas relações extrapolam a identificação de sexo por estarem imbricadas nas complexas relações de poder que marcam a nossa sociedade e que, por conseqüência, se expressam também nos conflitos e nas contradições da escola e do campus.

Para o autor, a democratização, o acesso e a permanência das mulheres na educação vão além das disputas por espaço. Oportunizar uma escola para todos (homens e mulheres, ricos e pobres, pretos e brancos) é investir em políticas públicas de inclusão e igualdade, e no enfrentamento ao preconceito e às diferenças.

Apesar do número crescente de mulheres no corpo docente das mais diversas instituições de ensino, quando percorremos os olhos sobre os índices que constituem a disciplina de EF, podemos perceber que a discrepância entre os sexos masculino e feminino ainda se perpetua.

A disciplina EF, constituída inicialmente com a intenção da palavra (educar o físico), modificou-se ao longo dos anos, tornando-se uma carreira profissional de formação superior. Em 1876, o Decreto nº 6370 estendeu o ensino de ginástica e o incluiu nas escolas normais, passando a ser obrigatória a ambos os sexos na formação do professorado em todos os graus. Para Freitas (2019, n.p.):

Tal decreto revela que inicialmente a Educação Física também estava restrita ao universo masculino, reproduzindo o imaginário social do homem como ser forte, agressivo e ágil. Apesar de ter sido estendida para as mulheres, a prática de atividade física reproduzia estereótipos sexuais e desigualdades de gêneros na sua função de reforçar a visão de que à mulher pertenciam exclusivamente as obrigações de aprender a cuidar do lar e dos/das filhos/as.

Passados sessenta anos, a necessidade de uma especialização mais concreta dos métodos de EF do país gera conseqüentemente a criação de uma Escola Profissional de Educação Física.

Essa escola de formação, ligada ao Exército brasileiro, moldou a EF conforme as convenções propostas para a época, e por aproximadamente 14 anos deixou de fora o ensino especializado para mulheres. Somente em 1939 foi criada na Universidade do Brasil a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, o que tornou possível o acesso de mulheres a essa área (FREITAS, 2019).

Apesar de a exclusão feminina ter perdurado por tantos anos no ensino brasileiro e deixado marcas que talvez demorem muito tempo para se apagarem, ao observarmos a tabela 3 temos um retrato um pouco diferente no campo que abrange a EF.

TABELA 2 – Distribuição do contingente de formados, por sexo e curso universitário (Brasil – 1970 e 2000).

Cursos universitários*	1970		2000	
	Mulheres (%)	Homens (%)	Mulheres (%)	Homens (%)
Engenharia mecânica	2	98	3	97
Engenharia elétrica	2	98	7	93
Engenharia civil	2	98	15	85
Agronomia	3	97	12	88
Veterinária	4	96	30	70
Física	39	61	30	70
Economia	9	91	32	68
Medicina	11	89	36	64
Administração	15	85	39	61
Direito	13	87	40	60
Química	39	61	44	66
Estatística	17	83	47	53
Odontologia	18	82	51	49
Arquitetura	17	83	54	46
Educação física	55	45	54	46
Filosofia	66	34	55	45
Matemática	39	61	60	40
Farmácia	32	68	65	35
Geografia	69	31	72	28
História	66	34	74	26
Belas artes	71	29	75	25
Ciências sociais	72	28	78	22
Letras	73	27	87	13
Psicologia	70	30	89	11
Enfermagem	93	7	91	9
Pedagogia	84	16	93	7
Serviço social	90	10	98	2

Fonte: Guedes (2008, p. 126). (Grifos do autor).

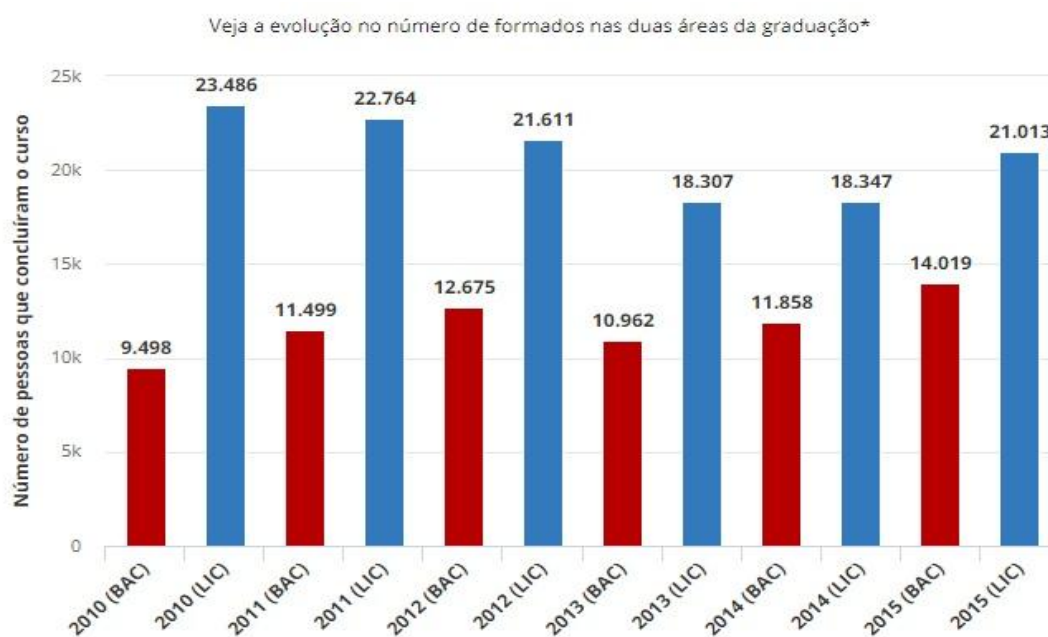
Nota-se na tabela 3 que a paridade no campo da EF se perpetuou entre as populações que terminaram a graduação com uma proporção de aproximadamente 5% maior entre as mulheres quando analisado o período entre as décadas de 1970 e 2000,

segundo dados IBGE; período que se encontram também a formação das professoras entrevistadas no estudo.

Em 2004, a formação em EF passou por algumas reformas no Conselho Nacional de Educação (CNE), que regulamentou a graduação superior, separando-as em duas modalidades: a licenciatura, formação para o exercício profissional do magistério em seus diferentes níveis de ensino; e o bacharelado, formação para a prescrição de exercícios físicos em clubes, academias, unidades básicas de saúde e afins, com a intenção de prevenção e tratamento da saúde física.

Em 2010, seis anos após a separação entre licenciatura e bacharelado, podemos observar no gráfico 2 uma proporção muito superior de alunos que concluíram o ensino superior e que se perpetua até 2015, período apresentado pelos dados do INEP.

GRÁFICO 2 – Educação Física: Proporção entre Bacharelado e Licenciatura.



Fonte: INEP/Censo da Educação Superior – 2017. (“BAC” significa “bacharelado” e “LIC” significa “licenciatura”).

Como é possível observar, em 2015, 21.013 pessoas se formaram em licenciatura em EF, enquanto que 14.019 se formaram em bacharelado. Essa proporção veio diminuindo na série histórica dos últimos cinco anos, como apresentado no gráfico; porém, não computa os estudantes que se formaram nas duas áreas de atuação de EF.

Segundo dados do INEP, 35 mil estudantes se formaram na graduação em EF em 2015, sendo que desse total 60% optaram pelo diploma de licenciatura. Esse número superior pela carreira do magistério tem relação à estabilidade que os concursos públicos proporcionam ao professor, sendo até hoje uma preferência pelos seus formandos.

Ao analisar os dados referentes ao número de matrículas em relação à paridade de gênero na formação em EF, é possível observar na tabela 4:

TABELA 3 – 10 cursos com maior número de matrículas por sexo – Brasil 2015.

Curso	Mulheres	Curso	Homens
Pedagogia	608.868	Direito	381.537
Direito	471.674	Administração	336.764
Administração	430.095	Engenharia civil	248.817
Enfermagem	221.316	Ciências contábeis	149.406
Ciências contábeis	209.046	Engenharia mecânica	116.573
Psicologia	181.314	Engenharia de produção	111.653
Serviço social	156.458	Formação de professor de educação física	98.737
Gestão de pessoal / recursos humanos	142.660	Engenharia elétrica	91.701
Fisioterapia	113.326	Análise e Desenvolvimento de Sistemas (Tecnólogo)	73.077
Arquitetura e urbanismo	107.728	Educação física	68.068

Fonte: INEP/Censo da Educação Superior – 2015. (Grifos do autor)

O que se observa na tabela 4 é que em 2015 o curso de licenciatura em EF não ficou entre os 10 cursos com mais matrículas pelas mulheres, enquanto para os homens o curso aparece duas vezes, apresentando um total de 98.737 matrículas, ficando em sétimo lugar (licenciatura) e aparecendo também no bacharelado, apontando um total de 68.068, em décimo lugar.

Essa contradição apresentada entre os dados apresentados na tabela 3 e a tabela 4 pode se dar por dois motivos. O primeiro é que a tabela 3 apresenta percentual de alunos formados em EF, enquanto que a tabela 4 apresenta o número de matrículas no curso de EF. Essa diferença nos leva a concluir que pouco mais da metade dos alunos do sexo masculino concluem o curso. O segundo é a mudança da representação feminina no campo do trabalho e dos estudos que segundo Guedes (2008, p. 127):

[...] a opção feminina por continuar estudando mais tempo pode estar relacionada à falta de alternativas no mercado de trabalho. Do ponto de vista masculino, o abandono do curso universitário provavelmente se articula à

necessidade de trabalhar, ou seja, à representação tradicional do homem como provedor da família.

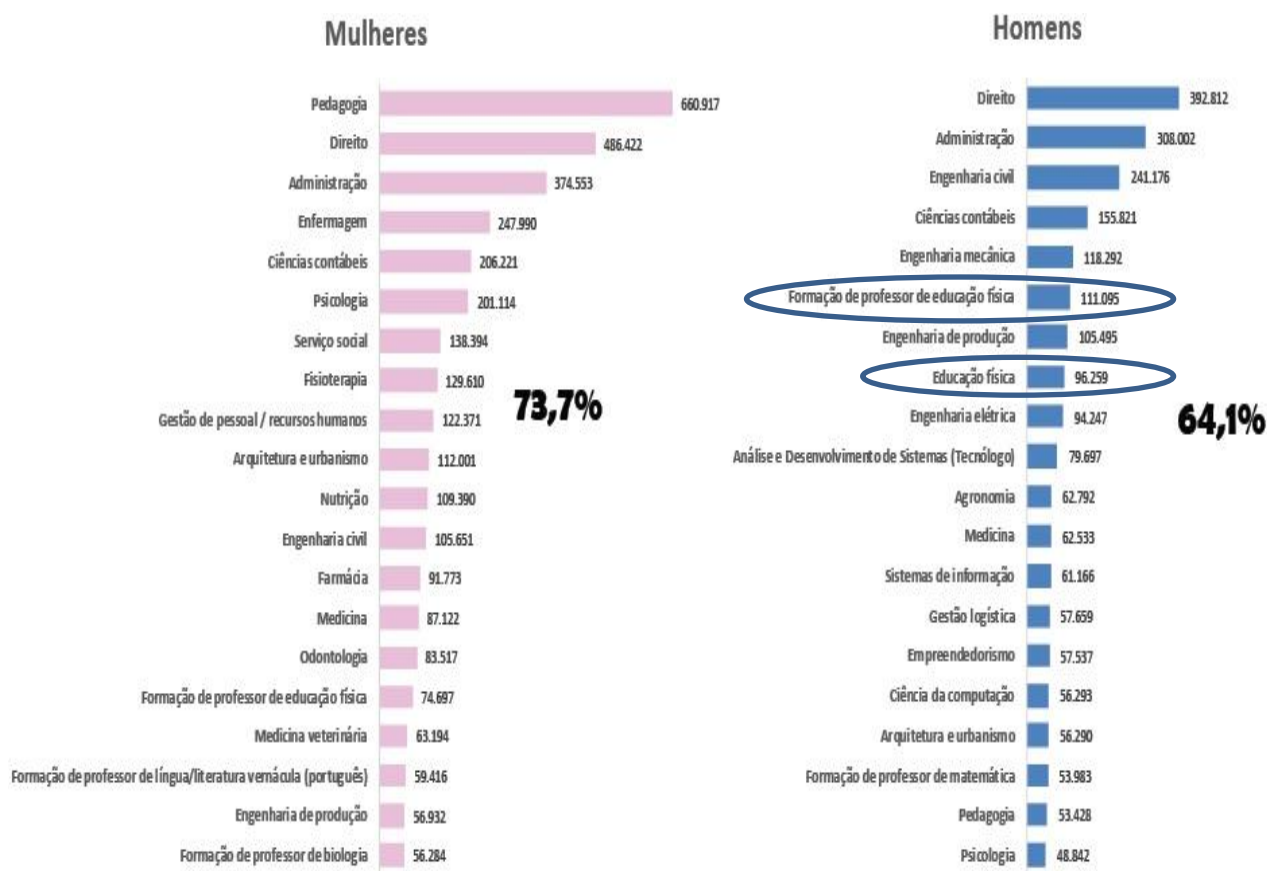
Essa mudança propõe que nos dias atuais a representação feminina no campo laboral vem sendo constituída no sentido de equidade, sendo esse um fato de que o estudo não é mais a única opção para as mulheres e que o trabalho não é mais a única opção para os homens.

Em contrapartida, os dados do INEP/2015 mostram que o total de 1.471.930 alunos frequentaram cursos de licenciatura no Brasil, sendo desse total 71,6% correspondendo a mulheres e 28,4% a homens.

Ao observar os dados de 2017, podemos perceber uma mudança um pouco mais favorável ao campo da EF para as mulheres, quando comparados com os dados apresentados na tabela 4, que traz esse percentual em números de matrículas.

Segundo dados do Censo da Educação Superior 2017:

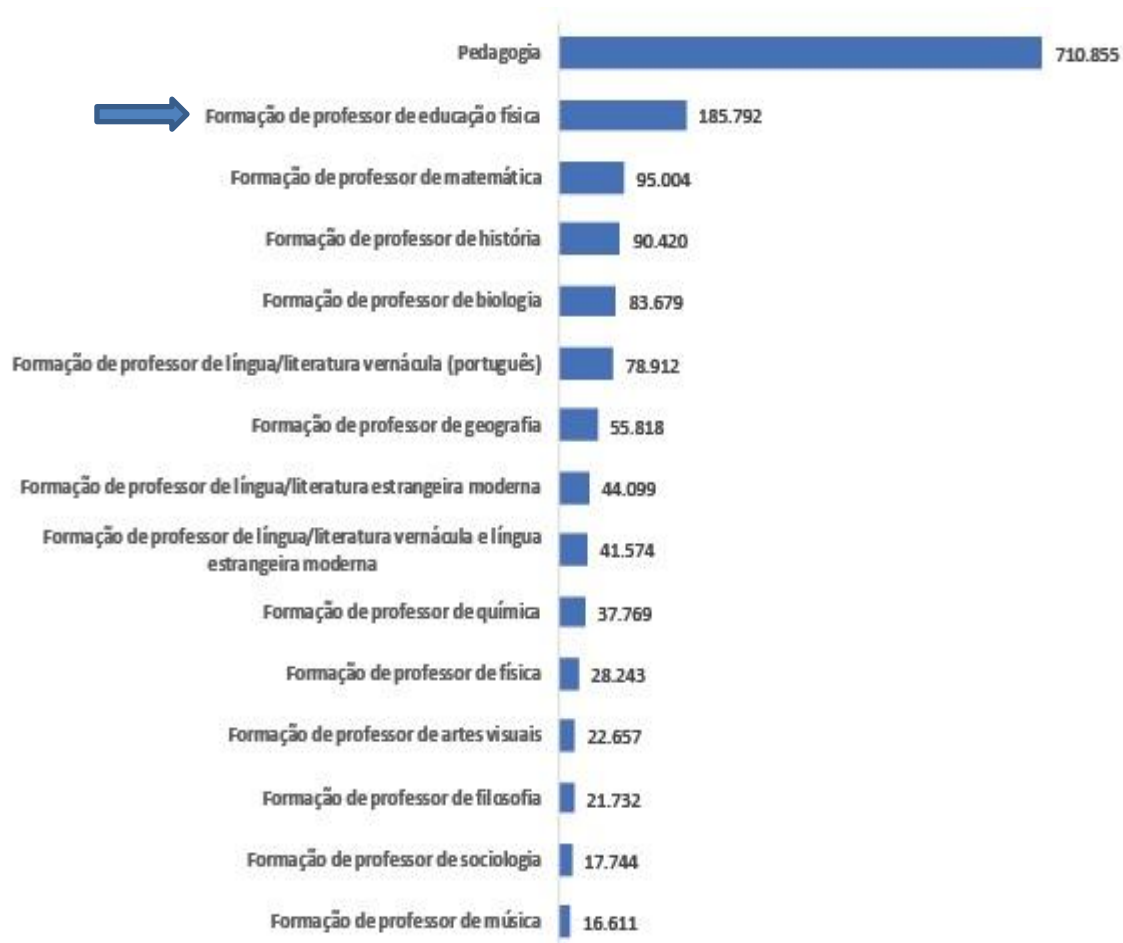
GRÁFICO 3 – Os 20 maiores cursos em números de matrículas em paridade de gênero em 2017.



Fonte: INEP/Censo da Educação Superior – 2017. (Grifos do autor)

Podemos observar historicamente um avanço ao número de matrículas no campo da EF, tanto para homens quanto para mulheres, sendo que no ano inteiro foram registradas 74.697 matrículas realizadas pelas mulheres, ficando como o décimo sexto curso com mais matrículas e 111.095 matrículas realizadas (licenciatura) e 96.259 matrículas realizadas (bacharelado), constituindo um aumento considerável quando comparado com os dados de 2015.

GRÁFICO 4 – 15 maiores cursos de graduação em licenciatura em número de matrículas em 2017.



Fonte: INEP/Censo da Educação Superior – 2017. (Grifos do autor)

Os números apresentados no gráfico 4, mostram um total de 185.792 matrículas realizadas por ingressantes na carreira do magistério em EF, aumento expressivo quando comparados aos 23.486 formados em 2010, dados observados no gráfico 2.

Os dados no INEP/2017 apontam um total de 1.589.440 alunos frequentando cursos de licenciatura no Brasil, o que representa 19,3% do total de alunos na educação superior de graduação. Desse total, 70,6% são mulheres e 29,4% são homens. Os dados apresentados ainda concluem que o aluno típico dos cursos de licenciatura é do sexo feminino e estuda em uma universidade privada.

A partir dos dados apresentados até aqui, percebemos o número elevado de mulheres que cursam licenciaturas e pretendem seguir a carreira de professora. Em contrapartida, visualizamos também um baixo número de mulheres no campo da EF quando comparado com os homens.

Tendo em vista os dados que foram apresentados até o presente momento, podemos perceber que os números corroboram para a confirmação de uma cultura criada acerca da mulher professora, como expressado no início desse capítulo. E apesar do número crescente de professoras em todos os campos do conhecimento, ainda se propaga uma cultura escolar¹⁹ masculina, pois como pudemos concluir neste capítulo, a detenção do conhecimento foi por muito tempo destinada somente aos homens. Descrita nas palavras de Louro (1997) como “a escola é masculina, pois ali se lida, fundamentalmente, com o conhecimento — e *esse conhecimento* foi historicamente produzido pelos homens” (p.89).

Assim também foi o caso da EF, constituída em moldes militares para homens e ministrada por homens. Segundo Louro (1997, p.95-96):

Embora professores e professoras passem a compartilhar da exigência de uma vida pessoal modelar, estabelecem-se expectativas e funções diferentes para eles e para elas: são incumbidos de tarefas de algum modo distintas, separados por gênero [...] tratam de saberes diferentes (os currículos e programas distinguem conhecimentos e habilidades adequados a eles ou a elas), recebem salários diferentes, disciplinam de modo diverso seus estudantes, têm objetivos de formação diferentes e avaliam de formas distintas.

Desta forma, o que se perpetuou ao longo dos anos, foi uma distinção de saberes relacionados às capacidades físicas e intelectuais em decréscimo das mulheres, fato este que parece estar imbricado nos moldes como a sociedade ainda hoje percebe as

¹⁹ A ideia da existência de uma cultura escolar parte do pressuposto de que as escolas, apesar de integradas em contextos sociais mais amplos, concomitantemente desenvolvem uma cultura própria que ultrapassa sua racionalidade técnica enquanto instituição responsável pela formação educacional dos indivíduos e exprimem valores, representações e crenças de todos os seus membros. Nesse sentido, a cultura escolar não pode ser compreendida simplesmente como a cultura transmitida pela escola, mas sim como a cultura que tem na escola a sua origem (PEREIRA, 2020).

relações de gênero no campo do magistério, principalmente no que diz respeito à disciplina de EF.

2 – PERCURSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Debruçar-se sobre a história (ou histórias) da disciplina, no desenho de vertentes que a compõem, não é tarefa simples. Implica efetuar escolhas, constituir hierarquias, elaborar análises que, ao mesmo tempo que conferem uma inteligibilidade à narrativa, instituem um passado (portanto, erigem uma memória) para o campo. Elucidar as escolhas feitas e as hierarquias construídas não impede os efeitos dessa inversão escriturária, mas oferece ao leitor outras chaves de leitura do texto histórico.
Vidal e Filho, (2003, p.38.).

Ao iniciar a trama que constitui o desenvolvimento historiográfico deste campo de estudo, procuramos construir uma compreensão em relação aos processos que culminaram na implantação da Educação Física no estado de Mato Grosso do Sul²⁰, num processo de comunicação com a própria história da educação brasileira, no âmbito das políticas e reformas educacionais.

Desde seu primeiro registro no Brasil, em 1837, como disciplina de *Gymnastica*, a EF passou por moldes e ideologias estrangeiras que culminaram com o passar dos anos na EF que temos hoje.

Entretanto, é necessário que o período investigativo deste capítulo se inicie a partir da década de 1970, pois esse período representa um panorama divisor²¹ nos rumos que a EF foi tomando no Brasil, além de ser nessa época o ensino primário das professoras entrevistadas no estudo, sendo considerado de importância no campo de análise investigativo de formação dessas mulheres.

Sendo os anos de 1970 o início apreendido no texto que compõe este capítulo, temos como baliza temporal o final de um período que termina com as políticas educacionais apreendidas em 2018, sendo essa a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), visto como um novo contexto educacional brasileiro. Além disso, o

²⁰ Mato Grosso do Sul é um dos estados da região Centro-Oeste. Faz divisa com Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná e também com o Paraguai e Bolívia. Sua área é de 357.145,531 km² e possui 79 municípios. Criado em 1977 e implantado em 1979, Mato Grosso do Sul tem uma história marcada por movimentos políticos, sociais, econômicos e culturais. Entre 1979 e 1982, o novo estado foi governado por um interventor nomeado pelo presidente da república. Só após esse período é que ocorreram as primeiras eleições para governador (IBGE 2017).

²¹ Concentra-se no final do período higienista da EF e o início do ciclo da esportivização da EF nas escolas brasileiras por meio do desenvolvimento do Plano Nacional de Educação Física e Desportos (PNED)

registro de aposentadoria mais atual das professoras aposentadas data do ano de 2015, final do ciclo laboral dessa professora.

Mediante a análise de fontes documentais tidas como “oficiais²²”, buscamos entender que o lócus educacional é constituído historicamente e deve ser estudado no devir de suas lutas e manifestações.

As escolhas realizadas no processo de construção historiográfica perpassam o interesse histórico na constituição desse campo de pesquisa, aliado às próprias indagações da vida profissional do pesquisador que aqui escreve, sendo que nesta narrativa procuramos oferecer ao leitor, como mencionado na passagem que inicia esta sessão, novas possibilidades de entendimento do passado.

Além disso, tendo em vista que as entrevistadas neste trabalho são mulheres, o estudo realizado sobre a perspectiva de gênero e educação, empreendido no capítulo 1, torna-se imprescindível ao entendimento da história da EF no Brasil e os rumos que a disciplina tomou no estado de MS, mediante as relações de poder que imperaram sobre a própria educação brasileira, haja vista que o período em questão era um momento de grande fragilidade para a educação de mulheres.

A configuração política intervencionista que o Brasil passava desde o ano 1964 culminou nos rumos que a EF brasileira tomou nos anos subsequentes.

Tendo isso em vista, é interessante notar que as entrevistadas tiveram suas experiências no processo de escolarização²³ primária e/ou secundária toda ou em parte na década de 1970, as quais estiveram sujeitas às políticas educacionais que vigoravam na época.

Assim como relatado por Corrêa (2009), ao expor as narrativas das professoras entrevistadas, sobre suas experiências na infância e na escola, todas as entrevistadas, sem exceção, se emocionaram e refletiram a alegria de relembrar suas histórias.

Esse fato ocorreu pela primeira vez quando tive a oportunidade de conversar com a professora Arlinda Fatima de Andrade, que cursou o ensino primário na cidade de Três Lagoas, conforme narra da seguinte maneira:

Então, o primário, eu comecei estudando, a gente fala escola batatinha, foi uma escola que tinha pertinho da minha casa sabe... Um quarteirão, ai essa escola eles desativaram, ai eu fui pra outra escola que eles mudaram que hoje

²² Entende-se aqui como fontes oficiais: Leis, Decretos, Pareceres, etc.

²³ Todas as escolas citadas pelas professoras no decorrer das entrevistas, bem como demais localidades, encontram-se mapeadas nos Apêndices A e B.

ela é o CEI Santa Luzia²⁴, ali onde é o Santa Luzia, ali era a escola Alfredo Castilho, ai eu estudei todinho o meu primário ali, até o quarto ano.

Ainda conforme perguntado para a entrevistada se ela tinha aulas de EF no ensino primário, a professora Arlinda relata: “Não! Não tinha Educação Física no primário”.

A professora seguiu seus estudos onde iniciou seu curso de Magistério em 1975, vindo a concluir em 1977. A formação em EF teve início em 1978, com conclusão em 1980 na cidade de Andradina (SP), município próximo à Três Lagoas.

Diferentemente da professora Arlinda, a professora Marli Aparecida dos Santos teve seu processo de escolarização iniciado nos anos 1970 na Escola Estadual Professora Carlota de Negreiros Rocha, na cidade de Marília (SP), mesma cidade onde nasceu. Marli relata que:

Então, começando desde a época que eu estudava, eu estudei sempre em escola pública né, eu fiz até (na época falava 8ª série) na escola pública em Marília [...] ai quando chegou no ensino médio, no primeiro colegial, segundo colegial, terceiro colegial, eu já não estudei mais em escola pública, por que? Eu fui atleta, quando eu completei 15 anos de idade eu comecei a fazer atletismo e então eles custeavam a bolsa de estudos pra gente.

Em 1979 a professora dá início à formação colegial e em 1983 inicia seu processo de formação superior em EF, concluindo em 1986.

A trajetória da professora Verônica Rosa Gomes Mendonça traz uma perspectiva diferente das apresentadas pelas outras professoras. A professora relata o seguinte:

Eu lembro porque eu estudei em escola particular na época, Magiano²⁵, primário. Rapaz, tinham umas palmatórias, uns paus redondos com uns buracos, tinha tabuada, dois a dois assim, acho que eu vejo. Então um perguntava ao outro, se você não acertava o que estava junto com você te dava bolacha [...] Eu fiz até a quarta série lá. Porque era primeira, segunda, terceira e quarta. Antigamente não tinha esse negócio de pré. Então eu estudei lá. E era assim, aqueles pontos que você fazia, aquelas carteiras duplas, sentava de dois em dois. [...] na época que eu fiz o primário não tinha educação física.

A formação básica da professora Verônica se deu no município de Três Lagoas; contudo, da mesma forma que a professora Arlinda, a professora Veronica precisava se deslocar para Andradina a fim de cursar EF, concluindo seus estudos em 1986.

²⁴ Localizada na rua Antônio de Carvalho, nº 25 – Santa Luzia em Três Lagoas

²⁵ Escola Estadual Professor João Magiano Pinto, localizada na Av. Antônio Trajano, 1662 - Centro, Três Lagoas.

No que diz respeito ao período empreendido no trabalho, os anos 1970 foram marcados por uma forte repressão política, o AI-5, que vigorou por quase todo o período em questão, e o governo protagonizando o silenciamento das forças de oposição, o cerceamento das liberdades públicas, enquanto as denúncias de violação dos direitos humanos atingiam seu ápice²⁶ (SENADO, 2020).

Em meio aos enfrentamentos políticos brasileiros desse período, o Ministério da Educação e Cultura, por meio de seu departamento de EF, elaborou em 1971 uma Política Nacional de Educação Física e Desportos (PNED), que “entendia a Educação Física Escolar como causa e o esporte de alto nível como efeito”.

De acordo com Piccoli (2019 p. 507), o PNED defendia os seguintes objetivos fundamentais:

O aprimoramento da aptidão física da população; a maximização e a difusão da prática da Educação Física e do esporte estudantil; a elevação do nível técnico dos esportes, para o aprimoramento das representações nacionais; a implantação e a intensificação da prática do esporte de massa e a capacitação de recursos humanos necessários às atividades a serem desenvolvidas no sistema desportivo nacional, visava à melhoria da qualidade de vida do brasileiro, no que se refere à sua produtividade e a sua capacidade de viver e de desfrutar a vida.

A ênfase desse plano dependia de ações que viessem a melhorar a qualidade do ensino no país, sendo que para isso a iniciação esportiva, além de disciplina, melhorava os aspectos intelectuais e de saúde.

Além disso, a lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, uma reforma da Lei de Diretrizes e Bases (LDB/61), trouxe um novo fôlego para a educação brasileira nos anos 1970, e apontava objetivos específicos de ensino para as práticas educativas importantes para o momento de intervenção em que o Brasil vivia.

Segundo o art. 7º da reforma 5.692/71, “será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus”, colaborando para a institucionalização da EF no país.

Foi exatamente nesse período que a primeira formação superior em EF de Mato Grosso começa a funcionar, por meio do decreto nº 63.422/68, que instituía o Grupo de Trabalho para estudar o incremento de matrículas no ensino superior no país, e levantou dados estatísticos para a abertura de cursos considerados prioritários para o

²⁶ Esse período é conhecido como os “anos de chumbo”.

desenvolvimento socioeconômico do país das áreas ligadas ao setor primário, ao setor secundário e às profissões da saúde. Assim, de acordo com Benfica (2019, p.12):

Os cursos que funcionariam na sede da UEMT contemplavam as áreas indicadas como prioritárias pelo Grupo de Trabalho da Reforma Universitária/GTRU, com destaque para a área da saúde. A única ausência era o curso de Enfermagem, embora, em 1971, tivesse começado a funcionar o curso de Educação Física, ligado à área de saúde.

Para regulamentar os dispostos na lei 5.692/71, em 01 de novembro de 1971, foi decretado a Lei nº 69.450/71, que transcorria da seguinte forma:

Art. 1º. A educação física, atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora-forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constitui um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional.

Art. 2º. A educação física, desportiva e recreativa integrará, como atividade escolar regular, o currículo dos cursos de todos os graus de qualquer sistema de ensino.

Art. 3º. A educação física, desportiva e recreativa escolar, segundo seus objetivos, caracterizar-se-á:

I - No ensino primário, por atividades físicas de caráter recreativo, de preferência as que favoreçam a consolidação de hábitos higiênicos, o desenvolvimento corporal e mental harmônico, a melhoria da aptidão física, o despertar do espírito comunitário da criatividade, do senso moral e cívico, além de outras que concorram para completar a formação integral da personalidade.

II - No ensino médio, por atividades que contribuam para o aprimoramento e aproveitamento integrado de todas as potencialidades físicas, morais e psíquicas do indivíduo, possibilitando-lhe pelo emprego útil do tempo de lazer, uma perfeita sociabilidade a conservação da saúde, o fortalecimento da vontade, o estímulo às tendências de liderança e implantação de hábitos saudáveis.

III - No nível superior, em prosseguimento à iniciada nos graus precedentes, por práticas, com predominância, de natureza desportiva, preferentemente as que conduzam à manutenção e aprimoramento da aptidão física, à conservação da saúde, à integração do estudante no campus universitário à consolidação do sentimento comunitário e de nacionalidade.

A partir do presente decreto e de sua alínea (“§ 2º A partir da quinta série de escolarização, deverá ser incluída na programação de atividades a iniciação desportiva”), a esportivização escolar e infantil passou a ser o foco central das aulas de EF em todo território nacional, o que veio a contribuir subsequentemente aos acontecimentos que orientaram essa vertente esportivista educacional.

Paralelamente a isso, o Brasil vivia momentos delicados durante a intervenção militar, efeitos do governo do então presidente Emílio Garrastazu Médici. Em meio a isso, em 1970 o Brasil viveu sua glória no futebol, com a vitória da seleção brasileira masculina na Copa do Mundo do México, marcado por protestos esquerdistas e a pela

interferência política, quando o então presidente exigiu a convocação de Dadá²⁷ para a equipe que disputou o campeonato; contudo, ele ouviu a resposta do técnico da seleção, João Saldanha²⁸: “O presidente escala o ministério dele, e eu escalo o meu time”, o resultado disso foi a substituição de Saldanha por Zagallo.

Durante esse período, uso do futebol foi amplamente utilizado para aumentar a popularidade e melhorar a imagem do governo, e Médici posou para inúmeras fotos ao lado de Pelé²⁹ erguendo a taça e até cabeceando bolas. A ascensão do futebol foi tamanha que influenciou diretamente as escolas brasileiras, uma vez que já vinham de uma cultura esportiva implantada nos anos 1940, e passaram a cultuar o futebol como a marca da Educação Física no Brasil.

Enquanto isso, no estado de Mato Grosso, era instituída a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), com sede em Cuiabá, sendo que dentre seus diretórios era possível observar a criação de um Departamento de Desporto e Educação Física, instruindo que os alunos deviam praticar as atividades regulares de exercícios, por meio da Resolução do Conselho Diretor 02/1972 de 04 de janeiro do mesmo ano. Não muito tempo depois, em 30 de junho do mesmo ano, o Conselho Diretor 37/1972, criou a estrutura de Órgão Suplementar, dividindo-o em Setor de Educação Física, Setor de Desportos e Setor de Recreação.

Em 1975, é decretada a Lei nº 6.251 de 8 de outubro, que instituiu normas gerais sobre desportos do país. Esta lei organizava o desporto, considerando-o como atividade predominantemente física e com finalidade competitiva, exercitada segundo regras pré-estabelecidas. Em seu artigo 5º, a lei trazia também as Políticas Nacionais de Educação Física, descrevendo o seguinte:

Art. 5º O Poder Executivo definirá a Política Nacional de Educação Física e Desportos, com os seguintes objetivos básicos:
I - Aprimoramento da aptidão física da população;
II - Elevação do nível dos desportos em todas as áreas;
III - Implantação e intensificação da prática dos desportos de massa;
IV - Elevação do nível técnico-desportivo das representações nacionais;
V - Difusão dos desportos como forma de utilização do tempo de lazer.

²⁷ Dario José dos Santos, mais conhecido como Dadá Maravilha, é um ex-futebolista brasileiro que atuava como centroavante.

²⁸ João Alves Jobim Saldanha, foi um militante político, jornalista, escritor e treinador de futebol brasileiro. Atuou profissionalmente por alguns anos no Botafogo, mas abandonou a carreira e se graduou em jornalismo, tendo se tornado um dos mais destacados da crônica esportiva brasileira. Como técnico de futebol, levou o Botafogo ao título carioca de 1957 e a seleção brasileira a classificar-se para a Copa do Mundo de 1970. Foi afastado do comando da seleção nacional meses antes do início da competição.

²⁹ Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido como Pelé, é um ex-futebolista brasileiro que atuava como atacante. Ele é amplamente considerado como um dos maiores jogadores de todos os tempos.

Traçando as vertentes esportivas, competitivas e de promoção de saúde, a lei não se restringia somente a clubes esportivos, mas também a escolas, cabendo ao Ministério da Educação e Cultura elaborar o Plano Nacional de Educação Física e Desportos (PNED), como é possível observar:

Art. 6º Caberá ao Ministério da Educação e Cultura elaborar o Plano Nacional de Educação Física e Desportos (PNED), observadas as diretrizes da Política Nacional de Educação Física e Desportos.

Parágrafo único. O PNED atribuirá prioridade a programas de estímulo à educação física e desporto estudantil, à prática desportiva de massa e ao desporto de alto nível (n.p.).

O intuito da criação de delegações esportivas para disputar as competições de mais alto nível era de buscar nas escolas a descoberta de aptidões físico-desportivas que deveriam ser direcionadas aos mais diversos desportos.

Durante esse período, em Mato Grosso era criado na UFMT o curso de EF, por meio da Resolução N° 44 de 1976 (p.01-02), na qual a Reitoria considerava necessária a criação devido à falta de mão de obra qualificada para lecionar essa disciplina. Em seu parecer ele destaca:

CONSIDERANDO, ainda, o fato de o desenvolvimento regional estar exigindo imperiosamente a utilização de profissionais especializados em Educação Física, em virtude da expansão do ensino de 1º e 2º Graus, carentes de Professores ou Instrutores de Educação Física”. [...] Fica criado na Universidade Federal de Mato Grosso o Curso de Educação Física, que oferecerá, inicialmente, 20 (vinte) vagas.

Dessa forma, percebe-se a expansão e os rumos que a EF foi tomando no estado, de modo a formar novos profissionais para ministrar essas aulas nas escolas primárias e secundárias.

Tendo essas informações como base, entende-se que a escola foi o lócus da esportivização em massa durante os anos que se sucederam, e este fato ficou estabelecido com o Decreto n° 80.228, de 25 de agosto de 1977, que regulamentou e instituiu normas gerais sobre os desportos com a Lei n° 6.251 de 1975, que dentre suas novas deliberações, trouxe em seu art. 145:

As Secretárias de Educação e Cultura Estaduais ou Municipais, dos Territórios e do Distrito Federal, ou os órgãos a elas assemelhados, deverão criar Centros Interescolares de Treinamento Desportivo nos estabelecimentos oficiais de ensino dos 1º e 2º graus que já possuam instalações desportivas próprias, aproveitando os horários disponíveis durante o período regular e o período especial, com caráter extracurricular.

Assim, observa-se um período em que o desenvolvimento das aulas de EF adotou uma ênfase totalmente esportiva, principalmente a partir da quinta série. Bratch (1999, p.75) pontua essa relação da seguinte forma:

A pedagogia da EF incorporou, sem necessidade de mudar seus princípios mais fundamentais, essa “nova” técnica corporal, o esporte, agregando agora, em virtude das intersecções sociais (principalmente políticas) desse fenômeno, novos sentidos/significados, como, por exemplo, preparar as novas gerações para representar o país no campo esportivo (internacional). Tal combinação de objetivos fica muito clara no conhecido Diagnóstico da Educação Física/Desportos, realizado pelo governo brasileiro e publicado em 1971.

As presentes deliberações compactuaram para a constante organização social e desportiva do país, que ainda sofria com os impactos da intervenção militar e com a derrota da seleção masculina de futebol na Copa do Mundo de 1974, na Alemanha.

A partir dos anos de 1980, com a entrada mais acentuada das ciências sociais e humanas no campo da EF, a academia e os estudos publicados permitiram um movimento de análise crítica que quebrasse esse paradigma de aptidão física. Nesse viés, o chamado “movimento renovador” tem caráter fundamental na constituição da EF durante essa década (BRATCH, 1999).

Uma grande parte desse movimento renovador se deve à massificação de criação dos cursos superiores em Educação Física a partir da década de 1970, e da abertura de programas de mestrado em alguns estados brasileiros, a partir de 1980, o que permitiu a constituição do corpo docente dessas instituições, que começaram a pensar a prática educativa dessa disciplina de uma nova forma, baseando-se principalmente na análise da função social da educação. Segundo Antunes (2010 p. 34), “autores como Carmen Lúcia Soares, Celi Nelza Zülke Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht” passam a direcionar suas reflexões sobre a Educação Física e suas práticas para uma abordagem sociológica, quando publicam o livro intitulado “Metodologia do Ensino da Educação Física”.

Nessa visão, passa-se a entender que a Educação é indispensável para atender aos interesses imediatos da classe trabalhadora. Assim, Soares *et. al.* (1992, p.24) destacam: “Correspondem à sua necessidade de sobrevivência, à luta no cotidiano pelo direito ao emprego, ao salário, à alimentação, ao transporte, à habitação, à saúde, à educação, enfim, às condições dignas de existência”.

Essa disseminação de uma nova forma de pensar a Educação Física contrapõe a mecanização de sua prática, de forma a permitir que seus estudantes pensem de forma crítica sobre sua realização.

O processo de expansão de faculdades precedente a essa intervenção neoliberal propagada pelo regime em que vivia o Brasil até meados de 1986 tem reflexo imediato em Mato Grosso do Sul (MS), com a abertura de cursos de forma descentralizada da capital Campo Grande, processo que favoreceu o desenvolvimento da disciplina no estado, como por exemplo, a autorização de funcionamento do curso de EF Licenciatura, ministrado pela Faculdade de Educação Física e Ciências Econômicas de Fátima do Sul, mantido pelo Centro de Ensino de Fátima do Sul, por meio do Decreto n° 97.649 de 12 e abril de 1989, promulgado por José Sarney.

A partir de 1994, começam a surgir novos cursos, principalmente no sul do estado, fato explicado pelo grande desenvolvimento econômico local na década de 1980, sendo autorizados a funcionar o curso de EF nas cidades de Dourados, Ponta Porã e Cassilândia, além da capital Campo Grande, que passa a receber mais 4 cursos em faculdades distintas (NEIRA; ETO, 2005).

Apesar dos esforços gerados ao longo do tempo no intuito de problematizar as aulas de EF como portadora de ferramentas úteis à construção de uma nova cultura escolar, a legislação desportiva aprovada em 1993, em conjunto com as ações do então existente Instituto Nacional para o Desenvolvimento do Desporto (INDESP), contribuiu para a persistência do ensino dos esportes nas aulas de Educação Física nas escolas de ensino fundamental no Brasil, em detrimento de outras manifestações que poderiam ser ensinadas em conjunto.

Não obstante, a Secretaria de Educação Fundamental (SEF) do Ministério da Educação divulgou no final do ano de 1995 a primeira versão do que veio a se chamar Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), um documento elaborado por meio da contratação de uma equipe pela própria SEF/MEC (PICCOLI, 2019).

Por meio da participação maciça de diversos consultores, os PCN apresentavam princípios educativos numa proposta de articulação entre objetivos, conteúdos, orientações didáticas, além de critérios de avaliação na busca pelo aperfeiçoamento da prática pedagógica da EF. Contudo, o documento, não representava uma normativa, e sim uma direção norteadora para os professores, não dispensando a formulação de uma base comum para o país (PICCOLI, 2019).

Em 20 de dezembro de 1996, o governo passou a adotar sua segunda Lei 9.394 de Diretrizes e Bases, que visava trazer novos caminhos para a educação brasileira; contudo, para a EF nada mudou, e entre várias medidas provisórias que foram sendo lançadas e revogadas ao longo do tempo, o texto que se encontra em seu art. 26 é o seguinte:

- § 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno: (Redação dada pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)
- I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)
- II – maior de trinta anos de idade; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)
- III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)
- IV – amparado pelo Decreto-Lei no 1.044, de 21 de outubro de 1969; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)
- V – (VETADO) (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)
- VI – que tenha prole. (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003)

O que podemos observar é a obrigatoriedade a todo aluno da educação básica à participação na disciplina EF, exceto pelo exposto na Lei 9.394, assim como em sua antecessora LDB/61.

Esse dispositivo de lei pôde ser verificado na narrativa da professora Arlinda, que ao narrar sua trajetória no ensino de segundo grau nos conta um pouco sobre sua frustração em não poder participar das aulas de EF, relatando o seguinte:

E a gente adorava fazer Educação Física, eu adorava! Só que eu não podia fazer Educação Física, olha só como são as coisas! Eu não podia! Tinha que ser aluna dispensada de Educação Física, porque eu tinha que trabalhar! Era turnos diferentes a Educação Física na minha época, então era assim: antigamente tinha um decreto que aluno que trabalha... Porque nós tínhamos três aulas de Educação Física, e era período contrário; aí eu tinha atestado, o patrão assinava que eu não podia fazer Educação Física. Nossa... Aquilo pra mim era uma morte! Porque eu adorava, mas eu não podia fazer, porque eu tinha que trabalhar também; sabe como as coisas eram divergentes, né? Eu gostava, mas não podia!

Dando continuidade ao processo histórico que permeou as políticas no campo educacional da EF nos anos 1990, em consonância com a crescente corrente de pensadores de sua prática pedagógica e a formação de associações que buscassem garantir direitos de classe, foi criado em 1998, a Lei nº 9.696, de 1º de setembro³⁰, que

³⁰ No dia 1 de setembro passou a ser comemorado o dia do profissional de educação física.

dispunha sobre a regulamentação da profissão EF e a criação dos respectivos Conselhos Federal e Conselhos Regionais de Educação Física.

Sua prerrogativa era a designação dos profissionais devidamente regulamentados nos seus respectivos Conselhos, a fim de garantir que todo e qualquer profissional que trabalhasse com EF devia possuir um diploma obtido em um curso superior na mesma área. O documento ainda trazia o seguinte:

Art. 3º Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto (n.p.).

Essa designação foi importante, pois até aquele momento, diversos tipos de profissionais ainda trabalhavam nos campos pertencentes à EF sem a referida conclusão em curso de nível superior, como foi o caso dos militares nas escolas, ou os ex-atletas que atuavam como árbitros ou técnicos esportivos.

Em MS, após a posse dos conselheiros do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), em janeiro de 1999, iniciaram-se as reuniões plenárias para elaboração do estatuto e foram traçadas metas e estratégias para a criação dos Conselhos Regionais de Educação Física (CREF). Segundo o site do CREF11, (2019, n.p.):

No Estado de Mato Grosso do Sul, os Professores de Educação Física Mauricio Bernardo Aguiar, Eliana de Mattos Carvalho, Marcelo Ferreira Miranda e Luiz Antonio de Souza (Xamba) começaram a percorrer todo o estado, divulgando a regulamentação da Profissão de Educação Física e fazendo diversos registros de Profissionais, na tentativa de conseguir maior número possível de profissionais para viabilizar a criação do nosso CREF. [...]Em março de 2000 foi a data limite para o CONFEF analisar o número de registrados por região. Campo Grande foi a cidade escolhida para compor o Conselho Regional de Educação Física – CREF6 sediado em Belo Horizonte – MG. [...]Em março de 2002 a Seccional/MS-MT como já falamos, vinculada ao CREF6/MG transformou-se em Regional, atendendo um pré-requisito exigido pelo CONFEF, que era registrar pelo menos 2000 (dois mil) profissionais. E assim surgiu o Conselho Regional de Educação Física - CREF11/MS-MT com sede em Campo Grande - MS.

Esse marco foi importante para a categoria profissional nos estados de MS e MT, pois por meio do CREF11 diversos direitos trabalhistas e salariais foram sendo conquistados pelos profissionais com o passar dos anos.

Os estudos acadêmicos disseminados via rede, com o MEC e professores convidados, começaram a pensar já no ano 2000 a formulação da legislação e dos documentos oficiais que viriam a nortear as políticas do ensino no Brasil, e consequentemente em MS (SILVA, 2019).

Como o artigo 26 estava gerando inquietações em relação à obrigatoriedade da Educação Física na Educação Básica, a Lei 10.328, de 12 de dezembro de 2001, introduz a palavra “obrigatório” após os termos “componente curricular” e ameniza tais preocupações, tornando a Educação Física um componente curricular obrigatório na Educação Básica (Educação Infantil, Ensinos Fundamental e Médio) (PICOLLI, 2019).

Além disso, as políticas brasileiras que voltavam seu olhar para a educação trouxeram, no final do século XX e início do XXI, ferramentas que buscavam uniformizar a educação básica brasileira; contudo, sem uma obrigatoriedade, como foi o caso dos PCN e mais tarde dos Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental e Médio de Mato Grosso do Sul (RCEFM-MS), elaborados em 2007 e distribuídos em 2008 para todas as escolas do estado, produzidos com o intuito de uniformização do ensino; porém, não garantindo sua real utilização dentro das unidades escolares.

Os RCEFM-MS distribuídos em 2013 trazem em sua sexta página o seguinte:

Os Referenciais Curriculares da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul baseiam-se em princípios e prioridades de democratização, trazem reflexões e orientações metodológicas para o ensino e a aprendizagem dos estudantes, numa pluralidade contextual das áreas do conhecimento para as práticas de ensino, expondo uma visão de planejamento sistêmico e participativo a ser desenvolvido nas escolas.

Essa democratização continua num estado de busca contínua, uma vez que as diretrizes propostas não tinham um caráter obrigatório, e sim norteador, com conteúdos a serem desenvolvidos. Além disso, a entrada da Educação Física no seguimento de Linguagens trouxe uma nova perspectiva de atuação de seus profissionais, que passaram a desenvolver mais atividades relacionadas aos significados de suas ações enquanto cidadãos, saindo do campo de uma prática meramente esportiva e mecanicista, passando a ser uma disciplina produtora de cultura. O mesmo documento traz (p.22):

A **cultura** pode ser conceituada como a produção coletiva e social de toda vida humana, na intenção de organizar e garantir a vida em grupo, tendo como resultado a produção de suas expressões material e simbólica, com representações e significados que orientam a organização da sociedade (grifo do autor).

Assim, a Educação Física vai ganhando um novo status enquanto área de conhecimento e desenvolvimento integral do estudante.

A evolução educacional que culminou no sistema que temos hoje é resultado direto desse processo histórico, principalmente orientado pela Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que regulamentou o Plano Nacional de Educação (PNE), com vigência de dez anos, contendo um total de vinte metas para a melhoria da qualidade da educação básica brasileira, sendo que, desse total, quatro delas referiam-se sobre a implementação de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Em 14 de dezembro de 2018, o então Ministro da Educação, Rossieli Soares, homologou o documento da Base Nacional Comum Curricular para o ensino médio, conforme previsto e definido desde a LDB/96 que a Base deveria nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio.

Essa Base foi construída no intuito de estabelecer conhecimentos, competências e habilidades que se espera desenvolver ao longo do período escolar em todos os estudantes do país.

O ensino de EF não ficou de fora, sendo construída uma sistematização curricular a ser desenvolvida em todas as etapas do ensino básico que buscasse garantir uma educação com formação humana integral, contribuindo para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

A história da constituição da EF como disciplina escolar, como componente curricular ou como curso superior foi permeada de lutas, reivindicações e, acima de tudo, ressignificações; e apesar do processo histórico ser marcado por eventos que buscam retratar sua trajetória, as experiências vividas pelos atores dessa “jornada” representam um valor extremamente significativo para sua constituição enquanto campo de transformação social e cultural.

Desta forma, o capítulo 3 traz algumas narrativas de professoras de Educação Física que de alguma forma participaram desse processo histórico, rememorando e ressignificando suas experiências, trazendo à luz do presente suas reminiscências do passado.

3 – AS EXPERIÊNCIAS DA VIDA EXTRAESCOLAR E ESCOLAR

Trago em meu corpo as marcas do meu tempo

Taiguara, “Hoje” (1968)

Neste capítulo, abordaremos os aspectos que compuseram a vida extraescolar e escolar das professoras que participaram do estudo. Serão apresentados os elementos que fizeram parte de sua família e infância antes e/ou concomitante ao período de escolarização, tendo como objetivo compreender os aspectos de cultura familiar e as concepções sobre a infância e representações como as atividades desenvolvidas, o meio lúdico, o contexto social e os valores, sentimentos e escolarização.

De acordo com Daolio (2009), as pesquisas realizadas com os professores devem considerar suas próprias histórias de vida. Dentre as reflexões do autor, citamos, neste tópico, os seguintes apontamentos: “Que tipo de crianças foram? Como brincavam?” (DAOLIO, 2009, p. 18). Essas perguntas se tornam pertinentes ao estudo, no sentido de que auxiliam no direcionamento dos encaminhamentos metodológicos propostos pela HO.

As “marcas do meu tempo”, como citado na abertura do capítulo, fazem jus às histórias de vida, às experiências perpassadas ao longo da vida que influenciam na forma como vamos nos desenvolvendo enquanto pessoas.

Da mesma forma, Goodson (2000, p. 71) traz que:

As experiências de vida e o ambiente sociocultural são obviamente ingredientes-chave da pessoa que somos, do nosso sentido do eu. De acordo com o “quanto” investimos o nosso “eu” no nosso ensino, na nossa experiência e no nosso ambiente sociocultural, assim concebemos a nossa prática (Grifos do autor).

Ao entender que não há separação entre pessoa e profissional, a percepção do “eu” vem a esclarecer a importante função na forma como essas experiências foram construídas ao longo da vida.

Desse modo, assim como proposto por Nóvoa (2000), pactuamos do conceito proposto, em que “identidade pessoal” é construída no decorrer das trajetórias, partindo das vivências enquanto filhos, alunos e, posteriormente, professores, transpondo esse conceito de identificação e reconhecimento do “eu” em uma “identidade profissional”.

Nessa perspectiva, procuramos abordar alguns aspectos que consideramos pertinentes para o estudo, caracterizando a constituição dessas experiências e problematizando-as ao final de cada tópico, de forma a assumir essas histórias de vida como referencial teórico e metodológico desta pesquisa.

3.1 APONTAMENTOS SOBRE A VIDA EXTRAESCOLAR DA PROFESSORA ARLINDA

Filha de Aloizio Gomes de Andrade e de Ana Ambrozina de Andrade, ao iniciar sua entrevista, a professora Arlinda (ANDRADE, 2019) contou de forma extremamente emocionada que seu pai, que era ferroviário, veio de Pernambuco (ANDRADE, 2019), “[...] veio praticamente como imigrante né, lá do Nordeste”, para auxiliar na construção da ponte da estrada de ferro de Três Lagoas. Sua mãe foi funcionária pública e trabalhou por todo o período na escola Dom Aquino Correia³¹.

Arlinda relatou que era a mais velha entre quatro irmãs, todas nascidas e criadas na cidade de Três Lagoas, e que demorou bastante para se casar, pois sempre se dedicou aos estudos e ao trabalho (ANDRADE, 2019): “[...] a mais nova que eu, casou; a outra, a caçula, casou e eu sempre estudando e trabalhando”.

FIGURA 5 – Professora Arlinda na infância (1963).



Fonte: Acervo da professora Arlinda.

³¹ Escola Estadual Dom Aquino Corrêa, localizada na Av. Dr. Clodoaldo García, 513 - Santos Dumont, Três Lagoas.

A Figura 4 apresenta a foto da professora Arlinda com quatro anos de idade.

Ao falar sobre suas origens, a professora relatou que toda sua família sempre morou em Três Lagoas, perpassando sua infância, adolescência e vida adulta nesta cidade, constituindo, também neste local, sua própria família. Segundo a professora (ANDRADE, 2019):

[...] todos nós sempre moramos em Três Lagoas. É... Nós morávamos antigamente... Assim, quando nós éramos crianças nós éramos do bairro Santa Terezinha aí depois meu pai conseguiu uma casa ali da NOB³², é bem pertinho da estação, aí nós mudamos para lá do tempo que eu fazia faculdade, eu morava ali pertinho da estação. Aí depois ele construiu uma casa lá no Santa Terezinha³³ e nós retornamos pro Santa Terezinha novamente, no mesmo lugar assim que nós passamos a infância passando nossa infância nós voltamos pra lá, e nessa, esse retorno pro Santa Terezinha, só faltou eu... eu e minha outra irmã que é a do meio; as últimas duas, a mais nova que eu e a caçula já tinha casado, e quando eu voltei para lá eu fiquei meio ano lá, aí eu me casei e me mudei.

Arlinda destacou de forma emocionada em sua entrevista que sua infância foi marcada por trabalho, pois em sua concepção, somente o trabalho e o estudo poderiam lhe proporcionar uma vida melhor, conforme narra (ANDRADE, 2019): “[...] eu sempre trabalhei, sempre trabalhei, eu fui aquela pessoa que assim, sempre quis ter alguma coisa, foi uma infância muito difícil”. Para a professora, a vontade de “vencer na vida” teria que ser por meio dos estudos (ANDRADE, 2019): “[...] você tem que estudar para ser alguém, então sempre fui aquela pessoa assim, eu queria vencer; então pra vencer teria que ser estudando, né. Então eu estudei muito assim, eu tinha essa vontade de vencer”.

Para a professora, esse fato se deve à criação rigorosa de seu pai, que destacava para ela a importância de ser honesto e manter a dignidade, demonstrando os valores familiares empregados à professora durante sua criação. Segundo relatou (ANDRADE, 2019):

[...] se a gente quer alguma coisa, meu pai falava, a gente tem que ser honesto uma coisa que meu pai sempre falou para mim, você tem que ter nome... Uma coisa que a gente tem que ter na vida é nome, ser honesto cuidar do seu nome e trabalhar, estudar e trabalhar porque se você não cuidar do seu nome ninguém cuida do seu nome [...] meu pai sempre falou que seu nome é a coisa mais preciosa que tem. Quando você chegar e perguntar, ele falava, quando alguém chegar e perguntar por você, ele tem que ter uma referência sua e seu nome é sua referência e sua referência tem que ser sempre uma referência boa, fulano de tal... É uma pessoa honesta, ele paga as contas dele, é uma pessoa trabalhadora, meu pai era muito rígido, rígido.

³² Ferrovia Noroeste Brasil, eram casas cedidas a funcionários da ferrovia próximas à estação.

³³ Bairro Três Lagoense, localizado próximo à estação ferroviária.

Arlinda relatou que essa educação rígida a tornou uma pessoa “bloqueada”, e segundo ela (ANDRADE, 2019):

[...] Às vezes eu via as crianças é... Brincar de pé na lata, à noite... É que meu tempo tinha esses negócios, que vizinho brincava de pé na lata, brincava de esconde-esconde, mas eu não podia, eu não podia meu pai não deixava [...] meu pai falava que esse negócio de ficar na casa dos outros, só aprende o que não deve, tem que ficar dentro de casa sabe... Então era demarcado mesmo assim que não tinha, tanto que hoje, Deus me livre!

Apesar dos valores empregados pelo pai e da constante rigidez instituída em sua infância, a professora Arlinda relatou que teve uma infância feliz; porém, não era uma infância carinhosa (ANDRADE, 2019): “[...] carinho ficava muito a desejar antigamente... O carinho ficava muito assim, além...”, pois “antigamente”, conforme relatou, o importante era os pais proporcionarem aos filhos os suprimentos necessários para sua criação (ANDRADE, 2019): “[...] os pais antigamente, não eram amorosos, você entende? Eu acho aquela coisa assim, que era... É... Pai ia trabalhar... E antigamente era assim, é dar o importante pro filho dele, é roupa, é escola”.

FIGURA 6 – Professora Arlinda com os Pais (1980)



Fonte: Acervo professora Arlinda

Com suas irmãs, a professora relatou que sempre teve um bom relacionamento, mas que não era de “brincar”, pois como era a mais velha das irmãs, sua maior obrigação era de cuidar delas e de sua casa para que seus pais trabalhassem, conforme narrou (ANDRADE, 2019):

[...] mas o que, que aconteceu... A gente brincava, mas só que o seguinte, como eu era a mais velha [...] uma das mais velhas, eu que sempre tinha a responsabilidade de cuidar das outras, de cuidar das outras irmãs como eu era a mais velha eu cuidava das outras irmãs, pra minha mãe trabalhar, pra minha mãe lavar roupa, eu tinha que limpar casa, eu tinha que fazer comida eu tinha que fazer tudo. [...] Sempre com muita responsabilidade! Brincar mesmo... (fez cara de desaprovação), tanto que nem na rua eu podia brincar né... Aí... (grifos meus).

Seguindo com sua entrevista, a professora relembra que esse período de sua infância a marcou, e relatou que para que pudesse “sair dessa vida” (de ter obrigações com as irmãs e com sua casa), buscou refúgio no trabalho, começando desde muito nova como babá de sua vizinha, e apesar das repreensões sofridas pelo pai, este a incentivou a arrumar um emprego no qual ela pudesse ter “seu próprio dinheiro” (ANDRADE, 2019):

Então eu pra num ficar nessa vidinha de ter que cuidar das irmãs, eu vi que eu era meio espertinha eu falei: O que? Eu vou ficar aqui só cuidando das minhas irmãs? Eu vou é trabalhar fora! Ai eu já arrumei serviço, eu acho que com 10 anos eu já comecei a ser babá, empregada, ai eu fui empregada doméstica de uma vizinha lá, e já fui ser babá e limpar a casa dela pra ganhar um dinheirinho, aí nisso, aí meu pai falava: Não! Você está estudando não vai fazer isso não! Aí meu pai pegou, e arrumou um serviço pra mim, o meu primeiro serviço como... Meu primeiro serviço foi... Na lotérica, não lembro se foi na lotérica ou na livraria, eu não sei qual dos dois, se foi na lotérica ou se foi na livraria... Acho que foi na livraria! Meu pai trabalhava com outro empregado da estrada que tinha uma livraria, e acho q ele falou que eu gostava... Né... Que eu era muito impossível e queria ganhar dinheiro, ele falou: Não, manda ela pra mim que é pra trabalhar! E eu fui trabalhar, aí estudava e trabalhava meio período. Ah, quando eu vi que podia estudar e trabalhar meio período e ganhar meu dinheirinho... Nunca mais eu parei de trabalhar... (Risos). Então brincar meus com minhas irmãs eu nunca fui de brincar, nunca fui...

A vida da professora permeada por responsabilidades e pela vontade de ter “uma vida melhor”, conforme relatou, fez com que o trabalho sempre estivesse presente em sua vida (ANDRADE, 2019): “Eu comecei a trabalhar praticamente no que eu te falei. Com nove anos eu já era babá. Dez, [...] Aí doze anos eu fui para o comércio. E depois eu não saí do comércio”. Arlinda, colocando o trabalho muitas vezes como

prioridade frente a outras atividades, como foi o caso da participação nas aulas de EF, relatou (ANDRADE, 2019):

E eu precisava do dinheiro, eu precisava trabalhar, pra me manter, porque meu pai falava: olha, se você quer sair com uma roupa melhor, se você quer ter uma roupa melhor, você tem que trabalhar. Eu conheci várias pessoas, que dentro de casa o pai fazia pagar a água, pagar a energia, né? Ajudar em casa... Mas meu pai sempre: Você vai trabalhar, o dinheiro é seu! Eu não quero saber do seu dinheiro e no que você vai gastar desde que você saiba gastar e que honre com seus compromissos! Então meu pai nunca fez eu comprar 1 kg de carne pra dentro de casa. Mas é... eu que... Gostava mesmo e queria trabalhar né. Então educação física eu não podia fazer! Eu era aluna dispensada.

Ao chegar à vida adulta, Arlinda narrou que a aproximação com seu pai ficou mais estreita, pois durante sua trajetória de vida a professora relembrou que sempre “bateu muito de frente” com ele. Segundo relatou (ANDRADE, 2019):

Eu falei pra você que eu era a “filha do papai”, mas eu aproximei muito do meu pai, depois que eu fiquei adulta, por que eu bati muito de frente com meu pai, meu pai era daquele muito carrasco e eu que batia de frente com ele, e eu conquistei tudo... Sabe? Pra mim sair de casa ele falou: filha não casa! Quando eu fui casar ele não queria que eu casasse. Ele falou: mas porque que você vai casar? Você uma pessoa que tem tudo! Porque na época que eu fui casar eu tinha casa... Eu tinha carro... Eu viajava pra tudo quanto é lado... Eu já tinha trabalho, viajava duas três vezes no ano... Tal... E ele falava: filha se eu tivesse a vida que você tem, eu nunca ia casar! Eu falei: Pai, mas eu cansei! Vai indo você enjoa, eu enjoei da vida de solteiro, eu quero casar!

Conforme relatou, sua independência a levou a fazer escolhas, e ao enfrentar e “bater de frente” com seu pai, Arlinda decidiu se casar e constituir sua própria família. Sobre isso, (ANDRADE, 2019) relatou que:

[...] me casei com um professor de educação física... (risos) para variar eu me casei com professor de educação física, tive dois filhos com ele nos separamos ele é o Silvio Guedes e quem é o pai dos meus filhos ele não atua mais na educação física e depois eu tenho dois filhos já falei para você né que é o Lucas e a Taís quando a Taís tem 28 anos termina esse ano doutorado em biologia o Lucas se formou ano passado em design os dois moram fora ela mora em Rio Claro ele mora em Curitiba.

Nesse sentido, a professora relata que devido à sua criação e à relação estreitada com o pai, durante o processo de separação seu pai não se manifestou, pois sabia e respeitava a decisão da filha, conforme segue (ANDRADE, 2019):

Tanto que o dia que eu separei, que eu falei que ia separar ele não falou um “A” pra mim. Sabe ele me respeitou! Eu vou me separar, mas não vou vir pra dentro de casa, uma coisa que eu aprendi, você separou você tem que ter o seu espaço, o dia que eu sai eu nunca mais voltei. Mas eu bati muito de frente

com o meu pai, então eu conquistei todo o meu espaço, e depois ele me respeitava.

Após isso, a professora se casou novamente e hoje vive com seu atual marido (ANDRADE, 2010):

Então agora eu me Casei novamente e... tem... Ah já até perdi as contas pelo tempo que eu acho que tem 15 anos que eu tô casada, casada novamente com professor Petrônio também é professor não de educação física, mas ele é professor também nós estamos casados agora.

3.1.1 APONTAMENTOS SOBRE A VIDA EXTRAESCOLAR DA PROFESSORA MARLI

A professora Marli (SANTOS, 2019) iniciou sua entrevista com empolgação, referindo-se ao tempo que já está morando na cidade de Três Lagoas (SANTOS, 2019): “atualmente eu estou com 55 anos, em Três Lagoas já vai fazer agora no mês de março 31 anos que estou em Três Lagoas”.

FIGURA 7 – Professora Marli na infância (1970).



Fonte: Acervo da professora Marli.

Nascida e criada em Marília (SP), a professora relembrou sua infância, de forma emocionada, relatando que naquele período as coisas eram muito difíceis;

contudo, sua mãe não media esforços para que os filhos estudassem (SANTOS, 2019): “Enquanto criança nossa vida não foi fácil [...] minha mãe trabalhava de doméstica pra poder assim é nos ajudar né [...] minha mãe sempre foi muito guerreira”.

FIGURA 8 – Mãe (direita) e irmã (esquerda) da professora Marli



Fonte: Acervo da Professora Marli.

Ao relembrar da mãe, Marli contou sobre a dedicação empregada por aquela, e que apesar de ter tido o pai sempre presente em casa como provedor das necessidades familiares, sua mãe é quem comprava seus materiais escolares. Segundo ela (SANTOS, 2019): “Só que minha mãe é que comprava coisas pra mim que eu precisava na escola, meu pai era sempre coisa mais de casa tudo mais né”.

FIGURA 9 – Pai da professora Marli.



Fonte: Acervo da Professora Marli.

A professora relatou o cuidado que sua mãe tinha com relação às coisas que faziam parte da sua escola (SANTOS, 2019):

E assim as minhas roupas na época tinha uniforme era aquele short vermelho, fofinho na coxa, era sainha branca, que você deixava alvejada minha mãe lavava, só que a minha, a minha sainha ela era meia assim amarelinha, porque a gente ganhava roupa na época, e nesse ganhar roupa a minha mãe fazia a barrinha dela pra mim, eu gostava de tudo mais curto sabe e o shortinho era maior que eu praticamente, bem fofo na perna sabe, eu sempre fui magrinha né, e então a gente ganhava e com essa roupinha eu sempre ia sempre limpinha.

Sobre a infância, Marli declarou que era uma criança alegre e que gostava de brincadeiras animadas e ativas (SANTOS, 2019):

Eu brincava muito né, a gente ia assim, a gente corria, tinha uma mina lá perto de casa, a gente ia na mina de água, corria aquela agua branquinha, limpinha, a gente ia, brincava, corria na chuva fazia comidinha como dizia o outro, né, brincava de casinha né, e tudo saudável, assim, brincava as meninas os meninos da rua né, era tudo saudável sabe, eu não tinha essa coisa que tem hoje em dia que é tudo malícia né, era tudo na base da amizade, mas meu pai não gostava, porque quando tinha menino meu pai não gostava então a gente brincava mais as meninas, no caso né, ai minha mãe ia trabalhar a gente corria escondido, corria na chuva, minha mãe chegava já estava todo mundo limpinho que eu dava banho em todo mundo pra poder minha mãe chegar e pegar a gente limpinho e a obrigação a gente sempre tinha em casa, eu aprendi a cozinhar com sete anos de idade né, eu fiz meu primeiro arroz com uma cebola todinha cortada o arroz secou e a cebola estava por cima do arroz, mas estava gostoso, bem picadinho sem salgar e assim foi minha vida essa luta.

Determinada a ajudar, Marli relata que além de estudar e praticar esportes, ainda ajudava sua vizinha a cuidar de quatro bebês, para que esta pudesse trabalhar. Segundo a professora (SANTOS, 2019), naquele período:

[...] eu ainda cuidava de crianças, são 3 meninas e 2 menino, eu cuidei dos 4 desde bebê, e num ganhava 1 centavo por isso, era tudo no muito obrigado, na camaradagem e eu era tratada muito bem na casa deles, e eles eram pobres também, mas assim, como a gente morava um do lado do outro eu cuidava das crianças pra mãe trabalhar de doméstica, quando eu era adolescente, e foi isso até quase, assim, no ensino médio meu, eu cuidando dessas crianças pra ela trabalhar também que ela lutava muito né.

Para professora, as brincadeiras e as atividades esportivas sempre estiveram presentes, acompanhando-a por toda a juventude. Sobre o período de escola, Marli relembrou sua paixão pelos esportes e a primeira viagem para uma competição ainda bem novinha, e com muita resistência dos pais. A professora expôs que (SANTOS, 2019):

eu fui uma vez só jogar fora né, fora da cidade fui num time e eu sempre gostei de basquete eu gosto muito de esporte de ação né então eu fazia basquete na escola e então eu fui viajar numa cidade próxima que era Tupã, fomos e voltamos no mesmo dia, minha mãe deixou assim nos trancos e barrancos, aquela família tradicional, ai quantos anos eu tinha? Uns 12, mais ou menos uns 12 anos.

O esporte, que sempre acompanhou a professora, lhe possibilitou muitas coisas na vida, entre elas o estudo. A professora, que na infância jogava basquete, passou a se dedicar ao atletismo, e foi em meio a treinos e competições que ela foi se formando mulher. Dentre suas memórias, a professora relembrou de seu técnico, e de forma carinhosa contou (SANTOS, 2019):

Meu técnico Neo Samura, lá de Marília, ainda vivo até hoje né quando as vezes é raro acontecer de eu ir lá na minha cidade, encontrar ele eu fico muito tocada por que era assim, parte da família da gente, por que estava todos os dias ali no estádio lá de Marília pra poder treinar né, eu fazia meio fundo, eu fazia prova de 800, 1.500 e 3.000, então exigia muito né, eu corria 10 km por dia, 8, as vezes 7, eu fazia muita musculação e também tinha o trabalho de base lá no estádio que a gente treinava né, assim, pra poder reforçar a musculatura que era a musculação, tração com pneu, então conheci muitas pessoas diferentes de vários estados, eu fiz muita amizade.

Nesse sentido, ao contar sobre sua escolha pela EF, a professora relatou que o esporte foi a principal influência em sua vida (SANTOS, 2019):

Eu já queria, por que eu fazia atletismo, né, e eu sempre gostei de esporte, ver essas coisas legais, e eu me espelhava muito no meu técnico nos meus amigos, quem que era ajudante do meu técnico que era o nosso instrutor.

FIGURA 10 – Professora Marli em competição



Fonte: Acervo da Professora Marli.

Ao relembrar sua experiência e carreira como atleta, Marli falou com emoção sobre seus amigos e sua trajetória (SANTOS, 2019):

Menino, essa vida de atleta foi uma loucura, conheci vários Estados, conheci várias pessoas que deixou muita saudade na minha vida. Alguns são raros que eu tenho contato, eu como não tenho *Facebook*, eu não gosto [...] eu só tenho *WhatsApp*, depois de muita resistência, eu tenho *WhatsApp*. Então alguns eu ainda converso bem pouco pelo *WhatsApp*, mas foi uma loucura. E eu viajei muito, conheci muita gente, participava dos jogos abertos, dos jogos regionais [...] jogos estaduais, eu tenho bastante medalha, tem troféus. Eu fazia muita corrida de rua lá na minha cidade mesmo, principalmente. Campo Grande, fui umas duas vezes e outras cidades a fora que eu conheço, que eu já fui também.

3.1.2 APONTAMENTOS SOBRE A VIDA EXTRAESCOLAR DA PROFESSORA VERÔNICA

A professora Verônica (MENDONÇA, 2020) foi criada em Três Lagoas (MS) e sempre morou na mesma casa desde que nasceu. É uma das filhas de cinco irmãos de pai ferroviário e mãe dona de casa. Verônica iniciou sua entrevista relatando sobre sua infância, à qual considerou uma infância feliz e inocente, segundo a professora (MENDONÇA, 2020):

A gente brincava de roda, brincava de pega-pega, eu era bem moleque, eu gostava de birola, empinar papagaio ou pipa, brincava muito na rua, boneca não era o meu forte, subir nas árvores, fazer balanço, eu gostava de circo, essas coisas, então foi tranquilo porque naquela época era muito bom, a gente era criança. Então a gente foi muito arteira, bem danada, eu era o moleque da casa, meu irmão era mais medroso, eu não, era mais atrevida para os brinquedos, nossa, aqueles pés na lata, aquelas coisas, nossa.

Ainda narrando sobre sua infância, Verônica contou com saudades que (MENDONÇA, 2020): “Ao lado aqui³⁴, (apontou com a mão indicando a direção) era tudo areia, pedregulho, não tinha casa por aqui, era um “trieiro”, da minha casa assim fazia um trieiro”. Ao atravessar essa passagem, a professora ia de encontro ao pai que saía do trabalho, e não se sentia amedrontada de ir sozinha, pois ali, segundo relatou, era seguro (MENDONÇA, 2020): “Quer dizer, era tão tranquilo que era trieiro, é mato para todos os lados e você andava ali no meio tranquilo, nossa, foi muito bom, que saudade que dá daquele tempo”.

³⁴ Referindo-se à rua lateral da rua que está localizada a casa da professora.

FIGURA 11 – Verônica na infância (1949)



Fonte: Acervo da Professora Verônica

Discorrendo sobre isso, a professora continuou seu relato de forma emocionada, falando dos períodos de brincadeiras e dos piqueniques que sua mãe gostava de organizar (MENDONÇA, 2020):

Minha mãe gostava muito de fazer piquenique, então juntava os vizinhos, o Airton, a família e a gente ia para o córrego da onça, esse era o passeio de final e semana. Fazia panelada de comida, e eu como era pequena ia sempre no colo de alguém, porque eu era apertadinha assim, eles punham no “cangote”, o Airton, a irmã dele, me colocava no “cangote” e ia, naquela época usava chinelinho, essas coisas, ou descalço, subia no pescoço deles e ia embora, cada um levava as panelas de comida, chegava na beira do rio e achava uma árvore, era córrego ali, estendia todas as comidas, as panelas, e a gente ficava o dia inteiro no córrego brincando. Foi muito saudável, eu acho que meninos de hoje não aproveitam o que a gente aproveitou, foi muito, muito, muito bom, mas só coisas boas que eu lembro.

FIGURA 12 – Pai e Mãe da Professora Verônica



Fonte: Acervo da professora Verônica.

Ao seguir com a entrevista, a professora narrou que todos os esforços de sua mãe era para que seus filhos pudessem estudar, remetendo ao valor que sua família empregava aos estudos. (MENDONÇA, 2020): “Ela ralou, lavou muita roupa para fora para dar para os filhos o que ela não teve que foi o estudo. Ela falou: ‘a única coisa que eu posso dar é estudo’, então vamos”.

Por meio do incentivo dos pais e dos valores empregados ao estudo, a professora relatou que seus irmãos se formaram e seguiram carreiras por meio da educação que tiveram (MENDONÇA, 2020): “[...] o Marcelo que era o mais velho que foi padre, quase padre, e o Dario que hoje é Major da aeronáutica e estudou em seminário, depois ele voltou e seguiu carreira militar [...] a minha irmã Elza, era delegada de ensino na época”. Sua outra irmã, Bernadeth, também se formou professora e seguiu a carreira acadêmica.

3.2 ANÁLISES DA TRAJETÓRIA EXTRAESCOLAR DAS PROFESSORAS APOSENTADAS

Tendo como componente de referência às narrativas realizadas pelas professoras Arlinda Fátima, Marli Aparecida e Verônica Rosa (ANDRADE, 2019; SANTOS, 2019; MENDONÇA, 2020) e a literatura, podemos perceber a forte influência que concepções e valores têm no desenvolvimento do trabalho das professoras. Também podemos constatar as influências de pessoas que perpassaram essa trajetória de vida como pais, irmãos, vizinhos, professores etc. em suas formações pessoais e profissionais, configurando um processo que ocorre por toda a vida (TANCREDI, 2009).

Para Amorim Filho e Ramos (2010), os saberes docentes encontrados nas práticas da profissão são reflexos da trajetória construída por meio das vivências. Dessa forma, os autores exemplificam que (p. 226):

Esses saberes são transmitidos e apropriados fora da escola. Por exemplo, uma criança sempre brincou descalça, seja na rua ou em casa, e seus pais nunca a recriminaram por isso. Quando essa criança vier a ser um professor e deparar-se com um de seus alunos tirando o calçado para participar de suas atividades, isso poderá não lhe implicar em um ato de negação. O professor poderá resgatar, mesmo que em seu inconsciente, a relação de alegria, prazer e descobertas que uma criança vivencia ao brincar com os pés descalços.

Assim, a construção de saberes e de valores vão se sobrepondo e constituindo esse emaranhado de subjetividades que se desdobram em suas práticas.

A repreensão do pai da professora Arlinda, que relatou a “educação rígida” durante sua infância, caracteriza-se como aquisição de valores familiares e culturais em relação ao estudo, influências marcantes do convívio com a família (TARDIF, 2008).

Segundo Tancredi (2009, p. 17):

Não se pode negar que os conhecimentos prévios, as experiências, os valores, a cultura, entre outros aspectos, influenciam fortemente na maneira como os conhecimentos profissionais são construídos e, mais do que isso, em como são colocados em prática nas salas de aula e alterados ao longo do tempo.

Dessa forma, conforme segue o relato (ANDRADE, 2019): “meu pai era daquele muito carrasco”; “meu pai era muito rígido, rígido”; “eu fui uma pessoa muito bloqueada, porque meu pai, como ele teve só filha mulher, eu falo que ele criou a gente numa redoma”. Nesse contexto, Cunha (2014, p. 35) traz que “a vida cotidiana é a objetificação dos valores e conhecimentos do sujeito dentro de uma circunstância”. Assim, podemos visualizar, conforme a narrativa, as marcas profundas de sua convivência com o pai, e configura-se dessa forma a perspectiva de valores que o pai impunha para sua família.

Ao nos depararmos com isso, vamos compreendendo que os elementos que constituem o meio social e profissional perpassam o decorrer da vida de forma progressiva, e dessa forma, conforme pontua Daolio (2009, p. 23), o homem deve ser estudado “[...] em todas as suas práticas e os seus costumes”.

Para o autor, Daolio (2009, p. 17):

[...] professores traduzem, em sua prática docente, determinados valores segundo a forma como foram educados, como foram preparados profissionalmente, segundo a escola que trabalham, etc. É óbvio que a formação profissional é significativa nesse processo de tradução e filtragem de valores. Mas a história de vida desses professores também é.

Dessa forma, (TANCREDI, 2009) discorre sobre a caracterização do professor reflexivo que reflete sobre sua prática para apreender novas possibilidades. Assim, acontece também com a reflexão sobre seu passado, de acordo com Tancredi (2009, p. 17):

A reflexão e a pesquisa são elementos importantes para professores compreenderem melhor seus próprios conhecimentos, concepções e valores, para olharem de forma mais crítica a própria prática e para se disporem a alterá-la, tendo em vista aprendizagens mais profundas e significativas.

Essa reflexão pode ser observada quando a professora segue com sua explanação (ANDRADE, 2019):

Hoje eu não quero essa criação pros meus filhos de jeito nenhum (Risos), eu brinco com meus filhos, ele vem pra casa, ficam aqui sabe... Eu falo: filho vai sair cadê seus amigos? Vai, vai andar, vai fazer alguma coisa... Mas meu filho é super tímido, eu falo nossa se eu tivesse essa liberdade sabe... Mas...

Nesse sentido, a percepção e a reflexão se constituem importantes não só na atuação profissional, mas também no âmbito pessoal, nas relações sociais e afetivas. Esse exercício leva o indivíduo ao entendimento de suas ações e suas consequências, assim Tancredi (2009, p. 25) pontua que “os ‘antimodelos’, por sua vez, também podem ser fonte de aprendizagem para o que não deve ser feito quando se efetivar o exercício docente”. Não só no exercício docente, mas como em todo o contexto social.

Ao contrário da professora Arlinda, os relatos das professoras Marli e Verônica sobre a atuação veemente da mãe que (MENDONÇA, 2020) “não poupava esforços” para que as filhas estudassem, seguindo da descrição (SANTOS, 2019) “então minha mãe sempre foi muito guerreira”, corroboram a instituição de valores familiares.

Segundo (SANTOS, 2019): “Minha mãe trabalhava de doméstica pra poder assim é nos ajudar né, porque minha mãe assim, na época eu sempre tive pai também presente, mas minha mãe assim, ela sempre lutava muito nessa parte” emprega o valor que a mãe passava com relação à educação de suas filhas.

Além disso, valores como honestidade foram empregados no seio familiar, fato que concluímos segundo o relato (SANTOS, 2019): “a gente sempre foi pobre mas a gente sempre foi honesto”.

Esse ato de ver a mãe se esforçando para que Marli pudesse estudar foi determinante para que ela buscasse em sua trajetória profissional reconhecimento e dignidade.

Segundo Marli, os esforços de sua mãe (que trabalhou por algum tempo como faxineira) se convertiam na dedicação para que ela pudesse estudar, conforme relatou (SANTOS, 2019): “minha mãe, minha mãe trabalhando e sempre na semana recebia o dinheirinho tinha que dar tal coisa no dia, tal dinheiro, eu ia lá e comprava meus livros todinhos, não faltava 1 livro”.

No mesmo sentido, a professora Verônica foi impulsionada para os estudos, por meio do encorajamento e empenho da mãe que lavava roupas para fora e dos irmãos que vendiam bananas, e por mais que tenha reprovado algumas vezes durante a educação básica, nunca desistiu dos estudos, conforme narrou no trecho (MENDONÇA, 2020):

Ela ralou, lavou muita roupa para fora para dar para os filhos o que ela não teve que foi o estudo. Ela falou: “a única coisa que eu posso dar é estudo”, então vamos. A minha irmã mais velha, meu irmão, vendiam banana. Minha mãe comprava cacho de banana, eles saiam com a cesta na cabeça, vendiam para ajudar a pagar escola, porque as escolas eram todas escolas particulares.

A vida e a formação dessas professoras são caracterizadas pela educação familiar rigorosa, empregando valores como honestidade e pela valorização dos estudos.

Costa (2017) aponta que ao estudar três professores de EF aposentados no estado de SP, conclui que os valores adquiridos durante o processo de formação pessoal refletem no processo de atuação profissional. Segundo a autora, foi encontrada nas narrativas dos professores Costa (2017, p. 94) “uma educação familiar rígida, religiosa e de valorização dos estudos”.

Podemos entender que a composição de valores familiares se contextualizam na dimensão afetiva, uma vez que está relacionada nas expectativas que os pais esperam da formação dos filhos. Assim, Costa (2017, p. 99) entende que: “dimensão afetiva como um dos saberes construídos nas histórias de vida dos professores”.

De acordo com Betti e Mizukami (1997, p. 114), “a afetividade e o respeito são necessidades intrínsecas a quem se propõe a educar”. Dessa maneira, ao entendermos que as relações sociais e familiares, ao compor a formação humana afetiva, transpõem sua trajetória pessoal, resultando sua prática docente.

Assim, para Josso (2004, p. 31), “[...] as histórias de vida, no verdadeiro sentido do termo, abarcam a globalidade da vida em todos os seus aspectos, em todas as suas dimensões passadas, presentes e futuras e na sua dinâmica própria”.

3.3 TRAJETÓRIAS ESCOLARES

O tópico que trata sobre a trajetória escolar das professoras aposentadas tem por objetivo trazer à luz do conhecimento as experiências de vida dessas mulheres durante sua formação pessoal e educacional.

As narrativas apresentadas aqui mostraram como se deu o processo de escolarização dessas professoras, que ocorreu concomitantemente ao período de regime militar que vivia o Brasil, em conformidade com os reflexos que a educação vinha sofrendo durante as décadas anteriores ao período de 1970 (que compreende o trajeto escolar das aposentadas).

Para Moita (2000, p. 116-117), “numa história de vida podem identificar-se as continuidades e as rupturas, as coincidências no tempo e no espaço, as transferências de preocupações e de interesses, os quadros de referência presentes nos vários espaços do cotidiano”. Assim, as histórias de vida se constituem como uma metodologia que visa constituir uma via de acesso à investigação dessas continuidades, rupturas e coincidências propostas pela autora.

3.3.1 PROFESSORA ARLINDA

Ao iniciar a entrevista que diz respeito à sua trajetória escolar, a professora Arlinda relatou que começou seus estudos na escola “Batatinha”, que era uma escola que tinha perto de sua residência no município de Três Lagoas; porém, quando desativaram essa escola, a professora precisou se mudar para uma escola chamada “Alfredo Castilho”.

Segundo Arlinda, ela adorava estudar (ANDRADE, 2019): “Vish, era gostoso!”, contudo, gostava mesmo, era do caminho que ela e as irmãs faziam para chegar até o local. (ANDRADE, 2019) relatou: “Nós íamos andando, na linha do trem, aí era assim, quando a gente saía mais cedo a gente vinha, mas não podia, meu pai não gostava que a gente andava na linha do trem. Por quê? Porque era perigoso”.

Apesar da insistência de seu pai para que elas não seguissem andando pela linha do trem por ser perigoso, elas desobedeciam e seguiam para casa pelo caminho proibido (ANDRADE, 2019):

Ele falava: não é pra ir andando na linha do trem. Ai às vezes a gente saía mais cedo, aí que delícia, vamos hoje pela linha do trem e nós íamos equilibrando na linha do trem. E eu era “molóide” né, porque não dava conta, quase não brincava muito, e as meninas falavam: Ó vamos correr agora na linha do trem! E eu não dava muito conta de correr não! Eu ia andando assim e um medo! Se eu ouvia o trem lá longe e ele começava apitar eu já saía que nem doida correndo, não, não, não posso correr, e as meninas: não vamos ver quem vai passar, e a hora que o trem passava pra dar tchau.

É possível perceber pela fala da professora que atravessar e fazer seu caminho para casa pela linha do trem foi um momento marcante em sua vida no primário, quando segue em seu relato (ANDRADE, 2019): “Mas a gente assim, o primário o que mais me marcou no primário foi a linha do trem que a gente ia, pra escola, a linha do trem, o trem passava, mas foi gostoso!”.

Quando questionado para a professora se no ensino primário havia aulas de EF, ela respondeu que não (ANDRADE, 2019): “Não! Não tinha Educação Física no primário.

FIGURA 13 – Diploma de 1º grau da professora Arlinda.



Fonte: Acervo da professora Arlinda.

Seguindo prontamente com seu relato após essa pergunta, a professora contou que após o ensino primário acabar ela se mudou para a escola Bom Jesus³⁵ para cursar o ginásial. Para Arlinda, a escolha da escola era porque esta ficava situada bem longe de sua casa (ANDRADE, 2019):

Aí no ginásial eu fui estudar no Bom Jesus, e aí eu quis estudar bem longe de casa, (gargalhadas), não é, é que era umas das escolas melhores, e eu já falei não, eu não queria estudar ali no Afonso Pena³⁶, que era perto, eu quero estudar no Bom Jesus, e eu ia a pé, lá da minha casa, até no Bom Jesus, que hoje não é mais Bom Jesus.

³⁵ Faz menção à antiga escola chamada Bom Jesus da Lapa, hoje cede da escola Dom Bosco, administrada pelos Salesianos.

³⁶ Escola Estadual Afonso Pena, localizada na Zuleide Pérez Tabox, 444 - Centro, Três Lagoas.

Para a professora, seguir sozinha para a escola, ao escolher um lugar longe de casa, foi uma questão de independência, assim como foi a escolha por começar a trabalhar desde cedo.

Segundo Arlinda, quem estudava o ginásial durante o período matutino eram os ricos, “filhos de doutores”, e os pobres estudavam à noite porque tinham que trabalhar. Ao lembrar esses momentos de sua vida, a professora se emocionou e, conforme foi contando, seus olhos foram marejando (ANDRADE, 2019):

Mas ah, nossa Senhora! quando eu fui estudar ali, nossa... era estadual. Na nossa época a gente não estudava em escola particular, escola particular era só filho de doutor, e acho que aqui em Três Lagoas não tinha escola particular, aí naquela época era assim, quem podia estudava de dia, aí os pobres estudavam a noite porque tinham que trabalhar, você entende? E que os pais já tinham condições, que não precisava trabalhar estudava de dia, e quem era... Assim... Classe trabalhadora né... Estudava a noite... (se emocionou), então era classificado desse jeito. Então trabalhador estudava a noite, de dia era os filhos de papai, estudavam todos de dia, fazia magistério de dia, faculdade, pedagogia de dia, e quem não podia, tinha que estudar só à noite.

Ao narrar sobre esse episódio, a professora se emocionou e relatou que a vida foi acontecendo, e que algumas coisas “a gente” não vai percebendo. Para Arlinda, esse momento realmente marcou sua vida, a professora relatou que (ANDRADE, 2019): “Você mexeu numa ferida muito grande! Porque o seguinte, eu não tenho sabe... As coisas acontecem naturalmente e a gente não vai percebendo né...”.

Ao comentar sobre as aulas de EF que tinha no curso ginásial, a professora contou que adorava fazer EF, contudo, como apresentado no capítulo 2, ela não podia frequentar as aulas, pois tinha que trabalhar no período contrário e assim era dispensada de realizar as atividades (ANDRADE, 2019):

E a gente adorava fazer educação física, eu adorava! Só que eu não podia fazer educação física, olha só como são as coisas! Eu não podia! Tinha que ser aluna dispensada de educação física, porque eu tinha que trabalhar! Era turnos diferentes a educação física na minha época, então era assim: antigamente tinha um decreto que aluno que trabalha... Porque nós tínhamos três aulas de Educação Física, e era período contrário, aí eu tinha atestado, o patrão assinava que eu não podia fazer educação física. Nossa aquilo pra mim era uma morte! Porque eu adorava, mas eu não podia fazer, porque eu tinha que trabalhar também, sabe como as coisas eram divergentes né? Eu gostava, mas não podia!

Apesar de não poder participar das aulas de EF, a professora relatou que sempre que podia participava de desfiles, de fanfarras, pois eram atividades que lhe eram prazerosas (ANDRADE, 2019):

[...] mas eu assim... Quando tinha o desfile, e eles diziam assim: quem num pode vir vai ser tirada da sala pra desfilar, ai eu ia desfilar! Ai às vezes eu pedia uma dispensa. Pegava um horário pra ensaiar no sábado a fanfarra, que eu gostava de fanfarra também, mas eu sempre participei de desfile, sempre participei das coisas que dava pra mim ir, eu ia e participava, eu só não ia quando não dava horário, batia com o serviço, ou tinha que pagar, e às vezes conforme for não podia ir, mas caso contrário eu sempre participava de tudo dentro da escola.

Dando continuidade aos seus estudos, a professora Arlinda realizou o curso de magistério, que durou três anos, na escola Dom Aquino Corrêa, seguindo posteriormente para a faculdade (ANDRADE, 2019):

É porque, na minha época para escolher era assim: Quem era de família mais simples, já fazia um curso técnico para você ir trabalhar ou fazia técnico que você ia trabalhar ou fazia Magistério para dar aula. E aí no meu caso eu fui fazer Magistério. Aí fiz Magistério na Escola Dom Aquino Corrêa. Fiz três anos de Magistério. Tudo na Escola Dom Aquino Corrêa: Aí eu fiz Magistério. Depois do Magistério ainda fiz mais um ano que foi o quarto ano, que era uma especialização para dar aula na pré-escola. Eu fiz esse curso de especialização. Eu já estava... Não. Eu fiz esse curso e depois eu fiz faculdade. Aí eu fui fazer faculdade de Educação Física.

Segundo relatou a professora, no curso de magistério as disciplinas eram voltadas para dar aula; porém, a EF era uma disciplina recreativa. Para a professora, o curso de magistério não era um curso de muito prestígio, e quem realizava, geralmente, eram as meninas que trabalhavam e não tinham condições de cursar algo melhor. Ao transcorrer sobre isso, a professora (ANDRADE, 2019) narrou que:

As meninas que tinham uma condição melhor, que não precisavam trabalhar, o que faziam? Elas faziam durante o dia estudava na Escola JOMAP³⁷ um curso. Eu não lembro direito qual que era o curso. Acho que era curso técnico mesmo. Curso técnico. Faziam curso técnico. Já era preparatório para vestibular. E à noite elas faziam Magistério.

Desta forma, Arlinda relembrou que as disciplinas, além de voltadas para a atuação em sala de aula, eram simples e não garantiam uma boa base para um curso superior (ANDRADE, 2019):

Então, era uma Matemática bem simples, Português simples. Tanto que quem fazia Magistério naquela época não tinha base quase nenhuma para fazer uma faculdade. Outra faculdade. Agora quem queria fazer uma faculdade boa, ia fazer Administração ou ia fazer Técnico, que era já voltado todinho para a matemática. Era um curso bem puxado. Estudava durante o dia. Aí estudava durante o dia.

³⁷ Sigla utilizada para se referir à escola João Magiano Pinto.

Fato curioso desse período é que a professora, ao comentar sobre sua disciplina de EF no magistério, rememorou que a professora Verônica foi sua professora (ANDRADE, 2019):

Na minha época foi a professora Verônica. Ela que deu aula para mim de Educação Física. Que depois quando eu fui fazer Educação Física, eu me formei, eu fui substituí-la. Acho que ela casou e teve licença gestante e eu fui substituí-la. No Magistério aí eu dei aula para os alunos. No Magistério. De Educação Física.

FIGURA 14 – Certificado de registro de professor (frente)



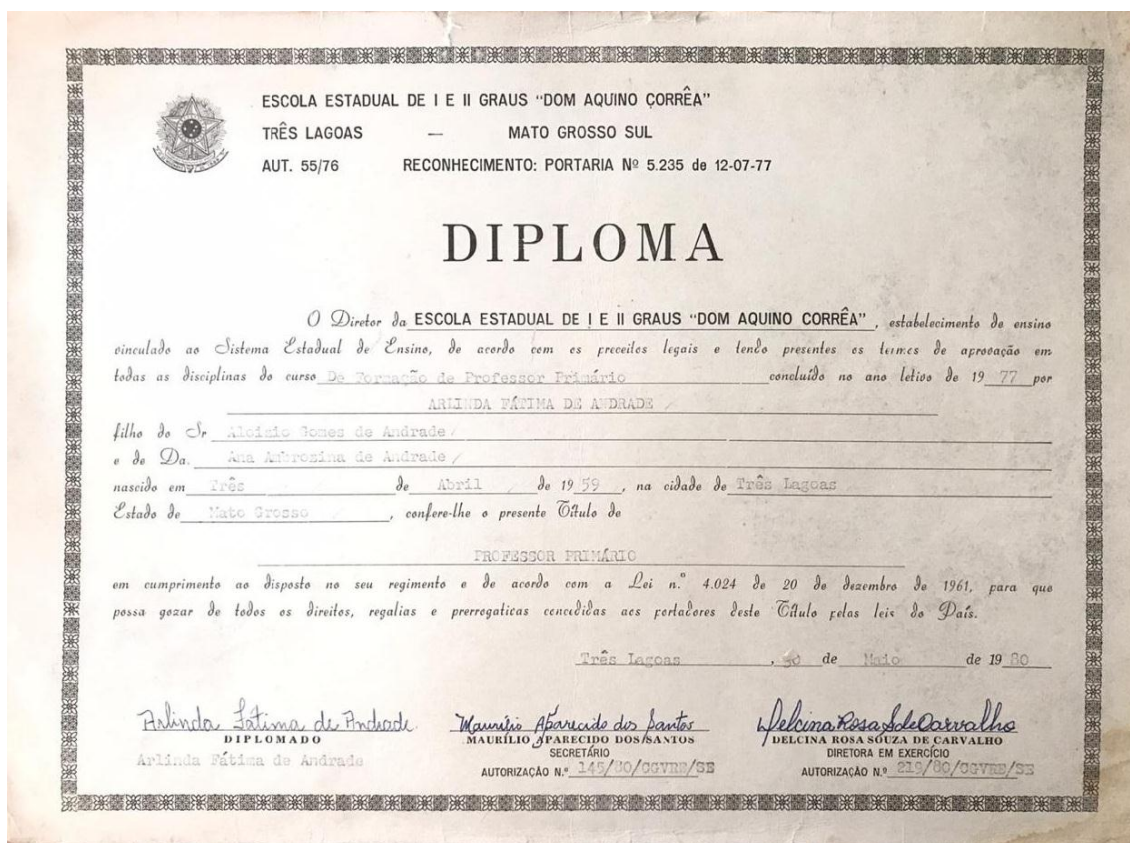
Fonte: Acervo da professora Arlinda

FIGURA 15 – Certificado de registro de professor (verso)



Fonte: Acervo da professora Arlinda

FIGURA 16 – Diploma do magistério da professora Arlinda.



Fonte: Acervo da professora Arlinda.

3.3.2 PROFESSORA MARLI

Ao iniciarmos a entrevista, que transcorria sobre a trajetória escolar da professora Marli, ela narrou que durante sua infância e adolescência na cidade de Marília (SP), sempre estudou em escola pública até a 8ª série (SANTOS, 2019): “Então, começando desde a época que eu estudava, eu estudei sempre em escola pública né, eu fiz até na época falava 8 série na escola pública em Marília”.

Sobre esse período, a professora relatou que as coisas não eram fáceis, e enfatizou uma vez mais a luta dos pais para que seus filhos estudassem, em especial sua mãe, que trabalhava para comprar seus materiais escolares (SANTOS, 2019): “Só que minha mãe é que comprava coisas pra mim que eu precisava na escola, meu pai era sempre coisa mais de casa tudo mais né”.

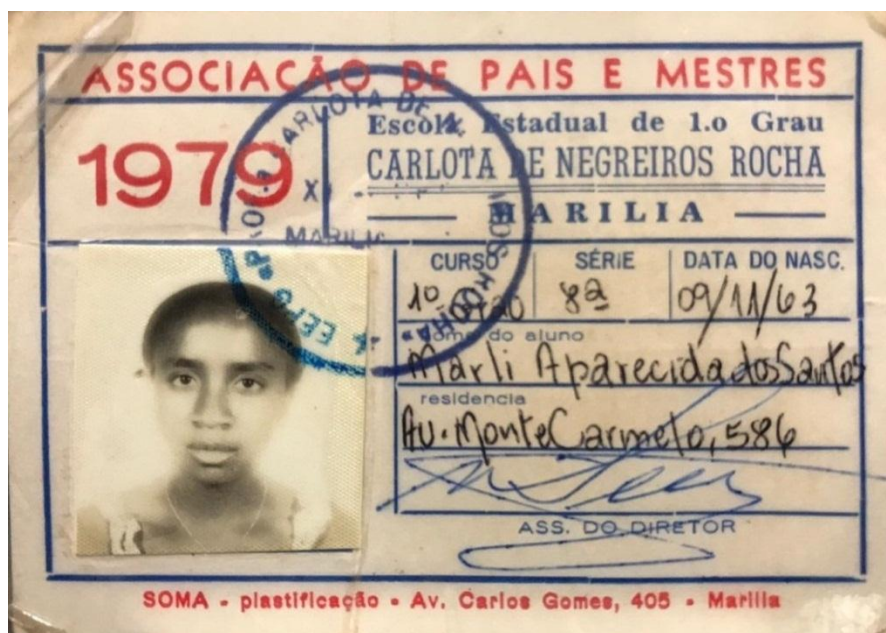
As dificuldades dessa época não impediram a luta e o empenho de sua mãe, que fazia os reparos nos uniformes ganhados para que Marli pudesse ir à escola, conforme relatou: “sempre limpinha” (SANTOS, 2019):

E assim as minhas roupas na época tinha uniforme era aquele short vermelho, fofinho na coxa, era sainha branca, que você deixava alvejada minha mãe lavava, só que a minha, a minha sainha ela era meia assim amarelinha, porque a gente ganhava roupa na época, e nesse ganhar roupa a minha mãe fazia a barrinha dela pra mim, eu gostava de tudo mais curto sabe e o shortinho era maior que eu praticamente, bem fofo na perna sabe, eu sempre fui magrinha né, e então a gente ganhava e com essa roupinha eu sempre ia sempre limpinha, lavava né e me parece que era duas vezes na semana a educação física assim me lembro das minhas professoras.

A professora relembrou sobre o preconceito sofrido por ser negra, durante seu período de escolarização; contudo, conforme discorreu, disse que não era de “levar desaforo pra casa”, e enfrentou por toda sua vida, todas as formas de preconceito “o respeito é bom em primeiro lugar, pra todos nós”, conforme continuou (SANTOS, 2019):

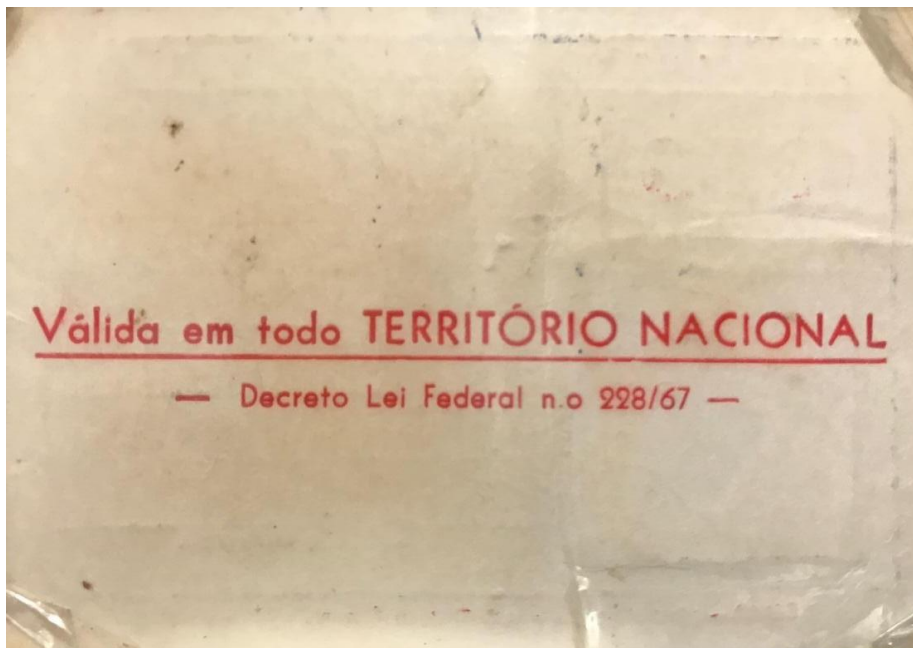
O negro, você sabe que o negro ele é, isso já é uma coisa como é que eu posso falar? Séculos, cultural, que ficou com a escravidão, e até hoje, nós por mais que esteja evoluído, né por mais que esteja tudo evoluído, mais existe assim, qualquer lugar que você vá, existe aquela parte da discriminação, por mais que seja um olhar, um olhar, um diz que me diz, um buchicho, isso já faz uma parte dele, só que assim, quando eu era menor, nessa época, de 12, 13, 15 anos, isso eu sofria muito, até chorava na escola sabe, até brigava, brigava mesmo, e eu não levava desaforo pra casa, tipo, assim, menino eu tenho até vergonha de te dizer, mas era assim.

FIGURA 17 – Carteirinha associação de pais e mestres da professora Marli (Frente).



Fonte: Acervo da professora Marli.

FIGURA 18 – Carteirinha associação de pais e mestres da professora Marli (Verso).



Fonte: Acervo da professora Marli.

Seguindo com seu relato, a professora lembrou dos momentos do ensino médio (ou colegial, como era chamado): por sempre praticar atletismo, o esporte lhe proporcionou a possibilidade de estudar nesse período em escolas particulares (SANTOS, 2019):

[...] e quando eu cheguei no ensino médio né, eu já ganhei bolsa de estudo, então do primeiro ano, até o terceiro ano, eu fiz né ganhando bolsa de estudo, e o atletismo me proporcionou isso, então, eu estudei no Anglo na época e estudei no Objetivo, e fiz até cursinho que nem precisava pelo curso que eu fiz né, Educação Física.

Segundo as lembranças de Marli, o ambiente escolar do período colegial foi marcado por pessoas de cor branca, fato esse que culminou para que o enfrentamento racial persistisse em sua vida, levando muitas vezes a professora a situações extremas (SANTOS, 2019):

De brancos, só tinha menininha riquinha, roupinha daquele jeito, e eu sempre na minha, aquela conguinha, era conga que fala tênis, aquele conguinha da cabecinha branca, aquela coisinha sabe, muitas vezes ganhado, mas sempre limpinha, sempre ajeitadinha, e se ganhava um sapato era pro ano inteiro, se ganhava tênis era pro ano inteiro, só se o pé crescesse pra poder ganhar outro, então era uma coisa assim, que meu pai sempre priorizava pra gente, sempre a educação da gente sabe, e assim, respeitando os outros também, e quando minha mãe era chamada na escola se acaso acontecesse algum atrito com colega por conta de racismo né, por que já aconteceu, por esse tipo de coisa né, e a gente brigar né, mas eu só me defendia, eu não brigava por que eu era,

por que me atacavam, e se atacavam verbalmente era uma coisa, você respondia verbalmente, ou não, muitas vezes enchia o saco, e fisicamente era complicado, foi raro, umas duas vezes que aconteceu na escola, de assim, agressão física, mas assim, verbal, foram várias né, durante vida afora, assim completamente, se entendeu? então isso foi muito complicado na minha vida.

Dentre os fatos que transcorreram o percurso da professora pelo ensino colegial, e até mesmo durante sua trajetória no ensino superior, Marli relembrou diversas vezes com apreço os esforços da mãe para custear os materiais que eram necessários no período escolar (SANTOS, 2019):

No ensino médio por exemplo, quando eu fiz o cursinho no terceiro ano né do ensino médio que fala aqui pra nós, lá é na época terceiro colegial, a minha mãe que custeava os livros, por que tinha os livros né, de química, matemática, fora várias disciplinas, minha mãe que custeava por que ela trabalhava de faxina, então meu pai arcava com outras coisas de casa, nossa, minha mãe, minha mãe trabalhando e sempre na semana recebia o dinheirinho tinha que dar tal coisa no dia, tal dinheiro, eu ia lá e comprava meus livros todinhos, não faltava 1 livro, eu não precisava tirar xerox de nada né porque minha mãe custeava meus livros, você entendeu, por que era difícil, não era fácil pra eles, e ter uma filha ainda estudando uma faculdade sem trabalhar era complicado.

FIGURA 19 – Histórico escolar do segundo grau da professora Marli.

RUA RIO GRANDE DO SUL, 122 - MARÍLIA - SP

Criação ou Reconhecimento: Portaria C.E.I. de 20/12/79 - D.O.E. de 21/12/79 - Pág. 41
DELEGACIA DE ENSINO DE MARÍLIA - DRE DE MARÍLIA

HISTÓRICO ESCOLAR - 2º GRAU

REGISTRO DE MATRÍCULA
(R.M.) DO ALUNO

ALUNO

NOME DO ALUNO: Marli Aparecida dos Santos
 LOCALIDADE: Marília ESTADO NACIONALIDADE: SP Bras. DIA: 19 MÊS: 11 ANO: 63

NOME DO PAI: Joaquim Francisco dos Santos
 NOME DA MÃE: Manoela Jacinto dos Santos

RESULTADOS DOS ESTUDOS REALIZADOS NO 2º GRAU

HABILITAÇÃO: Letras - Prof. Anal. e Sínt. - Básica - Letra - Português

COMPONENTES CURRICULARES	MENÇÕES OU NOTAS				CARGA HORÁRIA				TOTAL
	1ª S	2ª S	3ª S	4ª S	1ª S	2ª S	3ª S	4ª S	
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA	50	52	-	-	144	72	-	-	
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA (Inglês)	71	-	-	-	108	-	-	-	
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	95	-	-	-	72	-	-	-	
HISTÓRIA	51	-	-	-	108	-	-	-	
GEOGRAFIA	53	55	-	-	108	72	-	-	
ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DO BRASIL	-	-	78	-	-	-	72	-	
EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA	-	50	-	-	-	72	-	-	
MATEMÁTICA	66	57	-	-	144	72	-	-	
CIÊNCIAS FÍSICAS E BIOLÓGICAS:	-	-	-	-	-	-	-	-	
FÍSICA	67	-	-	-	72	-	-	-	
QUÍMICA	57	-	-	-	72	-	-	-	
BIOLOGIA	62	-	-	-	72	-	-	-	
PROGRAMAS DE SAÚDE	-	62	-	-	-	72	-	-	
TOTAL DA CARGA HORÁRIA (1)	//				900	360	72	-	
EDUCAÇÃO ESPECIAL	/								
FORMAÇÃO ESPECIAL	/								
TÍTULOS: Redação em Ling. Port.	-	70	68	-	-	72	108	-	
Ling. Estrang. mod. (Inglês)	-	52	68	-	-	72	72	-	
Matemática Aplicada	-	57	68	-	-	72	108	-	
Física Aplicada	-	54	67	-	-	108	108	-	
Química Aplicada	-	63	60	-	-	108	108	-	
P.T.P.	78	-	-	-	72	-	-	-	
Biologia Celular - Genética	-	-	65	-	-	-	108	-	
Organização e normas	-	-	51	-	-	-	72	-	
Desenho Técnico Básico	-	-	73	-	-	-	108	-	
nos. Básicas Quím. e zootecnia	-	-	66	-	-	-	108	-	
TOTAL	//				27	420	900	-	

Fonte: Acervo da professora Marli.

3.3.3 PROFESSORA VERÔNICA

A professora Verônica, que sempre estudou na cidade de Três Lagoas durante sua escolarização, narrou sobre sua trajetória escolar de forma feliz ao lembrar que foi uma criança “marrenta”. Nas palavras da professora (MENDONÇA, 2020):

A Eufrosina³⁸ era nessa rua aqui onde é o centro espírita, eu ia. Na escola eu fui marrenta, eu não gostava de estudar, tomei trocentas reprovações em minha vida, fiz três quintas, duas sextas, duas sétimas, e minha mãe falava assim: "não vai sair da escola, vai ficar velhinha, mas vai se formar". Rapaz, eu era assim, muito birrenta com professor.

FIGURA 20 – Verônica vestida de anjo (1952)



Fonte: Acervo da Professora Verônica

Ao lembrar desse período, a professora contou que estudou na escola particular chamada “Magiano”, e de forma dolorosa relatou sobre o tratamento dado às crianças que não acertavam a lição (MENDONÇA, 2020):

Eu lembro, porque eu estudei em escola particular na época, Magiano, primário. Rapaz, tinham umas palmatórias, uns paus redondos com uns buracos, tinha tabuada, dois a dois assim, acho que eu vejo. Então um perguntava ao outro, se você não acertava o que estava junto com você, te dava “bolacha”.

Verônica contou que nessa escola ela estudou até à quarta série, e se lembrou que entre suas lições existia os chamados “pontos” (MENDONÇA, 2020): “Eu fiz até a quarta série lá. Antigamente não tinha esse negócio de pré. Então eu estudei lá. E era assim, aqueles pontos que você fazia, aquelas carteiras duplas, sentava de dois em dois”.

³⁸ Refere-se à antiga localização da Escola Municipal de Primeiro Grau Eufrosina Pinto, localizada na rua Coronel Lima Figueiredo, 595, hoje cede do atual Centro de Educação Infantil Nossa Senhora Aparecida.

O sistema de ensino de “pontos” foi um aspecto escolar que marcou a professora, que narrou sobre o rigor de não errar e não rasurar as folhas de papel almaço, utilizando uma caneta pena doze e tinta parca, quando os estudantes deveriam copiar toda a matéria do ano e, posteriormente, realizarem uma prova oral (MENDONÇA, 2020):

Mas no Magiano era assim, chegava no fim do ano, já na terceira e quarta série você tinha que copiar, era comprido assim, tipo caderno de linguagem os pontos, tinha pontos. Você tinha que copiar toda aquela matéria para as folhas de papel almaço. Não podia ter uma rasura, um pingo de tinta. Eu lembro, minha mãe punha a gente, você tomava banho, minha mãe punha a mesa no quintal, forrava a toalha. Tinha que ser tinta parca ou goiano naquela época e caneta pena doze. Tomava banho e sentava, ali, se você tivesse nas últimas quatro folhas de papel almaço, se você errasse a última palavra, não podia rasurar. Se você errasse tinha que fazer tudo de novo. Não podia ter rasura e nem apagar nada. Tinha que começar tudo de novo. Cada matéria era uma cor de papel de seda que você encapava os pontos e punha uma etiqueta. Aí no fim do ano tinha prova oral. Você tinha que saber tudo aquela matéria. A professora abria um ponto, uma página e te fazia pergunta. Nossa, você tremia nas “bases”, cara do céu!

Quanto ao uniforme, a professora relatou que o utilizava somente para desfiles, relembando sobre sua saia caqui e os bolsos bordados (MENDONÇA, 2020): “Uniforme, uniforme era só para desfile, saia caqui pregueada com fita gravata, quando eu fiz ginásio também depois tinha uniforme, uma saia pregueada, bolso bordado o nome da escola e quantos pauzinhos era a séria que você estava fazendo, bordado”.

Segundo a professora, a escola “Magiano” em que estudava era um local onde estudavam pessoas com mais condições, como filhos de fazendeiros que ficavam internados no local (MENDONÇA, 2020):

“Era internato. Esse povo de fazenda, filhos de fazendeiro, todos moravam lá dentro. Quem estudou no Magiano, é que o primário daquela época é o ginásio, segundo grau hoje. Muito puxado, estudei em 2 de Julho³⁹, Magiano...”

Verônica seguiu sua narrativa, contando que durante seu primário tinha as disciplinas de Português, Matemática, Ciências, Geografia, História, mas “ginástica não tinha”. (MENDONÇA, 2020): “Na época que eu fiz o primário, não tinha Educação Física. Quando eu fiz ginásio [...] Quinta série até a oitava [...] Aí tinha no horário contrário”.

³⁹ Refere-se à Escola Estadual 2 de Julho, hoje Escola Estadual Afonso Pena.

Ao rememorar sobre o período ginásial, (MENDONÇA, 2020) relatou que: “É, eu estudei em ‘2 de Julho’ na época, que hoje é Afonso Pena. Aí tinha no horário contrário. O meu primeiro professor de educação física foi o professor Ernaldo Calvoso e a mulher dele, Raquel”.

A professora contou que nessa época estudava de manhã e fazia EF à tarde, e que adorava praticar as aulas de EF, pois amava jogar queimada (MENDONÇA, 2020):

Eu estudei no Patronato, que eu tomava bomba aqui e corria para lá. Tomava bomba e ficava chateada, não queria ficar repetindo as mesmas caras. E era assim shorts assim, eu comecei a jogar em, fiz ginásio no Patronato que era o Bom Jesus hoje, que chamava Patronato Lá eu jogava queimada, às vezes um pouquinho de basquete, mas eu era boa mesmo, campeã todo ano, a nossa turma era até aquela professora Lúcia Firmino era da minha turma. Essa menina era gorda.

Sobre as lembranças do jogo de queimada e sobre as aulas de EF, a professora relatou que nesse período as aulas eram mistas (MENDONÇA, 2020):

E era boa. Só que eu tinha muita força dessa época já. Teve uma menina que falou assim: "nossa, você me amassou". Maria da Graça, que ela trabalhava no fórum, advogada. Quem falou para mim, não, foi a Elide que falou: "Verônica, eu tenho uma marca de uma bolada sua, você tinha uma força danada, viu". Eu falei: "porquê?". Ela falou assim: "ah, eu tenho marca até hoje". Não sei ainda que lugar ela falou, mas aí eu caí na risada. Mas eu tinha força, então as meninas abraçavam a bola na queimada naquela época bem diferente da de hoje. Encaixava a bola e passava para mim porque eu tinha queimada e tinha uma pontaria certa. A gente todo ano ganhava campeonato. Eu tinha meus diplomas, medalhas. Então foi aí que eu comecei a gostar de esporte. Vôlei não era muito a minha praia, aí depois a gente jogava basquete com os meninos. Naquela época misturava tudo. Tanto na educação física quanto campeonato.

A professora relatou que apesar de nesse período as aulas de EF serem mistas, os professores tinham o costume de colocar as crianças que tinham habilidades esportivas para treinarem separadamente, enquanto os outros tinham aulas de EF normais, separando meninos e meninas; porém, quem jogava, jogava junto (MENDONÇA, 2020):

A gente quando pertencia, quer dizer, mais ou menos elitizado, porque quando você joga, você já é diferente. Quando você tem habilidade para algum esporte você já é diferenciado da educação física normal. Então você praticamente vai e treina. Então a gente fazia racha com os meninos, hoje é tudo homem de sessenta, setenta anos, todos espichados já, mas era muito tranquilo, a gente fazia ali, parece que estou vendo a quadra do Bom Jesus.

Ao lembrar sobre a quadra, a professora faz uma pausa e continua (MENDONÇA, 2020):

Era cimento mesmo, a rede a gente armava, normalmente tudo era rasgado, remendava aqui, puxa daqui os ferros. Então era quadra de cimento rachado, aqueles altos e baixos assim, igual que faz calçada, não é desses pisos bons assim, retinhos, mas foi muito bom, gostei demais.

Segundo a professora, as aulas de EF eram constituídas por (MENDONÇA, 2020) “abdominal, polichinelo, aquela coisa...”, e conclui: “Era uma ginástica, só era aquilo, ginástica”.

Verônica relatou que quando estudou na antiga escola “2 de julho”, as aulas de EF eram realizadas com materiais improvisados, muitas vezes feitos pelos próprios professores (MENDONÇA, 2020):

Quando eu estudei no Afonso Pena que era 2 de Julho, a gente tinha trave de equilíbrio, parecia essas ginásticas artísticas. E como a gente é danada, quando você é danada você é atrevida não tem medo. Então era assim, subia uns degraus assim, e andava aí, a gente que era mais atrevida andava meio que correndo. Os outros ficavam lá. Então você morria de rir. Aí tinha caixa de areia que você saltava, pulava, então era tudo improvisado, tudo feito assim, não tinha material comprado. Professor que fazia, onde é Afonso Pena hoje.

A professora lembrou que seu professor de EF na escola 2 de Julho foi o professor Ernaldo, e na escola Bom Jesus foi a professora “Teca”, e que nessa época, com exceção do professor Ernaldo, nenhum outro professor tinha formação em EF (MENDONÇA, 2020): “[...] ninguém era formado. Acho que eu via o que militar fazia e jogava lá!”.

Segundo relato da professora (MENDONÇA, 2020):

Quando eu fiz faculdade em Andradina ele foi meu professor lá. E a mulher dele também era formada. Ele era formado no Estado de São Paulo e deu aula aqui. Mas o resto não sei como era escolhido. Alguém que sabia jogar alguma coisa, então dava, mas era bem light, não tinha planejamento, essas coisas, achava o que dar, corria, saltava, fazia as atividades, acho que sem nenhum planejamento.

Nesse período, a professora desenvolveu suas habilidades esportivas (MENDONÇA, 2020): “Depois joguei vôlei lá no Bom Jesus, porque já tinha saído do 2 de Julho, estava lá no Patronato, foi quando eu comecei a jogar queimada lá, e fui desenvolvendo, joguei vôlei e brincava de basquete às vezes...”.

Após terminar o ensino ginásial, já com quinze anos, a professora foi estudar na escola “Dom Aquino Corrêa” para cursar o magistério, seguindo posteriormente para o curso superior em Letras, segundo relatou (MENDONÇA, 2020): “Foi direto. Eu já estava com quinze, dezesseis anos, já estava na hora de ir”.

Seguindo com sua entrevista, a professora contou que (MENDONÇA, 2020):

[...] era escola normal, naquela época chamava assim: Escola Normal Dom Aquino Correa, depois que passaram para o magistério, mas era escola normal. Mas aí eu fui três anos direto, saí num ano, eu saí do magistério fui fazer letras, era muito boa de português, gostava de inglês. Eu gostava de línguas. Gostava de latim também inclusive, aí eu fui fazer letras.

Verônica declarou que adorava línguas estrangeiras; porém, ao se deparar com disciplinas que tinha que ler, acabou desistindo da faculdade (MENDONÇA, 2020):

UFMS, mas eu tinha preguiça de ler. Tinha não, eu tenho preguiça de ler! Duro que passei isso para os meus filhos. Então eu tinha preguiça de ler, então quando eu comecei a matéria de literatura que tinha que ler, eu disse que não era minha praia. Teve uma época que eu pedi a Marlene para ler um livro e fazer um resumo, aí me engasguei, eu gostava do latim, gostava de inglês, mas falou que era para ler, eu falei, não quero não! Aí eu saí, no fim do ano.

Nesse meio tempo, sua mãe acabou por adotar uma criança, e a professora passou a se dedicar em ajudá-la no cuidar da criança. Segundo Verônica, até o padre tentou convencê-la de voltar para a faculdade, mas ela estava decidida (MENDONÇA, 2020):

Fiz um ano. No fim do ano eu tinha ficado com a Luci em literatura, justamente. Ficaram me esperando fazer exame. O quando minha mãe pegou um menino para criar, o Ricardo. E eu era apaixonada por criança, queria que minha mãe arranjasse um bebê, adotasse. Eu queria uma menina, por fim minha mãe conseguiu pegar um menino, e aí eu não queria saber mais de estudar, eu queria saber de cuidar dele. E aí o padre Jair na época, o padre Jair era diretor, veio aqui e falou: "Verônica não abandona no último ano, você ficou em uma matéria. "Vai lá fazer essa prova". Se não eu ia ficar de "DP"⁴⁰. Aí eu não fui. Meu irmão fazia matemática, o Dario. Seu nome está lá, você ficou de "DP". Não vou estudar mais, e não fui! A professora ficou me esperando lá.

Desta forma, a professora seguiu cuidando de seu novo irmão, até que decidiu cursar a faculdade de EF em Andradina (SP).

⁴⁰ Quando o aluno fica devendo uma disciplina para se formar. Dependência.

3.4 ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES

No período que concentra as trajetórias de vida na infância, adolescência e juventude, as apropriações de valores e crenças vão contribuindo para a formação do futuro professor. Segundo Amorim Filho e Ramos (2010 p. 225):

Quando os alunos ingressam no curso acadêmico de formação de professores em geral e/ou no de Educação Física, eles já vêm com uma certa compreensão do que é ser professor. Esses saberes foram sendo construídos à medida que esses aprendizes tiveram experiências com diversos professores, durante sua infância e adolescência.

Nessa perspectiva, podemos observar, por exemplo, quando a professora Marli cita a referência do seu técnico na escolha do curso, na passagem que traz (SANTOS, 2019) “eu me espelhava muito no meu técnico nos meus amigos”, podemos notar a influência externa e o convívio com outras pessoas sugerindo influências externas na tomada de decisão. Isso corrobora com SILVA (2000, p.30): “São saberes que se transformam em crenças, ou seja, adquirem uma base de confiança, e acabam por influenciar ou determinar as decisões e ações dos homens”.

Nesse viés, os apontamentos propostos por Tancredi (2009, p.15) trazem: “Aprende-se a ser professor durante o período que antecede a escolha profissional, quando ainda se é aluno e se constrói uma imagem idealizada do que é ser professor”. Já a professora Verônica, segundo relatado, preferiu cursar a faculdade de Letras, por gostar de línguas estrangeiras (MENDONÇA, 2020): “Eu gostava de línguas. Gostava de latim também inclusive, aí eu fui fazer letras”. Contudo, a professora, que foi formando suas habilidades esportivas ao longo das aulas de EF, logo desistiu do curso de Letras para cursar EF (MENDONÇA, 2020): “Então foi aí que eu comecei a gostar de esporte”. “[...] Quando você tem habilidade para algum esporte você já é diferenciado”. “[...] mas foi muito bom, gostei demais”.

Dessa maneira, vamos percebendo a construção de um alicerce fundado em experiências de vida que hoje se constituem em lembranças prazerosas que ao serem narradas se traduziram em risos e lágrimas.

Assim como percebido por Costa (2017), nos fragmentos das narrativas dessas professoras foi possível observar a concepção de uma EF técnica, constituída com fundamentos que têm o foco no jogo, na ginástica e no esporte. Essa tendência pôde ser notada no capítulo 2, quando destacado nos apontamentos da PNED, que “entendia a Educação Física Escolar como causa e o esporte de alto nível como efeito”, no período dos anos 1970.

Nesse cenário, a tendência de uma EF pautada no esporte e na competição influenciou as aulas de EF vivenciadas nas trajetórias escolares das professoras aposentadas.

Por meio das narrativas, também pudemos perceber, assim como Costa (2017), que as trajetórias escolares das professoras aposentadas foram marcadas pela ausência de aulas de EF com professores especialistas no primário, assim como o desenvolvimento de aulas de EF em horários diferentes das demais disciplinas, além da separação dos estudantes, seja pelas habilidades ou pelo sexo, conforme o Decreto nº. 69.450/71.

Essa característica também foi encontrada por Borges (1998), que ao trabalhar com as memórias de dois professores de EF, relacionando com suas práticas docentes, percebeu que o conteúdo predominante nas aulas de um dos professores era o esporte, além da forte separação dos estudantes entre os sexos. Ao analisar essa prática, a pesquisadora percebeu que esses aspectos apresentados no exercício da profissão foram encontrados nas aulas de EF que esse professor participou em sua infância.

Dessa forma, os valores adquiridos no seio familiar e os vínculos que se formam por meio das experiências são identificados nas narrativas das professoras neste tópico, assim como no tópico das trajetórias extraescolares.

Segundo Costa (2017, p 140):

Assim, esses elementos revelam a relação dos saberes com a identidade dos professores e com suas histórias de vida, seus desenvolvimentos mediante suas narrativas, o processo de construção de suas identidades docentes por meio da identificação dessas influências e as contribuições desse tipo de estudo no que se refere à identidade docente.

Por meio desses relatos, vamos estabelecendo as concepções e as subjetividades que cada professora traz consigo, referente às suas vivências e às suas práticas docentes.

4 – TRAJETÓRIAS DA VIDA ACADÊMICA E PROFISSIONAL DAS PROFESSORAS

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. [...] O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, [...] É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.

José Saramago “Viagem a Portual” (1981)

Remetendo-se à citação que abre este capítulo, as lembranças e as memórias das professoras irão traçar uma “nova viagem” no tempo, percorrendo “novos caminhos” no intuito de reconhecer e se reconhecer como sujeito participante de um grupo, valendo-se de toda sua subjetividade.

Sendo assim, neste capítulo, foram abordadas as trajetórias de vida acadêmica e profissional das professoras Arlinda, Marli e Verônica, com o objetivo de elucidar os componentes que fizeram parte da formação docente e da vida profissional delas, tendo como fonte de estudo suas narrativas.

Dessa forma, o capítulo foi dividido em duas partes, sendo a primeira permeada pelas questões que culminaram na escolha do curso de EF e sua trajetória acadêmica, incluindo o processo de seleção vestibular, questões de gênero, aspirações profissionais, suas expectativas e suas vivências num curso historicamente descrito e definido por homens e por militares. A segunda metade ficou reservada para a atuação profissional, compreendendo aspectos ligados à inserção no universo escolar, planejamentos, formação continuada, esportes e atividades da aula.

As memórias empreendidas neste tópico transcorrem basicamente na década de 1980, tanto no que tange à formação docente, quanto na atuação profissional inicial, retratando as influências e os moldes que a EF vinha sofrendo nas décadas anteriores (numa concepção tecnicista e esportivizada, fatores retratados no capítulo 2 deste trabalho).

4.1 FORMAÇÃO ACADÊMICA DA PROFESSORA ARLINDA

FIGURA 21 – Professora Arlinda na juventude (1980)



Fonte: Acervo da professora Arlinda

A professora Arlinda narrou em sua entrevista sobre a formação acadêmica que sua intenção inicial era cursar a faculdade de Psicologia (ANDRADE, 2019): “Não estava nos meus planos fazer Educação Física. Eu queria fazer Psicologia na época”; porém, esse curso só era possível de se estudar se ela se mudasse para Corumbá. Seu pai, muito rígido na época, não permitiu que sua filha fosse morar fora para estudar (ANDRADE, 2019): “E meu pai não me deixou fazer Psicologia em Corumbá. Aí fiquei traumatizada!”; então, conforme relatou a professora, sua segunda opção seria cursar Matemática.

A professora narrou sobre sua afetividade platônica por um professor de Matemática e a frustração de não poder estudar no curso pretendido (ANDRADE, 2019):

Quando eu fiz Ginásial eu fiquei assim apaixonada por um professor de Matemática. Aquela coisa. Professor de Matemática. Ele era assim crânio em Matemática. E eu era a primeira aluna da sala em Matemática. Ele dava a Equação do Segundo Grau e eu já dava o resultado. Eu era aquelas alunas da frente. Sabe? Aí eu passei a dar aula de Matemática para as minhas colegas na sala. Então eu adorava Matemática. Só que aí quando eu fui fazer Magistério, não tinha Matemática nenhuma no Magistério. E ficou pior porque quando eu fui fazer vestibular aqui para Matemática não tinha mais Matemática na Universidade Federal. Foi uma época que eles tiraram a Matemática da Universidade Federal e colocaram Ciências. Você tinha que fazer Ciências e no último ano você fazia especialização para dar aula de Matemática. Falei: ah. Não quero fazer Ciências. Eu quero fazer Matemática.

Arlinda seguiu seu relato sobre a escolha da faculdade dizendo sobre a difícil escolha de um curso para estudar (ANDRADE, 2019): “Sabe quando você pega todas as matérias que você tem? Ai meu Deus! O que eu vou escolher disso aqui? História, eu detesto! Geografia, também! Ciências, eu não quero! Matemática e Português... Eu falei: sabe de uma coisa? Eu vou fazer Educação Física!”.

A professora contou que nessa época o prefeito da cidade ajudava os alunos a estudarem em Andradina (SP)⁴¹, pois só nessa cidade é que tinha o curso de EF na época, e foi nesse contexto que a professora decidiu estudar (ANDRADE, 2019): “Aí eu fiquei sabendo que estava tendo Educação Física em Andradina e que o prefeito pagava o ônibus para estudar em Andradina. A gente só pagava a faculdade, e ganhava a passagem”.

Segundo a professora, nesse período ela precisava conciliar o trabalho no comércio com as aulas da faculdade, que eram realizadas no período noturno, e mesmo em meio a grandes dificuldades, Arlinda resolveu que iria estudar (ANDRADE, 2019):

Era à noite a faculdade. Aí eu trabalhava no comércio e fazia faculdade lá em Andradina. Eu trabalhava numa loja que eu era responsável pelo caixa, para fazer toda a contabilidade da loja, pagar todas as duplicatas. Eu que fazia banco, tudo. E eu aí comecei a fazer Educação Física. E o pessoal... às vezes eu perdia até o ônibus para ir. Aí eles pegavam, era o Luís Carlos, ele até faleceu já. Aí ele pegava e ele me levava às vezes para Andradina correndo. Fazia o gerente me levar até lá o “Trevão”, porque o ônibus ia parando, pegando o pessoal. Eu pegava na praça. Até que ele dava a volta, às vezes eu perdia, ele pegava o caminhãozinho. O caminhãozinho e saía correndo para eu pegar o ônibus. Para não perder o ônibus. Aí eu fazia. Mas eu sei que foi assim que eu fui fazer Educação Física. Com toda aquela dificuldade, porque quem nunca tinha feito assim uma Educação Física mesmo, nunca fui atleta, não sabia jogar voleibol, não sabia jogar basquete, não sabia natação.

Além da dificuldade enfrentada, relatou que nunca tivera habilidades esportivas (ANDRADE, 2019): “Mas eu era sempre aquele peixinho fora da água”. Arlinda contou

⁴¹Em 23/06/1977, pelo decreto nº 79.838, foi criado na cidade de Andradina estado de São Paulo a chamada Escola Superior de Educação Física e Técnicas Desportivas de Andradina – ESEFA.

sobre sua experiência ao prestar o vestibular para EF, que naquele período contava com provas práticas, além da prova escrita (ANDRADE, 2019):

Para fazer a prova do vestibular, para pegar a pedrinha lá embaixo foi um sufoco. Mas só que eu sempre fui assim muito... Sabe? Nunca tive medo de nada. Aí falou: tem que pegar a pedrinha. Tudo bem. Mergulhei. Fui lá e peguei essa pedrinha e vim. E passei no vestibular. Corri, fiz as outras coisas e passei. Tinha prova física no vestibular. Fiquei com as pernas que não aguentava nem andar no outro dia, porque tinha aquelas provas para fazer. Eu vou fazer tudo. A gente tinha que fazer física para passar no vestibular. Aí eu sei que a gente passou no vestibular e foi fazer essa faculdade. E eu adorei.

Ainda relatando sobre o período acadêmico, a professora contou sobre a distinção que os homens faziam das mulheres na hora de desenvolver as atividades esportivas (ANDRADE, 2019): “Porque só joga no time quem já sabe! Quem não sabe é de glandula! Aí nós éramos “gandulinhas”. Só para pegar a bola. Então, quer dizer, eu nunca fui de aprender, porque nunca davam oportunidade para a gente”.

Desse modo, Arlinda passou a se inteirar mais em esportes que, segundo ela, não exigiam tantas técnicas (ANDRADE, 2019): “Mas eu já gostava mais do basquete, que não tinha tanta técnica [...] e o basquete já não era uma coisa tão delicada. Natação. Na aula de natação eu ia. As meninas: Vamos brincar de... quem atravessa a piscina”.

Apesar de seus esforços, a professora lembrou, aos risos, que suas habilidades na piscina não eram das melhores (ANDRADE, 2019):

E eu sem saber nadar eu ia lá. Teve uma vez que: vamos, vamos embora! Aí os meninos tiveram que me pegar... Em vez de eu ir reto, eu fiz assim e fui lá para o meio da piscina. Tiveram que sair correndo e me pegar. Quando eu vi que eu não chegava, só um fôlego, uma respiração, quando eles viram que eu... E eu afundava e eles não viam! Aí afundava e eles não viam! Aí os meninos da sala tiveram que pular e me pegar. Você não sabe nadar e fica aí brincando. Mas eu nunca tive medo!

Ao continuar contando sobre sua trajetória acadêmica, a professora Arlinda relatou que a disciplina de ginástica era a que ela mais gostava, pois se sobressaía durante essas aulas (ANDRADE, 2019):

Ginástica era o que eu gostava. Porque aí eu me sobressaía na ginástica. Tanto que eu fui dar aula de ginástica depois. Sabe? Assim. Só que da minha época é sim. Até hoje. Um professor é polivalente. Tem que aprender tudo. Tem que dar aula de tudo. Mas o que eu me especializei foi na ginástica, recreação e ginástica.

De acordo com a professora, as aulas na faculdade apresentavam várias disciplinas, contudo, a disciplina de futebol era restrita aos homens e a dança, às

mulheres; fato este que colaborou para a dificuldade quando a professora precisava lecionar e levar seus alunos para competições já no período de atuação profissional (ANDRADE, 2019):

E nós mulheres que não sabíamos futebol? Porque tinha futebol só para os meninos. Não tinha para as meninas. Na faculdade nós não fazíamos futebol. Enquanto nós fazíamos dança os meninos faziam futebol. Era separado na faculdade. Não batia o horário. Homem fazia futebol. Mulher fazia dança.

As outras disciplinas, conforme relatou a professora, eram desenvolvidas em turma conjunta, como o atletismo, o handebol, o voleibol, o basquetebol etc.; porém, a dança e o futebol eram desenvolvidas no mesmo horário em turmas separadas, tornando-se impraticável por sexos diferentes (ANDRADE, 2019):

Dança eram só as mulheres. Você vê o preconceito? Só mulher que fazer ginástica. Balé. Nós tínhamos balé. Nós tínhamos professora de balé. Sala de aula com coisa. Fazia Plié, essas coisas, sabe? Tudo de ginástica mesmo! Enquanto nós fazíamos ginástica, os homens faziam futebol.

Com relação à separação nas disciplinas de dança e futebol, a professora narrou que as coisas aconteciam “naturalmente” naquela época e ela não percebia maldade nessas ações (ANDRADE, 2019): “Mas na nossa cabeça naquela época, eu sempre fui uma pessoa que eu não via maldade. Eu não via essas coisas assim como preconceito”.

Arlinda ainda explicou que o trabalho de conclusão de curso (TCC) em sua faculdade era um trabalho simples e explanatório, não sendo necessário um rigor metodológico muito grande (ARLINDA, 2019):

Na minha época, o TCC era aquela coisa que não tinha, não era bem TCC. Você explanava sobre alguma coisa, pegava de outra pessoa que você nem sabia o que estava fazendo. E entrega e pronto, estava certo. Nem sabia por que estava fazendo aquilo [...] Sabe? Porque aquela vida tão corrida, tão danada, tão. Tem que fazer tal coisa. Gente, olha, não dá tempo. Trabalhava quarenta horas. Como que você ia fazer? Mal, mal nós fizemos. O que a gente fez? Fizemos o estágio [...] Sabe aquelas fichas todas para, sabe? Na escola estadual, aí nós fomos fazer estágio. Esse estágio, nós fizemos todo certinho, mas TCC eu não lembro de ter feito não. Não lembro se...

Segundo Arlinda, esse período de estágio foi importante para sua formação; porém, como o município de Três Lagoas recrutou as professoras que estudavam em Andradina para dar aulas, quando elas ainda estavam no primeiro ano de faculdade, o estágio acabou sendo sua própria experiência profissional.

Para a professora, sua formação foi muito prazerosa, não só nos momentos de aula ou dentro da faculdade, mas pela turma que a acompanhava no trajeto que fazia todos os dias de Três Lagoas à Andradina (ANDRADE, 2019):

Foi, nossa! Foi muito boa sim! A de três Lagoas era uma turma boa que fazia. A gente já tinha. Pegava o ônibus todo mundo e ia. Era uma turma bem gostosa. Nós éramos daqui assim, a minha turma acho que eram cinco. Eu, a Helena, a Conceição, o Barnabé e tinha um outro que era da nossa sala. Tudo treinadores. Então era gostoso assim. Tinha já o pessoal do segundo ano, terceiro ano. Sabe? Aí tinha aquele pessoal que ficou DP e ia fazer aula com a gente.

Dessa forma foi sendo construída a trajetória acadêmica da professora Arlinda, que narrou sobre sua experiência de forma muito feliz e sempre sorridente, lembrando os bons momentos de sua juventude.

FIGURA 22 – Professora Arlinda em sua Colação de Grau em EF (1980)



Fonte: Acervo da professora Arlinda

FIGURA 23 – Professora Arlinda assinando a ATA de Colação de Grau em EF
(1980)



Fonte: Acervo da professora Arlinda

FIGURA 24 – Diploma de graduação superior da professora Arlinda (frente)




Fonte: Acervo da professora Arlinda

FIGURA 25 - Diploma de graduação superior da professora Arlinda (Verso)

<p>Curso de Educação Física Reconhecido pelo Decreto Federal n.º 79.839 D.O.U. de 23/06/1977</p>	<p>APOSTILA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E TÉCNICAS DESPORTIVAS DE ANDRADINA O diplomado concluiu nesta Escola Superior a Habilitação em <u>Técnicas</u> <u>de Atletismo</u> Andradina, <u>23 de Dezembro de 1980</u> JOSE DE FREITAS FERREIRA n.º 1.077.019</p>	<p>Universidade Federal de São Carlos APOSTILA ANOTADA S. Carlos, 31 de Dezembro de 1980 Prof. de Reg. do Diploma</p>
<p>Fundação Educacional de Andradina Esc. Sup. de Ed. Física e Téc. Desp. de Andradina Diploma Registrado Sob n.º <u>174</u> As folhas n.º <u>174</u> do livro n.º <u>01</u> Em <u>23</u> de <u>Dezembro</u> de 19<u>80</u></p>	<p>MEC - Universidade Federal de São Carlos Diploma Registrado sob n.º <u>072830</u> Livro de <u>01</u> de <u>01</u> em <u>31/03/81</u> Processo n.º <u>2120/81</u> por delegação de competência do Ministério da Educação e Cultura nos Termos da Portaria MEC/SESU n.º 31 de 14/05/80</p>	
<p>JOSE DE FREITAS FERREIRA RG. 067851</p>	<p>SRD 31-03-1981 Prof. MARCO TULLIO NUNES Chefe de Seção</p>	

Fonte: Acervo da professora Arlinda

FIGURA 26 – Histórico escolar da professora Arlinda (folha 1)

 <p>REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE ANDRADINA</p>	
HISTÓRICO ESCOLAR	
EXPEDIDO POR:	ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E TÉCNICAS DESPORTIVAS DE ANDRADINA
ENDEREÇO:	RUA AMAZONAS, Nº 571 - CAIXA POSTAL, Nº 477 ANDRADINA - SP - CEP 16.900
CURSO:	LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
DURAÇÃO:	1.800 (MIL E OITOCENTAS) HORAS/AULA
HABILITAÇÃO:	Licenciatura Plena em Educação Física/TÉCN. EM ATLETISMO
RECONHECIMENTO:	DECRETO Nº 79.839, PUBLICADO NO D.O.U. DE 23 DE JUNHO DE 1977
IDENTIFICAÇÃO	
NOME:	Arlinda Fátima de Andrade
NACIONALIDADE:	Brasileira
RG:	060801
FILIAÇÃO - PAI:	Aloisio Gomes de Andrade
MÃE:	Ana Ambrozina de Andrade
NASCIMENTO:	03 de Abril de 1.959
CIDADE NATAL:	Três Lagoas
ESTADO:	Mato Grosso
CERTIFICADO MILITAR	
ESPÉCIE:	
NÚMERO:	
EXPEDIDO POR:	
DATA:	
FORMA DE INGRESSO	
Concurso Vestibular Realizado na ESEFA, no Período de 17/01 a 21 de Janeiro de 1.978.	
PROVAS PRÁTICAS.....	3,2
PROVAS INTELECTUAIS.....	3,4
MÉDIA.....	3,3
OBSERVAÇÕES	
Concluiu a habilitação de técnico em Desportos na Modalidade de Atletismo com carga horária inclusa no Histórico Escolar.	
Faculdade de Educação Física e Técnico Desportivos de Andradina Reconhecida pelo Decreto n.º 79.838 de 27 publicado o 24/06/77.	

Fonte: Acervo da professora Arlinda

FIGURA 27 - Histórico escolar da professora Arlinda (folha 2)

Cont. Histórico Escolar de ARLINDA FÁTIMA DE ANDRADE							
DISCIPLINAS		ÉPOCA ESCOLA	C/H	%freq	MÉDIA	SIT	
DO 1º SEMESTRE							
Ginástica	I	1978	ESEFA	36	100,0	9,00	APR
Atletismo	I	1978	ESEFA	36	97,2	7,30	APR
Basquetebol	I	1978	ESEFA	36	100,0	6,40	APR
Voleibol	I	1978	ESEFA	36	97,2	5,30	APR
Natação	I	1978	ESEFA	36	100,0	7,30	APR
Rítmica	I	1978	ESEFA	36	100,0	9,00	APR
Hambol	I	1978	ESEFA	36	94,4	9,30	APR
Biologia	I	1978	ESEFA	36	100,0	5,80	APR
Higiene	I	1978	ESEFA	36	100,0	8,50	APR
Estudos de Problemas Brasileiros I	I	1978	ESEFA	36	91,6	5,20	APR
DO 2º SEMESTRE							
Ginástica	II	1978	ESEFA	36	77,7	7,00	APR
Atletismo	II	1978	ESEFA	36	88,8	7,50	APR
Basquetebol	II	1978	ESEFA	36	94,4	7,00	APR
Voleibol	II	1978	ESEFA	36	94,4	5,30	APR
Natação	II	1978	ESEFA	36	100,0	7,50	APR
Rítmica	II	1978	ESEFA	36	88,8	8,50	APR
Hambol	II	1978	ESEFA	36	88,8	7,50	APR
Biologia	II	1978	ESEFA	54	92,5	8,50	APR
Estudos de Problemas Brasileiros II	II	1978	ESEFA	36	94,4	8,50	APR
DO 3º SEMESTRE							
Ginástica	III	1979	ESEFA	36	94,4	7,50	APR
Natação	III	1979	ESEFA	36	100,0	7,80	APR
Rítmica	III	1979	ESEFA	36	83,3	8,30	APR
Atletismo	III	1979	ESEFA	36	94,4	7,00	APR
Anatomia	I	1979	ESEFA	54	85,1	5,30	APR
Fisiologia	I	1979	ESEFA	54	96,2	5,70	APR
Psicologia	I	1979	ESEFA	36	100,0	7,30	APR
Didática	I	1979	ESEFA	36	94,4	9,00	APR
Voleibol	III	1979	ESEFA	36	100,0	5,90	APR
Basquetebol	III	1979	ESEFA	36	94,4	6,80	APR
DO 4º SEMESTRE							
Estr. Func. de 1º e 2º Graus	I	1979	ESEFA	36	94,4	6,30	APR
Didática	II	1979	ESEFA	36	86,1	8,00	APR
Psicologia	II	1979	ESEFA	54	90,7	8,50	APR
Biometria	I	1979	ESEFA	54	98,1	5,20	APR
Fisioterapia	I	1979	ESEFA	36	100,0	8,00	APR
Cinesioterapia	I	1979	ESEFA	36	89,4	7,30	APR
Atletismo	IV	1979	ESEFA	36	88,8	7,80	APR
Rítmica	IV	1979	ESEFA	36	94,4	7,30	APR
Ginástica	IV	1979	ESEFA	36	88,8	7,80	APR

Faculdade de Educação Física e Técnica.
Delegação de Arlinda
Reconhecida pelo Decreto nº 79.838 de 22
julho de 2.007.

Fonte: Acervo da professora Arlinda

4.1.1 FORMAÇÃO ACADÊMICA DA PROFESSORA MARLI

A trajetória acadêmica da professora Marli começou no dia 20 de janeiro de 1983, quando ela prestou o vestibular. Para Marli, não havia outra opção a não ser estudar no curso de EF na faculdade de Marília (SP) e se tornar professora (SANTOS, 2019): “E eu nas minhas três opções no vestibular eu coloquei Educação Física, Educação Física e Educação Física. Porque se eu não tivesse passado eu não ia fazer nada disso, eu ia trabalhar de doméstica, o que eu não sei na época”.

A professora relembrou que durante seu ingresso na faculdade, o vestibular constava somente de prova teórica, sendo dispensado a prática (SANTOS, 2019): “Não, eu fiz, era tudo teoria que foi naquele dia”.

Ao narrar sobre sua trajetória acadêmica, a professora iniciou sua entrevista de forma sorridente, falando sobre a disciplina de natação. Marli relembrou, aos risos, que não era das melhores nessa modalidade (SANTOS, 2019): “Depois que foi com o

professor de natação na época e eu não sei nadar, mal boio de frente, você entendeu? E o meu nado, se você vir o meu nado de peito, você chora”.

Segundo a professora, devido à sua prática no atletismo, sua musculatura era muito pesada, o que dificultava suas tentativas de nadar e boiar (SANTOS, 2019): “Porque eu choro de dar risada, porque é horrível. Eu como fazia atletismo e eu fazia muita musculação, minha musculatura é pesada [...] Eu tentava boiar de costas, não dava certo”.

FIGURA 28 – Professora Marli no terceiro lugar do pódio durante a faculdade (1980)



Fonte: Acervo da professora Marli

De acordo com Marli, a dificuldade em desenvolver as atividades na aula de natação fazia com que suas notas fossem as menores de sua turma (SANTOS, 2019):

O meu primeiro mergulho, eu dei uma barrigada, traumatizei. Eu dei. Eu tive coragem de ir, mergulhei, mas depois dessa barrigada nunca mais na minha vida eu tentei outro e nem tento. Porque não vai dar certo. Eu lembro daquela cena. Então para poder ganhar nota de natação, porque era o que me barrava na faculdade. Eu entrava dentro da água, botava o meu maiô, entrava dentro da água e ficava em pé e pegava a pranchinha. Tudo eu fazia ali, eu entregava trabalho para eles, só que a minha nota era menos do que a dos outros que nadavam, que se acabavam lá.

A professora questionava seu professor de natação sobre seu esforço e superação para participar das aulas práticas, e isso a ajudou a concluir a disciplina (SANTOS, 2019):

Faziam tudo o que o professor queria de crawl, nado crawl, isso e aquilo. E meu crawl, meu crawl era horrível porque eu não dava conta muito nem de prancha. Para ir ao fundo, era um problema em respiração, não dava conta, mas só que eu me sobressai. O meu professor, ele não sabia nadar ele só ficava fora da piscina. Eu falei para ele "Porquê que o senhor não entra na piscina?". Só de calça, camisa, camiseta e a prancheta dele. Falei "Porque que o senhor não entra na piscina, professor?". Ele falou "Eu também não sei nadar, mas eu ensino vocês daqui de fora", eu falei "Ahã, então o senhor capricha por favor na minha nota porque eu vou entregar todos os trabalhos para o senhor, vou entrar na piscina, vou entrar. Vou pegar a pranchinha, vou pular em pé, e o senhor vai me dar por esforço." Porque eu também vou, se eu for uma professora de natação futuramente, que não é isso que eu quero, talvez eu ia ser de atletismo, mas eu também não quis ser, porque eu fiz, mas dá muita dor de cabeça, é um esporte que dá muita dor de cabeça, quem fez sabe e quem é técnico sabe, de atletismo. Então eu só optei por terminar a minha faculdade ali. Então ele era muito camarada porque ele também era técnico de basquetebol. Então ele conhecia meu técnico de atletismo, então ele dava risada ele falou assim "ah, mas você hein.", eu falei assim "não professor, eu não posso ficar com vermelho, não posso ficar de "DP" de nada disso". Então, eu sempre nas médias dele, sempre foram boas, no voleibol, eu acho lindo quem joga, eu sou professora de educação física, mas o meu toque não é perfeito, no voleibol não é.

Marli também narrou que seus esportes preferidos durante a faculdade eram os mais “puxados”, e de acordo com seu depoimento, a prática de futebol na instituição onde estudou era mista (SANTOS, 2019):

Eu sempre me dei bem no handebol, no basquetebol, no atletismo. Então esses esportes mais puxados é o que eu mais gostava e no futsal eu gostava muito de jogar também e no futebol de campo que eu também jogava, a gente jogava era misto. O professor colocava os meninos com as meninas.

Uma das práticas narrada pela professora eram as dinâmicas de “dar a mão”; segundo Marli, de acordo com a sua criação, isso a deixava constrangida (SANTOS, 2019):

Várias dinâmicas, de dar a mão, catar na mão, estender para sair correndo. E nesse catar na mão, naquela época eu não namorava, namorei, comecei a namorar com vinte e três anos de idade na minha vida, quando eu estava terminando a faculdade, eu sempre fui muito reservada, muito quieta. E na época tinha aquelas coisas "ah eu não vou pegar na mão dele.". Você via que não ia pegar, mas eu tinha as amizades, eu tinha as amizades. E tinha muitas amizades interesseiras porque eu fazia atletismo, eu corria, eu viajava, "Ah, você é amigo dela", tipo assim. Você sabia quem era mesmo, realmente seus amigos que catavam, catavam, brigava, jogavam no chão, isso você sabia. Eu sempre fiz amizades com homens, bastante na minha vida, amizades sadias. Então isso tinha, pegava na mão, corria de três, de dois, isso tinha, mas você via que tinha a elite. A elite era aquela “coisa de louco”.

Outro ponto destacado pela professora foi a discriminação sofrida por ser negra; porém, segundo seu relato, a professora foi aprendendo a contornar a situação sempre com orgulho de suas origens (SANTOS, 2019):

Só que eu fui aprendendo GRADATIVAMENTE na minha vida a me SOBRESAIR. Hoje se eu sou xingada assim "Oh neguinha, ô essa nega não sei o que", eu sei sair e falar de negra, não! Eu tenho nome! Preta não, eu tenho nome! Você entendeu? Você tem o seu nome, você gostaria de ser chamado disso daquilo? Eu tenho nome, se você tem nome eu tenho nome. A educação em primeiro lugar. A ética, a postura do ser humano, foi isso que eu aprendi na minha família. Então tinha esse tipo de coisa na época também, mesmo em faculdade também.

Para a professora, essas adversidades nunca a abateram, mesmo nas aulas de voleibol, quando o professor a cobrava bastante por ela ser atleta, e assim a professora seguiu até o término da faculdade, sempre persistente (SANTOS, 2019):

Tinha aulas de cinesiologia, eu quase peguei "DP", tirei a minha nota na marra, mas na marra, na marra, tirei essa média, não peguei "DP", Graças a Deus nunca peguei DP. Mas só que tinha as aulas que eu corria delas, mas eu fazia, que era o voleibol, tinha que fazer. E ele pegava eu pé porque eu era atleta e ele queria perfeição no meu toque, eu falei "i", ai eu ficava brava, mas eu nunca respondia ele eu fala assim "Ah, professor o importante é eu participar das suas aulas e tentar fazer o certo e ensinar o meu aluno corretamente. E fazia, fazia provar tudo certinho e essa vida minha de faculdade foi isso.

Os estágios da professora Marli ocorreram no ensino médio e fundamental; porém, uma experiência se passou durante um de seus estágios numa turma de nono ano, quando teve de coreografar os estudantes e levá-los a uma apresentação na faculdade, ao som da música *On night long*, de Lionel Richie (SANTOS, 2019):

[...] eu tinha que ensaiar uma coreografia com os alunos daquela unidade e levá-los para a faculdade para apresentar e isso aconteceu, a menina que trabalha comigo hoje, ela foi uma das minhas cobaias, digamos assim entre aspas, porque era até uma coreografia da música *On night long* do Lionel Richie. Não esqueço. Então essa foi uma coreografia que eu tinha uma professora de ritmo que era excelente e ela ensinava para a gente a contagem, tudo certinho os oito passos, então tudo isso me ajudou muito e eu era muito atendida nas aulas, eu sempre fui de anotar muito, sabe? Então isso me ajudou a sobressair. Você entendeu?

Outro aspecto importante lembrado pela professora foi que para sua graduação ser concluída não foi necessário entregar uma monografia, sendo o trabalho de conclusão de curso, um relatório de estágio supervisionado que, segundo a professora, foi tão difícil quanto escrever uma monografia (SANTOS, 2019):

No meu estágio eu penei e na época eu lembro que não tinha monografia para fazer, era estágio supervisionado. "Eita", era tipo, porque era um livro eu tinha que fazer todas as anotações de todos. Eu ia em jogos para poder fazer relatório, menino era triste, acho que preferia fazer uma monografia do que

fazer um daquele. É sério, fazer um artigo do que fazer aquilo, porque, menino eu chorava, minha mãe não me ajudava porque ela falou "Marli, como que eu vou fazer, eu mal terminei o segundo ano, segunda série. Como que eu vou te ajudar? Ah, vai lá na casa da sua colega assim, assado.". Aí eu fui, minha colega se chamava Marli, porque eu estudei com três Marli na mesma sala. Era eu e mais duas, então ela me ensinou as etapas, eu pegava as etapas e ia marcando, eu fui montando. Através dessa amiga, que eu também agradeço muito, que eu terminei de fazer esse meu estágio supervisionado e entregar certinho para a professora. Então isso durante a minha vida eu sempre fui muito atendida em tudo para poder aprender.

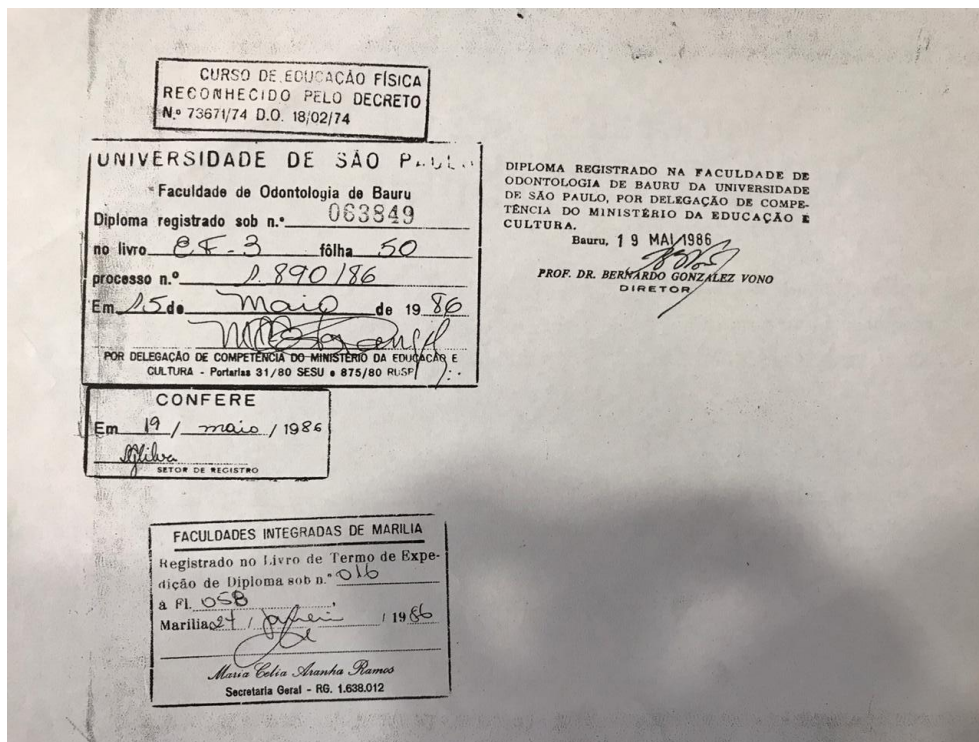
A professora encerrou sua entrevista sobre sua formação, declarando que nunca esperou pelos outros para poder aprender as coisas, sempre buscou por seu próprio esforço e completou (SANTOS, 2019): [...] “eu quero, eu olho, depois eu vou buscando, vou pesquisando, eu vou buscando para poder aprender também. Porque a gente aprende com os erros, até fazer o correto”.

FIGURA 29 – Xerox do diploma de graduação da professora Marli (frente)



Fonte: Acervo da professora Marli

FIGURA 30 – Xerox do diploma de graduação da professora Marli (verso)



Fonte: Acervo da professora Marli

FIGURA 31 – Histórico escolar de graduação da professora Marli

DISCIPLINAS	CURSADAS	CARGA HORÁRIA	% FREQUÊN.	NOTA FINAL	PERÍODO	ST. FINAL	Q.E.S.
ANATOMIA I	090	9444	512	83/1	APRJV		RECUP
BIOLOGIA I	072	9742	5125	83/1	APRJV		
SOCORROS URGENTES	072	3349	537	83/1	APRJV		
GINÁSTICA I	036	3849	3190	83/1	APRJV		
ATLETISMO I	036	3849	3190	83/1	APRJV		
ESTUDO DE PROBL. BRASILEIRAS I	036	3849	3190	83/1	APRJV		
ESTUDOS DE PROBL. BRASILEIRAS II	036	3849	3190	83/1	APRJV		
BIOLOGIA II	072	9742	7100	83/2	APRJV		
BIOQUÍMICA	072	9742	5100	83/2	APRJV		
FISILOGIA	090	9546	5100	83/2	APRJV		RECUP
HIGIENE I	054	10040	6100	83/2	APRJV		RECUP
GINÁSTICA II	036	3849	3190	83/2	APRJV		
ATLETISMO II	036	3849	3190	83/2	APRJV		
METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA I	036	10040	3100	83/2	APRJV		
HIGIENE II	054	3849	312	84/1	APRJV		
GINÁSTICA III	036	10040	7100	84/1	APRJV		RECUP
ATLETISMO III	036	10040	7100	84/1	APRJV		
NATAÇÃO I	036	10040	6125	84/1	APRJV		
VOLEIBOL I	036	10040	3100	84/1	APRJV		
BASQUETEBOL I	036	10040	3100	84/1	APRJV		
FUTEBOL I	036	10040	3100	84/1	APRJV		
ESPORTE COLETIVO	036	10040	3100	84/1	APRJV		
GINÁSTICA IV	036	10040	3100	84/2	APRJV		
ATLETISMO IV	036	10040	7100	84/2	APRJV		
NATAÇÃO II	036	10040	6100	84/2	APRJV		
VOLEIBOL II	036	10040	6100	84/2	APRJV		
BASQUETEBOL II	036	10040	6100	84/2	APRJV		
FUTEBOL II	036	10040	6100	84/2	APRJV		
RECREAÇÃO	072	10040	7100	84/2	APRJV		
METODOLOGIA DA EDUC. FÍSICA II	036	7444	8125	84/2	APRJV		
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO I	090	3744	3150	85/1	APRJV		
GINÁSTICA V	036	3849	3125	85/1	APRJV		
ATLETISMO V	036	3849	3125	85/1	APRJV		
NATAÇÃO V	036	3849	3125	85/1	APRJV		
VOLEIBOL III	036	10040	7100	85/1	APRJV		
BASQUETEBOL III	036	10040	7100	85/1	APRJV		
FUTEBOL III	036	10040	7100	85/1	APRJV		RECUP
GINÁSTICA VI	036	10040	9100	85/2	APRJV		
ATLETISMO VI	036	10040	7125	85/2	APRJV		
NATAÇÃO VI	036	10040	7125	85/2	APRJV		
VOLEIBOL IV	036	10040	7125	85/2	APRJV		
BASQUETEBOL IV	036	10040	7125	85/2	APRJV		
FUTEBOL IV	036	10040	7125	85/2	APRJV		
EST. FÍSIC. ENSINO I - 2 GRAUS	090	1444	6125	85/2	APRJV		
ESTAGIO SUPERVISIONADO	090	10040	---	85/2	APRJV		
TOTAL DA CARGA HORÁRIA		7444					

Fonte: Acervo da professora Marli

4.1.2 FORMAÇÃO ACADÊMICA DA PROFESSORA VERÔNICA

Logo após desistir da faculdade de Letras, a professora Verônica decidiu cursar EF, pois nesse período ficou sabendo sobre a abertura desse curso na cidade de Andradina, por meio de uma ex-professora sua que a incentivou a ir até essa cidade e realizar a inscrição (MENDONÇA, 2020):

Foi a primeira turma de educação física em Andradina. Aí fiz vestibular e fui embora. Essa Tequinho que foi minha professora de educação física no Bom Jesus, ela trabalhava na agência de educação, que é Delegacia de Ensino que eles falavam depois, e aí eu era bem “chucra”, ele falou assim: “tem que ir lá em Andradina fazer a inscrição”. Ninguém se prontificava. Ele pediu para minha irmã um carro da agência. Ela falou: “valos lá, vamos arrumar os documentos e eu vou fazer a inscrição da faculdade”. Eu queria, mas não tinha, como diz, aquele incentivo, de “eu vou fazer tal”, eu gostava, falou: “você vai fazer educação física.” Eu já tinha parado de fazer letras. Aí ela me levou em Andradina, fiz a inscrição, depois o vestibular e foi embora.

Segundo Verônica, o vestibular para ingressar na faculdade de EF, constava não só de prova teórica, mas também da prática. (MENDONÇA, 2020): “Na teoria não lembro nada mais, mas na prática, menino do céu, a gente tinha equilíbrio, tinha três exercícios [...] tinha corrida, natação, essas coisas para entrar na faculdade [...]”.

Assim como a professora Arlinda, a professora Verônica também teve dificuldades ao realizar a prova de natação (MENDONÇA, 2020):

Teve natação, eu era um cabo de machado, porque eu tenho hidrofobia. Corrida para mim, salto, essas coisas, era moleza, agora chegou na piscina, eu não conseguia nadar, não sei quantos metros era, a piscina inteira. Você nadava, não tinha estilo, você tinha que nadar. Aí o professor lá falou assim: “quem não conseguir nadar tem que mergulhar, pegar uma pedra lá no fundo”. Eu mergulhei de boa, mas o medo era muito, eu tenho medo de afogar até hoje [...] conclusão, tive que pegar a pedra, mergulhei lá. A nossa turma era tão safá, tinha gente na época, eu já fiz minha faculdade, eu já tinha mais de vinte anos quando entrei na faculdade, eu entrava, era um pouco atrevida e entrava, só não enfiava a cara dentro, mas tinham aquelas pessoas que tinham medo de entrar, era bem mais de idade que eu naquela época, tinha mulher casada que já tinha filhos, e aí o que nossos colegas faziam, ou os meninos, mergulhava, ficava lá embaixo, o professor está lá sentado. O que eles faziam, ficavam lá embaixo mergulhados, a pedra está lá, a bola, o que eles faziam. Você enfiava a cara, outra pessoa vinha, te dava na mão, você levantava e trazia [...] mas eu consegui mergulhar [...] peguei, mas tinha gente que ficou assim, que não entrava na água, entrou na água, tinha o Claudinir, o jacaré, essa turma toda, o Paulão, o peru, todos foram da minha turma, nossa primeira turma, aí eles entravam lá debaixo, ficavam mergulhados e ficavam com a pedra na mão, a pessoa abaixava assim e já vinha com a pedra na mão. Mas não, eu consegui mergulhar. Eu fazia, mas tinha medo, quando o professor chegava chamava Neizão, eu falava: “Ney, faço tudo o que tem que fazer, mas eu morro de medo, se eu não voltar você pode entrar que eu já morri, então ele sabia.

Além da prova prática de natação, Verônica contou que o vestibular tinha também os exercícios que deveriam ser realizados em 1 minuto (MENDONÇA, 2020):

Agora, na prova prática, porque eu era magrinha, então eu tinha flexibilidade e tinha facilidade, então o que acontecia, você tinha um minuto para fazer, não sei se era um minuto, os exercícios, abdominais, polichinelo, aquele que você joga as pernas para trás, flexiona, no outro dia nós não andávamos, você ficava uma semana moído, porque era tempo e quantidade, então você queria fazer mais rápido, porque quantos você azia era a quantidade de pontos que você recebia. No outro dia você não conseguia sentar, naquela semana você não conseguia tossir porque doíam todos os músculos, você está parado, não está acostumado a fazer essa atividade.

Verônica relatou que para cursar a faculdade em Andradina, ela e seus companheiros três-lagoenses tinham que levantar às 3 horas da manhã para pegar o trem que levava os passageiros. A opção de ir de trem (ao contrário do relato da professora Arlinda, que ia de ônibus) era pela economia que se fazia ao comprar as passagens às segundas-feiras. Segundo a professora (MENDONÇA, 2020):

A gente ia de trem, porque ninguém tinha dinheiro para montar ônibus naquela época. A gente comprava passagem e segunda que era mais barato, mas a gente sentava banco de primeira. Nossa, aqueles homens, chefes de trem, um dia, nós éramos em vinte e poucos, a gente lotava o trem, aí a gente saía andando no trem, porque a gente precisava dormir, porque a gente trabalhava a tarde e à noite, então a gente precisava dormir. Tinha dia que eu dormia meia noite e levantava seis da manhã. Você tinha uma coisa de faculdade para fazer, alguma coisa. Então até que você chegava onze horas da escola, eu ia a pé lá no Fernando Corrêa e voltava. Quando chegava aqui já era onze horas. E ia fazer alguma coisa, ajeitar para o outro dia, você tinha que deixar tudo pronto, porque acordava as três horas, tomava um banho meio dormindo para pegar o trem três e meia aqui. Então a gente comprava de segunda porque o dinheiro era curto. E pegava o trem e sentava nos bancos de primeira. Uma vez o guarda falou assim, começou a reclamar: “vou deixar todos vocês de castigo!”, a gente dava vaia neles! É assim, um pouco dormia, eu tinha uma toalhinha vermelha e cobria o rosto para dormir, e quando estava chegando um ia acordando o outro. Foi muito bom! [...] você sabe que o bom é que não tinha maldade, era muito bom, tudo espontâneo, tudo sincero, honesto, você tinha uma amizade muito limpa. Hoje acho que você não tem, Era um por todos e todos por um mesmo. Hoje acho que as coisas estão cada um em seu quadrado. Então era muito bom!

Entre disciplinas cursadas durante sua graduação, ela destacou (MENDONÇA, 2020): “Eu tinha basquete, vôlei, atletismo, natação, rítmica e ginástica [...] futebol era só masculino [...] eles não tinham rítmica”. Essa fala corrobora com a narrativa da professora Arlinda, que cursou a faculdade de EF no mesmo estabelecimento que a professora Verônica.

FIGURA 32 – Professora Verônica em Apresentação Rítmica – A segunda de pé e roupa branca (18/05/1973).



Fonte: Acervo da Professora Verônica.

Conforme relato da professora (MENDONÇA, 2020):

Tudo, ele era um general, ele falava para as mulheres: "quando você joga algum esporte você tem noção de outros, então você tem mais facilidade, e tinham algumas mulheres lá que até para jogar, você não podia cortar nelas, eu jogava nessa época. Gente, eu falava assim, seu lugar é na cozinha pilotando um fogão. Na quadra com as mulheres assim. E quando foi denúncia na época que ele estava ensinando bandeja, as mulheres vinham e faziam assim. Ele acabava com essas mulheres, a gente tinha noção fazia de boa, a agente jogava. A nossa turma de Três lagoas foi a melhor turma. Se tinha um time e voleibol era daqui. Se tinha masculino era daqui se tinha basquete era daqui. O basquete nosso tinha pouca gente. Tinha a Ildinha, tinha pouca menina, eu não era chegada em basquete, só que Andradina tinha mais menina, então estava mesclado, mas o vôlei, o basquete, tudo era lá. Atletismo, Narcisa era boa em atletismo. Eu gostava de salto em altura, de salto em extensão.

Quando questionada sobre suas aulas de rítmica, a professora, aos risos, relembrou (MENDONÇA, 2020):

Odiava. Eu chorava, eu parecia um cabo de vassoura, eu era bem magrinha, tinha cinquenta e poucos quilos, um cabo de vassoura, era magrela, comprida, eu não dava conta de fazer os pliê, os “escambau”, as pernas, os braços, aqueles trens todos, eu tirava nota baixa. Eu me lembro, um dia que teve prova individual, a professora colocava uma música e você tinha que dançar, colocar todos os passos do balé em cima da música. [...] Eu chorei, não consegui fazer a prova, cheguei, estava com lona preta, fui para o banheiro. A professora falou assim, ela se chamava Dinéia. Ela falou assim: "Verônica, relaxa, descansa e você faz prova depois". Eu fui para o banheiro, sentei lá e chorei. Você sabe os passos, você sabe fazer, lógico que não sai com perfeição porque você não tem o dom, mas então falava, só que ela colocava música e você tinha que criar em cima daquilo ali. Fazer os passos que ela ia determinar. Como eu ia fazer isso? Só chorava. E a vergonha? Gente, que vergonha, todo mundo sentado em volta e eu ali no meio dançando. Não. Aquele dia eu não consegui fazer prova. Eu fiz outro dia sozinha com a professora, não sei nem o que saiu ela deve ter dado nota.

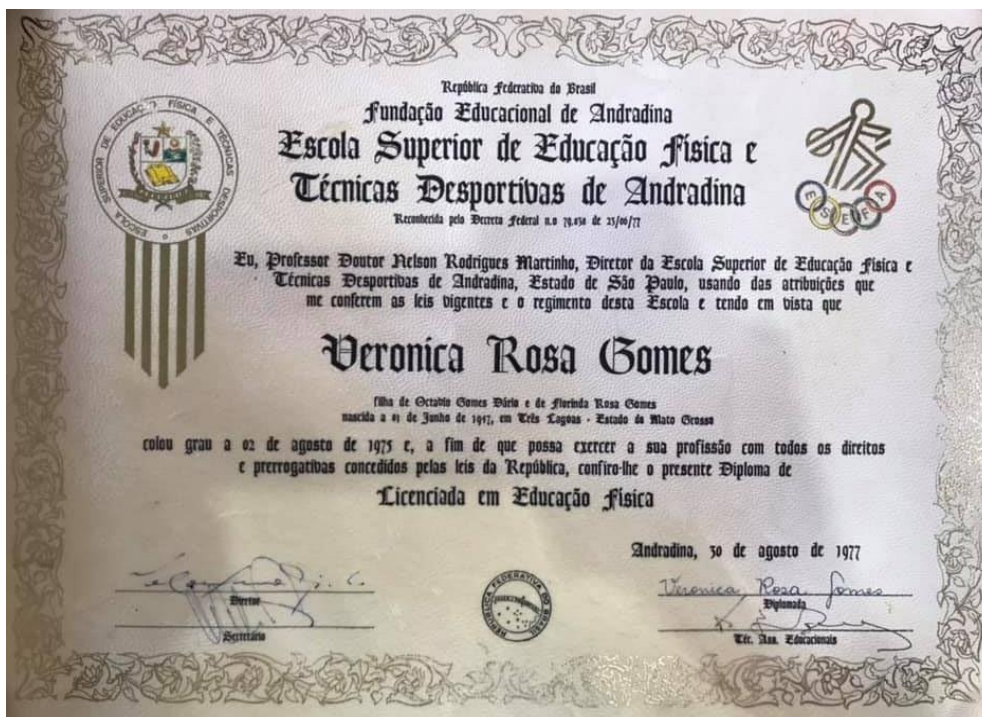
A professora encerrou a entrevista contando que sua turma fora a primeira de EF de Andradina, e que a duração do curso foi de dois anos e meio (MENDONÇA, 2020): “Dois e meio com seis horas de aula por dia, seis matérias e dia de sábado também. Então foi um currículo completo”.

FIGURA 33 – Professora Verônica Recebendo Diploma de Graduação (02/08/1975)



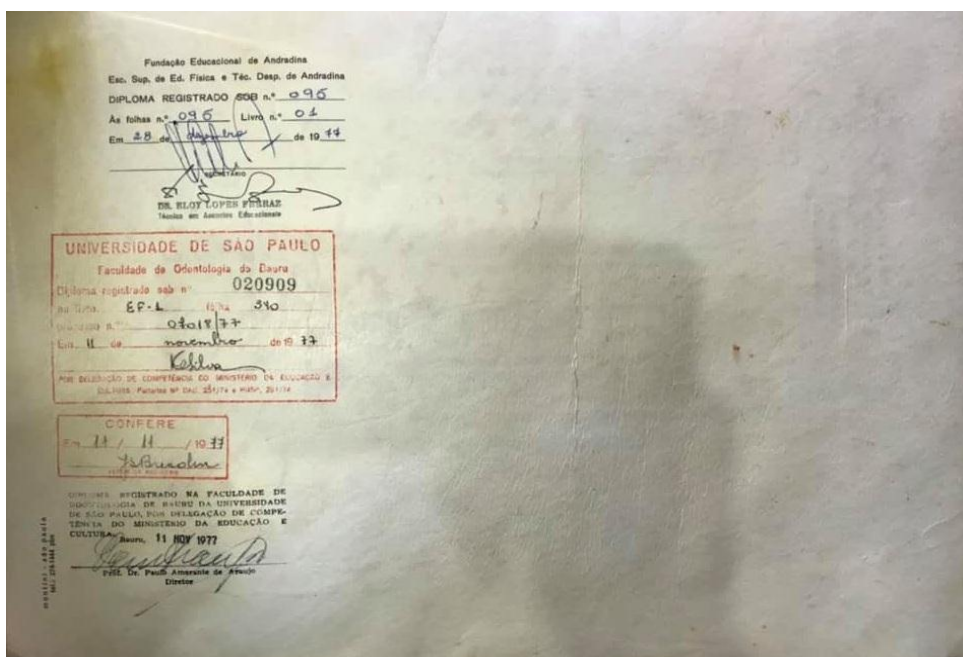
Fonte: Acervo da Professora Verônica.

FIGURA 34 – Diploma de Graduação da Professora Verônica (frente).



Fonte: Acervo da Professora Verônica.

FIGURA 35 – Diploma de Graduação da Professora Verônica (verso).



Fonte: Acervo da Professora Verônica.

FIGURA 36 – Histórico Escolar de Graduação da Professora Verônica (página 1 e 2).

Escola Superior de Educação Física e Técnicas Desportivas
Rua Amazonas, 571 – Fones: 1412 - 1672 – Cx. Postal 477
ANDRADINA – Est. S. Paulo – CEP 16800

CERTIFICADO

O aluno matriculado, **WALDIR BOTTEGA** Diretor da Escola Superior de Educação Física e Técnicas Desportivas de Andradina, Estado de São Paulo, CERTIFICA para os devidos fins que:

VERÔNICA ROSA GOMES filha de **OSVALDO GOMES DARIO** e de **FLORINDA ROSA GOMES** natural de **TRÊS LAGOAS** Estado de MATO GROSSO, nascido aos **01 de JUNHO** de **1.947**, concluiu regularmente o curso de **LICENCIATURA em EDUCAÇÃO FÍSICA** em **1.975**, nos anos de **1.973/74 e 75** respectivamente, tendo obtido grau em **02 de AGOSTO** de **1.975**.

Documento apresentado: **CÉDULA DE IDENTIFICAÇÃO Nº 110.214**
Especialidade: **TRÊS LAGOAS - M.T.**
Data de expedição: **29/06/1.972**

CURSO GINÁSTICO
Estabelecimento: **COLÉGIO E ESCOLA NORMAL TRAJANO DOS SANTOS**
Data de Conclusão: **1.968**
Nota: **TRÊS LAGOAS - M.T.**

CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS
Estabelecimento: **ESCOLA NORMAL "D. AQUINO CORRÊA"**
Data de Conclusão: **16/12/1.971**
Nota: **TRÊS LAGOAS - M.T.**

CURSO SUPERIOR – CONCURSO DE HABILITAÇÃO Ano Letivo de: **1.973**

Disciplinas	Médias de Aprovação		Média
	1ª Época	2ª Época	
PROVAS INTELECTUAIS	2,5		3,5
PROVAS PRÁTICAS	4,4		

1ª SEMESTRE Ano Letivo de: **1.973**

DISCIPLINAS	MÉDIAS DE APROVAÇÃO		
	1ª ÉPOCA	2ª ÉPOCA	C. HORÁRIA
FISILOGIA -I-	7,8	-	53
SOCORROS URGENTES -I-	8,3	-	53
BIOLÓGIA -I-	5,4	-	53
HIGIENE -I-	8,3	-	54
GINÁSTICA -I-	6,5	-	53
ATLETISMO -I-	8,8	-	35
HÉTICA -I-	6,8	-	35
BASQUETEBOL -I-	6,0	-	35
ESTUDOS DOS PROBLEMAS BRASILEIROS	8,8	-	70

2ª SEMESTRE Ano Letivo de: **1.973**

DISCIPLINAS	MÉDIAS DE APROVAÇÃO		
	1ª ÉPOCA	2ª ÉPOCA	C. HORÁRIA
FISILOGIA -II-	6,9	-	53
HÉTICA -I-	8,3	-	54
BIOLÓGIA -II-	-	7,0	53
ANATOMIA -I-	8,0	-	35
FISILOGIA -II-	9,0	-	35
GINÁSTICA -II-	5,4	-	35
ATLETISMO -II-	7,4	-	35
HÉTICA -II-	7,0	-	35
BASQUETEBOL -II-	7,3	-	35
HATAÇÃO -I-	7,6	-	35
VOLEIBOL -I-	7,0	-	35

3ª SEMESTRE Ano Letivo de: **1.974**

DISCIPLINAS	MÉDIAS DE APROVAÇÃO		
	1ª ÉPOCA	2ª ÉPOCA	C. HORÁRIA
FISILOGIA -III-	7,2	-	55
HÉTICA -II-	7,1	-	53
ANATOMIA -II-	7,0	-	35
FISILOGIA -II-	8,4	-	51
GINÁSTICA -III-	5,3	-	35
ATLETISMO -III-	8,4	-	35
HÉTICA -III-	5,0	-	35
BASQUETEBOL -III-	-	-	35
HATAÇÃO -II-	-	-	35
VOLEIBOL -II-	7,9	-	35

4ª SEMESTRE Ano Letivo de: **1.974**

DISCIPLINAS	MÉDIAS DE APROVAÇÃO		
	1ª ÉPOCA	2ª ÉPOCA	C. HORÁRIA
GINÁSTICA -I-	7,9	-	70
GINÁSTICA -IV-	6,0	-	53
ATLETISMO -IV-	7,6	-	53
HÉTICA -IV-	5,3	-	53
BASQUETEBOL -IV-	5,4	-	53
HATAÇÃO -III-	6,8	-	53
VOLEIBOL -III-	7,7	-	53
FRÁTICA DE ENS. SUPERVISIONADO	-	-	70

5ª SEMESTRE Ano Letivo de: **1.975**

DISCIPLINAS	MÉDIAS DE APROVAÇÃO		
	1ª ÉPOCA	2ª ÉPOCA	C. HORÁRIA
ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO ENS. 2º GRAU	7,4	-	53
HISTÓRIA -I-	7,1	-	81
FISIOPATIA -I-	6,7	-	71
GINÁSTICA -V-	6,9	-	70
ATLETISMO -V-	8,4	-	70
RECREAÇÃO -I-	7,8	-	70
FRÁTICA DE ENS. SUPERVISIONADO	-	-	140

Observações: **CARGA HORÁRIA 2.298 HORAS AULAS**

Assinaturas: **Andradina, 02 de Agosto de 1975**

Carimbo: **ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E TÉCNICAS DESPORTIVAS**

Fonte: Acervo da Professora Verônica.

4.2 ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE VIDA ACADÊMICA

Partindo dos relatos produzidos pelas professoras entrevistadas, podemos observar algumas relações entre seus saberes acadêmicos e suas trajetórias de vida, como vamos observando no transcorrer de todas as narrativas.

A forma como se deu o processo de ensino-aprendizagem ao longo dos anos, o modo de criação e a cultura familiar, a formação de valores morais, a participação em atividades diversas e a formação inicial trouxeram essas mulheres até o curso de EF. Dessa forma, concorda-se com Moita (1995, p. 115), quando essa autora pontua que a formação profissional não é neutra e acontece por meio da “[...] troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos”.

Além disso, existem diversos caminhos que conduzem o indivíduo à escolha da profissão em um curso superior, bem como os motivos que determinam essas escolhas, conforme aponta Borges (1998, p. 89): “Muitas vezes, decisões que parecem ter sido

tomadas ao acaso são resultado de uma avaliação sobre as possibilidades futuras, o que significa ponderar a respeito de qual caminho deve ser escolhido”. Dentre esses fatores, destacam-se a possibilidade de realização pessoal e a rentabilidade futura.

São possibilidades que margeiam as escolhas pessoais, contudo, a falta de opções também parece ser um fator relevante a ser destacado, pois como relatado pela professora Arlinda, a falta de opção foi um fator de ponderação na escolha da EF (ANDRADE, 2019): “Não estava nos meus planos fazer Educação Física. Eu queria fazer Psicologia na época. Mas meu pai não tinha condição porque Psicologia Só tinha em Corumbá. Então aqui não tinha Psicologia”.

Assim, Borges (1998, p. 89) conclui que:

As expectativas, porém, são determinadas pelas condições materiais de existência dos professores. Deste modo, suas opções não são fruto de uma escolha individual, mas de um conjunto de fatores externos que aliados às condições subjetivas do sujeito, constituem as circunstâncias de vida, nas quais se desenrolam os momentos de escolha.

Ao analisarmos o relato da professora Arlinda, podemos perceber que as escolhas são provenientes da vontade de “ser alguém na vida”, fruto de uma educação rígida exercida por seu pai. Além disso, as motivações financeiras como possibilidade de melhora de vida são percebidas quando seu primeiro patrão diz para sua mãe (ANDRADE, 2019): “Fala para sua filha dar aula. Porque o Magistério ainda vai melhorar muito. Fala para ela dar aula, para ela sair do comércio”. As possibilidades futuras, como apresentado por Borges (1998), constituem um fator importante nas decisões de escolha profissional dos indivíduos.

Dessa forma, a formação inicial proporciona aos estudantes, os conhecimentos técnicos e práticos, bem como o estágio em sala de aula, fatores que contribuem para o exercício da docência; contudo, ainda falta nos cursos de nível superior um maior aproveitamento sobre a reflexão da prática. Sobre isso, Amorim filho e Ramos (2010, p.226) trazem que:

[...] grande parte dos conhecimentos que o aluno universitário (futuro professor) adquire é por meio de uma transmissão que raramente envolve uma reflexão mais aprofundada de tais conhecimentos. A formação de professores tem ocorrido, em sua grande maioria, por meio da perspectiva da racionalidade técnica “cuja concepção central entende que a atividade profissional consiste na solução instrumental de um problema através da aplicação de uma teoria científica ou técnica” [...] assim, na nossa concepção, consideramos importante a formação de professores que se fundamenta na perspectiva da racionalidade prática (grifos do autor).

Boa parte da falta dessa racionalidade reflexiva sobre a prática foi sendo constituída desde a década de 1940, quando o artigo 54 do Decreto-Lei Nº3.199, de 14 de abril de 1941 trazia: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

O Decreto em questão vigorou até meados de 1970; porém, em plena intervenção militar, no ano de 1965, o CND estreitou os limites que segregavam o esporte feminino brasileiro por meio da deliberação nº 7 que trazia o seguinte: "Não é permitida [à mulher] a prática de lutas de qualquer natureza, do futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball".

Dessa forma, foi sendo construída uma EF voltada para o nacionalismo, que seria consagrado por meio dos esportes; por isso, em 1971, o Decreto 69.450/71 regulamentou a EF como “atividade” com foco na “aptidão física” do indivíduo.

Podemos observar em Betti (1991, p. 106) que:

[...] muito pouco se refletiu sobre os “meios” de que se deve utilizar a Educação Física para a consecução de seus objetivos. Ao estabelecer a “aptidão física” como referência fundamental dos programas de Educação Física, restringiu-se em demasia as possibilidades pedagógicas para o alcance de tão amplos objetivos, propostos para atingir a “formação integral da personalidade”. (grifos do autor).

Assim, a proibição de determinadas práticas de atividades esportivas pelas mulheres, que culminou na separação dos sexos durante a formação acadêmica, pode ser percebida nas lembranças da professora Arlinda (ANDRADE, 2019): “Porque só joga no time quem já sabe! Então, quer dizer, eu nunca fui de aprender, porque nunca davam oportunidade para a gente”, ou “Porque tinha futebol só para os meninos. Não tinha para as meninas. Na faculdade nós não fazíamos futebol”; assim como nas narrativas da professora Verônica (MENDONÇA, 2020): “[...] futebol era só masculino [...] eles não tinham rítmica”, ou na fala destacada sobre seu professor: “ele era um general, ele falava para as mulheres: ‘quando você joga algum esporte você tem noção de outros’”.

Por meio dos relatos, podemos observar uma perspectiva esportivista com resquícios do machismo que imperou durante esse período, corroborando a pesquisa de Costa (2017 p. 169), que observou em seu estudo com três professores de EF aposentados a mesma característica:

Assim, as narrativas dos professores indicam, entre outras questões, uma formação profissional em Educação Física fundamentada em um modelo curricular “tradicional-esportivo [...] Além disso, essas narrativas sugerem um culto à formação de um perfil docente cujas aulas deveriam ser desenvolvidas com base em uma tecnização da Educação Física [...] Nesse cenário de formação inicial, também identificamos uma priorização do conteúdo em detrimento do objetivo e do método.

Ainda sobre isso, a autora ressalta que durante o período que compreende os anos 1960 e 1970, houve intensa ampliação e popularização do ensino superior com a criação de diversas instituições privadas, incluindo o curso de EF (COSTA, 2017).

Desse modo, ao refletir sobre a conjuntura da época em questão e ao pontuar que os professores pesquisados por ela estudaram em instituições privadas, entendemos que as determinações sofridas durante a formação acadêmica dos professores pesquisados pela autora, corroboram com os resultados deste estudo, haja vista que as professoras em questão também estudaram em instituições de ensino superior particulares. Assim Costa traz que (2017, p. 172):

Ao refletir sobre a formação profissional e o modelo que a tem sustentado (de racionalidade técnica), Souza Neto (1999) acrescenta que, além dos interesses do Estado no processo de origem e de constituição das universidades, as mesmas sempre manifestaram (e ainda manifestam), em suas ações formativas, interesses sociais e econômicos de determinadas épocas e lugares (grifos da autora).

Portanto, corroborando o estudo proposto pela autora, observamos neste estudo, por meio das narrativas apresentadas, que da mesma forma como apresentado por Costa (2017, p. 171), “a ginástica e os esportes contribuíram para o desenvolvimento da área como profissão e influenciaram as trajetórias escolares e da formação (inicial e continuada) dos professores de Educação Física entrevistados”.

4.3 VIDA PROFISSIONAL DOCENTE

Para encerrar o capítulo, apresentamos a discussão acerca do exercício docente das professoras que participaram da pesquisa, tendo como foco mais especificamente à atuação profissional durante as aulas de EF ministradas no primeiro e segundo grau da educação básica, no município de Três Lagoas, tendo como fonte de pesquisa suas narrativas.

Por meio da construção prévia de um perfil docente que perpassou a socialização e as experiências ao longo da vida, há competências que só são

internalizadas ou apropriadas pelo sujeito a partir do contato com a própria realidade de atuação (AMORIM FILHO E RAMOS, 2010).

Dessa forma, essas narrativas revelam as reminiscências das professoras Arlinda, Marli e Verônica, elucidando suas trajetórias profissionais; contudo, percebemos ao longo dos relatos a constante referência às relações familiares, sociais, escolares etc. que foram perpassadas pelos tópicos anteriores, corroborando com os apontamentos realizados por Bosi (2001, p.54): “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”.

Assim, a teia de experiências que vai formando o indivíduo em toda sua subjetividade apresenta uma indissociabilidade com a pessoa que é o professor (NÓVOA, 1995).

Segundo Costa, (2017, p. 182):

Tomando-se por base os elementos das histórias de vida dos professores elucidados nos capítulos precedentes, bem como a possibilidade de compreensão do processo de construção das práticas desenvolvidas por eles e a reflexão sobre essas práticas, afirmamos, [...] que a forma de ensinar depende inteiramente daquilo que o professor é no momento em que exerce a docência.

Da mesma forma como proposto pela autora, entendemos que o processo de formação do professor perpassa por todas suas experiências de vida e, principalmente, pela compreensão de sua prática no momento em que ensina.

Sendo assim, as entrevistas realizadas com as professoras pesquisadas tiveram a intenção de elucidar sua prática, e ao mesmo tempo que rememoram sua atuação profissional, refletem sobre si mesmas, suas ações e suas crenças, tornando-se a narrativa uma fonte valiosa para a pesquisa em educação.

4.3.1 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DA PROFESSORA ARLINDA

A professora Arlinda iniciou sua trajetória de vida profissional no comércio de Três Lagoas, trabalhando inicialmente numa lotérica, e depois numa livraria. A professora relatou que trabalhou durante todo seu período de escolarização e durante a faculdade, para arcar com seus estudos.

Contudo, Arlinda relembrou que durante algum tempo relutou para começar a dar aulas no município, pois ganhava muito bem trabalhando no comércio (ANDRADE, 2019):

Eu não queria dar aula porque eu trabalhava no comércio. E eu ganhava muito bem no comércio. Aí a minha mãe falou: você está louca? Você vai dar aula! Eu falei: mãe. Mas eu não quero dar aula. Eu ganhava, vamos supor, muito bem assim. Sabe? No comércio. Aí: não. Mas você fez Magistério, minha filha. O que é isso? Dá aula. Olha só os professores. Dar aula é... É um prestígio ser professora. Não. Olha. Você vai ser a única professora da família. Que não sei o que. Porque eu fui a única que estudei. Eu falava: meu Deus do céu.

Segundo os relatos da professora, até outras pessoas conhecidas da família tentavam incentivá-la a lecionar, uma vez que ela já era formada no magistério e cursava EF (ANDRADE, 2019):

Aí o professor Jairo, ele já faleceu, que era o dono de uma farmácia aonde é a Odeon hoje. Aí ele era dono da farmácia lá. Aí ele falou: Aninha. Fala para sua filha. Porque minha mãe trabalhava no Dom Aquino. Mas nessa época a minha mãe era servente. Ela limpava a escola. Fala para sua filha dar aula. Porque o Magistério ainda vai melhorar muito. Fala para ela dar aula, para ela sair do comércio [...] fala para ela dar aula. Fala para ela dar aula que é muito... Olha. Ai minha mãe: dá. Eu falei: puxa vida.

Durante esse período de incertezas, Arlinda relatou que na educação de Três Lagoas, ainda não contava com o ensino de EF em sua grade curricular, passou a selecionar interessados para ministrar as aulas de EF que iriam ser incorporadas ao currículo da cidade (ANDRADE, 2017):

Foi assim. Nós estávamos estudando no primeiro ano. Aí eles implantaram Educação Física no município. Não tinha Educação Física na grade do município. Aí iam implantar Educação Física. E aí eles foram convidar o pessoal da faculdade, quem estava fazendo Educação Física. Eles deram prioridade para quem estava fazendo Educação Física pegar aula no município. Então tinha aula para todo mundo.

Arlinda relutou, mas após insistências de suas amigas do curso e de seus familiares, a professora relatou que resolveu tentar. Assim, a primeira atitude foi falar com seu patrão (ANDRADE, 2017):

Aí as meninas, todas as minhas colegas pegaram aula. Ai minha amiga Virgínia, ela falou: não Arlinda. Vamos dar aula. Vamos dar aula. Não. Aí eu falei para o meu patrão. Falei: Luiz Carlos. Eu vou ter que dar aula. Porque estou fazendo faculdade e o pessoal começou, foi na faculdade chamar e eu

vou dar aula. Aí ele falou assim: aí, Fátima. Mas e aí? Ele me chamava de Fátima. Você vai dar aula? Eu falei: é. Eles me chamaram eu vou dar aula. Aí ele falou: mas como que é essa aula? Eu falei: ah. Eu vou ter que ir lá e dar aula tal hora a tal hora. Aí ele falou para mim assim: você consegue fazer o seu serviço? No horário do almoço e à tarde? Eu falei: eu consigo. Ele falou: não. Porque aí eu ponho outra pessoa só para ficar junto no caixa e você vai ficar só para mexer com as minhas contas de banco. Você só vai pagar duplicata, vai depositar, vai pagar duplicata e vai fazer o Livro-caixa [...] Aí eu ia lá correndo dava minha aula e pegava minha bicicletinha. Eu tinha bicicleta. E naquela época você tinha que dar aula aqui e ali, aqui. Não era professor de uma escola só não. Você atendia três, quatro escolas. Um dia você estava numa escola, outro dia na outra, outro dia na outra. Sabe assim? Aí fui.

Quando questionada sobre suas primeiras aulas, ainda em processo de formação acadêmica, a professora relembrou a escola que atuou (ANDRADE, 2019): “Escola São João era. Mas hoje ela não chama mais São João. Chama Professor Odair. Mas era uma escolinha assim que não tinha nem [...] Não tinha nem lugar para dar aula”.

Segundo a professora, ela iniciou sua trajetória escolar como docente em 01/03/1979 (ANDRADE, 2019): “Foi dia primeiro de março de setenta e nove que eu comecei trabalhar. Já comecei a trabalhar registrada”.

Arlinda relatou que ao se deparar com a realidade escolar ficou horrorizada, pois não imaginava o quão escasso seria em termos de materiais didáticos e estrutura (ANDRADE, 2019):

Você tinha que pegar os alunos, tirar da sala, andar, sair da escola ir ao campinho. Dificilmente. Não tinha escola que tinha quadra. Depois que eles começaram a construir escolas, abrir, fazer quadra e tal. Não tinha. E não tinha espaço também nas escolas, que era tudo pequenininho. O que você tinha que fazer? Pegar os alunos, sair com eles tudo de mãozinha dada e ir ao campinho do bairro para você dar aula. Menino. A hora que eu vi tudo aquilo de menino. Cheguei na escola, a primeira coisa você fica doido com a realidade. Porque na faculdade você tem uma bola para cada aluno a hora que você vai fazer. Você vai fazer ginástica, todo mundo tem o seu bambolê, todo mundo tem o seu bastão, todo mundo tem a sua massa, todo mundo tem tudo. E na escola que não tinha nada. Uma bola e uma corda. Só. Uma bola de futebol rasgada às vezes e uma corda. O que eu vou fazer com esse horror? Trinta? Que trinta? Cinquenta alunos de cada vez. Tinha vez que você tinha que juntar duas salas para dar aula. Olha. Eu fiquei quase louca.

A professora relatou que, para auxiliar suas aulas, recorria à ajuda de seus professores da faculdade, que tentavam ajudar por meio de dicas, atividades e até mesmo com cursos (ANDRADE, 2019):

Ah. Primeiro dia você fica doidinha. Você não sabia o que você fazia direito. Daí: professora, me ajuda! Chegava na faculdade: professora... o que a gente vai fazer? Aí eles começaram. Eu comecei arrumar joguinhos. Sabe? Ia atrás de jogos recreativos. A gente... Nós que praticamente implantamos como que ia fazer a aula. A professora nos ensinava na faculdade e a gente vinha para cá e colocava em prática. Plano de aula que a gente tinha que fazer, aí o que a gente ia dar. As aulas eram dadas todas. Aí nós fizemos um curso. Aí nós ficamos praticamente perdidos, que aquele horror de alunos, não tinha material. Aí a Secretaria de Educação deu um curso para a gente com um professor, eu acho que era Washington o nome dele, Washington Luiz. Até ele lançou um livro para você dar aula tudo com sucata, que foi o que foi nos auxiliando para a gente dar aula. Porque a gente aprendeu a dar aula com caixa de sapato, com pet. Que começou a ter as pets, porque nem tinha antigamente. Começou a ter a pet. Pneu. Com a camiseta. Sabe? A gente dava aula desse jeito. A gente dava aula era com gravetinho. Salto à distância você fazia um risco e punha graveto. Era graveto. Aí o que a gente só dava? E eles exigiam que a gente... Competição. Todas as escolas. Competição. Uma escola contra a outra. Queimada, corrida, competição de atletismo e depois competição de queimada e futebol.

Arlinda contou que, na rede municipal de educação, não sentiu que sofreu nenhum tipo de preconceito por ser mulher e estar lecionando EF, pois segundo ela, as mulheres eram maioria (ANDRADE, 2019): “Nós éramos a maioria de Educação Física. Nós éramos mais do que os homens. Então não tinha. Nós que mandávamos. Os homens eram bem menos”.

Apesar disso, a professora narrou que sofreu ao ter que lecionar futebol para os alunos, pois durante o curso as mulheres não podiam participar das aulas; e após relembrar sobre o período que tinha de lecionar danças e fazer apresentações, ponderou a respeito de sentir que havia preconceito (ANDRADE, 2019):

Tinha assim, os homens, porque é o seguinte, nós, que vamos supor, começou a ter dança, festival de dança. E aí tinha que fazer porque a dona Arlinda, que já faleceu que foi Secretária da Educação, ela exigia. Não era um negócio participa quem quer não. Era convocação. Você vai fazer. Vamos supor. Dança folclórica. Cada escola vai ter um tema e vai fazer a dança folclórica [...] aí os homens ficaram bravos. Eu não vou apresentar. Dança? Dança é coisa de mulher! Ai eu falava: mas nós não damos futebol? Nós não aprendemos para ir dar futebol! Nós tivemos que aprender! Nós nem tivemos aula de futebol e nós aprendemos a dar, a fazer! Porque foi assim. Quando nós fomos dar futebol, porque exigiu que nós déssemos futebol, nós pegávamos, por exemplo, eu e a Conceição, que a gente não sabia nada quase de futebol, aí nós pegávamos os meninos que sabiam já, da quarta série, para ensinar a gente. Então quando precisava de regra para a gente aprender nas pegávamos esses... Porque na nossa época tinha muito presidente de bairro. E eles geralmente que mexiam com futebol. Aí nós pedimos para eles irem apitar para a gente. Aí eles ensinaram para nós: professora. Tal. Tal. É porque nós não tivemos. A gente falava: a gente não teve futebol na faculdade. Não. Tudo bem. Isso aqui é falta, esse é pênalti. Isso é isso. Aí a gente aprendeu. Mas aí ainda eles falavam: não. Mas não aprendemos futebol? Agora vocês vão aprender dança. Nossa. Mas eles queriam morrer. E aí o meu ex-marido que era professor de Educação Física, o Silvio, ele tinha muita facilidade para dar dança. Sabe? Ele gostava também de mexer. Tanto que ele fez festival na

rede de dança. Então ele gostava. Então eu e ele nós adorava mexer com dança. E os outros eles falavam: mas pode parar. Só quem mexe com dança aqui é o Sílvio Guedes. Nós não vamos mexer com dança não. O Sílvio que gosta de mexer com essas danças de Folclore, que não sei o que. Então eu tinha. Aí às vezes eles falavam assim: não. Vamos fazer o seguinte? A gente ajuda vocês e tal e coisa. Vocês ajudam a gente fazer dança? Aí nós íamos lá. Começar a ensaiar. Então tá. A gente vai montar. Nós montávamos a coreografia da dança. Eu, às vezes, montava coreografia para um horror de gente assim. ia montava.

Assim, seguiu contando que, nessa troca com os homens, elas ensaiavam as danças e eles apitavam os jogos de futebol; porém, ela também participava dessas competições (ANDRADE, 2019):

Os meninos que apitavam [...] eu fiz curso de arbitragem. Só que aí eu só era segundo árbitro. Nós mulheres só fazíamos súmulas. Olha o preconceito. [...] As coisas foram acontecendo na minha vida para eu ver que: não. A gente trabalha muito. Nós temos que ter os nossos direitos e tal. Mas foi com o tempo que eu fui aprendendo isso. Eu aprendi a ser sindicalista. Eu aprendi as coisas. Sabe? A sofrer, a ver as coisas doer na pele e ir para a luta. Porque os meus pais não eram de luta. Os meus pais eram bem conservadores. Sabe? Meu pai é como falei para você, aquela pessoa que criou a gente ali na bola de... Sabe? Não brincava, não saía, não conversava, não conversava com menino. Eu não podia brincar com menino porque nós éramos só mulheres. [...] O meu pai não vai me deixar ir à casa dos outros. A gente sentia. Tem coisa que marcou. Marcou na minha vida. A primeira vez que eu pedi para ir ao cinema. Assim. As minhas vizinhas iam no cinema. Eu não pude ir. Meu pai não me deixava ir ao cinema. Quer dizer, isso ficou marcado em mim.

Conforme foi narrando sobre o período de trabalho na rede de ensino de Três Lagoas, a professora foi relembrando das exigências feitas pela Secretaria de Ensino, que propunha sempre muitas competições entre as escolas do município, fator que fez com que Arlinda e mais professores acabassem por excluir, quase que inconscientemente, alguns de seus estudantes, pela necessidade de ganhar as competições, conforme relatou (ANDRADE, 2019):

[...] na nossa época, tinha muita atividade dentro da quadra com os alunos. Nós tínhamos primeiro competição de vôlei; competição de atletismo, todos os anos. Depois competição de futebol. Era o atletismo; futebol; depois tinha semana da criança que era atividade mesmo com todas as crianças da escola - de fazer competição de futebol dentro da escola porque aí não era... tudo que fazia durante o ano, nós fazíamos com as crianças porque para você participar de uma competição nível municipal, você pega os melhores e sempre aqueles piores, coitados, nunca participam de nada e nunca sabem nada porque a professora: não é, porque você tem que ganhar, não é? Seu objetivo é ganhar! Eu e a Conceição, nós éramos... Queríamos ganhar. [...] Nós íamos para competir, não é? Para ganhar! Então nós só pegávamos os melhores, não é? Quer dizer, quem não sabia, nós já deixávamos de lado. Porque tinha que trabalhar com... Aí na semana da criança, a gente fazia aquela atividade

mesmo para todo mundo participar. Era sala contra outra sala, sabe? Uma sala contra... Eu, então, todos alunos participavam da competição. Aí tinha queimada, futebol, voleibol, corrida e então tinha tudo; e ali, geralmente, a gente já fazia essas competiçõezinhas para gente ir vendo quem que eram os melhores para depois... não é?

Durante esse tempo, Arlinda trabalhou como professora e trabalhou concomitantemente na loja na qual já era funcionária; porém, sua dupla jornada terminou após um ano lecionando, pois fora convidada a dobrar o período no Município, deixando assim a loja que já trabalhava há muito tempo (ANDRADE, 2019): “eu fiquei só um ano [...] Sabe por quê? Porque aí eu fui convocada para trabalhar o dia todo. Aí fiquei só um ano”.

A professora lembrou que ficou apaixonada pela EF, pois amava ver a empolgação de seus alunos quando ela chegava para dar aula (ANDRADE, 2019): “Apaixonei pela Educação Física, para dar aula. E era muito gostoso, sabe? Você ver aqueles menininhos. Tudo que você mandava, eles faziam”.

Para Arlinda, ser professora da rede municipal de Três Lagoas não foi tarefa fácil, pois, além da dificuldade estrutural e pedagógica, existia também uma “discriminação” por parte dos professores da rede estadual (ANDRADE, 2019):

Olha, a gente tinha muita discriminação por ser da rede municipal porque os professores da rede estadual ganhavam muito mais que a gente. Nós ganhávamos pouquíssimo e o professor da rede estadual ganhavam muito bem. Tanto que a maioria dos professores davam aula no estado e no município [...] o que você ganhava em dois períodos no município, você ganhava mais dando só um período no estado. No estado ganhava muitíssimo bem. Então todo mundo queria dar aula no estado.

Desta forma, a professora, que queria ganhar um pouco melhor, decidiu aceitar algumas aulas no município de Santa Rita do Pardo⁴², trabalhando pela rede estadual de ensino de MS, no intuito de melhorar seu ordenado (ANDRADE, 2019):

Teve uma época em que eu fui dar aula em Xavantina⁴³. Dei quase quarenta aulas em Xavantina e quarenta aulas aqui. Eu trabalhava aqui segunda, terça e quarta; quarta à tarde eu pegava o ônibus, chegava em Xavantina, que hoje é Santa Rita do Pardo; chegava oito, nove, dez horas da noite. Porque era assim se era tempo seco, o ônibus da Viação São Luiz, o pior ônibus que existia, com aqueles motorezões na frente, aquele barulhão, ficava atolado na terra. Se era chuva, ficava atolado na lama. Aí chegava lá, eu ficava em uma pensão. Aí cinco horas da manhã. Que cinco? Quatro horas da manhã. Por quê? Porque você tinha que dar aula antes para os alunos depois irem trabalhar e para ir para roça, ir para comércio porque era um patrimônio.

⁴² Município Sul Mato-grossense, à aproximadamente 180km de Três Lagoas.

⁴³ Faz menção à Santa Rida do Pardo.

Xavantina é uma coisa pequenininha. Então a maioria ia para a roça; ia trabalhar com os pais, ajudar. E aí a gente dava aula. Quatro e pouco eles passavam na pensão. Eu ficava em uma pensão. Aí eles me chamavam de manhã: professora. E iam comigo porque estava escuro ainda. Chegava na escola, acendia a luz - da quadra não, do pátio, porque não tinha quadra -, e eu dava aula lá para eles... e era assim dava duas aulas. Vamos supor, uma aula para os homens e depois uma aula para as mulheres. Seis, sete horas, acabavam todas as aulas de Educação Física. Eu dava essa aula [...] Eu dava todas as aulas. Aí eu dava Educação Física. Aí depois porque... lá eu dei aula de Educação Física, Religião, Geografia, tudo que tinha, porque tinha uma falta de professor fora de série [...]aí eu ficava o dia todo dando aula. O professor que faltava, eu ia lá e pegava. Pegava aula e dava. Ficava dois dias lá, ralava o dia todinho. Às vezes, até de noite, eu dava aula. Tinha uma turma que eu dava aula à noite; dava de manhã e dava à noite a aula para eles. Aí eu sei que, nessa época, que eu fiquei lá em Xavantina, eu fiquei dois ou três anos trabalhando em Xavantina. Aí depois eu vim para cá.

Após três anos fazendo esse percurso, a professora contou sobre o cansaço de viajar e voltar toda semana para Três Lagoas, e começou a trabalhar somente nesta cidade, pegando substituições, cobrindo licenças etc.

Sobre sua efetivação no município, Arlinda contou que alguns dos professores foram efetivados pela mudança na Constituição de 1988; contudo, ela também prestou concurso para professora e passou em primeiro lugar (ANDRADE, 2019):

Nós fomos efetivados na mudança da Constituição de oitenta e oito. Aí teve um artigo que todo mundo que fosse, tivesse mais de não sei quantos anos, cinco anos, passava a ser efetivo; e nós já tínhamos. Então nós ficamos estáveis. Só que aí depois fizeram concurso e nós fizemos concurso do Município e eu passei fiquei em primeiro lugar nesse concurso [...] E não precisava, eu não precisava nem fazer concurso, mas nós fizemos e hoje eu vejo que eu fui até prejudicada porque eu podia ter ficado estável os dois períodos como um período e ter mais outro período de concurso. E a gente não foi orientado, sabe? E eu fiquei só com um...

Arlinda também contou que preferia trabalhar com as turmas femininas, pois se sentia mais à vontade com as aulas de ginástica e danças (ANDRADE, 2019):

Aí eu comecei a pegar substituição aqui mesmo, os professores tinham direito à licença especial. Aí seis meses um professor ficava de licença especial. Aí você pegava seis meses de um professor e depois terminava e você já pegava do outro, sabe? Então você ficava trabalhando nas licenças especiais do professor do estado. Então a gente pegava todas essas substituições. Então era muito bom, não é? Ganhava bastante dinheiro, só que trabalhava que nem os condenados [...] aí eu sempre trabalhava com as mulheres, gostava mais de trabalhar. Quando eu ia para o estado, já pegava ginástica e voltava dança. Eu sempre pegava as aulas desse jeito.

Arlinda relatou que as atividades relacionadas à sua profissão foram aprendidas na “raça” por aqueles que tinham intenção de aprender; assim, a professora percorreu

diversas cidades, fazendo súmulas das competições, sempre ajudando e sendo ajudada por seus companheiros (ANDRADE, 2019):

Eu, a Elaine, a Conceição, sabe? Nós que fazíamos súmula. Corria o estado fazendo súmula. Porque nós aprendemos fazer súmula - de basquete, de voleibol, de handebol, de tudo a gente fazia. E foi assim que a gente aprendeu. Nós aprendemos as coisas na raça. Sabe assim? Só que um ajudava o outro, sabe? Quando via que estava com dificuldade, ia lá falava: não, é assim. Sabe? Vai lá, faz isso. Espera aí que eu vou te ajudar.

Para realizar as atividades em sala de aula, a professora e seus colegas de trabalho passavam horas estudando e montando jogos que aprendiam em livros (ANDRADE, 2019):

Quando eu comecei dar aula, na época, até namorava um cara que era da Cesp e até xerox era a coisa mais difícil que tinha. Aí eu consegui uma apostila que tinha mais de 300 joguinhos. Ele levou e tirou xerox tudinho para mim. Meu? Essa minha apostila fazia sucesso. Nós reuníamos para fazer plano de aula e um copiava. Não, eu vou dar esse jogo. Já marcar fulano, sabe assim? Olha, esse jogo é... e nós, e para entender como que ele dava esse jogo? A gente ficava... [...] Aí nós ficávamos estudando como que você ia dar aquele joguinho para criança. Você estudava. Que nem dança. Teve dança, tinha livro, que depois vinha com os passos de dança, mas você... ficava estudando como que você vai dar? Deve ser...

Segundo a professora, a rede estadual e municipal não auxiliavam com materiais didáticos para os professores planejarem suas aulas, então esses livros citados eram adquiridos pelos próprios professores quando iam a congressos ou outros eventos (ANDRADE, 2019):

Você comprava livros; vinha pessoal vendendo livro para gente e comprava. E a gente ia lá e comprava com o nosso dinheiro essas coisas ou, às vezes, você ia a algum congresso [...] nós comprávamos com nosso dinheiro as coisas, mas era, ou você corria atrás, ou você ficava para trás. Era o lema!

Além do trabalho semanal, Arlinda ainda participava de um projeto estadual chamado “Esporte para Todos”, desenvolvido nos bairros da cidade (ANDRADE, 2019):

Na minha época, foi lançado pelo estado uma, um projeto Esporte para Todos. Vinha, tinha até cartilha desse Esporte para Todos que nós além de dar aula, nós, no final de semana, íamos para os bairros trabalhar com a comunidade e fazer esse projeto do governo estadual chamado Esporte para Todos.

FIGURA 37 – Panfleto de Ginástica desenvolvido pela professora (1990).

«NÃO ESTOU LEGAL»

Os dias vem e vão, e com eles, sob a pressão da rotina e sempre com o olho no relógio, um grande número de pessoas abandonam hábitos mais saudáveis e se entregam a uma vida sedentária pouco relaxante, onde a má alimentação é o prato do dia. Entra em cena agora o cansaço, as rugas, a barriguinha indesejável, a flacidez, etc. . .

A depressão, a insatisfação com a vida o baixo desempenho nas atividades profissionais, a perda da auto-estima, a ansiedade crescente e a irritabilidade constante, levam a um desajuste social permanente.

Geralmente as pessoas não sabem que o grande mal do século - «**Não Estou Legal**» - E, primordialmente gerado pela obesidade.

O artificialismo de vida criado, mantido e imposto pela sociedade, gera a obesidade, e esta, a capacidade física com alteração em vários órgãos, que levam a perda do maior patrimônio do homem - A Saúde.

Venha conservar ou recuperar o seu bem estar e a sua saúde, fazendo ginástica orientada por profissionais qualificados, e ganhe saúde.

Estamos te aguardando de segunda a sextas feiras a partir das 17:00 horas. *início - 02/abril*

Procure o POLI-ESPORATIVO
A sua vida vai mudar para melhor

POLI-ESPORATIVO
 EM DEFESA DA QUALIDADE DE VIDA.
 PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS LAGOAS

APOIO: **LELIOGRÁFICA**
 BOBINAS PARA, PRESENTES, TAPETES PARA CARROS E IMPRESSOS EM GERAL.

FONE 521 - 2031

Fonte: Acervo da professora Arlinda

FIGURA 38 – Professora Arlinda (terceira de pé da direita para a esquerda) e alunas em competição de basquetebol (década de 1980)



Fonte: Acervo da Professora Arlinda

Ao narrar sobre suas experiências profissionais, a professora também contou que percorreu várias escolas do município de Três Lagoas, seja para lecionar, para participar de jogos, festas ou festivais; além disso, nesse meio tempo a professora e seu marido abriram uma locadora de vídeo cassetes e, dessa forma, além de trabalhar arduamente como professora, desenvolvia atividades em sua loja (ANDRADE, 2019): “Também eu dei aula em quase todas as escolas. Dei aula na São João⁴⁴, na escola São Carlos⁴⁵, na Maria Eulália⁴⁶, Joaquim Marques⁴⁷ e Colinos⁴⁸ – essas do Município; do Estado, eu dei aula no Dom Aquino, no Fernando Correia⁴⁹, no “JOMAP” e no Bom Jesus”.

Para a professora Arlinda, seu trabalho, sua marca, foram suas danças e apresentações que fazia com muito orgulho para as festividades que aconteciam na cidade, como desfiles etc., além do reconhecimento de seus alunos, que até hoje a reconhecem na rua e param para lembrar os velhos tempos (ANDRADE, 2019):

O que marcou? Nós participamos de festival de dança, foi muito bom. Os festivais do SESI. Tiveram os festivais de dança no SESI que a gente participava que era muito bom. A gente... sabe o que é você montar a dança, pegava uma música, montava os passos, nós que é... bolávamos as roupas e depois tinha jurado para julgar a melhor dança, os melhores passos, traje, tudo e ganhar o festival. Sabe? Foi muito bom! [...] Até hoje tem aluna minha que chega: professora, nossa, professora como que você... aprendi a dançar, eu me desinibi com você porque você fazia a gente ir para frente. [...] Nós fazíamos as coisas com satisfação, com prazer. A gente tinha prazer de apresentar as coisas para mostrar que a gente sabia fazer, que a gente conseguia, que era capaz, sabe? [...] E nós não tínhamos condições. Para dar dança, no começo, sabe como eu tinha? Eu comprei gravador; aí depois veio coisa, fita cassete, nós que gravávamos, nós que arrumávamos discos, nós íamos na rádio pedir música, disco emprestado. A gente conseguia com as pessoas!

Assim, a professora Arlinda terminou sua entrevista de forma muito sorridente e feliz pelas lembranças, dizendo o seguinte (ANDRADE, 2019): “Educação Física, para mim, foi ótimo. Foi aonde eu conheci meu marido. Meu primeiro marido. Tenho dois filhos lindos, não é? Então...”. Desta forma, foi possível perceber o amor e consideração que essa professora teve e continua a ter pela profissão docente e pela EF.

⁴⁴ Refere-se à escola hoje chamada Odeir Antônio da Silva, localizada na rua Tancredo Tasso Cardoso, 1532 - Vila São João, Três Lagoas.

⁴⁵ Localizada na rua Irmãos Cameschi, 688 - Parque São Carlos, Três Lagoas.

⁴⁶ Localizada na rua Av. Cap. Olinto Mancini, 2775 - Jardim Primavera, Três Lagoas.

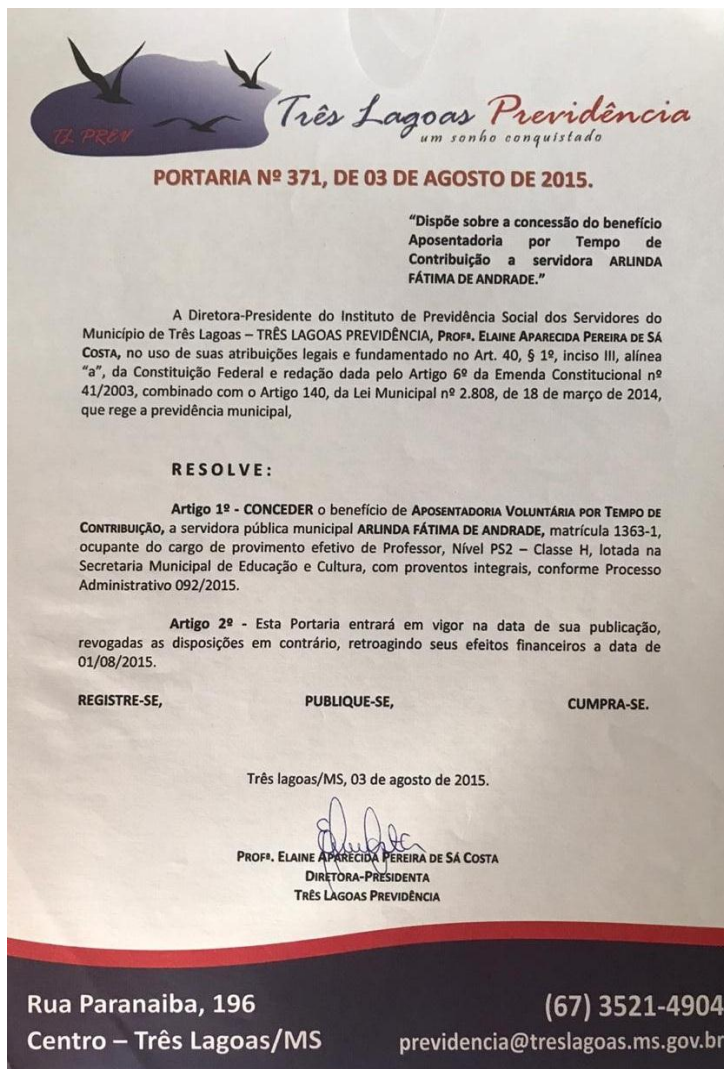
⁴⁷ Localizada na rua Alaor Pimenta De Queiroz, 1667 - Vista Alegre, Três Lagoas.

⁴⁸ Refere-se à escola Julio Fernandes Colino, localizada na rua Paranaíba, 1369 - Colinos, Três Lagoas.

⁴⁹ Localizada na rua João Carrato, 1560 - Centro, Três Lagoas.

A professora Arlinda aposentou-se em 03/08/2015, conforme apresenta a portaria n° 371.

FIGURA 39 – Portaria da aposentadoria da professora Arlinda



Fonte: Acervo da professora Arlinda

4.3.2 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DA PROFESSORA MARLI

A trajetória profissional da professora Marli não começou imediatamente após o término da faculdade de EF e nem durante o curso, como foi o caso da professora Arlinda. Ao terminar a graduação, a professora (que na época gostava muito de pintar) queria fazer faculdade de Artes; contudo, devido ao valor dos estudos e por sua mãe não poder mais ajudar a custear seus estudos, Marli não pôde cursar Artes.

Incentivada pela mãe e pela irmã, Marli foi cursar o magistério (SANTOS, 2019): “A minha irmã falou assim “ah, vai estudar então para professora de sala então!””. Apesar dos esforços e incentivos, Marli não gostava do curso e não se via como professora regente de sala (SANTOS, 2019): “Eu nunca me identificava com aquilo e não me identifico [...] a pessoa tem que ter dom!”.

Após a faculdade de EF, a professora relatou que também já não conseguia conciliar a vida de atleta, e aos poucos foi deixando o atletismo (SANTOS, 2019):

Eu fiquei um ano parada, quase um ano parada, voltei um pouco, corri um pouco, mas só que aí já não mirava mais porque o atletismo te exige muito treino. [...] Você tem que correr todos os dias, você tem que treinar todos os dias, você tem que fazer várias coisas todos os dias. Musculação, entrevar o tênis, circuito treino, você tem que fazer tudo isso para a sua coordenação, respiração, você tem que fazer tudo isso, depois que você para, é complicado você voltar, você entendeu? Aí deixei de mão com muita dor no coração porque eu achei que eu nunca na minha vida eu ia largar. Falei "como? A gente envelhece".

Sendo assim, a professora decidiu que iria se dedicar ao trabalho; porém, ficou dois anos sem exercer a profissão docente, trabalhando com faxinas, quando surgiu uma oportunidade de conhecer Três Lagoas (SANTOS, 2019):

Limpei casa, fazia faxina e ia guardando o meu dinheiro. E meu pai sempre me dava alguma coisinha e eu ia guardando, de dois reais, um real e eu ia guardando. [...] Aí parei. Eu tinha uns colegas daqui que foram correr lá, que eu conheci lá em Marília, eles me chamaram para vir aqui conhecer Três Lagoas e para tentar alguma coisa aqui. Depois de dois anos. [...] Eu estava o que, eu fiz faxina. Só que a minha mãe não tinha dinheiro para eu vir para cá. Eu peguei um monte de faxina para fazer, eu limpei casa e ia guardando o meu dinheiro. Ia guardando, fui guardando. Aí um dia falei que vinha, minha família sempre foi assim, meu pai "Não está trabalhando, vai ficar em casa! Eu banco! Estou vivo, eu banco!", não é assim, vai criar beata dentro de casa? [...] E com esse dinheirinho eu vim, eu vim para cá, para Três Lagoas e eu fiquei na casa da minha amiga que eu tinha conhecido, minha amiga Margarete. Conheci Margarete, o Praxedes hoje que é policial, que na época eu chamava ele de Tonhão, chamo ele de Tonhão até hoje, não consigo chamar ele de Praxedes, ele também fazia atletismo, a gente também se conheceu nessa época, o Bergão daqui de Três Lagoas, o Ronei que trabalha na APAE também são todos professores de educação física, o Ronei. O Ronei é, os outros não seguiram essa área.

Nesse meio tempo, a professora foi conhecendo outras pessoas, e quando chegou a Três Lagoas, sua amiga já havia trazido seu currículo e apresentado à Secretaria de Educação Municipal (SANTOS, 2019):

Então conheci pessoas excelentes. Vim para cá e na casa dessa minha amiga, e na época quem que era o, eu trouxe o meu currículo, tudo certinho, todos os meus documentos, entreguei na secretaria de educação na época, a secretaria

antigamente ficava ali onde que é a APAE⁵⁰, a APAE hoje ali na Generoso Siqueira. [...] Então era ali que a secretaria de educação, um prédio muito velho, era ali que funcionava. E na época era Dona Lucia Firmino que era secretaria de educação, depois foi a Sônia Lucia, então a Dona Lucia Firmino ela é assim, eu morava na casa de uma menina que era atleta e a mãe dela já trabalhava na prefeitura que era auxilia de escola, Dona Marlene que mora na Vila Piloto. Então ela falou de mim para o Alex que era professor de educação física que trabalhava no colégio dela e que foi para a secretaria de educação na época para ser chefe de setor, que na época era chefe de setor de educação física. E ele pediu para eu levar o currículo, eu levei na secretaria de educação e entreguei para a secretaria que era Dona Lucia Firmino. Ela me deu o meu primeiro emprego. Você entendeu? Ela deu o meu primeiro emprego. Eu não esqueço disso, ela também não esquece disso.

Dessa forma, a professora Marli iniciou seus trabalhos na Prefeitura Municipal de Três Lagoas, em 1988, sendo este o seu primeiro trabalho como professora (SANTOS, 2019):

Mil, novecentos e oitenta e oito, eu entrei na prefeitura no dia vinte e três de março de mil novecentos e oitenta e oito, me lembro como se fosse hoje. Eu entrei em uma licença de gestante de seis meses da professora Marcinha, a professora Marcinha daqui de três lagoas mesmo [...] Que ela era na época do município e ela foi ganhar bebê e depois ela passou no concurso do Estado e eu não fui mandada embora da vaga dela, porque era uma experiência de noventa dias primeiro. Eu passei da experiência, continuei no lugar dela. Quando foi para ela retornar, ela passou no concurso do Estado, ela saiu da escola onde eu estava que era Filinto Muller⁵¹. Eu sou funcionária da Filinto Muller desde oitenta e oito. Então são trinta e um anos, vai fazer em março agora. Então foi a vaga dela. Então é Deus que encaixa todas as coisas. [...] Então a minha trajetória é complicada e bem longa e consegui aqui, fui em Marília depois buscar o restante das minhas coisas, fiquei até o final de semana e fui buscar o restante.

Para Marli, a pior parte foi deixar seus pais e sua família em Marília, pois a professora era muito apegada a eles (SANTOS, 2019): “Para deixar a família foi complicado, porque eu era muito ligada neles na época”. Apesar disso, a professora relatou que seus pais a apoiaram, e mais tarde seu pai a parabenizou pelas conquistas.

Durante a entrevista, questioneei a professora sobre sua primeira experiência profissional, e ela relembrou, com uma voz embargada, sobre uma experiência frustrante que teve no primeiro dia de estágio. Segundo Marli (SANTOS, 2019):

Eu falei "Meu Deus, e agora?" Tem branco, tem negro, tem japonês, tem tudo, tem índio, tem tudo, eu falei "Como que eu vou lidar com essa cultura ali nessa miscigenação, como que eu vou lidar?". Falei "Bom, eu fiz uma faculdade", ensinou várias coisas na faculdade, mas a gente só aprende na prática e quando eu estava fazendo a minha faculdade no último ano eu estava fazendo estágio, eu fui fazer estágio e tinha aula prática, tinha as

⁵⁰ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

⁵¹ Localizada na Av. Dr. Eloy Chaves, 2755 - São Jorge, Três Lagoas.

observações e tinha na prática, eu me recordo como se fosse hoje. Por isso que eu falo " Eu sou uma professora de educação física com orgulho na minha vida.", por quê? Porque quando eu fui fazer o meu primeiro estágio minha professora, foi no ensino médio em um colégio estadual em Marília, essa professora desse colégio, eu não me recordo o nome dela para você ver, eu não consigo me recordar do nome dessa professora, não consigo porque foi uma coisa que me frustrou. Porque é uma disciplina que eu quis para a minha vida, que ia me ingressar para o trabalho e essa professora no primeiro dia de estágio ao invés dela dar aula para eu ficar observando, ela me largou, ela me largou e foi para a secretária tomar café, na hora do recreio eu fui lá para poder passar as coisas para ela, me deixou com um diário lá com um negócio, eu falei "Gente, mas o que é isso?" Ainda bem que eu aprendi na faculdade algumas coisas. Te juro, então a experiência, esse pensamento foi frustrante na minha vida. [...] Eu não sei nem se essa mulher é viva hoje em dia, essa professora. Porque eu tenho meus cinquenta e cinco anos, não sei se ela já é falecida porque faz muito tempo, deve ser falecida ou não, não sei então aquilo me marcou, mas eu, como fazia atletismo, eu sabia todas as coisas sobre aquecimento, as partes que tinha que fazer, usei isso. Joguei o que eu fazia na minha prática para ali, nesse estágio ali naquela aula.

E ao relembrar desse momento, a professora continuou sua explanação sobre seu início de carreira docente (SANTOS, 2019):

Peguei uma turminha, foi ali na Filinto Müller mesmo, foi a minha primeira aula no lugar da Marcinha. Peguei alunos que eles me vêm na aula ainda me chamam de professora Marli, a senhora, tia Marli e tem uma que já está de idade, eu estou com cinquenta e cinco, ela está com quase quarenta. [...] Então quando eu ia para jogos, levava para uma dança, pedia para a família. Eu ia na casa de bicicleta, eu tinha bicicleta, ia de bicicletinha na casa. Passei dez anos da minha vida para comprar a minha primeira moto no trabalho. Eu passei dez anos de bicicleta, na época tinha uma perua, uma Kombi no caso, da prefeitura que buscava a gente em ponto extremo perto de casa para vir dar aula.

FIGURA 40 – Professora Marli (de branco no canto esquerdo) e seu primeiro local de trabalho na Escola Senador Filinto Müller (década de 1990).



Fonte: Acervo da professora Marli

Nesse meio tempo, a professora já trabalhava como convocada, conforme relatou (SANTOS, 2019):

Eu lembro que eu só tinha meio período, que eram as aulas que eu tinha pegado da Marcinha. E esse, e depois mudou o secretário de educação e foi até o José Bento que é o diretor da escola Bom Jesus, ele foi secretário de educação, ele sabia que eu era de fora, eu não pedi para ele as quarenta, mas eu ia pedir porque eu estava em um lugar convocada, contratada. [...] ele olhou para mim, eu ia pedir, aí ele falou "Vou te dar mais vinte, você só tem vinte. Vou te dar mais vinte."

A professora Marli contou que seu concurso para professora da rede municipal de educação ocorreu em 1994, sendo chamada quatro anos depois (SANTOS, 2019):

Passei em um concurso, demorou um tempo para chamar, quando chamou, chamou trinta. Da prefeitura. [...] Noventa e oito deu pose, mas esse concurso parece que aconteceu em noventa e quatro. Ele ficou parado sem chamar. [...] Então concursada eu tenho trinta e um anos de rede municipal, concursada eu sou de noventa e oito até a presente data, eu sou concursada.

FIGURA 41 – Termo de posse na prefeitura de Três Lagoas da professora

Marli

MARLI AP DOS SANTOS
PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS LAGOAS
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

TERMO DE POSSE

Aos TREZE dias do mês de ABRIL do ano de mil, novecentos e noventa e OITO, e na Prefeitura Municipal de TRÊS LAGOAS - MS.

Marli Aparecida dos Santos

nomeado(a) por Decreto nº 157 de 27 de MARÇO de 1998, publicado no JORNAL DO POVO de 01 de ABRIL de 1998, para exercer o cargo de PROFESSORA ED. FÍSICA, Classe A, Referência 1, Nível 5, do Grupo OCUPACIONAL 07, do Quadro Permanente da Prefeitura Municipal de TRÊS LAGOAS, compareceu perante o Senhor Prefeito Municipal, e tendo comprovado ter satisfeito as exigências contidas nos Artigos 26 e 27 da Lei nº 795 de 03/11/1987 (Estatuto dos Funcionários Públicos do Município de Três Lagoas/MS), foi empossado (a) no referido cargo, nos termos do artigo 29 e parágrafo único da citada Lei, mediante a promessa de bem cumprir os deveres inerentes ao mesmo.

E, para constar, lavrou-se o presente termo que vai assinado pelo Senhor Prefeito Municipal, pela Secretaria de Administração e pelo(a) empossado(a).

TRÊS LAGOAS, 13 de ABRIL de 1998

PREF. MUNIC. DE TRÊS LAGOAS
AUTENTICAÇÃO
CONFERE COM O ORIGINAL
EM 02/07/1998

Dr. Issam Soares
Prefeito Municipal

Dr. Cleuzo Mantovani

Marlene de Araújo Catharini
Gerente de Divisão de Recursos Humanos

Fonte: Acervo da Professora Marli

Ao relembrar do processo de ensino no Município, Marli contou que havia poucos materiais pedagógicos para trabalhar, sendo necessário utilizar muita sucata e também muita criatividade (SANTOS, 2019):

O material era muita sucata, eu trabalhava com muita bola de meia, muito material reciclado, garrafa pet a gente fazia aquele vai e vem. A gente fazia aquele com pedacinho de mangueira para não machucar a mãozinha das crianças, bolinha de meia. A gente ganhava pouco material naquela época, mas ganhava. Tudo bola furada, tinha umas cordas, toda velha, toda detonada. E trabalhava com aquilo. Eu ia inventando brincadeiras, eu tinha até um [...] um arreião. [...] Mas só que eu ia muito para campinho, campinho do Paranapunga⁵², trabalhei muito lá no sol com a molecada, trabalhei em um campinho ali também perto do Paranapunga que tinha um campinho que agora é um terreno que eles planaram, ali foi um campinho, trabalhei ali também. Lá próximo da escola eu ia com os meninos também no campinho, já levei menino para o quartel também para correr lá, para treinar. Para o atletismo. Então era tudo assim de bicicletinha, eu e minha crianças carregando na garupa. Tinha que reinventar. Mas sempre tinha alguém para auxiliar no planejamento, na secretaria de educação, tinham as nossas coordenadoras na escola também. Mas eu dava aula no sol eu trabalhava de boné, eu usei muito boné naquela época que era um arreião, os meus alunos faziam educação física a maioria descalço. E era muito triste isso, muito pobre, mas era todo mundo feliz ali.

FIGURA 42 – Professora Marli durante apresentação de quadrilha com seus alunos (1990)



Fonte: Acervo da Professora Marli

⁵² Antigo bairro Três Lagoense.

Marli trabalhou por muitos anos como professora, porém, atualmente trabalha como diretora na Escola Professora Elson Lot Rigo⁵³, que é uma extensão da Escola Senador Filinto Muller.

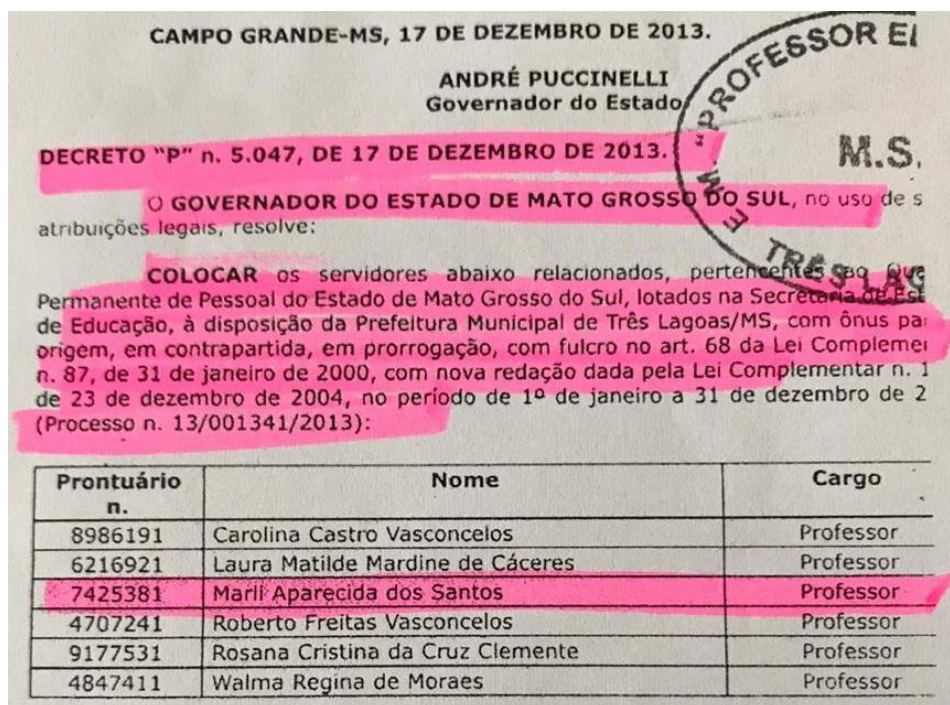
Apesar de ainda estar na ativa exercendo o cargo de direção, a professora se aposentou pela rede estadual de ensino, cargo efetivado por meio de concurso público, conforme relatou (SANTOS, 2019):

Trabalhei muitos anos como professora de Educação Física e no ano dois mil eu passei na rede estadual. Eu fiz um concurso, eu não ia fazer e minha colega falou "Não, faz". Não tinha nem dinheiro, eu lembro que era trinta e seis reais que tinha que pagar. Eu não tinha dinheiro. Ela falou "Não, pega". Na época eu usava, tinha um limite, eu não conhecia esse negócio de limite. Ela falou "Pega do seu limite. Falei 'AH meus Deus do céu, não me ensina não". Peguei esse dinheirinho do meu limite, depois eu paguei do limite do banco, era cheque especial que é falado hoje. Eu peguei esses trinta e seis reais e fiz minha inscrição, fiz a prova, era aqui mesmo em Três Lagoas. Depois saiu o edital e eu não vi. Meu finado Colega, que era o finado Esquerdinha, que ele tem o nome de uma escola municipal hoje, ele era professor de uma escola na rede municipal. Odeir Teotonio, me ligou e falou, eu era muito amiga dele "Marlizeinha, você já olhou o edital? Já olhou o jornal?". Eu falei "Lê o jornal para quê?". Ele falou "Saiu aí o seu nome." Eu falei "Como, o meu nome?", ele falou "É". Eu nem, sabe quando você faz e esquece? Ele falou "É, parabéns, você passou em primeiro lugar em educação física". Falei "O que? Eu?". Sabe quando eu não me acreditava? Eu falei "Eu passei em primeiro lugar?", ele falou "É, você passou em primeiro lugar.". Porque aqui em Três Lagoas na época, em dois mil, eu em primeiro, segundo lugar o Diogo, O irmão da Maria Diogo. Então primeiro eu, segundo ele, terceiro Valdênia. Nós três. Inclusive eu peguei até a vaga da Valdênia na época que era no Jomap, que era a melhor escola, quadra coberta. Eu falei "Eu vou escolher, eu estou na frente." Eu vou escolher, só que eu fui para observar. Eu passei em primeiro lugar e trabalhei no Jomap até, de dois mil até, que ano eu trabalhei, dois mil e doze. É, doze anos eu trabalhei no Jomap. Dois mil e sete.

A professora relatou que, tendo duas “cadeiras” (ou seja, dois cargos, sendo um no Município e outro no Estado, quando passou a ser diretora em 2009), ela passou a ser cedida com ônus para exercer a função de direção na rede municipal (SANTOS, 2019): “O Estado, até quanto eu trabalhei em dois mil e doze, até dois mil e doze que eu trabalhei no Jomap, eu trabalhei doze anos no Jomap. Eu fui cedida do Estado para o Município, por ser diretor eu tinha esse direito. Eu era cedida com ônus”.

⁵³ Localizada na rua Marcílio Dias, 2916 - Jardim Primavera, Três Lagoas

FIGURA 43 – Diário oficial que decreta a cedência da professora Marli



Fonte: Acervo da professora Marli

Contudo, dois anos depois, houve uma troca no governo do estado de MS, e a professora teve de voltar a sua função, trabalhando sessenta horas semanais como professora.

As aulas no Estado da professora Marli eram ministradas para turmas maiores, com adolescentes, totalmente diferentes daquelas turmas que estava habituada no Município, sendo que além de trabalhar com aulas práticas, ela também tinha que trabalhar com a teoria. Segundo a professora, isso foi um desafio, pois conforme relatou, os estudantes mais “rebeldes” não queriam realizar as atividades (SANTOS, 2019):

Vocês vão jogar bola, mas primeiro tem os combinados, tem o que a gente vai fazer, tem o aquecimento, tem isso, tem aquilo", eles ficavam olhando para mim, "Tem as brincadeiras, tem as dinâmicas", ficavam olhando para mim, a gente ia para a quadra, todo mundo fazia. Os rebeldes "Ah não quero fazer", peguei, peguei essa parte. "Não quero fazer", olhava para mim assim, falei "Hum, meu Deus e agora o que eu vou fazer?", só que eu ignorava essa parte, jogava "Eu dou prova assim, assim, a coordenação conversou comigo, tem a aula pratica e tem a aula teórica. Na teoria eu vou fazer tudo certinho para vocês, não vou ficar passando diretão na lousa, vou trazer já impresso, a minha prova só não vai tirar nota quem não quer!

Além das aulas “convencionais”, a professora narrou sobre a possibilidade de trabalhar com treinamentos, como forma de agregar à sua jornada de trabalho. Assim, a professora passou também a trabalhar com treinamentos de futsal e xadrez (SANTOS, 2019): “Além de eu dar aula normal, eu tinha direito de pegar três treinamentos. E como eu gosto de futebol, eu peguei o futsal. Eu gosto de xadrez também, eu sei jogar um pouco de xadrez”.

A professora também relatou que adorava trabalhar com danças na escola, considerando-se uma professora rigorosa (SANTOS, 2019):

Minha vida de professor sempre foi uma loucura, depois de dois mil e sete sempre trabalhando intensamente, antes disso também, intensamente porque as minhas danças, eu dava as minhas coreografias, tinha que ser perfeito. Meus ex-alunos me encontram falam " Nossa, professora você era brava". Eu era brava, falei assim "Eu reconheço que eu sou brava enquanto professora", eu sou brava com os danados, quando a gente encontra a gente conversa, mas verdade "A gente ama a senhora, porque a senhora ensinava tudo certinho. A senhora queria a dança perfeita, sem erros", falei, “Mas errar é humano, mas eu queria corrigir para que vocês fizessem um trabalho bonito”.

FIGURA 44 – Professora Marli e suas estudantes em apresentação (década de 1990)



Fonte: Acervo da professora Marli

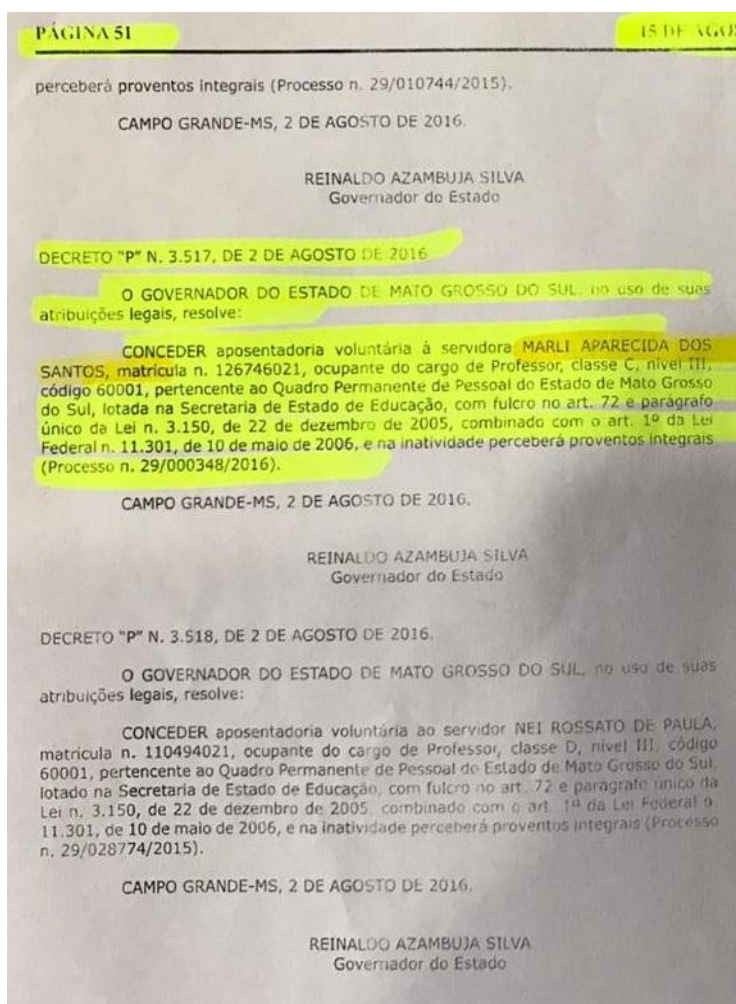
Marli relatou que considera os professores de antigamente mais unidos e que a postura profissional mudou muito desde que iniciou seu trabalho. Para ela (SANTOS, 2019):

Antigamente os profissionais de educação física eles eram mais unidos, hoje em dia os profissionais de educação física é um querendo engolindo o outro e dedar o outro. Se observa muito isso. Querendo pegar o que é do outro, passar a perna no que é do outro, só que tem muita amizade também. Você nota que nós profissionais de educação física, a gente luta pela nossa disciplina, a gente briga pela nossa disciplina. Eu não gosto quando alguém vem e fala "Ah, aquele professor de educação física vem e joga a bola", igual ele falou "Professora da a bola", não é assim "dá a bola", "Joga a bola". Jogar a bola lá, pronto, acabou. Você vai sentar em uma cadeira? Se eu sentar em uma cadeira eu estou doente ou eu estou fazendo uma chamada que eu tenho que sentar, eu vou me levantar, você entendeu? Mas eu vou dar uma aula sentada? Os meus alunos lá se acabando, as vezes até brigando lá se catando, rasgando a camiseta, as meninas xingando uma a outra? Não, não é assim não. A aula precisa ser bem dada. Então hoje em dia você vê que tem professores e tem professores.

Segundo a professora Marli, sua volta para sala de aula na rede estadual se deu em 2015; contudo, ao procurar o sindicato dos professores, Marli tomou a decisão de averbar seu tempo de serviço e se aposentar de uma das funções (SANTOS, 2019):

Eu fiquei com essas aulas, então eu trabalhei dois anos, quase dois anos, voltei em dois mil e quinze para a rede Estadual, trabalhei dois mil e quinze inteirinho, dois mil e dezesseis eu comecei a trabalhar, mas eu dei entrada na minha aposentadoria no começo do ano de dois mil dezesseis. Até então quem era presidente do sindicato era a Maria Diogo. [...] A Diogo falou assim "Marlizinha, a verba, dez anos do Município, no Estado. Aposenta do Estado. Pelo menos se aposenta de um". E eu pensei e fiz isso, averbei dez anos aposentei da rede Estadual, juntei com o do Município, com o do Estado e deu 26, me sobrou um ano ainda que eu vou trazer para o Município. Eu me aposentei no mês de junho, chegou uma carta falando que era para eu aguardar em casa, que eu não precisava mais trabalhar para o Estado. Eu saí chorando porque meus amigos e alunos choravam e eu também chorava.

FIGURA 45 – Decreto de aposentadoria da professora Marli



Fonte: Acervo da professora Marli

4.3.3 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DA PROFESSORA VERÔNICA

A professora Verônica iniciou sua entrevista relatando que antes de iniciar sua vida profissional docente, trabalhou na Agência Regional de Educação, desenvolvendo serviços administrativos. Nesse período, sua irmã Elza era Delegada de Ensino.

Da mesma forma como foi narrado no tópico anterior, a professora relatou que durante o primeiro ano do curso de EF, diversas pessoas de sua turma foram selecionadas para lecionarem na cidade de Três Lagoas. Mendonça (2020) relatou que:

E eu trabalhei, na época se chamava Agência Regional de Educação, e depois quando eu estava no primeiro semestre de faculdade tinha uma vaga na escola João Ponce, eu fui para lá, depois do administrativo. [...] pelo Estado. Naquela época não era contrato, era admissão, então nós éramos admitidas. Eu comecei no João Ponce, e surgiu uma outra vaga no Dom Aquino, até no momento eu não queria pegar porque fazia dois anos que eu tinha saído do Dom Aquino, feito magistério.

FIGURA 46 – Ficha Funcional da Professora Verônica

NATURALIDADE		FILIAÇÃO		DATA DO NASCIMENTO			ESTADO CIVIL	CLASSE	PADRÃO	NORMA-LISTA	LEIGA						
País	Estado	País		Dia	Mês	Ano											
BRASIL	MATO GROSSO		OTÁVIO GOMES DARIO	18	06	47	solteira	-	FP3	sim	-						
DATA DA NOMEAÇÃO		DATA DO COMPROMISSO			DATA DA POSSE			DATA DA EFETIVIDADE			DATA DA PROMOÇÃO			DATA DA COMISSÃO			
DIA	MÊS	ANO	DIA	MÊS	ANO	DIA	MÊS	ANO	DIA	MÊS	ANO	DIA	MÊS	ANO	DIA	MÊS	ANO
28	04	72															

Estado de Mato Grosso
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 Nome: VERÔNICA ROSA GOMES
 FICHA: _____
 Cargo: AUXILIAR ADMINISTRATIVO
 DEC: _____
 Escola: DELEGACIA REGIONAL DE ENSINO
 Licenciatura Plena em Educação Física
 SBT: Rua Manoel Pedro de Campos nº 699 - Três Lagoas - MS

RG.110214
 ATUALIZADO EM 13/524
 NOMEADO EM 01/08/74 45261-00

VIDA FUNCIONAL ADMITIDA: Por Portaria nº 1263 de 28.04.72 da SEC, foi admitida para como Extranumerário Mensalista prestar serviços na qualidade de Auxiliar Administrativo na Delegacia Regional de Ensino de Três Lagoas - REF XXV - a partir de 02.01.72
 DESIGNADA: Por Portaria nº 2080, de 31.05.73 da SEC, para como Extranumerário Mensalista, Ref. XXV, prestar serviços extraordinários como Auxiliar Administrativo, na DRE, na cidade de Três Lagoas, concedendo-lhe a gratificação mensal de CR\$120,00 (cento e vinte cruzeiros) a partir de 1º.04. do corrente ano. D.O. 27.09.73. D.O. 16.441.
 DISPENSADA: Por Portaria nº 6455, de 28.09.73, da SEC, foi dispensada a pedido, a partir de 1º.08. do corrente ano, das funções de Extranumerário Mensalista, Ref. XXV, prestação serviços na qualidade de Auxiliar Administrativo, no município de Três Lagoas. D.O. 25.01.74 nº 16.519
 SUSSTAR: Por Portaria nº 6454 de 28.09.73, da SEC, foi susutada a partir de 1º.08 do corrente ano, a gratificação mensal de CR\$120,00 (cento e vinte cruzeiros) que lhe foi concedida como Extranumerário Mensalista, Ref. XXV, da Delegacia Regional de Ensino de Três Lagoas. D.O. 25.01.74, nº 16.519.
 ADMITIDA: Por Portaria nº 7012, de 13.11.73, da SEC, foi admitida para prestar serviços na qualidade de professor, no município de Três Lagoas, a partir de 01.08.73 na base de CR\$325,00 mensal. D.O.13.12.73. Nº 16.492
 DESIGNADA: Por Portaria nº 7016 de 13.11.76 da SEC, foi designada como professor de Ensino Médio PBI, interino, para ministrar aulas excedentes de 15 minutos na base de CR3,50 (três cruzeiros e cinquenta centavos) por aula ministrada no município de Três Lagoas, considerando-a em exercício a partir de 01.08.76. D.O. 29.01.74

Fonte: Acervo da Professora Verônica

Verônica narrou que durante esse período, a antiga diretora da Escola Dom Aquino Correa insistia para que Verônica fosse lecionar lá; porém, a professora não queria lecionar para o magistério, pois se sentia despreparada para tal situação, tendo em vista que ainda estava no primeiro semestre do curso de EF, e assim, preferia continuar na Escola João Ponce de Arruda⁵⁴, onde ministrava aulas para o primário (MENDONÇA, 2020):

E a diretora queria que eu fosse dar aula lá. Eu falava: “não vou”. Eu já dando aula no João Ponce. Eu a conhecia. Era sargento. Na época que eu fiz o magistério foi nessa base, sargento. E eu estava no primeiro semestre de faculdade, e ela falava: “eu quero você lá”, e eu: “eu não quero, não vou”. Porque você está no primeiro semestre de faculdade, e eu já ia pegar o magistério lá. Tremi na base. Eu falei: “gente eu não sei nada, como eu vou fazer?” [...] Eu peguei e falei: “não vou”, eu indicava a Nely, a Marcinha, todos que eram da mesma turma que começou educação física em Andradina. Nós éramos vinte e poucos alunos só daqui. Ela falou: “não, eu quero você, eu te conheço”.

Por meio da insistência da diretora, que queria muito Verônica como professora na Escola Dom Aquino Corrêa, Verônica acabou por aceitar o convite, e

⁵⁴ Localizada na rua Manoel Pedro de Campos, 1965 - Santa Rita, Três Lagoas.

estabeleceu a escola como seu local de trabalho até sua aposentadoria (MENDONÇA, 2020):

Eu falei: “não vou. Gente, o que eu vou dar aula em magistério?”. Faz dois anos que eu saí do magistério. Aí ela chegou e falou assim: “você pega com a professora Cacilda”, ela tinha sido minha professora no magistério. Ela nem tinha educação física também. Ela fazia faculdade comigo, a mulher falou. A primeira esposa dele. Ela falou: “pega com ela todos os dados, tudo, mas eu quero você”. Eu fui. Fazer o quê. E fiquei até aposentar lá no Dom Aquino.

Durante algum tempo, a vida da professora foi corrida, pois ela alternava sua jornada de estudo e de trabalho em duas escolas (João Ponce e Dom Aquino Correa), até que veio a oportunidade de trabalhar somente em uma (MENDONÇA, 2020):

Eu trabalhava assim, era escola normal na época, eu trabalhava no João Ponce e no Dom Aquino, aí ela falou, eu trabalhava no Dom Aquino a noite, eu fazia faculdade de manhã. A tarde eu estava no João Ponce e a noite no Dom Aquino dando aula no magistério. Ela falou assim: “eu te quero para o outro ano, eu quero você só aqui, eu não quero dividir você com outra escola, porque na hora que tiver reunião de professores, quero você só comigo, vou te dar as quarenta e quatro aulas”. [...] Eu entrei no Estado em mil novecentos e setenta e quatro, deveria ser em mil novecentos e setenta e oito por aí, assim que eu fui para o Dom Aquino.

FIGURA 47 – Declaração de Lotação na Escola Dom Aquino Corrêa

08137
28 4 80 112
Mantene

ESCOLA ESTADUAL DE 1 E II GRAUS "DOM AQUINO CORRÊA"
TRÊS LAGOAS " MATO GROSSO DO SUL.

DECLARAÇÃO

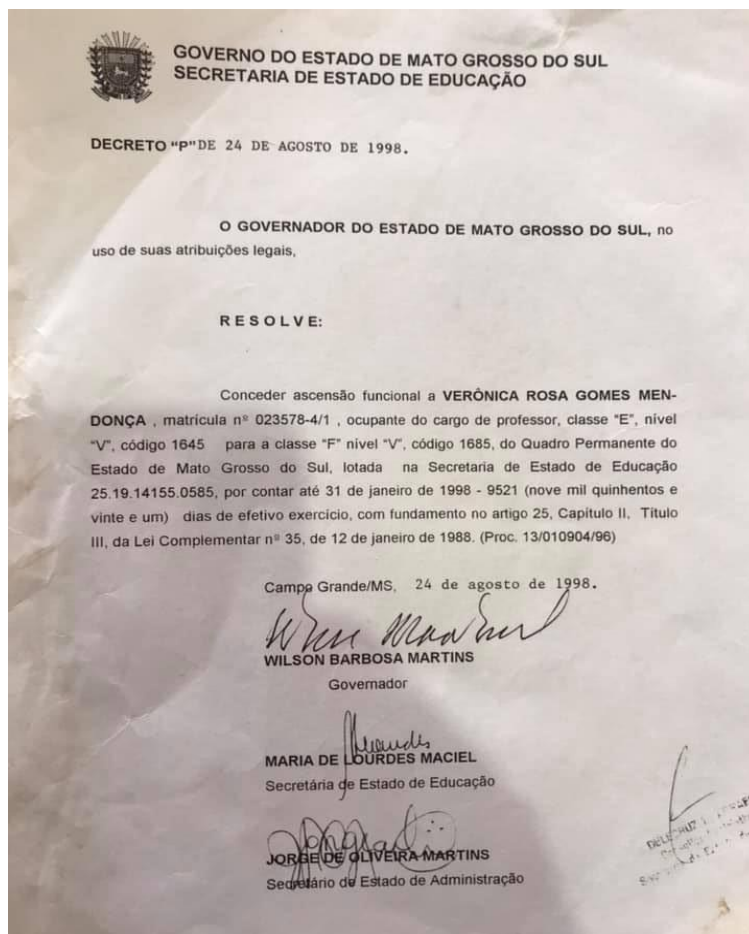
A Professora DEICINA ROSA SOUZA DE CARVALHO, R.G. Nº 19.316
Diretora em Exercício da Escola Estadual de 1ª e 2ª graus "Dom Aquino
Corrêa", Município de Três Lagoas - M.S., declara para os devidos
fins, que VERONICA ROSA GOMES
R.G. Nº 110.214 Professor (a) Símbolo P7
está lotado (a) neste Estabelecimento de Ensino.

De Carvalho
DEICINA ROSA SOUZA DE CARVALHO
DIRETORA EM EXERCÍCIO

Fonte: Acervo da Professora Verônica

Verônica relatou que após dez anos de exercício de magistério, a Secretaria de Educação do Estado a efetivou no cargo com outros professores (MENDONÇA, 2020): “Depois, com a divisão do Estado você vai trabalhando. Depois de dez anos eles nos efetivaram, quer dizer, todos que trabalhavam no Estado, que era admitido já efetivaram; quer dizer, nunca fiz concurso”.

FIGURA 48 – Decreto de Ascensão Funcional



Fonte: Acervo da Professora Verônica

Ao relembrar do seu papel como professora, Verônica narrou sobre a forma como se tornou uma professora “exigente” – ou como foi dito por ela, “austera” –, por meio da educação que tivera durante sua formação (MENDONÇA, 2020):

Uma professora austera. Quem fala diz que eu era muito brava, não, eu fui, fui assim. Não é que eu fui brava, a gente foi educada, quer dizer, quando eu comecei, comecei com uma diretora que tinha uma linha bem severa. Naquela época professor era respeitado. Quando se chamava atenção do aluno, sim professor. Hoje não. Então foi assim, quando eu fiz o magistério foi nessa linha. Não é uma palavra forte, pesada, sargentão, mas era assim, você fazia fila para entrar na escola, você cantava o hino nacional, você

rezava, na época em que eu fiz o magistério era lá no Jomap. Você subia a escada uma atrás da outra e ia para sua sala, entrava na sala assim, uma atrás da outra. Naquela época não, era uniforme, olhava se você estava com sapato engraxado, a meia branca, a fita do cabelo só podia ser preto ou azul marinho. Você não usava um sutiã colorido por baixo da sua camiseta branca, e se a blusa era fina você tinha que suar um corpete para não aparecer, e a educação sim, respeito pelo professor mais do que com o pai e a mãe. Então foi dessa forma que eu comecei a trabalhar.

E foi dessa forma que a professora começou a trabalhar, primeiramente com o primário, depois lecionando para o magistério. Verônica relatou que, para o primário, o comum eram as atividades chamadas de “ordem unida” (MENDONÇA, 2020):

Porque na época quando a gente começou a dar aula, que eu dei para o primário, você pegava as crianças, levava para a quadra, você dava a ordem unida. Direita, esquerda, lateral, vira para a direita, esquerda, meia volta volver, isso fazia parte do início da sua aula. Depois ensinar a cobrir, postura, eu era chata demais, eu lembro. Aí depois dessa ordem unida, não podia errar, tinham todos que acertar se era direita, se era esquerda, meia volta. Então tudo isso. Cobrir, postura de ombro, de cabeça, era tipo militar mesmo. Aí depois você começava com aquecimento, corria, você fazia dentro do aquecimento a marcha do pato. Depois você colocava os alunos em quadra, primeiro assim intercalando tudo, fazia polichinelo, tinha abdominal, fazia tudo, alongamento. Então a educação física inicia assim, depois você dava relaxamento. Quer dizer, só que a vida inteira a minha trabalhei no sol, eu não tinha quadra coberta, então tinha exercício que você não dava ali porque não tinha como você deixar aluno sentar no chão, fazer uma atividade mais forte.

Já as aulas para o magistério, segundo Verônica, eram voltadas mais para a teoria da EF, relatando o histórico da EF, os métodos etc., sendo a prática voltada para atividades recreativas (MENDONÇA, 2020):

Tinha, mas era só teoria, onde a Cacilda dava, só teoria. Histórico, quando surgiu a educação física, os métodos que se usavam. Então não tinha educação física prática. Tinha educação física, mas era teoria. [...] Quando eu trabalhei no Dom Aquino o primeiro e o segundo era teoria, o terceiro era recreação, aí eu ia para a prática. Então lá a gente tinha recreação que era cantiga de roda, aquelas brincadeiras, aqueles joguinhos, aquelas coisas, mas aula prática para educação física não tinha.

Seguindo nessa perspectiva, perguntei como a professora fez para ensinar futebol na escola, tendo em vista que ela, assim como a professora Arlinda, não puderam estudar essa disciplina na graduação. Foi quando a professora contou que quando começou a lecionar, a disciplina de EF na escola era separada entre os gêneros (MENDONÇA, 2020):

Eu só trabalhava com menina, naquela época que eu comecei a dar aula era menina com menina e menino com menino. Professora só dava aula para menina quando eu comecei. Masculino só com o professor. Então não estudava, depois de algum tempo que professor dava aula para menina então você fazia separadas. Professor dava aula só para menino, então a gente não tinha!

Verônica contou que além das aulas convencionais na escola, os professores podiam pegar também turmas de treinamento, e por se considerar uma “professora chata”, no começo do ano ela pegava todas as turmas que podia (MENDONÇA, 2020): “Na época que eu comecei a trabalhar, eu comecei a trabalhar com turma de treinamento. Eu dava aula e a gente tinha direito a ter não sei quantas turmas de treinamento. Vôlei, basquete, atletismo, eu abraçava tudo, eu era chata, eu queria fazer tudo!”.

FIGURA 49 – Abertura dos jogos estudantis (1977)



Fonte: Acervo da Professora Verônica

Segundo a professora, durante esse período, a escola Dom Aquino Correa foi considerada uma escola de “elite”. Dessa forma, para manter o padrão, a professora treinava suas equipes para as competições regionais, e se sentia realizada com seus feitos, conforme relatou (MENDONÇA, 2020):

Três Lagoas tinha muito aluno e a gente tinha alunos que sobressaiam, então o que eles faziam, fazia parte da seleção da cidade, porque Dom Aquino foi uma escola quando começou, de elite, que estudava no Dom Aquino, quando

conseguisse uma vaga lá era um Dom Bosco na vida, na época. Então eram minhas alunas, só que eles tinham um técnico lá, que era o Dalmo, que eram os meninos de basquete, o Pedrinho de futebol. Então eu tinha os alunos, os nossos alunos estudavam no ginásio esporte, eles faziam as minhas aulas e fazia lá. Quando tinha que montar equipe eu já tinha equipe pronta. Então durante muitos anos a gente tinha muito troféu, muito campeão, mas na época o que eu sentia é que eu fazia por prazer, então você deixa filho, deixa marido, sua casa, você vive aquele momento, eu era assim, eu me entregava de corpo. Quando eu tinha época de campeonato eu saía daqui cinco horas da manhã.

FIGURA 50 – Atleta da professora Verônica (1977)



Fonte: Acervo da professora Verônica

Verônica continuou sua entrevista contando que essa “austeridade” se refletia em suas aulas, e que “cobrava” de suas alunas que tirassem boas notas em suas avaliações. Nessa mesma linha, a professora narrou que durante os conselhos de classe não permitia que as estudantes que não tinham “aprendido” e tirado boas notas, prosseguissem para os próximos anos, inclusive, comprando brigas com outros professores. Segundo a professora (MENDONÇA, 2020):

[...] o que eu fiz foi com o maior carinho, muito amor, eu era “carcamano”, eu cobrava muito, mas eu sei que eu ensinava. Inclusive o magistério, quando eu falava assim: “eu trabalho, mas eu cobro porque eu sei o que eu passei para vocês”. Eu era nojenta, cheguei a reprovar uma menina no terceiro ano do magistério. Falei com ela não compra vestido porque você não vai passar, não foi uma ameaça. Uma aluna que durante o ano inteiro tirou quatro, tirou

cinto, três, que era primeiro e segundo na teoria e no último ano recreação, na quadra. Eu falei com ela, se não tirou durante o ano um seis, vai tirar nove na última prova? Não uma, eram três meninas. Meninas não, moças velhas. Não compra roupa de formatura que você não vai passar. [...] Era eu, a professora Angélica de Biologia, e o professor Sérgio, nós três trabalhávamos juntos, sabendo de cada aluno. Porque de repente se fica só com um vai querer recorrer alguma coisa, então a gente fechou aquele conselho daqueles alunos que a gente sabia que não podiam passar. [...] Eu chegava no conselho e fazia, tinha um cara que era safado, eu dizia. Ela pode ser boa para você, mas como aluna para mim não serve, não vai passar, não sabe nada, não aprendeu, não vai! E ele dava para todo mundo, e na hora de votar ele votava que era para passar. Não passo! Comigo não passa! Então a gente era assim, fechado, não para prejudicar, mas para ter um respaldo de que aquela aluna, a gente sempre trocava ideia nas reuniões, conversava: “fulano não tem como!”.

Verônica seguiu sua narrativa contando que por ter dado a aula, tinha a obrigação de cobrar nas provas, e relatou que suas provas eram difíceis, pois misturava as questões para que suas alunas não “colassem” (MENDONÇA, 2020):

Então, eu sabia do meu dever cumprido, eu sabia que eu tinha feito bem feito, dado a aula certinho, bonitinho, então eu cobrava! Cobrava bonito mesmo! Minhas provas eram “fodidas”, não eram difíceis, mas eu fazia quatro provas. Em uma prova eu dividia em quatro, só mudava as ordens, as alterações, quer dizer, não adianta colar. [...] Era primeiro segundo ano teórico. E eu falava assim: "eu não vou falar para vocês que não colam comigo, mas eu vou fazer o possível para que vocês não colem. Tinha uma moça já meio idosa lá, da minha idade, ela olhou assim. E eu falava assim: "e outra não adianta copiar risquinhos, x, alguma coisa, porque não são iguais as perguntas. Eram as mesmas perguntas, mas em ordens alteradas, vocês vão copiar tudo as respostas erradas porque não vai dar certo. E eram quatro tipos de prova, uma aqui, outra aqui, outra lá e outra lá. Então não tinha como trocar. Eu era encardida, e naquela época era de mimeógrafo que a gente batia.

Sobre os planejamentos de aula, Verônica contou que ela e seus companheiros professores de EF sentavam e montavam, pois a escola em que trabalhava era muito grande e tinha seis professores de EF (MENDONÇA, 2020):

A gente sabia, hoje acho que nem sei fazer mais, nem sei como andam as coisas. Então era o Marinho, eu, Eugenio, o Marlan, depois tinha o Naninho, tinha uma época que nós tínhamos seis professores no Dom Aquino. O Dom Aquino era muito grande. Então a gente sentava, a Bazé era nossa coordenadora, Terezinha. Ela fala que aprendeu tudo em educação física com a gente, então montávamos bonitinho, mas nunca sei de tudo, você sabe o que você tem que fazer, então você vai fazendo!

A professora narrou que sua relação com a disciplina não era simplesmente “jogar uma bola”, e em suas palavras ela se considerava uma professora “chata”, separando as turmas por faixa etária e tipo de treinamento (MENDONÇA, 2020):

Eu como era chata, eu nunca fui aquela professora que falava assim, levava todo mundo para quadra e jogava a bota, toma! Não, eu era muito chata! Aí a gente separava as turmas, então tinha turma de voleibol, você tinha faixa etária, então você tinha voleibol, depois teve uma época que era por sala. Quando você tinha turma, tinha turma de voleibol, que era período contrário. De horário, de tanto a tanto voleibol um, tal a tal, voleibol dois, outro é o basquete, tal turma era atletismo. Atletismo eu saía, pegava no Dom Aquino assim, pegava aqueles “trieiros” e ia correndo, fazendo a corrida até na São João. Não tinha perigo nenhum, era tudo mato. [...] Ia junto com elas, a gente ia e voltava. Calculava o tempo não em quilômetros.

Já nas aulas que não eram treinamento, a professora propunha outros tipos de atividade que auxiliassem suas alunas ao exercício da docência (MENDONÇA, 2020):

Você alternava muito, porque tinha muito sol quente, essas coisas, então você tinha corda, como eu fazia magistério, forma de trabalho, eu pedia tal sala vai fazer peteca, eu ensinei a fazer peteca de palha, tal sala vai trazer bambolê, tal sala vai trazer cabo de vassoura, tal sala vai trazer corda, então a gente tinha essas alternativas. A gente tinha muita árvore por perto, então a gente tinha corda grande, corda individual, então era assim que a gente trabalhava, porque tinha uma época que o governo até chegou a suspender as aulas por causa do sol, então a gente ficava só na sombra porque não tinha como você ir para a quadra, aquele sol, eu dava aula meio dia e meia. Mata as crianças. Então você dava, tinha uma sombra, e a gente tinha banheiro ali, era bem ajeitadinho, tomava banho, tinha os bebedouros, sabe.

A professora contou também que em determinado período, que não se recorda, veio uma apostila do Estado para seguir as recomendações, mas que nenhum dos professores seguia (MENDONÇA, 2020): “Apostila, ninguém seguia. Não. Você registrava o que tinha que ser registrado, mas porque você de acordo com o dia, com o momento, vai encaixando”.

Verônica sempre gostou das turmas de treinamento que conduzia, e mesmo com alguns empecilhos (como a falta de apoio por parte dos colegas professores, como os pais de suas alunas que não queriam que suas filhas jogassem, ou até mesmo pela falta de condução para ir a torneios), a professora nunca desanimou, e fazia o possível para tratar a EF da forma como considerava merecido, e com isso se destacava em meio a seus colegas de trabalho (MENDONÇA, 2020):

Assim, eu não, não que eu era melhor, mas eu sempre gostei do que eu fiz, eu não fui aquela pessoa que jogava bola, todo mundo se virava e ficava em um canto batendo papo. Tinha professor que falava assim, eu lembro uma vez que tinha professor que jogava salão, e quando chegava perto de competição eles não queriam inscrever os meninos porque a competição você tem hora para entrar não tem hora para sair. Eu já saí do ginásio meia noite, onze e meia da noite, começava sete horas. E aí tinha que ir. Às vezes meu marido ia levar, entregar menina que era de baixa faixa etária em casa, porque o pai não deixava vir, então ficava na minha responsabilidade. Meus colegas falavam assim: "pelo que eu recebo estou fazendo demais." Isso me magoava muito,

eles falavam que eu era besta. Os meninos chegavam: "professora, inscreve a gente, eu quero jogar". E os professores não montavam equipe, eu tinha que fazer atletismo, masculino, feminino, vôlei, tudo. Eu gostava do que eu fazia, eu gosto ainda dessa coisa assim, mas eles não me ajudavam, e aí uma vez eu falei: "professor, toma conta do feminino", que eu tinha jogo lá no JOMAP, até a professora Raquel na época me ajudou, eu tinha jogo no JOMAP e jogo aqui, como eu fazia? Conforme a turma os meninos de salão, como eram do time do Pedrinho no ginásio eles já eram coordenados, eles sabiam quem entrava, quem saía. Então eu pedia uma professora para ir lá, porque tem que assinar. Eu ficava com o vôlei que tem mais detalhe, alguma coisa assim. Eu falei, professor, você fica? Ele disse: "não, eu não vou passar vergonha, menina não sabe jogar." Eu disse obrigada, e fui campeã! A Marizete fazia festa, me expunha lá na frente, eu morria de vergonha, colocava uma mesa com todos os troféus, a meninada toda e medalha no peito, eu brigava pelo primeiro lugar mesmo. E aí saiu lá, Dom Aquino campeão futebol feminino. Fui lá comprei e preguei bem na sala dos professores. [...] aí eles começavam, nossa, Verônica foi campeã, Verônica tal, e todo mundo sabia a dedicação que eu tinha, porque eu trabalhava à tarde e à noite. Cinco horas da manhã eu ia dar treino ou de vôlei ou de basquete, porque sete horas eu trabalhava numa clínica de fisioterapia. Então eu trabalhava das cinco às seis e meia, saía de lá e andava a pé naquela época, nem bicicleta eu tinha. Ia do Dom Aquino até ali perto da SANESUL. Tinha uma clínica, e eu trabalhava nessa clínica, todo dia, isso era normal para mim, fazer essa caminhada. [...] eu ia, à tarde e à noite. Mas quando você gosta do que você faz, você se realiza, você não é dessa forma.

Conforme narrou, até o início dos anos 1990, as aulas de EF eram separadas entre meninos e meninas (MENDONÇA, 2020): “Era homem com homem, mulher com mulher. Ainda era tudo assim”. E segundo a professora, as meninas tinham de usar uma bermuda curta para participar das aulas (MENDONÇA, 2020):

Tinha que ser uns shorts assim. Foi na época que saiu a sunga adidas. E não era qualquer um que podia comprar. Eu tinha, eu usava, e as meninas usavam. Porque normalmente o short na escola era com elástico aqui. Aqueles de brim que fazia de pano. Eu tinha o meu, porque eu já jogava depois, mas eu não jogava dentro da escola, eu ficava de abrigo, as meninas iam com aquela sunga assim parecia um biquíni, uma calcinha mais longa. Os meninos ficavam doidos com as meninas. Aí eu falei assim, os professores: "nossa". Eu falei: "gente, isso é uma sunga de voleibol".

FIGURA 51 – Professora Verônica e sua equipe (1977)



Fonte: Acervo da professora Verônica

FIGURA 52 – Turma de treinamento da professora Verônica (1977)



Fonte: Acervo da professora Verônica

FIGURA 53 – Alunos da professora Verônica (1977)



Fonte: Acervo da Professora Verônica

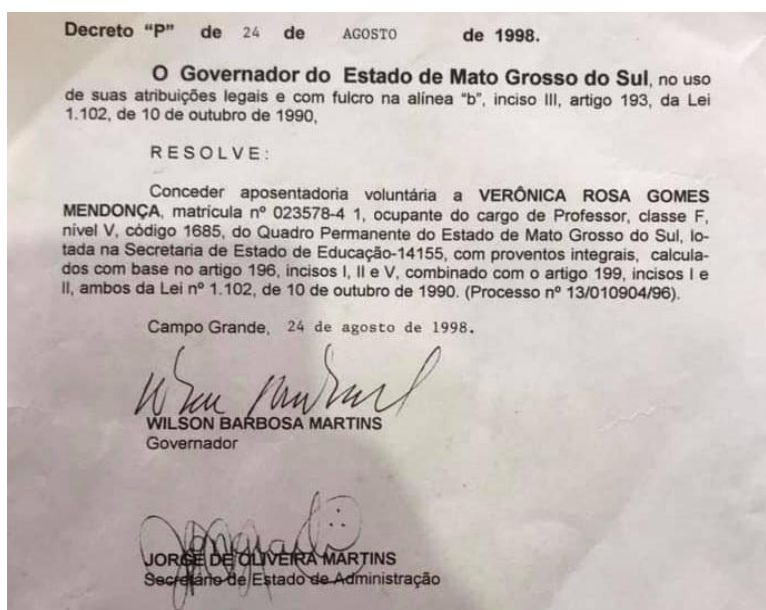
A professora relatou que ao se aposentar, inicialmente não sentiu falta da escola, pois se aposentou somente de um período, e como tinha algumas responsabilidades com seus pais que eram de idade, estava sempre ocupada com algo. (MENDONÇA, 2020):

No primeiro momento não foi difícil porque eu aposentei de uma cadeira e fiquei na outra. Eu tinha um pai, uma mãe para cuidar, então não senti aquela falta porque eu estava na escola, no convívio, só que eu tinha uma responsabilidade até que eu saí do serviço para ficar cuidando do meu pai e da minha mãe.

Quando a professora se aposentou de seu segundo período de trabalho, até cogitou voltar com suas turmas de treinamento, porém, não queria ter a responsabilidade de ser (com suas palavras) “mandada” por alguém; então, decidiu por seguir com suas responsabilidades do lar (MENDONÇA, 2020):

Mas quando eu saí, num primeiro momento, no primeiro mês, ah, que delícia, não tenho que levantar, cedo, não tenho horário, não tenho nada! Aí meus filhos chegaram. Tinha competição e meu filho falava, o Gu: “Aqueles meninos não vão ganhar nada mais mãe, vai treinar, eles estão só brincando”. Eu falei: “filho, eu não posso”. Não sei se era o Gu que falou: “vai, vai ser voluntária, vai lá.” Teve uma época que saiu um plano voluntário. “Vai lá”. Eu falei: “filho, eu não posso, tem alguém no meu lugar, eu não vou ser mandada”. Porque eu sei quem entrou, não ia dar prosseguimento naquilo que você a vida inteira começou. Porque quando eu comecei a trabalhar, às vezes eu pegava menina com onze anos, eu acompanhava essa guria até a oitava série.

FIGURA 54 – Decreto de Aposentadoria da Professora Verônica



Fonte: Acervo da Professora Verônica

Verônica terminou sua entrevista narrando sobre a emoção de ser homenageada em uma recente abertura de jogos escolares, sobre a emoção de ser convidada por seu ex-aluno, e toda a importância que a EF teve para sua vida (MENDONÇA, 2020):

Breno foi meu aluno. Quando foi dia três de setembro bateu um aqui, olhei, a Rute eu conheci menina. Veio o Breno, ah professora, vieram trazer um convite para mim ser homenageada. Eu disse, você quer matar a velha minha filha. Eu fui lá, ele falou no palco, era abertura dos jogos, era para mim acender a pira. Eu falei, Jesus do céu, eu, aí fui, me chamaram lá, os políticos lá, Ele falou assim: "eu me inspirei nela, eu sou o que eu sou hoje, devo a ela porque essa é uma professora que dedicou sua vida e tal". Aí soltou os pombos. Aí eu falei "faz a velha chorar em cima do palco". [...] É uma emoção, é incrível. Então tinha tanta gente, e uma moça lá em cima, ali daquele palco, que tinha sido aluna minha no magistério, que são professores do município. Porque naquela época, tudo quanto é gente era nossos alunos do magistério, que eram no Dom Aquino, então todas as professoras ali, a maioria passou pena nossa mão.

A professora finalizou a entrevista com emoção (MENDONÇA, 2020): “[...] eu amei o que eu fiz, e amo a Educação Física, eu me realizei fazendo como eu queria, como eu fiz, então foi uma realização profissional para mim ser professora de educação física e ter as equipas que eu tive”.

4.4 ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS

Com a apresentação das narrativas sobre as histórias de vida profissional das professoras aposentadas, foi possível perceber a dedicação que essas profissionais tiveram durante sua jornada docente, bem como todas as barreiras e dificuldades enfrentadas para que o exercício do magistério pudesse ser realizado.

Tendo como ponto de partida os relatos dissertados, pudemos depreender que os saberes da experiência têm origem na prática cotidiana – fato esse verificado nas narrativas, sobretudo das professoras Arlinda e Verônica, que pontuaram o início de suas carreiras ainda no primeiro ano de faculdade. Não menos importante, a professora Marli manifestou a experiência de estágio, quando sua professora a deixava sozinha para tomar conta da turma. Vejamos:

(ANDRADE, 2019):

Foi assim. Nós estávamos estudando no primeiro ano. Aí eles implantaram Educação Física no município. Não tinha Educação Física na grade do município. Aí iam implantar Educação Física. E aí eles foram convidar o pessoal da faculdade, quem estava fazendo Educação Física. Eles deram

prioridade para quem estava fazendo Educação Física pegar aula no município.

(MENDONÇA, 2020):

Quando eu estava no primeiro semestre de faculdade tinha uma vaga na escola João Ponce, eu fui para lá [...] Naquela época não era contrato, era admissão, então nós éramos admitidas. [...] no primeiro semestre de faculdade, e eu já ia pegar o magistério lá. Tremi na base. Eu falei: "gente eu não sei nada, como eu vou fazer?" [...] eu trabalhava no Dom Aquino a noite, eu fazia faculdade de manhã.

(SANTOS, 2019):

Porque quando eu fui fazer o meu primeiro estágio minha professora, foi no ensino médio em um colégio estadual em Marília, essa professora desse colégio, Ela me largou, ela me largou e foi para a secretária tomar café, na hora do recreio eu fui lá para poder passar as coisas para ela, me deixou com um diário lá com um negócio, eu falei "Gente, mas o que é isso?" Ainda bem que eu aprendi na faculdade algumas coisas. Te juro, então a experiência, esse pensamento foi frustrante na minha vida.

Essas experiências expressam justamente os apontamentos propostos por Borges (1998, p. 51), que traz:

São saberes que o professor adquire através de sua experiência profissional e constituem os fundamentos de sua competência, fornecendo base para modelos de excelência profissional. Por meio dos saberes da experiência os professores julgam: sua formação anterior ou sua formação ao longo da carreira; as reformas introduzidas nos programas e currículos; as inovações metodológicas e sua adequação à realidade. [...] Nesse sentido, é que o saber de experiência pode ser identificado como elemento de referência, de validação e análise da sua prática escolar, *um saber social que informa a prática* (grifos da autora).

Dessa forma, percebe-se que o cotidiano pode ser responsável pela formação da prática docente do professor, que traz consigo a bagagem constituída ao longo de sua trajetória de vida. Nesse cotidiano, o professor lida com os mais variados saberes que integram sua prática, constituindo sua própria identidade.

As relações do cotidiano vão muito além da prática pedagógica do professor; elas estão envolvidas em todos os aspectos que cerceiam o ambiente escolar e social. Amorim Filho e Ramos (2010, p. 234) colocam que “a atuação profissional dos professores é envolvida por diversas relações, entre elas, com os alunos, demais professores, diretores, funcionários da escola, pais de alunos, comunidade, entre outras”.

O processo identitário se constitui a partir da interação e das experiências construídas nos mais diversos ambientes que desvelam os modos de “ser” e de “estar” dos indivíduos, empregando suas ações, sentimentos, interesses e ideias nas mais diversas situações (COSTA, 2017).

Desse modo, as observações colocadas pela autora corroboram o entendimento proposto por Nóvoa (2000, p.16), realçando que:

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz *professor*. A construção de identidades passa sempre por um processo complexo graças ao qual cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional (Diamond, 1991). É um processo que necessita de *tempo*. Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças. (grifos do autor).

Em face disso é que consideramos importante e essencial o conhecimento das peculiaridades e os aspectos intrínsecos nas histórias de vida de cada professora, considerando as possíveis influências da personalidade e do exercício profissional, buscando compreender esse desenvolvimento por meio de suas narrativas. Nesse sentido, Amorim Filho e Ramos (2010, p. 235) colocam que “ao tentar entender a atuação dos profissionais é importante ouvir a voz dos professores, ou seja, valorizar as suas trajetórias de vida”.

Dessa maneira, o professor vai constituindo sua identidade, que ao mesmo tempo se sobrepõe sobre sua prática. Assim, concebemos que a identidade não se dá pelo estabelecimento de acúmulos em cursos de formação, mas sim por meio da reflexibilidade crítica sobre seu exercício profissional, tornando-se a identidade profissional.

Borges (1998, p. 53): coloca que:

O saber de experiência é o saber próprio do professor. É o saber que se constrói em sua práxis social cotidiana como ator social, educador e docente. É o saber construído em interação com os outros sujeitos e em relação com a pluralidade dos demais saberes disponíveis. É o saber que ultrapassa os conhecimentos adquiridos na prática da profissão incluindo os saberes denominados culturais.

A identidade pessoal se organiza nas mais diversas esferas em que se encontra o sujeito, sendo um processo que abraça toda sua subjetividade. Para Moita (1995, p.

116): “O processo de construção de uma identidade profissional própria não é estranho à função social da profissão, ao estatuto da profissão e do profissional, à cultura do grupo de pertença profissional e ao contexto sociopolítico em que se desenrola”.

Dessa forma, a identidade profissional faz jus à identidade pessoal, que permite ao indivíduo desenrolar suas manifestações pessoais, suas escolhas, suas incertezas, suas emoções etc., o que se configura em sua prática pedagógica. Nessa perspectiva, a pessoa e o professor são indissociáveis. Nóvoa (2000, p. 15) complementa: “O professor é uma pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor”, e Nóvoa (2000, p. 17): “É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal”. (Grifos do autor).

Para Moita (2000, 0. 116):

É que essa identidade vai sendo desenhada *não só a partir do enquadramento intraprofissional* mas também como contributo das interações que se vão estabelecendo entre o universo profissional e os outros universos socioculturais. Os efeitos das “porosidades” ou dos “fechamentos”, que acontecem entre os vários universos de pertença, podem ajudar-nos a compreender o “papel” da profissão “na vida” e o “papel da vida” na profissão. (Grifos da autora).

De forma indissociável, percebemos que as histórias de vida são cruciais no desenvolvimento daquilo que se tornará o professor. Suas formas de comportamento, sua prática pedagógica e seu relacionamento interpessoal são resultados dessa constante interação nos mais diversos contextos sociais, tornando-se sua identidade.

Por fim, as relações afetivas têm caráter fundamental no desenrolar do exercício profissional; boas ou ruins, fazem parte dessa gama de experiências que põem o professor a pensar sobre sua própria prática. Desse modo, percebemos nos relatos das professoras entrevistadas, a importância do magistério na constituição de suas vidas.

Verônica concluiu (MENDONÇA, 2020): “eu amei o que eu fiz, e amo a educação física, eu me realizei fazendo como eu queria, como eu fiz, então foi uma realização profissional para mim ser professora de educação física e ter as equipes que eu tive”.

Da mesma forma, a professora Arlinda comentou (ANDRADE, 2019): “Educação Física, para mim, foi ótimo. Foi aonde eu conheci meu marido. Meu primeiro marido. Tenho dois filhos lindos, não é? Então...”

Para Marli (SANTOS, 2019): “Então, tem carreiras que tem os prós e os contras, porque se a vida fosse boa, ela seria tudo flores; e a vida, ela tem que ter os espinhos, ela tem que ter”.

Os relatos apresentados nos mostraram uma teia de conexões entre professor e pessoa, pessoa e professor, refletindo sobre sua prática, abordando questões muitas vezes doloridas, mas trazendo, à luz do trabalho, todas as formas de experiências que culminaram em sua atuação, até o dia de suas aposentadorias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A história Oral nos permite ouvir histórias de indivíduos e grupos que de outra forma seriam ignorados; permite expandir os horizontes do nosso conhecimento sobre o mundo; e estimula o questionamento de nossas próprias hipóteses a respeito das experiências e dos pontos de vista de outras pessoas e culturas”.
Pathai (2010, p. 124).

Tendo como fundamento o objetivo geral proposto nesta dissertação, foram investigadas as histórias de vida de três professoras de EF aposentadas, no intuito de entendermos como se deu o processo de construção de seus saberes docentes.

Tendo como opção metodológica a HO, acreditamos que, no decorrer da pesquisa, as narrativas e as histórias de vida contribuíram para suscitar novas fontes que auxiliem o campo das ciências humanas, especialmente aquelas que tratam das memórias da profissionalização docente, bem como auxiliaram no processo de reflexão e autoconhecimento do próprio pesquisador enquanto professor de EF.

No capítulo 1, traçamos um panorama da trajetória histórica da mulher na educação, trouxemos elementos que apresentaram desde a compreensão de gênero até dados sobre a profissão professor. O intuito dessa apresentação foi traçar um panorama de como as mulheres, aos poucos, conquistaram seu espaço nos estudos e no mercado de trabalho, e como elas foram, aos poucos, se tornando a maioria na profissão docente, por meio de suas lutas e reivindicações.

No desenvolvimento do capítulo 2, optamos por trazer no referencial teórico elementos que ilustrassem um contexto político brasileiro, que converteram suas ações à EF conforme seus interesses. As influências higienistas, militaristas, com foco em competições, esportivização e tecnização da EF foram algumas das perspectivas apresentadas, e esses modelos curriculares vieram ao encontro das memórias das professoras que trouxeram em seus relatos, em suas histórias de vida, a própria história da EF no município de Três Lagoas (MS).

As categorias de análise objetificadas no capítulo introdutório trouxeram ao trabalho a capacidade de entendermos, de forma mais precisa, como se deram os processos de formação e da trajetória de cada professora, permitindo-nos traçar uma linha entre as narrativas e as fontes documentais apresentadas. Assim também foi a concepção de um mapeamento das perspectivas que seriam abordadas durante as

entrevistas, por meio do roteiro elaborado, de forma a permitir um processo de rememoração de forma linear e cronológica.

Assim, as narrativas apresentadas nos capítulos subsequentes tenderam a configurar essas balizas de tempo, de forma a conversar com o material proposto, não como forma de confrontar a história da disciplina, mas como forma de trazer uma pluralidade, agregando ao que acontecia na realidade dessas professoras, por meio de seus relatos. Dessa forma, o foco nas histórias de vida se tornam imprescindíveis no entendimento da história das disciplinas, e traz, além dessa temporalidade, o entendimento sobre suas decisões, suas ações, as relações com o meio escolar, os sucessos e insucessos, as regras, os deveres e os seus direitos enquanto partícipe de uma comunidade.

Nos capítulos 3 e 4, por meio das análises realizadas, foi possível identificar elementos comuns nas histórias das professoras, ainda que de histórias e origens diferentes: o contexto de família humilde, pais rígidos, o amor pelo esporte e a vontade de mudar de vida foram elementos comuns que transitaram entre uma história e outra, construindo uma ponte entre as narrativas. Além disso, as práticas pedagógicas foram exercidas no mesmo contexto de ensino, iniciando na década de 1980, na cidade de Três Lagoas (MS), e realizadas com turmas do ensino fundamental, transitando entre rede estadual e rede municipal de ensino, o que corroborou para uma uniformização da escolha das participantes.

Com base nos relatos das professoras, foi possível concretizar nossos objetivos específicos, uma vez que pudemos identificar, nas histórias de vida das professoras Arlinda, Marli e Verônica, as influências dos contextos vividos durante seu desenvolvimento enquanto pessoa e profissional, refletidos na construção do “ser” professora, e em suas trajetórias nas redes de ensino do município e do estado de MS. Pudemos também estabelecer nos critérios eletivos as concepções propostas por Nóvoa (2000) nos apontamentos e nas análises dos três AAA (Adesão, Ação e Autoconsciência).

Dessa forma, relacionamos esses saberes à formação (pessoal), por meio das vivências e dos valores construídos enquanto contexto familiar, bem como as influências da escola e de seus professores ao seu contexto de formação profissional na década de 1980 e sua prática pedagógica voltada para os valores e crenças da época.

As reminiscências das histórias narradas retratam as situações vivenciadas por essas professoras, porém, num cenário que transborda essa realidade, construindo uma história coletiva, como proposto por Le Goff (1990), constituindo um cenário de compreensão da realidade docente de uma época, e que por vezes se vê constituído nas raízes pedagógicas da atual prática da EF escolar.

Sendo assim, ao compreendermos suas histórias, observamos e identificamos elementos que nos auxiliaram na interpretação dos processos de formação identitária das professoras entrevistadas, mediante as análises apresentadas nos terceiro e quarto capítulos. Dessa maneira, percebemos em seus relatos as experiências, escolares familiares e afetivas, fatores presentes nos direcionamentos dos relatos e dos temas de análises. Além disso, os temas tiveram sua pertinência confirmada não só por meio dos relatos, mas também pela bibliografia levantada, em especial por autores como Borges (1998), Corrêa (2009), Borel (2012), Oliveira *et al.* (2013) e Costa (2017), que apresentaram em suas pesquisas resultados semelhantes a esta.

Com base nos relatos das professoras entrevistadas, pudemos identificar (ainda que nas entrelinhas de suas falas) uma base curricular tecnicista e com uma perspectiva curricular “tradicional-esportiva” – assim como nos estudos realizados por Corrêa (2009), Soares Junior (2014), Carrion (2015) e Costa (2017) – constituída de muitas competições e apresentações em eventos e desfiles da cidade.

Outro fato apontado pelas participantes da pesquisa, perpassa pela cultura construída em torno dos corpos femininos, assim como apresentado por Moraes (2012), Silveira; Rigo; César e Pardo (2011) e Goellner (2012), a falta do incentivo do futebol feminino principalmente durante a formação, corroboram com as narrativas das participantes, quando relataram que não puderam ter aulas de futebol durante sua formação, e que de certa forma, influenciou em suas aulas e competições, onde muitas vezes conforme relatado, precisavam de auxílio dos outros professores da escola. Essas questões de gênero apresentadas no capítulo 1 asseguram seu valor quando percebemos que histórias como essas ainda permanecem em discursos machistas nos dias atuais.

Em face dos apontamentos propostos por Betti e Mizukami (1997), Borges (1998) e Costa (2017), e Farias; Batista; Graça e Nascimento (2018), as características identificadas nas trajetórias das professoras como a afetividade, o bom relacionamentos com os alunos, com a comunidade escolar e com sua área de atuação, são elementos que

devem ser considerados como importantes após anos de atuação em uma área específica.

Além disso, a pesquisa realizada pode vir a contribuir para a história das disciplinas, pois adiciona novos pontos de vistas e produz novas fontes de pesquisa, ainda que esse não seja o objetivo principal do trabalho. Dessa forma, não restam dúvidas de que a metodologia HO traz um valor inestimável às pesquisas históricas e ao campo das ciências humanas.

Dessa forma, como considerações finais, podemos afirmar que as histórias de vida das professoras aposentadas contribuem de forma considerável ao campo da história da educação, e levantam elementos importantes sobre a história da EF no município de Três Lagoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV. 2013.
- _____. **De “versão” a “narrativa” no *Manual de história oral***. Rev. História Oral, v. 15, n. 2, p. 159-166, jul.-dez. 2012.
- _____. **Histórias dentro da história** In: Pinsky, Carla (org.) **Fontes históricas**. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Ed. p.155-202. Contexto, 2008.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. O que é feminismo. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- AMORIN FILHO, Mário Lucio de; RAMOS, Glauco Nunes Souto. Trajetória de vida e construção dos saberes de professoras de educação física. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.24, n.2, p.223-38, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16759>> Acesso em 05 de nov. 2019.
- ANTUNES, Alan Rodrigo.; GEBRAN, Raimunda Abou. A Educação Física no Contexto Escolar: Trajetória e Proposições Pedagógicas. **Comunicações**. Piracicaba. Ano 17. n. 1. p.31-41. Jan-jun. 2010. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/401>> Acesso em: 09/10/2018.
- BASTOS, Maria Helena Câmara; STEPHANOU, Maria. História, Memória e História da Educação. In: BASTOS, M. Helena C.; STEPHANOU, Maria. (Org.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil – Século XX** – vol.III. 3ed.Petrópolis/RJ: Vozes, 2009, v. 3, p. 416-429.
- BENFICA, Tiago Alinor Hoissa. História do ensino superior em mato grosso: das iniciativas frustradas à criação de um sistema universitário. **Rev. Bras. Hist. Educação**. v.19, 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbhe/v19/2238-0094-rbhe-19-e052.pdf>> Acesso em: 15 Set. 2019.
- BETTI, Mauro. Educação Física e sociedade. São Paulo, SP: Editora Movimento, 1991.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOREL, Tatiana. **Processos de formação e práticas docentes na constituição histórica da educação física escolar no espírito santo, nas décadas de 1930 e 1940**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2012.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9ª. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei no 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf> Acesso em: 26 de ago. 2019.

_____, LEI DE 15 DE OUTUBRO DE 1827. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html> Acesso em: 26 de ago. 2019.

CARRION, Carla Cristina Urbina. **Memórias da Educação Física na década de 1980: articulações entre trajetórias de vida e leituras pedagógicas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

CERTEAU, Michael. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CORREA, Denise Aparecida. **Os governos de Getúlio Vargas (1930-1954) e a Educação Física Escolar no Estado de São Paulo: lembrança de velhos professores**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.

COSTA, Catia Silvana da. **Histórias de vida e saberes de professores de educação física que atuaram nos anos iniciais do ensino fundamental nas décadas de 1980 e 1990**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos - SP, 2017.

CREF 11. **Sua História**. Disponível em: <<http://www.cref11.org.br/historia.asp>> Acesso em 20 de Set. 2019.

CUNHA, Maria I. **O bom professor e sua prática**. 24^a. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2014. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 13^a. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças**. In: Estudos Feministas. Vol.2, n.2, 1994: 373-382. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16219>> Acesso em: 10 de ago. 2019.

FARIAS, Gelcemar Oliveira; BATISTA, Paula Maria Fazendeiro; GRAÇA, Amândio; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Ciclos da Trajetória Profissional na Carreira Docente em Educação Física. **Rev. Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 441-454, abr./jun. de 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/75045>> Acesso em: 02 de fev. 2019.

FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina. Professores e suas histórias de vida: o particular e o universal na formação docente. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 16, n. 1, Passo Fundo, p. 58-70, jan./jun. 2009

FERNANDES, Fernanda. **A história da educação feminina**. 2019. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14812-a-hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-feminina>> Acesso em: 26 de ago. 2019.

FERREIRINHA, Isabela Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Rev. Adm. Pública** vol.44 no.2 Rio de Janeiro: Mar./Apr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122010000200008> Acesso em: 19 de ago. 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.) **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV. 1994.

FREITAS, Sonia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos** 2ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FREITAS, Viviane Vieira de. **Análise Histórica das Relações de Gênero na Formação Profissional em Educação Física**. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/analise-historica-das-relacoes-de-genero-na-formacao-profissional-em-educacao-fisica/>> Acesso em: 01/09/2019.

GUEDES, Moema Castro. **A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino**. v.15, suplemento, p.117-132, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702008000500006&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 13 de fev. 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, vol. 19 n. 34, Jan. – Jun. 2012: 45-52. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v19n34/05.pdf>> Acesso em: 18 de ago. 2019.

_____. FRAGA, Alex Branco. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: Silêncios e incentivos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 71-84, jan. 2004.

_____. Feminismo, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Rev. Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 02, p. 171-196, maio/agosto, 2007. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3554/1953>> Acesso em: 20 de Jan. 2020.

_____. História das mulheres no esporte: o gênero como categoria analítica. In: **XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Recife. Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. Recife: Colégio

Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007b. v. 1. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/226.pdf>> Acesso em: 20 de Jan. de 2020.

GOODSON, Ivor Frederick. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 63-78.

GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

IBGE. **População Economicamente Ativa PEA**, 2016. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttab_hist.shtm> Acesso em: 25 ago. 2018.

INEP. **Censo do Professor**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/plano-nacional-de-formacao-de-professores/censo-do-professor>> Acesso em: 26 ago. 2018.

_____. **Censo da Educação Superior 2017**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file>> Acesso em: 29 ago. 2019.

_____. **Censo da Educação Superior 2015**. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2015/Apresentacao_Censo_Superior_2015.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2019

_____. **Censo da Educação Superior 2012**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14153-coletiva-censo-superior-2012&Itemid=30192>. Acesso em: 29 ago. 2019

JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Prefácio António Nóvoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer; tradução José Cláudio e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna. São Paulo, SP: Cortez, 2004.

LAVILLE, Christian. **A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, Ed. UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. **A história do cotidiano**. In: DUBY, G. et al. História e nova história. 3. ed. Lisboa: Teorema, 1994. p. 85-96.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Rev. Educação e Realidade**. Porto Alegre: n. 20(2). 101-132. Jul./Dez. 1985.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História**. n.155. 2º ed. 2006.

_____, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2ª. ed. 4ª. reimpressão. São Paulo, Ed. Contexto, 2015.

MOITA, Maria da Conceição. Precursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, p. 111-140, 2000.
MORAES, Enny Vieira. As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990). Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

NEIRA, Marcos Garcia; ETO; Jorge. Expansão dos cursos de Educação Física no estado de Mato Grosso do Sul e Região Centro-Oeste: uma análise da política educacional do Ensino Superior. **Revista Digital** - Buenos Aires - Ano 10 - Nº 83 - Abril de 2005. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd83/cursos.htm>> Acesso em: 17 de Set. 2019.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2ª. ed. Portugal: Porto Editora, p. 11-30, 2000.

OLIVEIRA, Flavia Fernandes; *et. al.* A relação da história da educação física com a história das práticas corporais de vida de uma participante da UNATI/UNISUAM. **Cadernos Unisuam**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 171-177, jun. 2013. Disponível em: <<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/cadernosunuam/article/view/413>> Acesso em: 03 de fev. 2019.

PEREIRA, Lucila Conceição. **Cultura Escolar**. Info Escola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/educacao/cultura-escolar/>> Acesso em 12 de fev. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte, ed. Autêntica, 2003.

PICCOLI, João Carlos Jaccottet; **Educação Física Escolar**. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4013430.pdf>> Acesso em: 20 de Set. 2019.

PONTES, João Airton de Matos. **Da suficiência à graduação: percursos da formação em educação física no ceará – 1950 a 1970**. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Proj. História. São Paulo. 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>> Acesso em: 20 de mar. 2019.

_____. **História Oral como Gênero**. Proj. História. São Paulo. 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/10728>> Acesso em: 20 de mar. 2019.

RAGO, Margareth. A História repensada com ousadia. In: JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.

RISTOFF, Dilvo. A trajetória da mulher na educação brasileira. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 86, n. 28.098, 8 mar. 2006. Opinião – Tendências/Debates, p. A3. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0803200610.htm>> Acesso em: 26 ago. 2019.

ROSEMBERG, Fúlvia; MADSEN, Nina. Educação Formal, Mulheres e Gênero no Brasil Contemporâneo. In: **O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010**. Organização: Leila Linhares Barsted, Jacqueline Pitanguy – Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011.

SILVA, Iara Augusta da. **Um Estudo Sobre a Política de Educação para o Ensino Médio no Brasil e no Estado de Mato Grosso do Sul nos Tempos Atuais: O que dizem os documentos e as pesquisas acadêmicas**. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/2/artigo_si_mposio_2_855_iara2ufms@gmail.com.pdf> Acesso em: 21 de Set. 2019.

SILVA, Rita de Cassia. O professor: seus saberes e suas crenças. In Guarnieri, M.R. aprendendo a ensinar. O caminho nada suave da docência. Campinas: Ed. Autores Associados, 2000

_____. Uma Reflexão Sobre o Trabalho Docente a Partir da Análise do Conceito de Crenças. **Rev. Psicologia Ciência e Profissão**, 2003, 23 (2), 6-13. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932003000200003&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 20 de Jan. 2020

SOARES, Carmen Lúcia. *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Rev. Educação e Realidade**. Porto Alegre: n. 16. Jul./Dez. 1991.

_____. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo: n. 45, pp. 327-351, Dez. 2012.

_____, Joan. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril, 2005.

SOARES JR, Rony Centeno. **A Disciplina de Educação Física na Escola Técnica Federal de Pelotas: Práticas pedagógicas e memórias de professores (1973-1996)**. 2014. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; RIGO, Luiz Carlos; CÉSAR, Maria Rita de Assis; PARDO, Eliane Ribeiro. Escola de formação de “professoras”: as relações de gênero no currículo superior de educação física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 857-872, out./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892011000400005&lang=pt> Acesso em: 02 de fev. 2019.

TANCREDI, Regina M. S. P. **Aprendizagem da docência e profissionalização:** elementos de uma reflexão. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 9ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992.

VIDAL, Diana Gonçalves; FILHO, Luciano Mendes de Faria. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 37-70, 2003.

FONTES DOCUMENTAIS DE DOMÍNIO PÚBLICO

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Década de 70. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/visitantes/panorama-das-decadas/copy_of_decada-de-70> Acesso em: 14 de fev. 2020.

BRASIL. Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 12/8/1971, Página 6377. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 11/10/2018.

_____. Decreto nº 69.450, de 1º de Novembro de 1971. Regulamenta o artigo 22 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e alínea c do artigo 40 da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968 e dá outras providências. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 3/11/1971, Página 8826. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-69450-1-novembro-1971-418208-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 13/10/2018.

_____. Lei nº 6.251, de 8 de Outubro de 1975. Institui normas gerais sobre desportos, e dá outras providências. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 9/10/1975, Página 13460. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6251-8-outubro-1975-357712-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 12/10/2018.

_____. Decreto nº 80.228, de 25 de Agosto de 1977. Regulamenta a Lei n.º 6.251, de 08 de outubro de 1975, que institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 26/8/1977, Página 11280. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-80228-25-agosto-1977-429375-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 13/10/2018.

_____. **Decreto nº 97.649, de 12 de Abril de 1989.** Autoriza o funcionamento do curso de Educação Física da Faculdade de Educação Física e Ciências Econômicas de Fátima do Sul, em Mato Grosso do Sul. Disponível em: <[http://www2.esporte.gov.br/cedime/legislacao/leisEF/1989_NormasJuridicas\(TextoIntegral\)_DEC_097649_12_04_1989.jsp](http://www2.esporte.gov.br/cedime/legislacao/leisEF/1989_NormasJuridicas(TextoIntegral)_DEC_097649_12_04_1989.jsp)> Acesso em: 17 de Set. 2019.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.** Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 20 de Set. 2019.

_____. **Lei nº 9.696, de 1 de Setembro de 1998.** Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1998/lei-9696-1-setembro-1998-374623-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 20 de Set. 2019.

_____. **Lei nº 13.005, de 25 de Junho de 2014.** Plano Nacional de Educação. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm> Acesso em: 21 de Set. 2019.
IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/panorama>>. Acesso em: 01/10/2018.

MATO GROSSO. Lei Provincial nº 8, de 05 de maio de 1837. Estabelece novo Regulamento da Instrução Pública Primária. **Registada no L.º 1º de Leis af.** Cuiabá 5 de Maio de 1837. Disponível em: <<https://www.al.mt.gov.br/storage/webdisco/leis/lim-8-1837.pdf>>. Acesso em 11/10/2018.

_____. **Mensagem, apresentada à Assembléia Legislativa** pelo Governador do Estado de Matto-Grosso Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, por ocasião do início da Legislatura de 1948 . Cuiabá, 13 de junho de 1951. Disponível em: <<http://gem.ufmt.br/gem/sistema/arquivos/10071204102910.pdf>>. Acesso em: 12/10/2018.

MATO GROSSO DO SUL, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, **Conselho Diretor. Resolução nº 02/72.** Disponível em: <<http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/OpenResolucao.aspx?resolucaoUID=25&ano=1972&tipoUID=1>> Acesso em 20 de Set. 2019.

_____, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, **Conselho Diretor. Resolução nº 37/72.** Disponível em: <<http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/OpenResolucao.aspx?resolucaoUID=52&ano=1972&tipoUID=1>> Acesso em: 20 de Set. 2019.

_____, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, **Conselho Diretor. Resolução nº 44/76.** Disponível em: <<http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/OpenResolucao.aspx?resolucaoUID=1013&ano=1976&tipoUID=1>> Acesso em: 20 de Set. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Mapas das escolas municipais citadas pelas professoras



Escolas Municipais:

- 1- Centro de Educação Infantil Santa Luzia
- 2- Centro de Educação Infantil Nossa Senhora Aparecida (Antiga cede da Escola Municipal Eufrosina Pinto)
- 3- Escola Municipal Odeir Antônio da Silva (Antiga cede da Escola Municipal São João)
- 4- Escola Municipal Parque São Carlos
- 5- Escola Municipal Profª Maria Eulália Vieira
- 6- Escola Municipal Senador Filinto Müller
- 7- Escola Municipal Profº Elson Lot Rigo
- 8- Escola Municipal Julio Fernandes Colino (Popularmente chamado de Colinos)
- 9- Escola Municipal Joaquim Marques de Souza

APÊNDICE B – Mapas das escolas estaduais citadas pelas professoras

Escolas Estaduais:

- 1- Escola Estadual Prof^o João Magiano Pinto (JOMAP)
- 2- Escola Estadual Dom Aquino Corrêa
- 3- Escola Estadual Afonso Pena (Antiga cede da escola 2 de Julho)
- 4- Escola Estadual Fernando Corrêa

Escola Privada

- 5- Colégio Salesiano Dom Bosco (Antiga cede da escola Bom Jesus da Lapa)

Locais

- 6- Ferrovia Noroeste Brasil (NOB)
- 7- Bairro Santa Teresinha

**APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
TCLE**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

Comitê de Ética com Seres Humanos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Por meio do presente termo, eu, **Ademilson Batista Paes**, professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, solicito vosso consentimento livre e esclarecido, para participar do trabalho de pesquisa que estamos realizando nesta universidade. O presente trabalho é requisito parcial para a conclusão do curso de Mestrado, vinculado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, área de Concentração: Educação, Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: História, Sociedade e Educação.

A pesquisa a ser desenvolvida tem como objetivo principal contribuir para a história e historiografia da educação, mais precisamente sobre as Memórias de Professoras de Educação Física de Três Lagoas – MS. Como objetivos específicos almejamos: 1)- Resgatar as memórias das docentes aposentadas na disciplina de Educação Física, por meio de entrevistas e suas transcrições; 2)- Contribuir para a história das disciplinas escolares no leste de Mato Grosso do Sul.

Os instrumentos para a coleta de dados partirão do levantamento de fontes documentais, como decretos, leis e pareceres. Além da fonte documental, serão utilizados os aportes teóricos da História Oral para realizar entrevistas a serem gravadas com as docentes aposentadas que lecionaram no município de Três Lagoas – MS, que serão realizadas pelo mestrando e pesquisador, **Murilo César de Carvalho Pereira**. As entrevistas serão agendadas conforme a disponibilidade das entrevistadas, em local apropriado, que possua o silêncio adequado.

As gravações serão realizadas por meio de um aplicativo instalado no aparelho celular e partirão de eixos temáticos como: infância, escolarização, profissão, atuação em Três Lagoas-MS, cotidiano escolar, práticas pedagógicas, etc. Esses eixos permitirão caracterizar a trajetória das professoras de educação física aposentadas.

Para a organização da coleta de dados, mediante as entrevistas cedidas, será utilizado o conceito de **História Oral Temática** para evidenciar como as professoras contribuíram na constituição da cultura escolar desse município.

A pesquisa apresenta como riscos, possíveis constrangimentos, cansaço, uso e/ou menção de nomes de personagens ainda vivos. Caso não haja assinatura nos termos de autorização e livre esclarecimento será necessário a supressão e substituição dos nomes. Como benefício, a pesquisa trará a lume informações e dados novos que favoreçam a aproximação referente a realidade da história da educação em Três Lagoas – MS.

Após a pesquisa iniciada, caso a participante fique impossibilitada de dar continuidade a participação do estudo, caberá à mesma o direito de desligar-se. A conclusão da pesquisa resultará em dissertação que terá resultados divulgados, tendo como finalidade contribuir à área acadêmica. **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL Comitê de Ética com Seres Humanos.**

Comitê de ética com Seres Humanos da UEMS, fone (67) 3902-2699 ou cesh@uems.br Secretaria da UEMS/Paranaíba, fone (67) 3503-1006 ou pgedu.mestradopba@gmail.com.

Em caso de dúvida poderão entrar em contato com o pesquisador Murilo César de Carvalho Pereira, pelo telefone (67) 98180-7225, pelo e-mail muriloccpereira@hotmail.com ou pelo telefone da UEMS (67) 3503-1006 e pelo e-mail da secretaria: pgedu.mestradopba@gmail.com – situada Av. Ver. João Rodrigues de Melo, s/n. – Jardim Santa Mônica, Paranaíba-MS.

Eu _____, fui informado (a) e aceito participar voluntariamente da pesquisa “MEMÓRIAS DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM TRÊS LAGOAS – MS: CONSTRUINDO UM PANORAMA HISTÓRICO, em que o pesquisador Murilo César de Carvalho Pereira me explicou como será toda pesquisa, de forma clara e objetiva.

Três Lagoas, (MS) _____ de _____ 2020

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante da Pesquisa

APÊNDICE D – PARECER SUBSTANCIADO DO CEP**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: MEMÓRIAS DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM TRÊS LAGOAS ; MS:
CONSTRUINDO UM PANORAMA HISTÓRICO.

Pesquisador: MURILO CEZAR DE CARVALHO PEREIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 08286318.9.0000.8030

Instituição Proponente: Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.318.265

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de cunho qualitativo, que tem por base metodológica a História Oral. Este projeto busca registrar as memórias das professoras de Educação Física que exerceram suas funções profissionais no município de Três Lagoas - MS.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral:

Pesquisa historicamente a disciplina Educação Física em Três Lagoas - MS.

Objetivos Específicos:

Mapear, localizar e identificar professoras da disciplina;

Resgatar as memórias das docentes localizadas, por meio de entrevistas e suas transcrições;

Contribuir para a história das disciplinas escolares no leste de Mato Grosso do Sul.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Estão presentes e adequadamente descritos tanto no TCLE, quanto no projeto brochura e nas informações básicas do projeto, de acordo com a legislação vigente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e pertinente. Atendeu as solicitações deste comitê.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão todos presentes e adequados conforme a legislação vigente.

Continuação do Parecer: 3.318.265

Recomendações:

O proponente atendeu prontamente as solicitações deste comitê. Recomenda-se a aprovação da proposta.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1236612.pdf	22/03/2019 11:08:30		Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_3204827.pdf	22/03/2019 11:08:05	MURILO CEZAR DE CARVALHO	Aceito
Outros	ROTEIRO.pdf	22/03/2019 11:06:53	MURILO CEZAR DE CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	22/03/2019 11:06:24	MURILO CEZAR DE CARVALHO PEREIRA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	22/03/2019 11:06:04	MURILO CEZAR DE CARVALHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	22/03/2019 11:05:51	MURILO CEZAR DE CARVALHO PEREIRA	Aceito
Folha de Rosto	Doc1.pdf	24/11/2018 10:56:32	MURILO CEZAR DE CARVALHO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

DOURADOS, 10 de Maio de 2019

Assinado por:
Márcia Maria de Medeiros
(Coordenador(a))

APÊNDICE E – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Fale um pouco sobre a sua infância, sua criação e como era na escola.

Porque optou pela carreira de professor de educação física?

Como, quando e onde realizou sua formação profissional inicial?

Você notou alguma diferença em termos da sua formação profissional pelo fato de ser mulher?

Como se dava o ingresso dos professores na rede municipal?

Fale um pouco sobre a sua vida profissional:

Quando era realizado o planejamento da disciplina?

Qual o objetivo da disciplina na visão dos professores?

Quais conteúdos eram desenvolvidos?

Como se dava a avaliação do aprendizado?

Como o professor desenvolvia no dia-a-dia com seus alunos o conteúdo planejado?

De quais saberes os professores se apropriavam para desenvolver sua prática pedagógica?

Eram realizados cursos de formação continuada?

Como era a participação dos professores em eventos do município?

O fato de você ser mulher fazia com que você sofresse algum tipo de preconceito por parte dos professores de educação física do sexo masculino?

Como foi a conciliação entre as atividades profissionais e as tarefas maternas e do lar?

Existe algo que gostaria de acrescentar?

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA ARLINDA

Duração do Áudio: 01:02:25

Orador A: Bom vamos começar lá na sua infância falando do seu pai, da sua mãe como foi a sua infância, onde você viveu, como foi a sua criação, dos seus avós, eu quero saber um pouco da sua história pra gente começar.

Orador B: Eu sou filha de ferroviário, meu pai é pernambucano veio praticamente como Imigrante né lá do nordeste e veio ele veio ajudar a construção da ponte da estrada de ferro, meu pai que pintou a ponte da estrada de ferro, meu pai que foi um dos pintores aí entrou na estrada então ele era ferroviário meu pai... (Breve pausa, emocionou-se) falou do meu pai... é que eu era filhinha de papai, então ele era ferroviário.

Minha mãe foi funcionária pública também aposentou trabalhando todo tempo dela na escola Dom Aquino é só quatro irmãs todas meninas, né, essas quatro irmãs eu fui a única que fiz faculdade, é... Normal, nunca deixei de sair de escola, entrei vamos supor no primeiro ano e conclui faculdade, fiz pós-graduação, fiz faculdade de educação física e faculdade de pedagogia, ta...

Orador A: Você a mais nova?

Orador B: Não eu sou a mais velha, a mais velha de quatro irmãs... a mais nova que eu casou, a outra, a caçula casou e eu sempre estudando e trabalhando. E aí ficou eu fui praticamente uma das ultimas a casar e eu casei eu já tinha 29 anos quando me casei.

Orador A: E nesse período você morou sempre com a sua família?

Orador B: Sempre com a minha família aqui em Três Lagoas, aí me casei com um professor de educação física... (risos) para variar eu me casei com professor de educação física, tive dois filhos com ele nos separamos ele é o Silvio Guedes e quem é o pai dos meus filhos ele não atua mais na educação física e depois eu tenho dois filhos já falei para você né que é o Lucas e a Taís quando a Taís tem 28 anos termina esse ano doutorado em biologia o Lucas se formou ano passado em design os dois moram fora ela mora em Rio Claro ele mora em Curitiba. Então agora eu me Casei novamente e... tem... Ah já até perdi as contas pelo tempo que eu acho que tem 15 anos que eu tô

casada, casada novamente com professor Petrônio também é professor não de educação física, mas ele é professor também nós estamos casados agora.

Orador A: E você nasceu aqui mesmo em Três Lagoas?

Orador B: Nasci aqui em Três Lagoas!

Orador A: E suas irmãs também?

Orador B: todos nós sempre moramos em Três Lagoas. É... Nós morávamos antigamente... Assim, quando nós éramos crianças nós éramos do bairro Santa Terezinha aí depois meu pai conseguiu uma casa ali da NOB, é bem pertinho da estação aí nós mudamos para lá do tempo que eu fazia faculdade eu morava ali pertinho da estação. Aí depois ele construiu uma casa lá no Santa Terezinha e nós retornamos pro Santa Terezinha novamente no mesmo lugar assim que nós passamos a infância passando nossa infância nós voltamos pra lá, e nessa, esse retorno pro Santa Terezinha, só faltou eu... eu e minha outra irmã que é a do meio as últimas duas a mais nova que eu e a caçula já tinha casado e quando eu voltei para lá eu fiquei meio ano lá, aí eu me casei e me mudei.

Orador A: Você casou antes de fazer a faculdade?

Orador B: Não, já era formada, eu me casei já com 29 anos, já tinha feito até pós, já tinha feito já, tinha feito pedagogia também já tinha feito pós... Acho que sim... Vamos ver depois nos documento as datas, eu sou... O Petrônio fala que eu não tenho memória histórica eu sou muito igual agora. Eu não sei nada que se passou comigo... Isso é o básico, mas se você... Vamos supor se a gente foi falar em datas, eu não sei... Olha a única coisa que eu gravei foi quando eu comecei a trabalhar que foi 1/3 de 79... Sabe até o nascimento dos filhos eu tinha que marcar, porque os dois nasceram em fevereiro, então a Taís nasceu dia 20... Ai já confundi. A Tais nasceu dia 21 de fevereiro e o Lucas dia 10. E aí eu faço uma confusão com numero, aí esses tempos eu fiz uma agenda e marquei tudo.

Orador A: Como foi a sua infância? Foi uma infância Feliz? Conta um pouquinho!

Orador B: Ah, minha infância... (pausa e respirou fundo), eu sempre trabalhei, sempre trabalhei, eu fui aquela pessoa que assim, sempre quis ter alguma coisa, foi uma infância muito difícil, meu pai era ferroviário ganhava muito pouco, minha mãe quando eu era criança, minha mãe lavava roupa para fora, então antigamente os pais eram

assim, para você ser alguém você tem que estudar, estudar você tem que estudar para ser alguém, então sempre fui aquela pessoa assim, eu queria vencer, então pra vencer teria que ser estudando, né, então eu estudei muito assim, eu tinha essa vontade de vencer... (Se emocionou) eu era aquela criança que fica na casa bonita do vizinho e queria ter uma casa bonita, aquele sonho que a gente tem... Né... O vizinho tem aquele carro e a gente fala pô! Será que eu posso ter... Né... E se a gente quer alguma coisa, meu pai falava, a gente tem que ser honesto uma coisa que meu pai sempre falou para mim, você tem que ter nome... Uma coisa que a gente tem que ter na vida é nome, ser honesto cuidar do seu nome e trabalhar, estudar e trabalhar porque se você não cuidar do seu nome ninguém cuida do seu nome, a pessoa que não cuidar do nome dele, ele não cuida do... Se ele não cuidar do nome dele vai cuidar do nome do outro? Tá? Eu estou com o nome no SPC compra alguma coisa para mim... porque... Se não ele não cuidou do nome dele, ele vai cuidar do seu? Nunca! Então meu pai sempre falou que seu nome é a coisa mais preciosa que tem. Quando você chegar e perguntar, ele falava, quando alguém chegar e perguntar por você, ele tem que ter uma referencia sua e seu nome é sua referência e sua referencia tem que ser sempre uma referencia boa, fulano de tal... É uma pessoa honesta, ele paga as contas dele, é uma pessoa trabalhadora, meu pai era muito rígido, rígido. Eu fui uma pessoa muito bloqueada, porque meu pai, como ele teve só filha mulher, eu falo que ele criou a gente numa redoma, a gente não podia ir na casa de vizinho, nós não podíamos brincar na rua, a gente era só dentro de casa, saia de casa para ir para escola e voltava ficava dentro de casa... Não podia... Às vezes eu via as crianças é... Brincar de pé na lata, à noite... É que meu tempo tinha esses negócios, que vizinho brincava de pé na lata, brincava de esconde-esconde, mas eu não podia, eu não podia meu pai não deixava do lado tinha uns vizinhos, que sempre podia fazer tudo, sabe aqueles que o pai deixava fazer tudo... Subia na árvore, aquele vizinho que brincava a noite, que corria... Sabe... Nossa... E nosso quintal, era quintal de cerca de arame, mas não podia passar do lado do vizinho, era dentro, então eu, para mim brincar com a minha vizinha, brincava do lado de cá do arame e ela brincava do outro lado, e eu para fazer... eu brincar com ela eu fazia que as coisas do meu lado e ela e não podia também vir na minha casa, e nem eu ir na casa dela, meu pai falava que esse negocio de ficar na casa dos outros, só aprende o que não deve, tem que ficar dentro de casa sabe... Então era demarcado mesmo assim que não tinha, tanto que hoje Deus me livre! Hoje eu não quero essa criação pros meus filhos de jeito nenhum (Risos), eu brinco com

meus filhos, ele vem pra casa, ficam aqui sabe... Eu falo: filho vai sair cadê seus amigos? Vai, vai andar, vai fazer alguma coisa... Mas meu filho é super tímido, eu falo nossa se eu tivesse essa liberdade sabe... Mas...

Orador A: Mas foi uma infância amorosa né?

Orador B: Foi, foi... Por que os pais antigamente, não eram amorosos, você entende? Eu acho aquela coisa assim, que era... É... Pai ia trabalhar... E antigamente era assim, é dar o importante pro filho dele, é roupa, é escola, eu acho que assim, carinho ficava muito a desejar antigamente... O carinho ficava muito assim, além... Eu falei pra você que eu era a “filha do papai”, mas eu aproximei muito do meu pai, depois que eu fiquei adulta, por que eu bati muito de frente com meu pai, meu pai era daquele muito carrasco e eu que batia de frente com ele, e eu conquistei tudo... Sabe? Pra mim sair de casa ele falou: filha não casa! Quando eu fui casar ele não queria que eu casasse. Ele falou: mas porque que você vai casar? Você uma pessoa que tem tudo! Porque na época que eu fui casar eu tinha casa... Eu tinha carro... Eu viajava pra tudo quanto é lado... Eu já tinha trabalho, viajava duas três vezes no ano... Tal... E ele falava: filha se eu tivesse a vida que você tem eu nunca ia casar! Eu falei: Pai, mas eu cansei! Vai indo você enjoa, eu enjoei da vida de solteiro, eu quero casar! Tanto que o dia que eu separei, que eu falei que ia separar ele não falou um “A” pra mim. Sabe ele me respeitou! Eu vou me separar mas não vou vir pra dentro de casa, uma coisa que eu aprendi, você separou você tem que ter o seu espaço, o dia que eu sai eu nunca mais voltei. Mas eu bati muito de frente com o meu pai, então eu conquistei todo o meu espaço, e depois ele me respeitava, se eu falava tal coisa, nossa... tanto que hoje lá na minha família... é ruim isso, as vezes é ruim porque é muita responsabilidade, vamos supor, é ter natal, fulano... ai que que elas vão fazer, ai ciclana, e ai eu falo gente, pelo amor de Deus, ó, vão vocês, você entende?

Orador A: Você é mais animada das irmãs pelo jeito né?

Orador B: Sou, eu que tenho que saber o que tem que fazer tudo, sabe... Tanto que às vezes até bato de frente com meus outros cunhados, porque eles sabem (Risos) Eles falam, ó vocês não vão na da Arlinda não! Falam pras minhas irmãs, os maridos delas, cuidado, não vai no da Arlinda não, porque Arlinda manda lá no marido dela (Risos intensos), você não vem dar uma de Arlinda aqui não (risos intensos), Eu tenho um cunhado que é turco né (bate forte com a mão na mesa), em casa quem manda sou eu, não vem dar uma de Arlinda não.

Orador A: E com suas irmãs o relacionamento, vocês brincavam entre si? Em casa vocês quatro?

Orador B: Então, mas o que que aconteceu... A gente brincava, mas só que o seguinte, como eu era a mais velha, vamos supor que assim... Nos temos uma diferença... (pausa) já falei pra você que de numero eu sou péssima (risos)... Eu não sei, mas nos temos uma diferença, eu pra minha irmã, uma parece-me que assim... Não são 10 anos não, é uns cinco anos, eu pra “Ni”, Eu com a “Ni”, mas ai depois a “Ni” a “Alice” e a “Nali” são assim, um ano de diferença de uma pra outra. Como eu era a mais velha, uma das mais velhas, eu que sempre tinha a responsabilidade de cuidar das outras, de cuidar das outras irmãs como eu era a mais velha eu cuidava das outras irmãs, pra minha mãe trabalhar, pra minha mãe lavar roupa, eu tinha que limpar casa, eu tinha que fazer comida eu tinha que fazer tudo, e eu comecei a trabalhar... Então eu pra num ficar nessa vidinha de ter que cuidar das irmãs, eu vi que eu era meio espertinha eu falei: O que? Eu vou ficar aqui só cuidando das minhas irmãs? Eu vou é trabalhar fora! Ai eu já arrumei serviço, eu acho que com 10 anos eu já comecei a ser babá, empregada, ai eu fui empregada domestica de uma vizinha lá, e já fui ser babá e limpar a casa dela pra ganhar um dinheirinho, ai nisso, ai meu pai falava: Não! Você esta estudando não vai fazer isso não! Ai meu pai pegou, e arrumou um serviço pra mim, o meu primeiro serviço como... Meu primeiro serviço foi... Na lotérica, não lembro se foi na lotérica ou na livraria, eu não sei qual dos dois, se foi na lotérica ou se foi na livraria... Acho que foi na livraria! Meu pai trabalhava com outro empregado da estrada que tinha uma livraria, e acho q ele falou que eu gostava... Né... Que eu era muito impossível e queria ganhar dinheiro, ele falou: Não, manda ela pra mim que é pra trabalhar! E eu fui trabalhar, ai estudava e trabalhava meio período. Ah, quando eu vi que podia estudar e trabalhar meio período e ganhar meu dinheirinho... Nunca mais eu parei de trabalhar... (Risos). Então brincar meus com minhas irmãs eu nunca fui de brincar, nunca fui...

Orador A: Sempre com muita responsabilidade?

Orador B: Sempre com muita responsabilidade! Brincar mesmo... (fez cara de desaprovação), tanto que nem na rua eu podia brincar né... Ai... Eu estudava e trabalhava, essa foi todinho o primário, depois foi o ginásial na época era ginásio né... Ai o magistério eu já tive que fazer a noite, por quê? Porque eu tinha que trabalhar o dia todinho, e estudar a noite, ai eu passei a estudar a noite.

Orador A: Fala pra mim então sobre o seu primário? Quando começou, qual escola era?

Orador B: Então, o primário, eu comecei estudando, a gente fala escola batatinha, foi uma escola que tinha pertinho da minha casa sabe... Um quarteirão, ai essa escola eles desativaram, ai eu fui pra outra escola que eles mudaram que hoje ela é o CEI Santa Luzia, ali onde é o Santa Luzia, ali era a escola Alfredo Castilho, ai eu estudei todinho o meu primário ali, até o quarto ano.

Orador A: Você gostava? Era legal estudar lá?

Orador B: Vish era gostoso, nos íamos andando, na linha do trem, ai era assim, quando a gente saia mais cedo a gente vinha, mas não podia, meu pai não gostava que a gente andava na linha do trem. Por quê? Porque era perigoso, Ele falava: não é pra ir andando na linha do trem. Ai às vezes a gente saia mais cedo, ai que delicia, vamos hoje pela linha do trem e nós íamos equilibrando na linha do trem. E eu era “molóide” né, porque não dava conta, quase não brincava muito, e as meninas falavam: Ó vamos correr agora na linha do trem! E eu não dava muito conta de correr não! Eu ia andando assim e um medo! Se eu ouvia o trem lá longe e ele começava apitar eu já saia que nem doida correndo, não, não, não posso correr, e as meninas: não vamos ver quem vai passar, e a hora que o trem passava pra dar tchau, mas a gente assim, o primário o que mais me marcou no primário foi a linha do trem que a gente ia, pra escola, a linha do trem, o trem passava, mas foi gostoso!

Orador A: E você tinha aula de educação física no primário?

Orador B: Não! Não tinha educação física no primário. Ai no ginásio eu fui estudar no Bom Jesus, e ai eu quis estudar bem longe de casa, (gargalhadas), não é, é que era umas das escolas melhores, e eu já falei não, eu não queria estudar ali no Afonso Pena, que era perto, eu quero estudar no Bom Jesus, e eu ia a pé, lá da minha casa, até no Bom Jesus, que hoje não é mais Bom Jesus, é... Essa escola dos Padres aqui, como se chama...? Salesiano, colégio Salesiano não é? Que agora parece que uma parte do Salesiano tá lá nos padres também né? Mas há nossa Senhora, quando eu fui estudar ali, nossa... era estadual. Na nossa época a gente não estudava em escola particular, escola particular era só filho de doutor, e acho que aqui em Três Lagoas não tinha escola particular, ai naquela época era assim, quem podia estudava de dia, ai os pobres estudavam a noite porque tinham que trabalhar, você entende? E que os pais já tinham

condições, que não precisava trabalhar estudava de dia, e quem era... Assim... Classe trabalhadora né... Estudava a noite... (se emocionou), então era classificado desse jeito. Então trabalhador estudava a noite, de dia era os filhos de papai, estudavam todos de dia, fazia magistério de dia, faculdade, pedagogia de dia, e quem não podia, tinha que estudar só à noite. (se emocionou) Você mexeu numa ferida muito grande! Porque o seguinte, eu não tenho sabe... As coisas acontecem naturalmente e a gente não vai percebendo né... Sabe, como que a sociedade da gente, é uma sociedade tão discriminativa, né... E isso sempre aconteceu, e eu sempre lutei contra isso, fiz parte do sindicato, desde quando comecei a trabalhar, eu fui para o sindicato, porque eu acho que é uma ingratidão tão grande com o povo com a classe trabalhadora, com quem não tem condições, entende? Eu acho que é muito difícil, eu sou uma pessoa q eu vejo o outro, eu coloco na situação dele. (Emocionou-se novamente). Sabe? Eu sempre falo pros meus filhos não é porque vocês têm as condições que vocês têm que... Sabe? Desprezar as outras pessoas. Porque isso é tão difícil! E eu senti isso na pele, o que é você ser discriminado. Esta vendo eu falei pra você que eu não era discriminada, e eu sempre fui discriminada. Por ser uma pessoa pobre, feia, antigamente era assim se você é pobre e feia você ficava de lado, e tinha os patrões que a mulher tinha que ser bonita, a mulher tinha que ser... É... Cabelo bonito, toda bonita... E ainda falava-se assim, que é bonita ia casar com doutor, por quê? Porque ela era bonita! Por que os homens escolhiam... Hoje já nem tanto, mas antigamente os homens escolhiam as mulheres mais bonitas pra eles casarem, principalmente se tinham uma condição monetária boa né... E as feias sempre iam ficando... é... São coisas que acontecem na nossa sociedade e infelizmente... Nós... Eu acho assim... E nos lutamos tanto pra isso acabar e hoje eu vejo que tudo que eu fiz, ó. infelizmente tudo que a gente lutou pra acabar com o preconceito, pra acabar com essas coisas todas, infelizmente parece que vai vir tudo a tona novamente.

Orador A: E o ginásio da Senhora, teve alguma coisa que a marcou? A Senhora já tinha educação física nessa época?

Orador B: A gente já tinha, o meu professor de educação física foi o “Tó”, o professor “Tó”, a professora, “Narcisa” que depois ela foi para o sindicato também e hoje ela mora em Campo Grande. Ah, naquele tempo, ela era toda bonitona e ela falava assim: Peito pra frente, Bunda pra trás, barriga pra dentro! (risos intensos), Levanta esse corpo! Mulher tem que andar elegante! E ela andava super elegante sabe... E a gente adorava fazer educação física, eu adorava! Só que eu não podia fazer educação física, olha só

como são as coisas! Eu não podia! Tinha que ser aluna dispensada de educação física, porque eu tinha que trabalhar! Era turnos diferentes a educação física na minha época, então era assim: antigamente tinha um decreto que aluno que trabalha... Porque nos tínhamos três aulas de educação física, e era período contrário, ai eu tinha atestado, o patrão assinava que eu não podia fazer educação física. Nossa aquilo pra mim era uma morte! Porque eu adorava, mas eu não podia fazer, porque eu tinha que trabalhar também, sabe como as coisas eram divergentes né? Eu gostava, mas não podia! E eu precisava do dinheiro, eu precisava trabalhar, pra me manter, porque meu pai falava: olha, se você quer sair com uma roupa melhor, se você quer ter uma roupa melhor, você tem que trabalhar. Eu conheci varias pessoas, que dentro de casa o pai fazia pagar a agua, pagar a energia, né? Ajudar em casa... Mas meu pai sempre: Você vai trabalhar, o dinheiro é seu! Eu não quero saber do seu dinheiro e no que você vai gastar desde que você saiba gastar e que honre com seus compromissos! Então meu pai nunca fez eu comprar 1 kg de carne pra dentro de casa. Mas é... eu que... Gostava mesmo e queria trabalhar né. Então educação física eu não podia fazer! Eu era aluna dispensada, mas eu assim... Quando tinha o desfile, e eles diziam assim: quem num pode vir vai ser tirada da sala pra desfilar, ai eu ia desfilar! Ai às vezes eu pedia uma dispensa. Pegava um horário pra ensaiar no sábado a fanfarra, que eu gostava de fanfarra também, mas eu sempre participei de desfile, sempre participei das coisas que dava pra mim ir, eu ia e participava, eu só não ia quando não dava horário, batia com o serviço, ou tinha que pagar, e às vezes conforme for não podia ir, mas caso contrario eu sempre participava de tudo dentro da escola.

Orador A: Como foi o seu segundo grau?

Orador B: É. Porque na minha época para escolher era assim. Quem era de família mais simples, já fazia um curso técnico para você ir trabalhar. E ou fazia técnico que você ia trabalhar ou fazia Magistério para dar aula. E aí no meu caso eu fui fazer Magistério. Aí fiz Magistério na Escola Dom Aquino Corrêa. Fiz três anos de Magistério. Tudo na Escola Dom Aquino Corrêa: Aí eu fiz Magistério. Depois do Magistério ainda fiz mais um ano que foi o quarto ano, que era uma especialização para dar aula na pré-escola. Eu fiz esse curso de especialização. Eu já estava... Não. Eu fiz esse curso e depois eu fiz faculdade. Aí eu fui fazer faculdade de Educação Física.

Orador A: Voltando um pouquinho. No Magistério que você fez lá no Dom Aquino.

Orador B: É.

Orador A: Você trabalhava nessa época?

Orador B: Trabalhava.

Orador A: Já trabalhava? Nessa época...

Orador B: Eu comecei a trabalhar praticamente no que eu te falei. Com nove anos eu já era babá. Dez.

Orador A: Sim.

Orador B: Aí doze anos eu fui para o comércio. E depois eu não saí do comércio. Trabalhei no comércio.

Orador A: E nessa época você também não fazia Educação Física na escola como aluna?

Orador B: Então. Como aluna no Magistério a gente tinha aquela Educação Física recreativa para ensinar como que dá aula. Entende? O meu Magistério foi todo voltado para você dar aula.

Orador A: Sim.

Orador B: Então era uma Matemática bem simples, Português simples. Tanto que quem fazia Magistério naquela época não tinha base quase nenhuma para fazer uma faculdade. Outra faculdade. Agora quem queria fazer uma faculdade boa, ia fazer Administração ou ia fazer Técnico, que era já voltado todinho para a matemática. Era um curso bem puxado. Estudava durante o dia. Aí estudava durante o dia. Tanto que a

Orador A: Esse Magistério seu era à noite?

Orador B: À noite. Fazia Magistério à noite, que eu trabalhava durante o dia.

Orador A: Do dia.

Orador B: As meninas que tinham uma condição melhor, que não precisavam trabalhar, o que faziam? Elas faziam durante o dia estudava na Escola JOMAP um curso. Eu não lembro direito qual que era o curso. Acho que era curso técnico mesmo. Curso técnico. Faziam curso técnico. Já era preparatório para vestibular. E à noite elas faziam Magistério.

Orador A: Entendi.

Orador B: Faziam dois cursos ao mesmo tempo. Não precisava trabalhar. Mas eu fazia só Magistério.

Orador A: E quem dava aula de Educação Física no Magistério? Era professor de Educação Física mesmo ou era...?

Orador B: Na minha época foi a professora Verônica. Ela que deu aula para mim de Educação Física. Que depois quando eu fui fazer Educação Física, eu me formei, eu fui substituí-la. Acho que ela casou e teve licença gestante e eu fui substituí-la. No Magistério aí eu dei aula para os alunos. No Magistério. De [Educação Física] [00:04:49].

Orador A: E quando você acabou o Magistério, que você acabou tudo, você fez mais um ano, você falou.

Orador B: É.

Orador A: Você foi para a faculdade. Por que você escolheu Educação Física?

Orador B: Então. Era assim. Não estava nos meus planos fazer Educação Física. Eu queria fazer Psicologia na época. Mas meu pai não tinha condição porque Psicologia só tinha em Corumbá. Então aqui não tinha Psicologia. Como não tem na Universidade Federal. Só tinha em Corumbá. E meu pai não me deixou fazer Psicologia em Corumbá. Aí fiquei traumatizada. Não pude ir. Aí eu ia fazer Matemática. Quando eu fiz Ginásial eu fiquei assim apaixonada por um professor de Matemática. Aquela coisa. Professor de Matemática. Ele era assim crânio em Matemática. E eu era a primeira aluna da sala em Matemática. Ele dava a Equação do Segundo Grau e eu já dava o resultado. Eu era aquelas alunas da frente. Sabe? Aí eu passei a dar aula de Matemática para as minhas colegas na sala. Então eu adorava Matemática. Só que aí quando eu fui fazer Magistério, não tinha Matemática nenhuma no Magistério. E ficou pior porque quando eu fui fazer vestibular aqui para Matemática não tinha mais Matemática na Universidade Federal. Foi uma época que eles tiraram a Matemática da Universidade Federal e colocaram Ciências. Você tinha que fazer Ciências e no último ano você fazia especialização para dar aula de Matemática. Falei: ah. Não quero fazer Ciências. Eu quero fazer Matemática. Aí eu falei: não. Não quero fazer Ciência. Quero fazer Matemática. Aí não tinha. Eu falei: eu vou fazer Psicologia. Aí eu não podia fazer Psicologia porque meu pai não tinha condição de me manter lá em Corumbá. Aí eu peguei assim. Sabe quando você pega todas as matérias que você tem? Ai meu Deus. O

que eu vou escolher disso aqui? Não. História eu detesto. Geografia também. Ciências eu não quero. Matemática e Português. Eu falei: sabe de uma coisa? Eu vou fazer Educação Física. Aí eu fiquei sabendo que estava tendo Educação Física em Andradina e que o prefeito pagava o ônibus para estudar em Andradina. A gente só pagava a faculdade. E ganhava a passagem. A O prefeito dava a passagem.

Orador A: Você lembra quem era o prefeito na época?

Orador B: Ah. Nessa época quem era o prefeito? Antes do Miguel Tabox? Quem foi antes de Miguel Tabox? Tem que ver quem que foi antes de Miguel Tabox. Eu sei que já era tradição. Aí começou a faculdade e o prefeito ajudava os alunos.

Orador A: Ajudava. Você lembra? Era muito caro a faculdade?

Orador B: Era, vamos supor, como hoje, em relação a hoje, devia ser uns quatrocentos reais. Trezentos, quatrocentos reais hoje.

Orador A: Sim.

Orador B: Aí eu já trabalhava e eu pagava a faculdade.

Orador A: Era à noite a faculdade?

Orador B: Era à noite a faculdade. Aí eu trabalhava no comércio e fazia faculdade lá em Andradina. Eu trabalhava numa loja que eu era responsável pelo caixa, para fazer toda a contabilidade da loja, pagar todas as duplicatas. Eu que fazia banco, tudo. E eu aí comecei a fazer Educação Física. E o pessoal... às vezes eu perdia até o ônibus para ir. Aí eles pegavam, era o Luís Carlos, ele até faleceu já. Aí ele pegava e ele me levava às vezes para Andradina correndo. Fazia o gerente me levar até lá o Trevão, porque o ônibus ia parando, pegando o pessoal. Eu pegava na praça. Até que ele dava a volta, às vezes eu perdia, ele pegava o caminhãozinho. O caminhãozinho e saía correndo para eu pegar o ônibus. Para não perder o ônibus. Aí eu fazia. Mas eu sei que foi assim que eu fui fazer Educação Física. Com toda aquela dificuldade, porque quem nunca tinha feito assim uma Educação Física mesmo, nunca fui atleta, não sabia jogar voleibol, não sabia jogar basquete, não sabia natação. Para fazer a prova do vestibular, para pegar a pedrinha lá embaixo foi um sufoco. Mas só que eu sempre fui assim muito... Sabe? Nunca tive medo de nada. Aí falou: tem que pegar a pedrinha. Tudo bem. Mergulhei. Fui lá e peguei essa pedrinha e vim. E passei no vestibular. Corri, fiz as outras coisas e passei.

Orador A: Tinha prova física no vestibular?

Orador B: Tinha prova física no vestibular. Fiquei com as pernas que não aguentava nem andar no outro dia, porque tinha aquelas provas para fazer. Eu vou fazer tudo. A gente tinha que fazer física para passar no vestibular. Aí eu sei que a gente passou no vestibular e foi fazer essa faculdade. E eu adorei. Porque aí... Mas eu era sempre aquele peixinho fora da água. Ia jogar, tinha que só... até que aprendia, os outros que sabiam nunca chamavam a gente para jogar. Nunca.

Orador A: É.

Orador B: Porque só joga no time quem já sabe. Quem não sabe é de gandula. Aí nós éramos gandulinhas. Só para pegar a bola. Então, quer dizer. Eu nunca fui de aprender, porque nunca davam oportunidade para a gente. Porque é assim. Quem não sabe oportunidade não dá. Os fominhas por bola são só eles que jogam. Aí eu já gostava mais de jogar basquete. Mas eu era franzininha. Mas eu já gostava mais do basquete, que não tinha tanta técnica. O basquete tem técnica, mas não tinha aquele negócio. Ponta de dedo. Os dedos viram para trás. Todos os dedos, para aprender jogar voleibol. E o basquete já não era uma coisa tão delicada. Natação. Na aula de natação eu ia. As meninas: vamos brincar. Vamos brincar de...

Orador A: Pega-pega?

Orador B: Quem atravessa a piscina.

Orador A: Atravessa mais rápido.

Orador B: Mais rápido. E eu sem saber nadar eu ia lá. Só que as primeiras coisas eu sabia lá, eu ia. Teve uma vez que: vamos. Vamos embora. Aí os meninos tiveram que me pegar. Em vez de eu ir reto eu fiz assim e foi lá para o meio da piscina. Tiveram que sair correndo e me pegar. Quando eu vi que eu não chegava, só um fôlego, uma respiração, quando eles viram que eu... E eu afundava e eles não viam. Aí afundava e eles não viam. Aí os meninos da sala tiveram que pular e me pegar. Você não sabe nadar e fica aí brincando. Mas eu nunca tive medo de...

Orador A: Foi gostosa sua formação?

Orador B: Foi, nossa! Foi muito boa sim! A de três Lagoas era uma turma boa que fazia. A gente já tinha. Pegava o ônibus todo mundo e ia. Era uma turma bem gostosa. Nós éramos daqui assim, a minha turma acho que eram cinco. Eu, a Helena, a

Conceição, o Barnabé e tinha um outro que era da nossa sala. Tudo treinadores. Então era gostoso assim. Tinha já o pessoal do segundo ano, terceiro ano. Sabe? Aí tinha aquele pessoal que ficou DP e ia fazer aula com a gente.

Orador A: E ginástica tinha?

Orador B: Então. Ginástica era o que eu gostava. Porque aí eu me sobressaía na ginástica. Tanto que eu fui dar aula de ginástica depois. Sabe? Assim. Só que da minha época é sim. Até hoje. Um professor é polivalente. Tem que aprender tudo. Tem que dar aula de tudo. Mas o que eu me especializei foi na ginástica, recreação e ginástica. Então apresentação de dança é o que mais eu dava na escola. Eu mexia com apresentação de dança. Ai depois eu fui trabalhar no ginásio de esportes com ginástica para senhoras, ginástica para idosa. Trabalhei muito tempo. Trabalhei até grávida. Barrigão ali naquela lagoa, eu que dava ginástica. Eu que dava ginástica ali para as mulheres. Barrigão. Tinha o doutor Jairo que era daqui. Ele é até cardiologista. Nem sei se ele está vivo ainda. Ele passava: professora. E aí? Está tudo bem? Está. Tudo. Cuidado. Vai mais devagar. Que eu com aquele barrigão e pulava. Não estava nem aí. Sabe? Ele: vai mais devagar aí professora. Calma com essa barriga aí.

Orador A: Isso assim, quando a senhora ainda estava estudando ou já tinha acabado a faculdade?

Orador B: Não. Já estava. Foi assim. Eu comecei a dar aula. Ai esqueci de contar de quando comecei dar aula.

Orador A: É. É o próximo tópico aqui.

Orador B: É. Foi assim. Nós estávamos estudando no primeiro ano. Aí eles implantaram Educação Física no município. Não tinha Educação Física na grade do município. Aí iam implantar Educação Física. E aí eles foram convidar o pessoal da faculdade, quem estava fazendo Educação Física. Eles deram prioridade para quem estava fazendo Educação Física pegar aula no município. Então tinha aula para todo mundo. E aí eu não queria dar aula porque eu trabalhava no comércio. E eu ganhava muito bem no comércio. Aí a minha mãe falou: você está louca? Você vai dar aula. Eu falei: mãe. Mas eu não quero dar aula. Eu ganhava, vamos supor, muito bem assim. Sabe? No comércio. Aí: não. Mas você fez Magistério, minha filha. O que é isso? Dá aula. Olha só os professores. Dar aula é...

Orador A: É um prestígio.

Orador B: É um prestígio ser professora. Não. Olha. Você vai ser a única professora da família. Que não sei o que. Porque eu fui a única que estudei. Eu falava: meu Deus do céu. Aí o professor Jairo, ele já faleceu, que era o dono de uma farmácia aonde é a Odeon hoje. Aí ele era dono da farmácia lá. Aí ele falou: Aninha. Fala para sua filha. Porque minha mãe trabalhava no Dom Aquino. Mas nessa época a minha mãe era servente. Ela limpava a escola. Fala para sua filha dar aula. Porque o Magistério ainda vai melhorar muito. Fala para ela dar aula, para ela sair do comércio.

Orador A: E nessa época você estava estudando ainda?

Orador B: Estava começando a faculdade.

Orador A: Começando a faculdade.

Orador B: Estava no primeiro ano. Eles já foram convidar a gente para dar aula. Eu não queria.

Orador A: Certo.

Orador B: Porque eu trabalhava no comércio. Aí: fala para ela dar aula. Fala para ela dar aula que é muito... Olha. Ai minha mãe: dá. Eu falei: puxa vida. Aí as meninas, todas as minhas colegas pegaram aula. Aí eu falei: ai minha amiga Virgínia, ela falou: não Arlinda. Vamos dar aula. Vamos dar aula. Não. Aí eu falei para o meu patrão. Falei: Luiz Carlos. Eu vou ter que dar aula. Porque estou fazendo faculdade e o pessoal começou, foi na faculdade chamar e eu vou dar aula. Aí ele falou assim: ai, Fátima. Mas e aí? Ele me chamava de Fátima. Você vai dar aula? Eu falei: é. Eles me chamaram eu vou dar aula. Aí ele falou: mas como que é essa aula? Eu falei: ah. Eu vou ter que ir lá e dar aula tal hora a tal hora. Aí ele falou para mim assim: você consegue fazer o seu serviço? No horário do almoço e à tarde? Eu falei: eu consigo. Ele falou: não. Porque aí eu ponho outra pessoa só para ficar junto no caixa e você vai ficar só para mexer com as minhas contas de banco. Você só vai pagar duplicata, vai depositar, vai pagar duplicata e vai fazer o Livro-caixa. Porque ele confiava tanto em mim que até eu assinava cheque para ele. Ele ficava bravo porque eu ficava: Luiz Carlos. Vem assinar cheque para mim que eu tenho que pagar duplicata. Igual um dia ele falou: por que você não assina essa porcaria logo aí não? Você está louco? Assina. Senta aí e vai aprender a fazer a minha assinatura. Eu falei: Luiz Carlos. Aprenda a fazer a minha assinatura. Eu tive que

aprender. Fiquei lá. Olha bem aqui como é que eu faço. Vai fazer. E passava todos os cheques dele no banco.

Orador A: É confiança.

Orador B: Aí ele falou assim: não. Eu vou pegar. Aí eu falei: eu consigo. Ele falou: vamos ver se você dá conta. Aí então eu fiquei uns quinze dias. Aí eu ia lá correndo dava minha aula e pegava minha bicicletinha. Eu tinha bicicleta. E naquela época você tinha que dar aula aqui e ali, aqui. Não era professor de uma escola só não. Você atendia três, quatro escolas. Um dia você estava numa escola, outro dia na outra, outro dia na outra. Sabe assim? Aí fui. Aí depois eu falei para ele assim: Luís Carlos. Quanto você vai me pagar? Ele falou assim: você vai ganhar a mesma coisa. Eu falei: o quê? Mas você não está fazendo mesmo serviço? Não. Enquanto você der conta você vai... Menino. Mas eu ganhei tanto dinheiro.

Orador A: Que bom.

Orador B: Eu dava aula e trabalhava na loja e fazia tudo. Mas também tinha dia que eu ficava meia doida. Eu estava assim na aula e falava assim: gente do céu. Amanhã tem que pagar tal duplicata que vai vencer. Que não sei o que. Ficava doida doidinha, louquinha, doidinha. Sempre assim. Trabalhei duas, três escolas.

Orador A: Como que foi a primeira aula assim?

Orador B: Ai. A primeira aula...

Orador A: Que escola que foi? Você lembra?

Orador B: Ai. Então não lembro. Eu acho que foi na São João. Escola São João era. Mas hoje ela não chama mais São João. Chama Professor Odair. Mas era uma escolinha assim que não tinha nem...

Orador A: Quadra?

Orador B: Que quadra, filho. Não tinha nem lugar para dar aula. Você tinha que pegar os alunos, tirar da sala, andar, sair da escola ir ao campinho. Dificilmente. Não tinha escola que tinha quadra. Depois que eles começaram a construir escolas, abrir, fazer quadra e tal. Não tinha. E não tinha espaço também nas escolas, que era tudo pequenininho. O que você tinha que fazer? Pegar os alunos, sair com eles tudo de mãozinha dada e ir ao campinho do bairro para você dar aula. Menino. A hora que eu vi tudo aquilo de menino. Cheguei na escola, a primeira coisa você fica doido com a

realidade. Porque na faculdade você tem uma bola para cada aluno a hora que você vai fazer. Você vai fazer ginástica, todo mundo tem o seu bambolê, todo mundo tem o seu bastão, todo mundo tem a sua massa, todo mundo tem tudo. E na escola que não tinha nada. Uma bola e uma corda. Só. Uma bola de futebol rasgada às vezes e uma corda. O que eu vou fazer com esse horror? Trinta? Que trinta? Cinquenta alunos de cada vez. Tinha vez que você tinha que juntar duas salas para dar aula. Olha. Eu fiquei quase louca. E aí?

Orador A: E aí o primeiro dia assim?

Orador B: Ah. Primeiro dia você fica doidinha. Você não sabia o que você fazia direito. Daí: professora, me ajuda! Chegava na faculdade: professora... o que a gente vai fazer? Aí eles começaram. Eu comecei arrumar joguinhos. Sabe? Ia atrás de jogos recreativos. A gente... Nós que praticamente implantamos como que ia fazer a aula. A professora nos ensinava na faculdade e a gente vinha para cá e colocava em prática. Plano de aula que a gente tinha que fazer, aí o que a gente ia dar. As aulas eram dadas todas. Aí nós fizemos um curso. Aí nós ficamos praticamente perdidos, que aquele horror de alunos, não tinha material. Aí a Secretaria de Educação deu um curso para a gente com um professor, eu acho que era Washington o nome dele, Washington Luiz. Até ele lançou um livro para você dar aula tudo com sucata, que foi o que foi nos auxiliando para a gente dar aula. Porque a gente prendeu a dar aula com caixa de sapato, com pet. Que começou a ter as pets, porque nem tinha antigamente. Começou a ter a pet. Pneu. Com a camiseta. Sabe? A gente dava aula desse jeito. A gente dava aula era com gravetinho. Salto à distância você fazia um risco e punha graveto. Era graveto. Aí o que a gente só dava? E eles exigiam que a gente... competição. Todas as escolas. competição. Uma escola contra a outra. Queimada, corrida, competição de atletismo e depois competição de queimada e futebol.

Orador A: Futebol.

Orador B: E nós mulheres que não sabíamos futebol? Porque tinha futebol só para os meninos. Não tinha para as meninas. Na faculdade nós não fazíamos futebol. Enquanto nós fazíamos dança os meninos faziam futebol.

Orador A: Ah. Era separado na faculdade?

Orador B: Era separado na faculdade.

Orador A: As meninas não podiam fazer? Ou elas se quisessem podiam?

Orador B: Eu não me lembro. Mas não dava. Não batia o horário.

Orador A: Não batia o horário.

Orador B: Não batia o horário. Homem fazia futebol. Mulher fazia dança.

Orador A: O atletismo podia?

Orador B: O atletismo podia. Atletismo era todo mundo.

Orador A: Todo mundo.

Orador B: Mas a...

Orador A: Voleibol era todo mundo junto?

Orador B: Voleibol.

Orador A: Basquete.

Orador B: Basquete, tal.

Orador A: Handebol.

Orador B: Mas dança não. Dança eram só as mulheres. Você vê o preconceito?

Orador A: É.

Orador B: Só mulher que fazer ginástica. Balé. Nós tínhamos balé. Nós tínhamos professora de balé. Sala de aula com coisa. Fazia Plié essas coisa sabe? Tudo de ginástica mesmo! Enquanto nós faziamos ginástica, os homens faziam futebol.

Orador A: E como que era assim? Você ser mulher na faculdade assim? Tinha preconceito? Vocês eram assim desvalorizadas?

Orador B: Não.

Orador A: Não?

Orador B: Não. Eu não lembro. Só tinha essa divisão assim.

Orador A: Essa divisão.

Orador B: Mas na nossa cabeça naquela época, eu sempre fui uma pessoa que eu não via maldade. Eu não via essas coisas assim como preconceito. Porque tem pessoas que já desde cedo crescem com essas coisas. Sabe? As coisas foram acontecendo na minha

vida para eu ver que: não. A gente trabalha muito. Nós temos que ter os nossos direitos e tal. Mas foi com o tempo que eu fui aprendendo isso. Eu aprendi a ser sindicalista. Eu aprendi as coisas. Sabe? A sofrer, a ver as coisas doer na pele e ir para a luta. Porque os meus pais não eram de luta. Os meus pais eram bem conservadores. Sabe? Meu pai é como falei para você, aquela pessoa que criou a gente ali na bola de... Sabe? Não brincava, não saía, não conversava, não conversava com menino. Eu não podia brincar com menino porque nós éramos só mulheres. Mas eu não ficava. Não tinha essa coisa. Antigamente, sei lá. A gente não tinha esse negócio. Ai. Que eu vou ficar traumatizada. O meu pai não vai me deixar ir à casa dos outros. A gente sentia. Tem coisa que marcou. Marcou na minha vida. A primeira vez que eu pedi para ir ao cinema. Assim. As minhas vizinhas iam no cinema. Eu não pude ir. Meu pai não me deixava ir ao cinema. Quer dizer, isso ficou marcado em mim. Que eu queria. Por que eu não podia ir? Mas não foi uma coisa também que vai assim, que me deixou com trauma, que eu não podia mais ir ao cinema. Sabe? A minha geração, às vezes você ouvia os outros falarmos que batiam nas crianças para educar. Por quê? Porque foi o tipo de educação que a gente teve. A gente apanhou para parar de fazer xixi na cama. A gente apanhou para comer direito. A gente apanhou para respeitar os mais velhos. Imagina que a gente falava o que hoje um adolescente fala para os pais. Não falava nunca. O pai olhava para gente com olho cara feia e se tinha gente em casa a gente ia e enfiava o rabinho no meio das pernas e já ia procurar o caminho da gente.

Orador A: E isso influenciou muito o seu desenvolvimento e o que você é hoje?

Orador B: É. O que eu sou hoje. Está certo que não criei os meus filhos desse jeito. Mas eu fui enérgica com os meus filhos, porque eu acho que educação é uma coisa que é primordial. Mas eu não vejo. É o que eu falo para você. Eu acho assim que muita coisa hoje são os psicólogos. Umas coisas assim que...

Orador A: E na rede? Tinha preconceito assim?

Orador B: Das mulheres e dos homens?

Orador A: É. Tipo. A professora de Educação Física é mulher. Isso é coisa para homens. Alguma coisa do tipo?

Orador B: Não. Não tinha. Sabe por quê? Nós éramos a maioria. Nós éramos a maioria de Educação Física. Nós éramos mais do que os homens. Então não tinha. Nós que

mandávamos. Os homens eram bem menos. Depois que os homens começaram a fazer Educação Física.

Orador B: Então nós éramos a maioria na Educação Física e os homens eram minoria. Então não tinha preconceito. Tinha assim, os homens, porque é o seguinte, nós, que vamos supor, começou a ter dança, festival de dança. E aí tinha que fazer porque a dona Arlinda, que já faleceu, que foi Secretária da Educação, ela exigia. Não era um negócio participa quem quer não. Era convocação. Você vai fazer. Vamos supor. Dança folclórica. Cada escola vai ter um tema e vai fazer a dança folclórica. E tem que escolher.

Orador A: E aí ia para o Centro da cidade e apresentava? E

Orador B: E apresentava na festa folclórica. Todas as escolas.

Orador A: Então, quer dizer, os homens, aí os homens ficaram bravos. Eu não vou apresentar. Dança? Dança é coisa de mulher! Ai eu falava: mas nós não damos futebol? Nós não aprendemos para ir dar futebol! Nós tivemos que aprender! Nós nem tivemos aula de futebol e nós aprendemos a dar, a fazer! Porque foi assim. Quando nós fomos dar futebol, porque exigiu que nós déssemos futebol, nós pegávamos, por exemplo, eu e a Conceição, que a gente não sabia nada quase de futebol, aí nós pegávamos os meninos que sabiam já, da quarta série, para ensinar a gente. Então quando precisava de regra para a gente aprender nas pegávamos esses... Porque na nossa época tinha muito presidente de bairro. E eles geralmente que mexiam com futebol. Aí nós pedimos para eles irem apitar para a gente. Aí eles ensinaram para nós: professora. Tal. Tal. É porque nós não tivemos. A gente falava: a gente não teve futebol na faculdade. Não. Tudo bem. Isso aqui é falta, esse é pênalti. Isso é isso. Aí a gente aprendeu. Mas aí ainda eles falavam: não. Mas não aprendemos futebol? Agora vocês vão aprender dança. Nossa. Mas eles queriam morrer. E aí o meu ex-marido que era professor de Educação Física, o Silvio, ele tinha muita facilidade para dar dança. Sabe? Ele gostava também de mexer. Tanto que ele fez festival na rede de dança. Então ele gostava. Então eu e ele nós adorava mexer com dança. E os outros eles falavam: mas pode parar. Só quem mexe com dança aqui é o Sílvio Guedes. Nós não vamos mexer com dança não. O Silvo que gosta de mexer com essas danças de Folclore, que não sei o que. Então eu tinha. Aí às vezes eles falavam assim: não. Vamos fazer o seguinte? A gente ajuda vocês e tal e coisa. Vocês ajudam a gente fazer dança? Aí nós íamos lá. Começar a ensaiar. Então tá.

A gente vai montar. Nós montávamos a coreografia da dança. Eu, às vezes, montava coreografia para um horror de gente assim. ia montava.

Orador A: E quando tinha competição assim de futebol eram eles que iam apitar os jogos?

Orador B: Os meninos que apitava.

Orador A: Era. Mas nós também apitamos. Nós já tivemos. Eu fiz curso de Arbitragem.

Orador A: Eu fiz curso de arbitragem. Só que aí eu só era segundo árbitro. Nós mulheres só fazíamos súmulas. Olha o preconceito.

Orador A: Então nas competições...

Orador B: É. Nas competições...

Orador A: ... os rapazes iam apitar e vocês ficavam na súmula?

Orador B: Porque... nossa, agora eu não tenho mais nada quase aqui. Apesar que eu não sei, a gente sai desse meio, não é? Já estou muito tempo fora da Educação Física. Hoje, eu estava lendo sobre a Ana Rita...

Orador A: Sim.

Orador B: ... que foi é...

Orador A: Convocada pela seleção.

Orador B: Convocado... seleção brasileira. Vi aquela menina novinha. Eu falei: que beleza. Quer dizer, a gente está muito, eu estou muito por fora de tudo da Educação Física. Mas é isso. É muito bom. Só que, na nossa época, tinha muita atividade dentro da quadra com os alunos. Nós tínhamos primeiro competição de vôlei; competição de atletismo, todos os anos. Depois competição de futebol. Era o atletismo; futebol; depois tinha semana da criança que era atividade mesmo com todas as crianças da escola - de fazer competição de futebol dentro da escola porque aí não era... tudo que fazia durante o ano, nós fazíamos com as crianças porque para você participar de uma competição nível municipal, você pega os melhores e sempre aqueles piores, coitados, nunca participam de nada e nunca sabem nada porque a professora: não é, porque você tem que ganhar, não é? Seu objetivo é ganhar! Eu e a Conceição, nós éramos... queríamos ganhar.

Orador A: Ahã.

Orador B: Nós íamos para competir não é? Para ganhar! Então nós só pegávamos os melhores, não é? Quer dizer, quem não sabia, nós já deixávamos de lado. Porque tinha que trabalhar com... Aí na semana da criança, a gente fazia aquela atividade mesmo para todo mundo participar. Era sala contra outra sala, sabe? Uma sala contra... Eu, então, todos alunos participavam da competição. Aí tinha queimada, futebol, voleibol, corrida e então tinha tudo; e ali, geralmente, a gente já fazia essas competiçõezinhas para gente ir vendo quem que eram os melhores para depois... não é?

Orador A: E você ficou nessa vida de dar aula e trabalhar na loja por quanto tempo?

Orador B: Não, eu fiquei só um ano.

Orador A: Só um ano.

Orador B: Sabe por quê? Porque aí eu fui convocada para trabalhar o dia todo. Aí fiquei só um ano.

Orador A: Mas aí você pegou gosto também?

Orador B: Ahn nossa era muito...

Orador A: Apaixonou?

Orador B: Apaixonei pela Educação Física, para dar aula. E era muito gostoso, sabe? Você ver aqueles menininhos. Tudo que você mandava, eles faziam. E aquela... você chegava assim... porque sempre foi assim, podem estar todos quietinhos fazendo aula de português, chegou na sala: aula de Educação Física.

Orador A: Até hoje?

Orador B: É até hoje. E aí você tem que acalmar: calma. É AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Olha só não é aula de bagunça, não é grito, é Educação Física. Se não fizer silêncio, não vai sair ninguém. Aí para eles é uma morte, não é?

Orador A: Ahã.

Orador B: Então é sempre, vai ser sempre assim. A gente...

Orador A: Você ficou só um ano então nessa vida?

Orador B: Corrida.

Orador A: Corrida.

Orador B: Tanto que...

Orador A: Você lembra o primeiro dia que você entrou na escola? Você lembra que dia que foi?

Orador B: Ahn...

Orador A: O ano?

Orador B: Foi em setenta e nove.

Orador A: Foi em setenta e nove?

Orador B: Foi dia três... foi dia primeiro de março de setenta e nove que eu comecei trabalhar. Já comecei a trabalhar registrada.

Orador A: Que legal.

Orador B: É aí nós fomos, todo mundo, registrados.

Orador A: E... aí você se formou em Andradina dando aula aqui.

Orador B: Dando aula aqui.

Orador A: E como que foi sua formação? Teve que fazer TCC? Não precisava naquela época, não é?

Orador B: Era assim. Na minha época, o TCC era aquela coisa que não tinha, não era bem TCC.

Orador A: Ahã.

Orador B: Você explanava sobre alguma coisa, pegava de outra pessoa que você nem sabia o que estava fazendo.

Orador A: E entregava?

Orador B: E entrega e pronto, estava certo. Nem sabia por que estava fazendo aquilo.

Orador A: Ahã.

Orador B: Sabe? Porque aquela vida tão corrida, tão danada, tão. Tem que fazer tal coisa. Gente, olha, não dá tempo. Trabalhava quarenta horas. Como que você ia fazer? Mal, mal nós fizemos. O que a gente fez? Fizemos o estágio.

Orador A: Uhum.

Orador B: Sabe aquelas fichas todas para, sabe? Na escola estadual, aí nós fomos fazer estágio. Esse estágio, nós fizemos todo certinho, mas TCC eu não lembro de ter feito não. Não lembro se...

Orador A: E quando você se formou, aí aumentou o salário ou não? Era o mesmo salário?

Já entrou ganhando o salário de professora?

Orador B: Olha eu não me lembro, mas eu acho que depois foi melhorando o salário. A gente começou com salário pequeno, sabe? Mas depois foi aumentando o salário sim. Depois nós fizemos estatuto e aí quem tinha faculdade, nossa, triplicou salário.

Orador A: É? Não é? E você se sentia valorizada enquanto professora da rede? Você sentia que os professores eram valorizados?

Orador B: Olha a gente tinha muita discriminação por ser da rede municipal porque os professores da rede estadual ganhavam muito mais que a gente. Nós ganhávamos pouquíssimo e o professor da rede estadual ganhavam muito bem. Tanto que a maioria dos professores davam aula no estado e no município. Por quê? Porque o estado - enquanto você trabalhava dois períodos... o que você ganhava em dois períodos no município, você ganhava mais dando só um período no estado. No estado ganhava muitíssimo bem. Então todo mundo queria dar aula no estado. Aí eu, como sempre, trabalhava, corria ainda para ganhar bem. Teve uma época em que eu fui dar aula em Xavantina. Dei quase quarenta aulas em Xavantina e quarenta aulas aqui. Eu trabalhava aqui segunda, terça e quarta; quarta à tarde eu pegava o ônibus, chegava em Xavantina, que hoje é Santa Rita do Pardo; chegava oito, nove, dez horas da noite. Porque era assim se era tempo seco, o ônibus da Viação São Luiz, o pior ônibus que existia, com aqueles motoreções na frente, aquele barulhão, ficava atolado na terra. Se era chuva, ficava atolado na lama. Aí chegava lá, eu ficava em uma pensão. Aí cinco horas da manhã. Que cinco? Quatro horas da manhã. Por quê? Porque você tinha que dar aula antes para os alunos depois irem trabalhar e para ir para roça, ir para comércio porque era um patrimônio. Xavantina é uma coisa pequenininha. Então a maioria ia para a roça; ia trabalhar com os pais, ajudar. E aí a gente dava aula. Quatro e pouco eles passavam na pensão. Eu ficava em uma pensão. Aí eles me chamavam de manhã: professora. E iam comigo porque estava escuro ainda. Chegava na escola, acendia a luz - da quadra não, do pátio, porque não tinha quadra -, e eu dava aula lá para eles... e era assim dava

duas aulas. Vamos supor, uma aula para os homens e depois uma aula para as mulheres. Seis, sete horas, acabavam todas as aulas de Educação Física. Eu dava essa aula.

Orador A: E eles iam para a roça?

Orador B: ... dava quinta e sexta. Eu dava todas as aulas. Aí eu dava Educação Física. Aí depois porque... lá eu dei aula de Educação Física, Religião, Geografia, tudo que tinha, porque tinha uma falta de professor fora de série.

Orador A: Ahã.

Orador B: Aí eu: vixi. Dava... aí eu ficava o dia todo dando aula. O professor que faltava, eu ia lá e pegava. Pegava aula e dava. Ficava dois dias lá, ralava o dia todinho. Às vezes, até de noite, eu dava aula. Tinha uma turma que eu dava aula à noite; dava de manhã e dava à noite a aula para eles. Aí eu sei que, nessa época, que eu fiquei lá em Xavantina, eu fiquei dois ou três anos trabalhando em Xavantina. Aí depois eu vim para cá. Minha mãe ficava muito preocupada. Teve vez que eu saí de Xavantina em um sábado... teve uma vez de eu sair no sábado de manhã porque o ônibus saía às seis horas lá de Xavantina e quebrou a ponte tinha que vir por Epitácio por Andradina. Aí não tinha nem ônibus, não correu ônibus. Eu tinha que vir com caminhão da Coca-Cola. A Coca-Cola que foi lá entregar coisa. Eu vi que esse caminhão da Coca-Cola entrou em tudo quanto é lugar para deixar. Cheguei aqui em casa quase seis horas da noite. Minha mãe estava desesperada. Falou: pronto. Porque naquela época não tinha telefone.

Orador A: Uhum.

Orador B: Aí foi ficando, não é, muito puxado e muito...

Orador A: Quanto tempo você fez isso?

Orador B: Eu fiz uns três anos essa vida corrida. Dava aula no estado e no município. Aí depois eu falei: não, chega. Aí eu comecei a pegar substituição aqui mesmo. As pessoas aqui, vamos supor, veio a época que tirava licença especial. Os professores tinham direito à licença especial. Aí seis meses um professor ficava de licença especial. Aí você pegava seis meses de um professor e depois terminava e você já pegava do outro, sabe? Então você ficava trabalhando nas licenças especiais do professor do estado. Então a gente pegava todas essas substituições. Então era muito bom, não é? Ganhava bastante dinheiro, só que trabalhava que nem os condenados.

Orador A: Ahã.

Orador B: E aí eu sempre trabalhava com as mulheres, gostava mais de trabalhar. Quando eu ia para o estado, já pegava ginástica e voltava dança. Eu sempre pegava as aulas desse jeito.

Orador A: E era você que tinha que fazer os planejamentos?

Orador B: Tudo éramos nós quem fazia.

Orador A: Não tinha cartilha, nada, nem as professoras deixavam também antes de sair de licença nada.

Orador B: Não, éramos nós quem fazíamos; você que fazia. Não tinha esse negócio não. Saia de licença só falava: olha, estou dando isso, isso e isso. Aí você que se virava em procurar e aprender e dando continuidade. Olha: estou dando vôlei, essa turma está iniciando, essa daqui já está jogando, esse aqui já dá para você formar um timinho. E você tinha que mandar ver. Aprender na raça, não é? A gente aprendia na raça. Tinha que aprender porque... teve uma vez que eu fui fazer súmula, participar de uns jogos, uns jogos estudais e fazia súmula. E estava trocando. E fomos trabalhar. Nós íamos ganhar para trabalhar porque sempre a gente ia ganhar para trabalhar nesses jogos. E, vamos supor, era mais ou menos, naquela época, você ganhava cem reais para fazer uma súmula por jogo. Sabe assim? Ia pagar bem pra caramba e colocaram nós para trabalharmos nesses jogos. Menino, e eu fui fazer súmula. Eu não sabia fazer. Esqueci. Fiquei tão nervosa. Que sabia, tinha feito aula, sabia tudo, mas na hora eu fiquei tão nervosa que eu não consegui. Isso lá em Paranaíba. Aí o professor Elson... era o Elson, Paulão, eles que apitavam e ele viu que eu não estava dando... ele falou: Arlinda faz o seguinte: pega um papel e começa a anotar aí. Quando eu fizer assim você anota: ponto para esse, ponto para esse. Depois nós vamos fazer essa súmula. Aí, menino, acabou ele foi me ensinar como é que fazia a súmula certinho. Calma, é isso. Terceiro jogo, filho, já estava crânio para fazer súmula. Aí todo jogo era a...

Orador A: Deslanchou?

Orador B: ... tinha a turminha. Eu, a Elaine, a Conceição, sabe? Nós que fazíamos súmula. Corria o estado fazendo súmula. Porque nós aprendemos fazer súmula - de basquete, de voleibol, de handebol, de tudo a gente fazia. E foi assim que a gente aprendeu. Nós aprendemos as coisas na raça. Sabe assim? Só que um ajudava o outro, sabe? Quando via que estava com dificuldade, ia lá falava: não, é assim. Sabe? Vai lá, faz isso. Espera aí que eu vou te ajudar. Que nem no dia da súmula. Gente do Céu. Sabe

o que é competição estadual? Espera aí, anula tudo isso aí, vamos jogar essa, rasgar e vamos fazer outra. Põe aí esse time fez um. Aí começa o jogo, tal. Décimo tal, fez um ponto. Vamos fazer de conta que está tendo jogo aqui. Aí tal, ponto desse time. Agora ponto desse. Entendeu? Aí antes de ter outro jogo, vamos fazer outro jogo. Faz de conta que está jogando. Tá. Esse errou. Aí falta. Tal. Põe aí. Põe na súmula. Brigou. Vou dar falta para o técnico. Tal. Aonde você vai anotar. Aqui, tal. Aí explicou direitinha. Bom. Não tem que ficar nervosa que o jogo é rápido.

Orador A: É.

Orador B: E qualquer coisa, você pede um tempo, para e pergunta que eu vou te falo. Está. Calma que você vai dar conta. Então está. E foi assim.

Orador A: E foi assim. E a sua vida profissional foi baseada mais, principalmente, em Três Lagoas, não é?

Orador B: Não.

Orador A: Que você falou que você de Xavantina...

Orador B: É eu fui para Xavantina, dei aula...

Orador A: Você deu aula em mais alguma cidade do município ou do estado?

Orador B: Não, só Três Lagoas.

Orador A: Só Três Lagoas. A vida profissional foi aqui?

Orador B: Foi aqui. Também eu dei aula em quase todas as escolas. Dei aula na São João, na escola São Carlos, na Maria Eulália, Joaquim Marques e Colinos - essas do município; do estado, eu dei aula no Dom Aquino, no Fernando Correia, no Jomape e no Bom Jesus... e no... no Afonso Pena, acho que eu não dei aula. Nunca dei aula no Afonso Pena. Mas nessas outras escolas, em todas eu dei aula. Então foi assim minha vida.

Orador A: Essa foi a vida da Arlinda?

Orador B: Essa foi a vida da Arlinda, graças a Deus.

Orador A: O que mais te marcou?

Orador B: Ahn...

Orador A: Você tem algum episódio que...?

Orador B: O que marcou? Nós participamos de festival de dança, foi muito bom. Os festivais do SESI. Tiveram os festivais de dança no SESI que a gente participava que era muito bom. A gente... sabe o que é você montar a dança, pegava uma música, montava os passos, nós que é... bolávamos as roupas e depois tinha jurado para julgar a melhor dança, os melhores passos, traje, tudo e ganhar o festival. Sabe? Foi muito bom! Festival de dança, folclórico também que a gente participava.

Orador A: Nossa as crianças ficavam loucas, não é?

Orador B: Ficavam. Até hoje tem aluna minha que chega: professora, nossa, professora como que você... aprendi a dançar, eu me desinibi com você porque você fazia a gente ir para frente. Falava: Mari. Eu assim, não, vai. Porque, sabe o que era? A gente não podia pegar só aqueles alunos que dançavam muito bem porque, geralmente, aquele aluno que sobressaía, que dançava muito bem, não podia fazer roupa. O que você fazia? Ou fazia uma promoção para comprar para aquele aluno que era excelente ou então você tinha que pegar os que os pais tinham condições de comprar.

Orador A: E ensaiar eles?

Orador B: E ensaiar eles. Tanto que eu falei. Você lembra que eu falei para você que eu estava dando é... eu estava... uma coisa que me marcou uma vez. Se fosse hoje, eu iria para o conselho tutelar. Eu estava dando é... ensaio para sete de setembro e tinha que fazer evolução de sete de setembro; nós tínhamos que fazer apresentação em frente ao palanque, e fazer aquelas evoluções: montar a bandeira do Brasil e voltava aluno; montara não sei o quê, um pássaro. Ahn, menino, isso aí é terrível. Você apitar; e tudo no apito. Tal. Um, dois, três apitos. Esse. Vem para cá, para lá. Para montar. A gente montava ou nome da escola, a bandeira, um pássaro. Sabe? Essas coisas. Montando e o menino lá, mas o pai tinha condições de comprar roupas. E falava. Esse menino apitava. Agora cor amarela, sai todo mundo. Agora azul. E o menino sempre errava. Meu Deus. E estava a diretora, a coordenadora, todas assistindo ao ensaio. Menino, quando eu vi, eu virei... sabe aquelas galinhas que grudam assim? Grudei no menino. Presta atenção. Você não está vendo que está errando toda hora. A diretora, a coordenadora saiu para lá. Depois falou: Arlinda, pelo amor de Deus, se esse menino chegar em casa e falar para o pai dele, ele vai vir aqui e eu vou fazer de conta que eu nem vi nada, porque se cair na secretaria de educação você vai levar advertência. Eu falei: mas ele é muito burro. Não aprende. Eu estava explicando. Eu sei que... mas tem que ter paciência.

Orador A: É o stress, não é?

Orador B: É. Mas tem que ter paciência. Mas como paciência? Já é essa semana e esse menino não aprende. Quanto tempo eu estou dando isso? Porque assim a gente tinha que ensaiar isso aí, às vezes, ou tirava os alunos da sala, tinha que ir no sábado ou tinha que fazer depois do horário porque tinha que apresentar e nós... por isso que eu falo, e a gente fazia isso tudo com satisfação e não tinha essa coisa que ãhn eu estou trabalhando demais; ai eu quero...sabe? Nessa época não tinha isso. Não tinha essa coisa que... às vezes, o que acontecia? Você fazia participar dessas coisas, aí você precisava de uma viagem, a diretora dispensava você para ir a uma viagem; você tinha que ir, sabe? Mas a gente fazia com prazer. A apresentação de ginástica. Nossa. Dança da Emília: fizemos cabelinho, fazíamos todas aquelas coisas. Tudo a gente fazia. Ia lá e saía. Por exemplo, festival de dança junina, de festa junina, de quadrilha. Teve uma vez que teve festival de quadrilha. Cada um queria apresentar a quadrilha mais diferente. Aí eu vi uma quadrilha na televisão com sombrinha. Fiz uma quadrilha com sombrinha. As crianças dançando todas com sombrinha, sabe? Então a gente fazia as coisas com prazer. Hoje, os professores: ãhn. Isso não. Não é minha, não. E não faz, não é?

Orador A: Realmente.

Orador B: Nós fazíamos as coisas com satisfação, com prazer. A gente tinha prazer de apresentar as coisas para mostrar que a gente sabia fazer, que a gente conseguia, que era capaz, sabe? Só que hoje as pessoas não estão nessa cabeça de achar que isso é importante ele fazer, ele mostrar, sabe? Que ele consegue. E nós não tínhamos condições. Para dar dança, no começo, sabe como eu tinha? Eu comprei gravador; aí depois veio coisa, fita cassete, nós que gravávamos, nós que arrumávamos discos, nós íamos na rádio pedir música, disco emprestado. A gente conseguia com as pessoas! Sabe quando começou festa folclórica e que a gente tinha que apresentar, às vezes, a dança era assim conforme a barraca. Porque cada escola apresentava... tinha assim, cada escola... agora me lembrei de um fato... cada escola tinha um prato típico, e você tinha que apresentar a dança conforme aquele prato típico da... conforme é...

Orador A: Nossa.

Orador B: É. Então vamos supor, se era árabe, você tinha que representar alguma coisa. Você tinha que ir atrás, pegar...

Orador A: E era o dinheiro do bolso, não é?

Orador B: Dinheiro da gente. A gente ia atrás. Pegava as pessoas. A Tia Neurília, quantas vezes ela... vamos supor, fui dar uma vez uma dança de cancan, ela que explicou, ela que sabia dançar cancan, ensinou a gente como dançar pra gente explicar para as crianças. Aí depois tive que dar frevo: ver, olhar, pegar pessoas que sabiam dançar para você... sabe? Então a gente ia atrás. A gente ficava o final de semana, sabe? Ia ver dança, roupa, música, ir atrás. Por isso que eu falo, a gente fazia as coisas com vontade, era satisfatório para a gente apresentar essas coisas. E era uma competição assim... e sempre as escolas do município que apresentaram as melhores danças porque os professores dos estados já eram aqueles, sabe? Que não vou fazer isso não. Sabe? Tanto que a escola do estado que sempre fez desfile, o melhor desfile, foi Fernando Correia que tinha... lembra? Você estudou aqui naquela época?

Orador A: Não estudei.

Orador B: Nossa, Fernando Correia tinha... desfile da cidade era assim com tema. Vamos supor, circo. No início, toda a escola. Ele fazia o tema circo com tudo e jogava na avenida igualzinho escola de samba, eles faziam. Tanto que tinham professores dele que iam para o Rio de Janeiro. Veio e... que ia no Rio de Janeiro assistir carnaval e viu esse tipo de apresentação, trouxe para o Fernando Correia. Sabe? Foi aí que a gente foi vendo como era. E aí você fala: é igual o carnaval lá que tem um tema e eles vão desenvolver...

Orador A: É não tinha internet, não tinha acesso a televisão, muitas vezes, não é? Então esse era o meio de...

Orador B: Eu acho que eu tenho até hoje livro. É que eu doei muito das minhas coisas. Quando eu comecei dar aula, na época, até namorava um cara que era da Cesp e até xerox era a coisa mais difícil que tinha. Aí eu consegui uma apostila que tinha mais de 300 joguinhos. Ele levou e tirou xerox tudinho para mim. Meu? Essa minha apostila fazia sucesso. Nós reuníamos para fazer plano de aula e um copiava. Não, eu vou dar esse jogo. Já marcar fulano, sabe assim? Olha, esse jogo é... e nós, e para entender como que ele dava esse jogo? A gente ficava...

Orador A: Tinha que estudar. Não é?

Orador B: ... estudava como é que você ia fazer o joguinho porque vinha tudo do livro, não é? Vamos supor, lá nas faculdades melhores montaram esses jogos, não é? E a gente, na nossa faculdade, não tinha tanto essas coisas. Aí nós ficávamos estudando

como que você ia dar aquele joguinho para criança. Você estudava. Que nem dança. Teve dança, tinha livro, que depois vinha com os passos de dança, mas você... ficava estudando como que você vai dar? Deve ser...

Orador A: Esses livros vinham do município? Como que era?

Orador B: Não, a gente conseguia. Ou, às vezes, você ia a algum congresso.

Orador A: Congresso.

Orador B: Você comprava livros; vinha pessoal vendendo livro para gente e comprava. E a gente ia lá e comprava com o nosso dinheiro essas coisas.

Orador A: O estado e o município nunca deram essas coisas?

Orador B: Que dava. Nós comprávamos com nosso dinheiro as coisas, mas era, ou você corria atrás, ou você ficava para trás. Era o lema! E a gente, não.

Orador A: E nesse meio tempo, você fez algum curso, pós-graduação?

Orador B: Eu fiz faculdade de pedagogia e fiz pós-graduação também em direção. Mas eu nunca quis ser diretora.

Orador A: Nunca foi?

Orador B: Não. Sempre fui convidada para ser, mas nunca quis. Quando eu estudei, quando teve a primeira, uma das primeiras eleições, a diretora do Colinos, eu trabalhava no Colinos, era a Mara, ela entrou e falou: mas Arlinda, você que vai sair candidata. Eu falei: eu não. Não, mas como? Você... você é minha candidata e ganha. E eu falei: mas eu não quero. Sabe por quê? Foi assim, eu nunca quis ser diretora porque eu sempre trabalhei em outra coisa. Eu sempre vendia outras coisas. Eu nunca dediquei só ao magistério. Então quando eu era mais nova, eu vendia joia. Aí eu era professora e vendia joia. Então eu vendi em todas as escolas.

Orador A: Sim.

Orador B: Depois eu tive uma locadora na cidade quando veio a moda das locadoras, eu e meu marido abrimos uma locadora. Eu tinha uma locadora. Então eu corria, dava aula, vinha e cuidava da locadora. Então eu nunca pude, eu nunca tive um serviço só.

Orador A: E tinha a casa, tinham os filhos.

Orador B: Tinha casa, tinham os filhos, tinha tudo, sabe? E eu nunca fui uma pessoa de ter um serviço só; eu sempre trabalhei em dois serviços e sempre... e outra: quando passou a ter eleição para diretor, você tinha que ter dedicação exclusiva, tinha que ficar o dia todo na escola, até hoje.

Orador A: Tinha. Até hoje, não é?

Orador B: E eu sempre dava aula no estado e no município. E eu não podia ficar só no município porque quando começou a diretora não ganhava nada para ser diretor, era uma merrequinha. Eu falava: não, vou ser diretora só para ganhar... só para ter status de ser diretor? Não, quero ser diretora não. Só para ter status e bucha? Não. Eu vou dar minha aulinha e olha quero saber de ganhar meu dinheirinho em outro lugar. Sabe? Cuidar da minha vida, dos meus filhos e coisas. Então eu nunca quis ser diretora. A mesma coisa, olha, a única vez que eu agora que eu trabalhei em uma coisa só foi quando eu fui para o sindicato porque assim eu ainda tinha a locadora quando eu fui para o sindicato, mas aí eu conheci esse meu marido; a gente começou a paquerar até o tempo da eleição. E ele me deu um ultimato, não é? Ele falou: ãhn não. Vamos supor, ele tinha que ficar esperando até onze horas da noite para eu fechar a locadora; eu saía do sindicato correndo e ficava na locadora até onze horas da noite. No sábado, eu trabalhava o dia todo até onze horas da noite. Ele falou: você está louca? Não, não vai ficar desse jeito. Olha se você quiser é... ficar comigo a gente vai morar junto e você vai trabalhar só lá no sindicato. Eu não quero esse negócio. Você dá um jeito de passar, vender essa locadora. Eu falei: mas e... não. Eu gosto de viajar, de sair, eu gosto disso, daquilo. Eu falei: ai meu Deus do Céu. E aí já estava aquela fase da locadora que começou vir para cidade as TVs a cabo. É... começou a aparecer as é... as Netflix, essas coisas todas, eu falei: sabe de uma coisa. Aí eu passei a locadora para o meu cunhado. Foi a única vez agora que eu comecei a trabalhar em um serviço só porque eu sempre trabalhei em duas...

Orador A: No sindicato, você aposentou?

Orador B: Aí no sindicato eu aposentei. Fiquei quatorze anos no sindicato como tesoureira.

Orador A: Tesoureira?

Orador B: Tesoureira.

Orador A: Mas cedida, não é?

Orador B: Cedida pelo município. É.

Orador A: E como foi o processo de efetivação da prefeitura? Por que você entrou era um contrato, não é? Não era concurso.

Orador B: É. Nós fomos efetivados na mudança da Constituição de oitenta e oito. Aí teve um artigo que todo mundo que fosse, tivesse mais de não sei quantos anos, cinco anos, passava a ser efetivo; e nós já tínhamos. Então nós ficamos estáveis. Só que aí depois fizeram concurso e nós fizemos concurso do Município e eu passei fiquei em primeiro lugar nesse concurso.

Orador A: Olha. Parabéns.

Orador B: E não precisava, eu não precisava nem fazer concurso, mas nós fizemos e hoje eu vejo que eu fui até prejudicada porque eu podia ter ficado estável os dois períodos como um período e ter mais outro período de concurso. E a gente não foi orientado, sabe? E eu fiquei só com um...

Orador A: Nessa época, não tinha sindicato ainda?

Orador B: Tinha, mas nós não fomos orientados a fazer isso, sabe? Falar: não, vocês são estáveis, não precisam. Vocês podem fazer o concurso; vocês têm uma carga horária e vão ter... vocês podem ter quarenta horas e mais vinte e duas. Vocês podem ficar. Porque naquela época, podia ter sessenta horas. E nós fomos prejudicadas - eu e muita gente daquela época. Nós fomos prejudicadas. Falar nisso, você falar em documento, eu tenho esse jornal, viu?

Orador A: Eu quero. Eu vou querer todos os documentos que você tiver.

Orador B: Esse jornal, eu tenho. Foi uma das coisas que eu guardei. Que eu falei: poxa, vou guardar. Porque eu passei em primeiro lugar, então eu vou guardar esse jornal. Eu tenho esse jornal guardado. Eu tenho que procurar, mas eu tenho guardado nas minhas coisas.

Orador A: Bom, Arlinda, acho que é isso. Você me contou bastante da sua história.

Orador B: É, nossa, minha vida todinha você sabe.

Orador A: Todinha.

Orador B: Mas, agora, olha o que você vai colocar. Não pode...

Orador A: Não, agora, eu vou fazer o seguinte: eu vou transcrever toda essa nossa conversa, não é? Passar para o papel. Você vai ler essa conversa; vai poder fazer a alteração que você quiser; se você quiser acrescentar mais coisas que acho que ficou faltando; ou tirar alguma coisa que você acha que não deve estar lá escrito; vai assinar, junto com um termo que eu vou te dar; e aí, depois, isso vai para o trabalho.

Orador B: Está. Não. Educação Física, para mim, foi ótimo. Foi aonde eu conheci meu marido. Meu primeiro marido. Tenho dois filhos lindos, não é? Então...

Orador A: Então e assim... e se eu precisar de mais informações, vou te procurar.

Orador B: Sim. Tudo bem. Eu acho que eu não tenho muitos documentos porque a gente tem mania de jogar tudo...

Orador A: Jogar.

Orador B: Hoje eu perguntei para minha mãe: tem alguma carteirinha minha do primário, ginásio? Ela falou: Olha, eu vou procurar. Eu guardo dos meus filhos essas coisas porque é bom, não é? Eu guardo um diploma, uma coisa, mas eu não sei, mas eu acho que eu tenho a minha... eu tenho a fotografia é... do quarto ano - que até tem desse professor, aqui, que me deu; que depois foi meu sogro.

Orador A: Entendi.

Orador B: Já pensou? Na quarta série, ele me entregou o diploma.

Orador A: Depois foi seu sogro.

Orador B: Depois foi ser meu sogro. Imagina como a vida é.

Orador A: Mas, assim, uma foto que você tiver criança. Depois vou querer uma foto sua atual também pra gente colocar bonitinho, no trabalho. E algum documento que você tiver, um boletim, uma carta da escola, um documento da escola do período que você já trabalhava que ajude a contar alguma parte da história da Educação Física aqui no município pra gente colocar no trabalho também. Vai ficar...

Orador B: Então uma coisa que também ficou marcante, quando nós fomos para o sindicato, a maioria dos professores era de Educação Física, que montou a chapa. A Elaine, presidente; eu, tesoureira; a Valdênia, secretária. Olha só os cargos todos professores de Educação Física.

Orador A: São os mais proativos, não é?

Orador B: É, mas, olha... a mesma coisa aconteceu com a eleição para diretor da rede municipal. A maioria, todos professores de Educação Física. Eu fui uma das professoras de Educação Física que não quis participar da direção de escola. A maioria, todas... olha, a Elaine, a Conceição, a Niki, o Dalmo. O Dalmo não foi diretor, acho que nunca ganhou para diretor de Educação Física, mas ele sempre quis concorrer, mas nunca ganhou. Mas, a maioria, foi professor de Educação Física da rede municipal. Odeir, foi professor de Educação Física, que tem escola, hoje, no nome dele.

Orador A: No nome dele. Fez muita coisa por aquela escola.

Orador B: Foi, fez. Porque ainda é, não é? O professor de Educação Física é aquele que coloca desde o prego na parede até levar os alunos para...

Orador A: E tira daqui, do bolso, para comprar bola, corda.

Orador B: Uma coisa que me marcou muito quando estava dando aula de Educação Física, é... uma aluna quebrou um dente. E eu tinha ouvido uma palestra, acho que foi uma palestra, ou na televisão, que se a gente pegar o dentinho da criança e levar, o dente consegue colar - ele consegue colar o próprio dente. Já falaram isso para você?

Orador A: Não, não sabia.

Orador B: Vamos supor, porque criança, qualquer coisinha que eles quebram...

Orador A: Os dentes de leite?

Orador B: Ou dente permanente mesmo.

Orador A: Permanente.

Orador B: Permanente. Se ele quebrar, você colar ele, o próprio dente, ele cola e não cai depois. E uma aluna minha caiu e quebrou o dente. Eu peguei o dente, falei: não, deixa esse dente aqui que eu vou levar para o dentista. Vamos levar lá, ela, no dentista que ele cola o dente.

Orador A: Tinha dentista dentro da escola?

Orador B: Não.

Orador A: Não, não é?

Orador B: Na minha época, não tinha dentista. Aí teve que levar, nós levamos. Falei para a mãe dela criança, a mãe levou, e colou o dente da menina.

Orador A: E nunca mais caiu?

Orador B: Nunca mais caiu. Sabe? E muita gente não sabia disso.

Orador A: É eu não sabia também.

Orador B: E não é o dente de leite, viu? Dente permanente.

Orador A: Permanente.

Orador B: Eu até assim... esses tempos eu estava perguntando para minha enteada como que é. É o próprio dente mesmo que se por. É... tem um...

Orador A: Nervinho.

Orador B: ... é uma hora, tem um prazo, você entende? Para colocar que não...

Orador A: Está certo. Muito obrigado, viu? Muito obrigado.

Orador B: Na minha época, foi lançado pelo estado uma, um projeto Esporte para Todos. Vinha, tinha até cartilha desse Esporte para Todos que nós além de dar aula, nós, no final de semana, íamos para os bairros trabalhar com a comunidade e fazer esse projeto do governo estadual chamado Esporte para Todos.

Orador A: Você lembra quando foi?

Orador B: Eu sou muito ruim de data, mas nós tínhamos, vamos supor, a gente dava aula e contava como carga horária para gente esse trabalho que fazia - o Esporte para Todos. Nós tínhamos o secretário de esporte que era o professor Aguirre. Ele fazia muito esse projeto. Isso foi uma das coisas que fez com que ele ganhasse para vereador, viu? Esse trabalho que ele fazia em todos os bairros e nós trabalhávamos para ele. Nós, professores de Educação Física, que fomos um dos primeiros cabos eleitorais dele

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARLI

Duração do Áudio: 01:20:23

Orador A: Meu nome é Marli Aparecida dos Santos, atualmente eu estou com 55 anos, em Três Lagoas já vai fazer agora no mês de março 31 anos que estou em Três Lagoas. Então começando desde a época que eu estudava, eu estudei sempre em escola pública né, eu fiz até na época falava 8 série na escola publica em Marília. Eu sou de Marília, nasci em Marília. Enquanto criança nossa vida não foi fácil. Minha mãe trabalhava de doméstica pra poder assim é nos ajudar né, porque minha mãe assim, na época eu sempre tive pai também presente, mas minha mãe assim, ela sempre lutava muito nessa parte e meu pai também. Só que minha mãe é que comprava coisas pra mim que eu precisava na escola, meu pai era sempre coisa mais de casa tudo mais né, então a educação física era a disciplina que eu amava na época de criança. E assim as minhas roupas na época tinha uniforme era aquele short vermelho, fofinho na coxa, era sainha branca, que você deixava alvejada minha mãe lavava, só que a minha, a minha sainha ela era meia assim amarelinha, porque a gente ganhava roupa na época, e nesse ganhar roupa a minha mãe fazia a barrinha dela pra mim, eu gostava de tudo mais curto sabe e o shortinho era maior que eu praticamente, bem fofo na perna sabe, eu sempre fui magrinha né, e então a gente ganhava e com essa roupinha eu sempre ia sempre limpinha, lavava né e me parece que era duas vezes na semana a educação física assim me lembro das minhas professoras, eu fui uma vez só jogar fora né, fora da cidade fui num time e eu sempre gostei de basquete eu gosto muito de esporte de ação né então eu fazia basquete na escola e então eu fui viajar numa cidade próxima que era Tupã, fomos e voltamos no mesmo dia, minha mãe deixou assim nos trancos e barrancos, aquela família tradicional, ai quantos anos eu tinha? Uns 12, mais ou menos uns 12 anos, mais ou menos ai, então nossa vida sempre foi muito dura eu não sou a mais velha das irmãs, eu sou a do meio, mas é como se eu fosse amais velha então eu cuidava da minha irmã mais velha, e eu cuidava da minha irmã mais nova que eu, que hoje trabalha aqui comigo na escola atualmente, nos somos em três e dois já falecidos. Então minha mãe sempre foi muito guerreira, ai quando chegou no ensino médio, no primeiro colegial,

segundo colegial, terceiro colegial, eu já não estudei mais em escola pública, por que? Eu fui atleta, quando eu completei 15 anos de idade eu comecei a fazer atletismo e então eles custeavam a bolsa de estudos pra gente, né, meu técnico Neo Samura, lá de Marília, ainda vivo até hoje né quando as vezes é raro acontecer de eu ir lá na minha cidade, encontrar ele eu fico muito tocada por que era assim, parte da família da gente, por que estava todos os dias ali no estádio lá de Marília pra poder treinar né, eu fazia meio fundo, eu fazia prova de 800, 1.500 e 3.000, então exigia muito né, eu corria 10 km por dia, 8, as vezes 7, eu fazia muita musculação e também tinha o trabalho de base lá no estádio que a gente treinava né, assim, pra poder reforçar a musculatura que era a musculação, tração com pneu, então conheci muitas pessoas diferentes de vários estados, eu fiz muita amizade.

Orador B: Durante essa época, por você ser menina não existia nenhum...

Orador A: sim, existia

Orador B: existia?

Orador A: existia, por que assim, o negro, você sabe que o negro ele é, isso já é uma coisa como é que eu posso falar? Séculos, cultural, que ficou com a escravidão, e até hoje, nós por mais que esteja evoluído, né por mais que esteja tudo evoluído, mais existe assim, qualquer lugar que você vá, existe aquela parte da discriminação, por mais que seja um olhar, um olhar, um diz que me diz, um buchicho, isso já faz uma parte dele, só que assim, quando eu era menor, nessa época, de 12, 13, 15 anos, isso eu sofria muito, até chorava na escola sabe, até brigava, brigava mesmo, e eu não levava desaforo pra casa, tipo, assim, menino eu tenho até vergonha de te dizer, mas era assim, por que eu acho assim, a gente sempre foi pobre mas a gente sempre foi honesto e o respeito é bom em primeiro lugar, pra todos nós, e quando eu cheguei no ensino médio né, eu já ganhei bolsa de estudo, então do primeiro ano, até o terceiro ano, eu fiz né ganhando bolsa de estudo, e o atletismo me proporcionou isso, então, eu estudei no Anglo na época e estudei no Objetivo, e fiz até cursinho que nem precisava pelo curso que eu fiz né, Educação Física.

Orador B: Escola Particular de Brancos?

Orador A: De brancos, só tinha menininha riquinha, roupinha daquele jeito, e eu sempre na minha, aquela conguinha, era conga que fala tênis, aquele conguinha da cabecinha branca, aquela coisinha sabe, muitas vezes ganhado, mas sempre limpinha, sempre

ajeitadinha, e se ganhava um sapato era pro ano inteiro, se ganhava tênis era pro ano inteiro, só se o pé crescesse pra poder ganhar outro, então era uma coisa assim, que meu pai sempre priorizava pra gente, sempre a educação da gente sabe, e assim, respeitando os outros também, e quando minha mãe era chamada na escola se acaso acontecesse algum atrito com colega por conta de racismo né, por que já aconteceu, por esse tipo de coisa né, e a gente brigar né, mas eu só me defendia, eu não brigava por que eu era, por que me atacavam, e se atacavam verbalmente era uma coisa, você respondia verbalmente, ou não, muitas vezes enchia o saco, e fisicamente era complicado, foi raro, umas duas vezes que aconteceu na escola, de assim, agressão física, mas assim, verbal, foram varias né, durante vida afora, assim completamente, se entendeu? então isso foi muito complicado na minha vida né, então, e depois eu passei é a parte né, terminei o ensino médio na época ne ai eu passei a fazer a faculdade de Educação Física, que eu também ganhava bolsa na época era 3 anos, direto e sempre ganhando bolsa, desde o ensino médio até a faculdade de Educação Física, ganhando bolsa até eu terminar os estudos não era fácil, voltando no ensino médio por exemplo, quando eu fiz o cursinho no terceiro ano né do ensino médio que fala aqui pra nós, lá é na época terceiro colegial, a minha mãe que custeava os livros, por que tinha os livros né, de química, matemática, fora varias disciplinas, minha mãe que custeava por que ela trabalhava de faxina, então meu pai arcava com outras coisas de casa, nossa, minha mãe, minha mãe trabalhando e sempre na semana recebia o dinheirinho tinha que dar tal coisa no dia, tal dinheiro, eu ia lá e comprava meus livros todinhos, não faltava 1 livro, eu não precisava tirar xerox de nada né porque minha mãe custeava meus livros, você entendeu, por que era difícil, não era fácil pra eles, e ter uma filha ainda estudando uma faculdade sem trabalhar era complicado, complicado, mas só que eu fui babá também, na época assim, fazendo atletismo, estudando, eu ainda cuidava de crianças, são 3 meninas e 2 menino, eu cuidei dos 4 desde bebê, e num ganhava 1 centavo por isso, era tudo no muito obrigado, na camaradagem e eu era tratada muito bem na casa deles, e eles eram pobres também, mas assim, como a gente morava um do lado do outro eu cuidava das crianças pra mãe trabalhar de domestica, quando eu era adolescente, e foi isso até quase, assim, no ensino médio meu, eu cuidando dessas crianças pra ela trabalhar também que ela lutava muito né.

Orador B: Você considera que você teve uma infância feliz? Brincava bastante?

Orador A: Eu brincava muito né, a gente ia assim, a gente corria, tinha uma mina lá perto de casa, a gente ia na mina de água, corria aquela água branquinha, limpinha, a gente ia, brincava, corria na chuva fazia comidinha como dizia o outro, né, brincava de casinha né, e tudo saudável, assim, brincava as meninas os meninos da rua né, era tudo saudável sabe, eu não tinha essa coisa que tem hoje em dia que é tudo malícia né, era tudo na base da amizade, mas meu pai não gostava, porque quando tinha menino meu pai não gostava então a gente brincava mais as meninas, no caso né, aí minha mãe ia trabalhar a gente corria escondido, corria na chuva, minha mãe chegava já estava todo mundo limpinho que eu dava banho em todo mundo pra poder minha mãe chegar e pegar a gente limpinho e a obrigação a gente sempre tinha em casa, eu aprendi a cozinhar com sete anos de idade né, eu fiz meu primeiro arroz com uma cebola todinha cortada o arroz secou e a cebola estava por cima do arroz, mas estava gostoso, bem picadinho sem salgar e assim foi minha vida essa luta, aí foram 3 anos de faculdade também não foi fácil.

Orador B: E como foi a seleção pra faculdade? Você queria fazer Educação Física?

Orador A: Isso, foi até bom você tocar, eu já queria, por que eu fazia atletismo, né, e eu sempre gostei de esporte, ver essas coisas legais, e eu me espelhava muito no meu técnico nos meus amigos, quem que era ajudante do meu técnico que era o nosso instrutor. Então hoje se fala muito "personal trainer".

Orador B: Uhum.

Orador A: E a gente na época não falava sobre isso. Tinha os instrutores, e a gente tinha isso no atletismo porque até para fazer uma sessão de musculação, na sessão de musculação tinha o nosso amigo Esquilo que ele nos acompanhava para fazer tudo certinho, a posição correta. Eu chegava de um percurso de oito quilômetros, eu ainda ia fazer agachamento com peso aqui nas costas e sempre magrinha com quarenta e poucos quilos, quarenta e dois quilos e sempre ali ralando. E era todo mundo fadigando, de manhã eu limpava a casa, ajeitava tudo. Não, eu estudava, chegava em casa, arrumava a cozinha e depois eu ia para o treino, no caso.

Orador B: Uhum.

Orador A: Quando eu comecei a fazer faculdade eu só estudava a noite, então de manhã limpava a casa, a tarde ia para o treino e a noite ia para a faculdade. E o dinheiro para

poder ir para faculdade, ela era longe, eu estudei na Unimar de Marília, só que na época o nome dela não era Unimar, ela era Associação de Ensino de Marília.

Orador B: Ahã.

Orador A: Aí ela se tornou Universidade depois.

Orador B: Entendi.

Orador A: Então era difícil roupa, o abrigo, o uniforme, era tudo caro.

Orador B: Sim, o uniforme nessa época para estudar.

Orador A: Tinha uniforme, mas a minha mãe me comprava tudo apertadinho e eu também ganhava do atletismo.

Orador B: Ahã, sei.

Orador A: Quando ia mudar os uniformes para gente poder viajar eu ganhava umas duas peças de calça, blusa de frio, agasalho. Eu estava até contando para a minha amiga Cindi, que eu fui uma vez correr em Campo Grande, de Marília nós fomos convidados para correr em Campo Grande e minha mãe comprou um tênis para mim. Não era esses tênis bons e eu lembro que terminou a corrida, eu cansada, mas cansada, meu dedão estava de fora.

Orador B: Sei, É.

Orador A: Dos dois pés estava de fora porque o tênis não era bom e furou. Meu Técnico me deu, eu lembro que foi um tênis Trayon que ele me deu. Não esqueço como se fosse hoje, um Nike. Deu um dos melhores tênis. Então depois eu nunca mais fiquei sem tênis bom.

Orador B: Uhum.

Orador A: Eles davam para a gente lá em Marília.

Orador B: E como que foi essa vida de atleta?

Orador A: Menino, essa vida de atleta foi uma loucura, conheci vários Estados, conheci várias pessoas que deixou muita saudade na minha vida. Alguns são raros que eu tenho contato, eu como não tenho Facebook, eu não gosto.

Orador B: Ahã.

Orador A: Eu só tenho WhatsApp, depois de muita resistência, eu tenho WhatsApp. Então alguns eu ainda converso bem pouco pelo WhatsApp, mas foi uma loucura. E eu viajei muito, conheci muita gente, participava dos jogos abertos, dos jogos regionais.

Orador B: Ganhou bastante?

Orador A: Jogos estaduais, eu tenho bastante medalha, tem troféus. Eu fazia muita corrida de rua lá na minha cidade mesmo, principalmente. Campo Grande fui umas duas vezes e outras cidades a fora que eu conheço, que eu já fui também.

Orador B: Entendi.

Orador A: Na minha faculdade quando, eu terminei meu último ano de faculdade, que era três anos, nesse último ano de faculdade eu me lembro que teve a colação de grau e essa parte é bem triste, mas eu falo numa boa hoje, mas dá uma dor lá no fundo da alma porque a minha mãe sempre me bancou, sem trabalhar e para poder estudar o ensino médio, depois a faculdade, comprando as coisas para mim e teve a colação de grau no caso, e teve umas apresentações, tinha que comprar sapatilha, na ginástica rítmica a gente tinha que fazer apresentação. Eu participei dos ensaios todos da apresentação que ia ter no dia, só que no dia eu não dancei. Isso me frustrou. Não só frustrou, se eu tivesse ficado em casa não tinha frustrado tanto. E eu fui assistir os meus amigos colar grau. É a pior parte. Quem não puder colar grau, não vá. Porque é muito triste, porque eles colam grau, tem todo aquele sistema, eu não sei hoje em dia como é a parte da disciplina de educação física, como que são os colegas que se formam.

Orador B: Uhum.

Orador A: Mas eu os vi dançarem, eu os vi se apresentarem, eu vi todo mundo de beca e eu lá em cima na arquibancada assistindo tudo, eu falei "Gente, o que eu estou fazendo aqui?". Sabe quando você fala "O que que eu estou fazendo aqui?". Você entendeu? "O que que eu estou fazendo aqui?". Eu falei " Meu Deus, Senhor Jesus", mas eu vou aguentar firme e naquilo a lágrima corria, mas eu fiquei até o final para ver os meus amigos, não abandonei eles porque eu fiz parte dos ensaios, então eu fiquei com eles até o final. Depois de um tempinho eu fui lá, tinha um prazo para ir lá colar grau, fui colar grau sozinha.

Orador B: Uhum.

Orador A: Eu fui com o Reitor da faculdade, da universidade, fui lá, assinei certinho para depois de um tempo pegar o meu certificado.

Orador B: Entendi.

Orador A: Foi assim a minha trajetória e depois de anos quando eu já estava trabalhando em três lagoas, eu vou te falar de como eu cheguei nessa cidade.

Orador B: É, eu quero saber.

Orador A: Posso lhe dizer? Pode me perguntar.

Orador B: Mas primeiro eu quero saber como eram as suas aulas na faculdade.

Orador A: Sim

Orador B: Como eram, tinha distinção?

Orador A: As minhas aulas.

Orador B: Tinha distinção?

Orador A: Tinha os mais ricos que faziam educação física por fazer porque não tiveram opção.

Orador B: Hum.

Orador A: E eu nas minhas três opções no vestibular eu coloquei educação física, educação física e educação física. Porque se eu não tivesse passado eu não ia fazer nada disso, eu ia trabalhar de doméstica, o que eu não sei na época.

Orador B: E na época era prova física, não é?

Orador A: Sim. Não, eu fiz, era tudo teoria que foi naquele dia.

Orador B: Hum.

Orador A: Depois que foi com o professor de natação na época e eu não sei nadar, mal boio de frente, você entendeu? E o meu nado, se você vir o meu nado de peito, você chora.

Orador B: (-Risos)

Orador A: Porque eu choro de dar risada, porque é horrível. Eu como fazia atletismo e eu fazia muita musculação, minha musculatura é pesada.

Orador B: Pesada.

Orador A: Como eu não sabia nadar, para aprender era complicado porque tudo pesava.

Orador B: Entendi.

Orador A: Eu tentava boiar de costas, não dava certo.

Orador B: Era muito músculo.

Orador A: O meu primeiro mergulho, eu dei uma barrigada, traumatizei. Eu dei. Eu tive coragem de ir, mergulhei, mas depois dessa barrigada nunca mais na minha vida eu tentei outro e nem tento. Porque não vai dar certo. Eu lembro daquela cena. Então para poder ganhar nota de natação, porque era o que me barrava na faculdade.

Orador B: Ahã.

Orador A: Eu entrava dentro da água, botava o meu maiô, entrava dentro da água e ficava em pé e pegava a pranchinha. Tudo eu fazia ali, eu entregava trabalho para eles, só que a minha nota era menos do que a dos outros que nadavam, que se acabavam lá.

Orador B: sim.

Orador A: Faziam tudo o que o professor queria de crawl, nado crawl, isso e aquilo. E meu crawl, meu crawl era horrível porque eu não dava conta muito nem de prancha. Para ir ao fundo, era um problema em respiração, não dava conta, mas só que eu me sobressai. O meu professor, ele não sabia nadar ele só ficava fora da piscina. Eu falei para ele "Porquê que o senhor não entra na piscina?". Só de calça, camisa, camiseta e a prancheta dele. Falei "Porque que o senhor não entra na piscina, professor?". Ele falou "Eu também não sei nadar, mas eu ensino vocês daqui de fora", eu falei "Ahã, então o senhor capricha por favor na minha nota porque eu vou entregar todos os trabalhos para o senhor, vou entrar na piscina, vou entrar. Vou pegar a pranchinha, vou pular em pé, e o senhor vai me dar por esforço." Porque eu também vou, se eu for uma professora de natação futuramente, que não é isso que eu quero, talvez eu ia ser de atletismo, mas eu também não quis ser, porque eu fiz, mas dá muita dor de cabeça, é um esporte que dá muita dor de cabeça, quem fez sabe e quem é técnico sabe, de atletismo. Então eu só optei por terminar a minha faculdade ali. Então ele era muito camarada porque ele também era técnico de basquetebol. Então ele conhecia meu técnico de atletismo, então ele dava risada ele falou assim "ah, mas você hein.", eu falei assim "não professor, eu não posso ficar com vermelho, não posso ficar de "DP" de nada disso". Então, eu

sempre nas médias dele, sempre foram boas, no voleibol, eu acho lindo quem joga, eu sou professora de educação física, mas o meu toque não é perfeito, no voleibol não é.

Orador B: Uhum

Orador A: Não adianta, tanto é que as meninas aí que fazem em Três Lagoas me chamam pra jogar, eu falo "não gente, eu gosto é ver vocês e aplaudir vocês." Meu negócio era só a manchete, a manchete, pá, já cortava. Agora meu toque sempre foi muito pesado, não sei por que. Eu sempre me dei bem no handebol, no basquetebol, no atletismo. Então esses esportes mais puxados é o que eu mais gostava e no futsal eu gostava muito de jogar também e no futebol de campo que eu também jogava, a gente jogava era misto. O professor colocava os meninos com as meninas.

Orador B: Que bom que ele deixava jogar.

Orador A: Várias dinâmicas, de dar a mão, catar na mão, estender para sair correndo. E nesse catar na mão, naquela época eu não namorava, namorei, comecei a namorar com vinte e três anos de idade na minha vida, quando eu estava terminando a faculdade, eu sempre fui muito reservada, muito quieta.

Orador B: Uhum.

Orador A: E na época tinha aquelas coisas "ah eu não vou pegar na mão dele.". Você via que não ia pegar, mas eu tinha as amizades, eu tinha as amizades. E tinha muitas amizades interesseiras porque eu fazia atletismo, eu corria, eu viajava, "Ah, você é amigo dela", tipo assim.

Orador B: Uhum.

Orador A: Você sabe.

Orador B: Sei.

Orador A: Você sabia quem era mesmo, realmente seus amigos que catavam, catavam, brigava, jogavam no chão, isso você sabia. Eu sempre fiz amizades com homens, bastante na minha vida, amizades sadias.

Orador B: Ahã.

Orador A: Então isso tinha, pegava na mão, corria de três, de dois, isso tinha, mas você via que tinha a elite. A elite era aquela "coisa de louco". Só que eu fui aprendendo GRADATIVAMENTE na minha vida a me SOBRESAIR. Hoje se eu sou xingada

assim "Oh neguinha, ô essa nega não sei o que", eu sei sair e falar de negra, não! Eu tenho nome! Preta não, eu tenho nome! Você entendeu?

Orador B: Uhum.

Orador A: Você tem o seu nome, você gostaria de ser chamado disso daquilo? Eu tenho nome, se você tem nome eu tenho nome. A educação em primeiro lugar. A ética, a postura do ser humano, foi isso que eu aprendi na minha família. Então tinha esse tipo de coisa na época também, mesmo em faculdade também. Tinha aulas de cinesiologia, eu quase peguei DP, tirei a minha nota na marra, mas na marra, na marra, tirei essa média, não peguei DP, Graças a Deus nunca peguei DP. Mas só que tinha as aulas que eu corria delas, mas eu fazia, que era o voleibol, tinha que fazer.

Orador B: Ahã, as práticas, né?

Orador A: Uhum.

Orador B: Tinha ginástica?

Orador A: E ele pegava eu pé porque eu era atleta e ele queria perfeição no meu toque, eu falei "i", aí eu ficava brava, mas eu nunca respondia ele eu fala assim "Ah, professor o importante é eu participar das suas aulas e tentar fazer o certo e ensinar o meu aluno corretamente.

Orador B: Uhum.

Orador A: E fazia, fazia provar tudo certinho e essa vida minha de faculdade foi isso. E depois.

Orador B: Aí você se formou.

Orador A: Me formei, passou um tempo.

Orador B: Aí você foi trabalhar lá?

Orador A: Não, eu comecei a fazer magistério, olha só a situação.

Orador B: ãhn.

Orador A: Porque eu terminei meu ensino médio, na época fiz cursinho, minha mãe queria que eu fizesse magistério, que eu fosse professora de sala de aula. Eu falei "Meu Deus, esse negócio não vai prestar.". Fiz minha matrícula na escola Monsenhor Bicudo lá em Marília.

Orador B: Depois da educação física?

Orador A: Depois da graduação de educação física, mas antes de chegar, como se fala? No magistério.

Orador B: Uhum.

Orador A: Eu ia ganhar bolsa para fazer a faculdade de artes.

Orador B: Uhum.

Orador A: Educação artística que se falava na época.

Orador B: Sim, é.

Orador A: Que eu falei para você que eu pintei, falei para a Cintia que é minha amiga que eu pintei uma camiseta que era um elefantinho na aula de educação artística com acrílex e pintava vidros e pano de prato, naquela época era diferente.

Orador B: Sim.

Orador A: Então eu queria, mas só que eu só comecei e sai. Porque como a minha mãe custeou, me ajudou até a faculdade, ia ficar pesado. Não dava mais, eu tinha que procurar um trabalho, eu não era filha de rico, você entendeu? Eu quis fazer pós-graduação na época também, eu queria fazer não tinha da minha área, eu queria fazer uma em artes lá, não sei porque eu queria pintar, sabe?

Orador B: Uhum.

Orador A: Porque eu fiquei traumatizada porque não fiz a faculdade, não fiz a segunda. Eu falei "Não, vai dar certo". A minha irmã falou assim "ah, vai estudar então para professora de sala, então também faz outra".

Orador B: Uhum.

Orador A: " Já terminou a educação física, tenta lá estudar o magistério." Fiz a matrícula, entrei um dia na sala de aulas. Todos os dias eu enforcava a aula, aí teve um dia que eu falei "Mãe, eu não estou ficando na aula porque eu não gostei, não quero.". Minha mãe falou "então ta bom, depois você procura emprego". Eu peguei e sai porque eu ia para a escola todos os dias, mas eu ficava lá na frente da escola mesmo, sentada no ponto de ônibus. Era eu e mais umas colegas que não queriam fazer.

Orador B: Não queria.

Orador A: Que também tinha terminado educação física, nenhum de nós queria fazer magistério, que eu nunca me identificava com aquilo e não me identifico.

Orador B: Uhum.

Orador A: Com Magistério. Tanto é que eu não quis fazer magistério, eu quero fazer minha segunda graduação em pedagogia por fins profissionais e não para entrar em uma sala de aula, porque eu acho assim, a pessoa tem que ter dom.

Orador B: Uhum.

Orador A: Só que isso hoje em dia que a gente mexe na unidade escolar, então é sempre bom o conhecimento.

Orador B: E quando você terminou a educação física também parou com o atletismo ou não?

Orador B: Eu fiquei um ano parada, quase um ano parada, voltei um pouco, corri um pouco, mas só que aí já não mirava mais porque o atletismo te exige muito treino.

Orador B: Exige muito, é.

Orador A: Você tem que correr todos os dias, você tem que treinar todos os dias, você tem que fazer várias coisas todos os dias. Musculação, entrevar o tênis, circuito treino, você tem que fazer tudo isso para a sua coordenação, respiração, você tem que fazer tudo isso, depois que você para, é complicado você voltar, você entendeu? Aí deixei de mão com muita dor no coração porque eu achei que eu nunca na minha vida eu ia largar. Falei "como? A gente envelhece."

Orador B: Ahã.

Orador A: Tudo tem seu tempo.

Orador B: Tudo tem seu tempo.

Orador A: Aí parei. Eu tinha uns colegas daqui que foram correr lá, que eu conheci lá em Marília, eles me chamaram para vir aqui conhecer Três Lagoas e para tentar alguma coisa aqui.

Orador B: Quanto tempo depois disso?

Orador A: Depois de dois anos. Dois anos.

Orador B: Você não estava trabalhando?

Orador A: Hum, hum.

Orador B: Ta.

Orador A: Eu estava o que, eu fiz faxina. Só que a minha mãe não tinha dinheiro para eu vir para cá. Eu peguei um monte de faxina para fazer, eu limpei casa e ia guardando o meu dinheiro.

Orador B: Ahã.

Orador A: Limpei casa, fazia faxina e ia guardando o meu dinheiro. E meu pai sempre me dava alguma coisinha e eu ia guardando, de dois reais, um real e eu ia guardando.

Orador B: Ahã.

Orador A: Ia guardando, fui guardando. Ai um dia falei que vinha, minha família sempre foi assim, meu pai "Não está trabalhando, vai ficar em casa! Eu banco! Estou vivo, eu banco!", não é assim, vai criar beata dentro de casa?

Orador B: Uhum.

Orador A: Alguém assim. Meu pai era aquela cabeça "Não, eu vou bancar você." E eu falei, "Mas e no dia que o senhor morrer?", e a gente falava para ele que não é sempre que a gente tem um pai e uma mãe.

Orador B: Sim.

Orador B: E a gente tem que conquistar a liberdade da gente também, o espaço da gente, a responsabilidade da gente enquanto ser humano. Porque o ser humano, ele tem que ter uma responsabilidade.

Orador B: Tem.

Orador A: Ele tendo uma família futuramente ou não, como que ele vai viver? Mesmo que ele viva só ele tem que ter uma responsabilidade por si só e cuidar de todos os seus. Dos seus afazeres.

Orador B: Uhum.

Orador A: Da sua vida profissional, particular, ele tem que ter um norteamento na vida, ele tem que ter um eixo. E com esse dinheirinho eu vim, eu vim para cá, para Três Lagoas e eu fiquei na casa da minha amiga que eu tinha conhecido, minha amiga

Margarete. Conheci Margarete, o Praxedes hoje que é policial, que na época eu chamava ele de Tonhão, chamo ele de Tonhão até hoje, não consigo chamar ele de Praxedes, ele também fazia atletismo, a gente também se conheceu nessa época, o Bergão daqui de Três Lagoas, o Ronei que trabalha na APAE também são todos professores de educação física, o Ronei. O Ronei é, os outros não seguiram essa área.

Orador B: Essa área. Só formaram, mas.

Orador A: Só formaram, mas agora fazem outras graduações ou não.

Orador B: Uhum.

Orador A: Ou pararam, estacionaram e estão só trabalhando.

Orador B: Uhum.

Orador A: Então conheci pessoas excelentes. Vim para cá e na casa dessa minha amiga, e na época quem que era o, eu trouxe o meu currículo, tudo certinho, todos os meus documentos, entreguei na secretaria de educação na época, a secretaria antigamente ficava ali onde que é a APAE, a APAE hoje ali na Generoso Siqueira.

Orador B: Ah a atual APAE.

Orador A: Então era ali que a secretaria de educação, um prédio muito velho, era ali que funcionava. E na época era Dona Lucia Firmino que era secretaria de educação, depois foi a Sônia Lucia, então a Dona Lucia Firmino ela é assim, eu morava na casa de uma menina que era atleta e a mãe dela já trabalhava na prefeitura que era auxilia de escola, Dona Marlene que mora na Vila Piloto. Então ela falou de mim para o Alex que era professor de educação física que trabalhava no colégio dela e que foi para a secretaria de educação na época para ser chefe de setor, que na época era chefe de setor de educação física. E ele pediu para eu levar o currículo, eu levei na secretaria de educação e entreguei para a secretaria que era Dona Lucia Firmino. Ela me deu o meu primeiro emprego. Você entendeu? Ela deu o meu primeiro emprego. Eu não esqueço disso, ela também não esquece disso e eu lembro que na época eu fui levar o currículo, eu sempre gostei de minissaia, porque a gente fazia atletismo.

Orador B: Ahã.

Orador A: E tinha aquela musculatura diferente das pessoas que não tem um físico assim.

Orador B: Musculo.

Orador A: Então, eu estava de minissaia e uma blusinha com a barriguinha de fora, não vulgar, mas normal.

Orador B: Ahã.

Orador A: Ela falou assim "Eu vou te arrumar as aulas", olhou o currículo, "Nossa o seu currículo é bom". Eu tinha vários certificados, eu fazia vários cursos, natação, voleibol, basquetebol, então eu fazia muito, eu era arbitro de natação várias vezes, de atletismo também e eu tenho vários certificados na época.

Orador B: Uhum.

Orador A: São antigos, mas eu tenho vários. Ela falou "Nossa o seu currículo é bom, mas você sabe, você vai começar a trabalhar e tem que colocar uma roupa adequada.", eu falei " Não, essa roupinha eu vim só aqui falar com a senhora, mas eu sei que eu tenho a roupa de acordo com a educação física, o tênis, eu tenho a calça legging."

Orador B: Ahã.

Orador A: "Eu tenho as camisetas, eu sei como eu vou me compor. A senhora pode ficar tranquila.", ela deu risada porque eu ri também, eu nem me importei.

Orador B: Ahã.

Orador A: Eu nem me importei, eu não sei por que ela falou aquilo para mim, a minha saia não era vulgar, era aqui um pouco acima do joelho, mas tudo bem, eu respeito ela, eu estou aqui buscando trabalho, eu tenho que ouvi-la.

Orador B: Tem que ouvir.

Orador A: E respeitá-la como respeito até hoje e consegui.

Orador B: Você lembra quando foi?

Orador A: Mil, novecentos e oitenta e oito, eu entrei na prefeitura no dia vinte e três de março de mil novecentos e oitenta e oito, me lembro como se fosse hoje. Eu entrei em uma licença de gestante de seis meses da professora Marcinha, a professora Marcinha daqui de três lagoas mesmo.

Orador B: Ahã.

Orador A: Que ela era na época do município e ela foi ganhar bebê e depois ela passou no concurso do Estado e eu não fui mandada embora da vaga dela, porque era uma experiência de noventa dias primeiro.

Orador B: Ahã.

Orador A: Eu passei da experiência, continuei no lugar dela. Quando foi para ela retornar, ela passou no concurso do Estado, ela saiu da escola onde eu estava que era Filinto Muller.

Orador B: Ahã.

Orador A: Eu sou funcionária da Filinto Muller desde oitenta e oito.

Orador B: Olha só.

Orador A: Então são trinta e um anos, vai fazer em março agora. Então foi a vaga dela. Então é Deus que encaixa todas as coisas.

Orador B: Certo.

Orador A: Eu costumo dizer para as pessoas "Hoje está ruim, não está bom? Amanhã vai estar melhor"

Orador B: É.

Orador A: Deus, ele não te desampara, ele te norteia, ele te dá os caminhos para você seguir gradativamente, você passa perrengue, você é ofendido, você é humilhado, mas depois você é exaltado. Você entendeu? Então a minha trajetória é complicada e bem longa e consegui aqui, fui em Marília depois buscar o restante das minhas coisas, fiquei até o final de semana e fui buscar o restante. Para deixar a família foi complicado porque eu era muito ligada neles na época.

Orador B: Mas te apoiaram?

Orador A: Apoiaram, entre trancos e barrancos, mas me apoiaram e eu já bati o pé que eu queria vir.

Orador B: Ahã.

Orador A: Meu pai não queria, mas eu vim. Depois ele até me parabenizou, tudo mais.

Orador B: Que legal.

Orador A: Recebi críticas de parentes que eu estava, porque nós sempre fomos muito ligados enquanto família aí tinha uma tia minha que ela falou para o meu pai que eu vinha para a cidade, não vinha para trabalhar, que eu vinha para virar mulher perdida.

Orador B: Uhum.

Orador A: Você entendeu? E eu me lembro disso até hoje, meu pai falou "Nossa, fulana falou para mim, encheu a cabeça que você não ia para trabalhar, você ia virar uma mulher perdida e olha só o que você está fazendo, está trabalhando.", falei "Graças a Deus, Graças a Deus". Então levava colega minha daqui para conhecer meus pais lá, para ver que eu tinha um vínculo.

Orador B: Uhum.

Orador A: Já foram visitar meus pais, conheceram eles, conheceram minha irmã na época, e minha vida foi sempre assim gradativamente. Sempre trabalhando como professora, professora de educação física.

Orador B: Você lembra como foi a sua primeira aula?

Orador A: Nossa.

Orador B: Quando você pisou o pé na escola que você viu aquela meninada "Que que eu vou fazer?"

Orador A: Eu falei "Meu Deus, e agora?" Tem branco, tem negro, tem japonês, tem tudo, tem índio, tem tudo, eu falei "Como que eu vou lidar com essa cultura ali nessa miscigenação, como que eu vou lidar?". Falei "Bom, eu fiz uma faculdade", ensinou várias coisas na faculdade, mas a gente só aprende na prática e quando eu estava fazendo a minha faculdade no último ano eu estava fazendo estágio, eu fui fazer estágio e tinha aula prática, tinha as observações e tinha na prática, eu me recordo como se fosse hoje. Por isso que eu falo " Eu sou uma professora de educação física com orgulho na minha vida.", por quê? Porque quando eu fui fazer o meu primeiro estágio minha professora, foi no ensino médio em um colégio estadual em Marília, essa professora desse colégio, eu não me recordo o nome dela para você ver, eu não consigo me recordar do nome dessa professora, não consigo porque foi uma coisa que me frustrou.

Orador B: Te marcou.

Orador A: Porque é uma disciplina que eu quis para a minha vida, que ia me ingressar para o trabalho e essa professora no primeiro dia de estágio ao invés dela dar aula para eu ficar observando, depois eu ia ajudá-la também.

Orador B: Uhum.

Orador A: Eu sempre fui de ajudar, eu não espero nunca ninguém, se eu vejo alguém arrumando a cozinha, eu vou e ajudo. Se eu vejo alguém pegando peso, eu vou e ajudo. Você está entendendo? Eu fui criada muito assim e ela me deixou lá com os alunos e eu comecei a fazer amizade já. Sempre séria, eu sempre fui séria.

Orador B: Uhum.

Orador A: Isso a fisionomia e já norteie ali com esses alunos e eles já pegaram o gosto ali comigo "Nossa, você está dando um couro nessa poderosa, ela não dava isso aí.". Ela me largou, ela me largou e foi para a secretária tomar café, na hora do recreio eu fui lá para poder passar as coisas para ela, me deixou com um diário lá com um negócio, eu falei "Gente, mas o que é isso?" Ainda bem que eu aprendi na faculdade algumas coisas. Te juro, então a experiência, esse pensamento foi frustrante na minha vida.

Orador B: Eu imagino.

Orador A: Eu não sei nem se essa mulher é viva hoje em dia, essa professora. Porque eu tenho meus cinquenta e cinco anos, não sei se ela já é falecida porque faz muito tempo, deve ser falecida ou não, não sei então aquilo me marcou, mas eu, como fazia atletismo, eu sabia todas as coisas sobre aquecimento, as partes que tinha que fazer, usei isso. Joguei o que eu fazia na minha prática para ali, nesse estágio ali naquela aula.

Orador B: Uhum.

Orador A: Para aqueles alunos ali, que era uma aluna até e basquete, foi ali que eu joguei, joguei.

Orador B: Eles adoraram?

Orador: Vish. Ai depois eu fiz meu estágio "Ah, não vai embora.", eu falei "Não, já terminou o meu estágio.". Eu fui depois para outro que eu fazia, primeiro no de segundo grau.

Orador B: Ahã.

Orador A: Que no caso o ensino médio.

Orador B: Ensino médio.

Orador A: Depois fazia no fundamental um.

Orador B: Ahã.

Orador A: Eu fiz depois, na época falava de quinta série a oitava série.

Orador B: É.

Orador A: Que hoje é o sexto ano ao nono.

Orador B: Nono.

Orador A: Ao nono ano que fala hoje. Então eu fazia, só que foi mais legal, esse aí me frustrei, essa segunda parte. Porque eu tinha que ensaiar uma coreografia com os alunos daquela unidade e levá-los para a faculdade para apresentar e isso aconteceu, a minha que trabalha comigo hoje, ela foi uma das minhas cobaias, digamos assim entre aspas, porque era até uma coreografia da música On night long.

Orador B: Uhum.

Orador A: Lionel Richie.

Orador B: Uhum.

Orador A: Não esqueço. Então essa foi uma coreografia que eu tinha uma professora de ritmo que era excelente e ela ensinava para a gente a contagem, tudo certinho os oito passos, então tudo isso me ajudou muito e eu era muito antenada nas aulas, eu sempre fui de anotar muito, sabe? Então isso me ajudou a sobressair. Você entendeu? No meu estágio eu penei e na época eu lembro que não tinha monografia para fazer, era estágio supervisionado. Êita, era tipo, porque era um livro eu tinha que fazer todas as anotações de todos.

Orador B: É relatório.

Orador A: Eu ia em jogos para poder fazer relatório, menino era triste, acho que preferia fazer uma monografia do que fazer um daquele. É sério, fazer um artigo do que fazer aquilo, porque, menino eu chorava, minha mãe não me ajudava porque ela falou "Marli, como que eu vou fazer, eu mal terminei o segundo ano, segunda série. Como que eu vou te ajudar? Ah, vai lá na casa da sua colega assim, assado.". Aí eu fui, minha colega se chamava Marli, porque eu estudei com três Marli na mesma sala.

Orador B: Ahã.

Orador A: Era eu e mais duas, então ela me ensinou as etapas, eu pegava as etapas e ia marcando, eu fui montando. Através dessa amiga, que eu também agradeço muito, que eu terminei de fazer esse meu estágio supervisionado e entregar certinho para a professora. Então isso durante a minha vida eu sempre fui muito atenta em tudo para poder aprender. Assim "Ah, não me ensinou", eu quero, eu olho, depois eu vou buscando, vou pesquisando, eu vou buscando para poder aprender também." Porque a gente aprende com os erros, até fazer o correto.

Orador B: Quando você chegou aqui a primeira aula você já lembrou do estágio.

Orador A: Já lembrei. Peguei uma turminha, foi ali na Filinto Muller mesmo, foi a minha primeira aula no lugar da Marcinha. Peguei alunos que eles me vêm na aula ainda me chamam de professora Marli, a senhora, tia Marli e tem uma que já está de idade, eu estou com cinquenta e cinco, ela está com quase quarenta.

Orador B: Ahã.

Orador A: E ainda me chama.

Orador B: De tia.

Orador A: De tia Marli, que na época tinha alunos de quinze anos.

Orador B: Ahã, é.

Orador A: Crianças atrasadas, de catorze, ganhava presente. No meu primeiro ano, nossa, ganhei presente desses alunos, eu guardo um quadrinho com meu nome ainda escrito com "Y" no final, o meu nome é Marli com "I" no final. Esse aluno fez no pirografo com.

Orador B: Com "Y".

Orador A: Com "Y" no final, ainda colocou uma florzinha ao lado, ele mora aqui no bairro Parapungá. Então são pessoas que jamais eu vou esquecer na minha vida, eu sempre fui de fazer amizade com meus alunos, a família também. Se a mãe ia na escola, sabe?

Orador B: Uhum.

Orador A: Então quando eu ia para jogos, levava para uma dança, pedia para a família. Eu ia na casa de bicicleta, eu tinha bicicleta, ia de biccicletinha na casa. Passei dez anos

da minha vida para comprar a minha primeira moto no trabalho. Eu passei dez anos de bicicleta, na época tinha uma perua, uma Kombi no caso, da prefeitura que buscava a gente em ponto extremo perto de casa para vir dar aula.

Orador B: Uhum.

Orador A: Ela quebrava sempre, então chegava atrasada, era uma tristeza, não tinha celular, não tinha nada para avisar.

Orador B: É verdade.

Orador A: Menino, tinha que ir ao orelhão, era complicado. Depois eu comprei minha primeira moto, depois de dez anos trabalhados, ela era usada, modelo noventa e quatro, uma vermelhinha, comprei essa, depois de um tempão comprei uma nova. Depois de um tempão. Fiquei dez anos com essa moto, ninguém acredita. Mandei refazer o motor, olha a situação, e fiquei dez anos com essa moto. Depois que vendi, comprei uma nova. Entendeu? Comprei uma nova, sempre morei com os outros e não gostava de morar com os outros, mas eu morava. Sofria, porque você mora em uma casa que tem menino, tem menina, por exemplo minha mãe mandava coisa para eu comer, minha irmã vinha passear aqui e trazia pra mim, aí minhas coisas de comer sumia, e eu não podia falar porque eu estava na casa dos outros de favor.

Orador B: Favor.

Orador A: Por mais que dava um pouquinho de dinheiro, um pouquinho, eu dava um pouquinho. Ela não estipulava preço, eu ajudava na comida. Até que um dia eu fui morar com uma amiga que ela é até mestranda.

Orador B: Uhum.

Orador A: Ela dá aula na faculdade, na AEMS, a professora Maria Novaneide. Eu fui morar com ela e eu não pagava aluguel, só pagava água e luz, ela foi trabalhar na fazenda que ela ganhava difícil acesso na época, ela foi com as crianças e eu fiquei na casa. Estava cansada de ficar ali sozinha, e era meio retirada ali atrás da antiga LBA, que agora é SENAC, SENAI.

Orador B: Hum.

Orador A: Ali na Vila Nova, que era perigoso, já tentaram entrar em casa comigo dentro e foi muito preocupante para mim, muito frustrante, eu não dormia. Me mudei dali e fui

morar sozinha, fui morar sozinha, morei treze anos na mesma casa que eu gosto de fincar raiz.

Orador B: Ahã.

Orador A: Eu sou uma pessoa que não sou de pular de galho em galho, não gosto. Morei treze anos de aluguel, eu sei que é um dinheiro sem retorno, mas agradeço imensamente aos donos daquela casa porque quando eu saí eles falaram "Não sai" eu falei "Não, eu vou embora para o que é meu." Porque eu lembro que na época, teve greve, eu acho que era na época do Isam, que a gente tinha que ficar na praça, a gente passou bocados porque atrasou salário, a gente tinha que parar pessoas na fila do IPTU, porque tinha um sistema, como o nosso salário estava atrasado, eles implantaram assim "Conforme as pessoas que vocês abordarem", olha a situação, a humilhação que a gente passou "Vocês abordaram que pagou o IPTU aquele valor, daquele IPTU da pessoa", ela deixava você tirar um xerox, não era todo mundo que deixava a gente fazer isso, do valor, pra gente ir juntando para dar o salário que você ganhava. Antônio Joao, na época do Antônio João, Issam Fares não, Antônio João. Sabendo sempre, pagando o salário defasado para a gente. Passei por essa época. Então era um salário na época de fome, mas sobrevivi. Antônio Joao, foi Antônio Joao? Eu não me recordo quem que era o prefeito. Antônio Joao não foi bom para pagar, depois o Issam Fares ou Miguel Taboques. Miguel Tabox. Issam Fares melhorou. Miguel Tabox. Finado de Miguel Tabox, então a gente sofreu. A gente ficava mendigando, a gente sentava naquele coreto, tinha uma escada, ele era diferente do que ele é hoje, tinha uma escada, acho que é a escada de trás, só que ele era bem feio. Ali ficava andarilhos. Como nós professores estava sem receber, a gente lavava o coreto todinho, lavava, desinfetava, a gente sentava nas escadas e chorava porque muitos de nós não tinham o que comer, dependia de amigos, colegas da gente para poder se alimentar, cesta básica, ganhar cesta básica, o comercio, os empresários nos doavam na época. Passou essa fase, meu pai na época mandava também, minha irmã também vinha, trazia, meu pai entre trancos e barrancos, minha irmã vinha e trazia o dinheiro para eu pagar o aluguel da casa onde eu morava, os donos esperavam, sabiam que eu pagava certinho, sabia o que eu estava passando, nunca me retiraram da casa. Nunca recebi uma ordem de despejo. Então foi muito preocupante, foi muito complicado, então depois foi melhorando, foi mudando secretario, foi mudando prefeito, foi mudando secretário de educação. Eu lembro que eu só tinha meio período, que eram as aulas que eu tinha pegado da Marcinha.

Orador B: Uhum.

Orador A: E esse, e depois mudou o secretário de educação e foi até o José Bento que é o diretor da escola Bom Jesus, ele foi secretário de educação, ele sabia que eu era de fora, eu não pedi para ele as quarenta, mas eu ia pedir porque eu estava em um lugar convocada, contratada.

Orador B: Uhum.

Orador A: Na época que falava, que a Marcinha tinha saído dali. Eu peguei e quando eu fui lá, sentadinha, ele olhou para mim, eu ia pedir, aí ele falou "Vou te dar mais vinte, você só tem vinte. Vou te dar mais vinte.". Eu olhei para ele falei, "Mas como? Eu já ia pedir.". Eu falei "Minha família não é daqui, é de Marília, eu moro sozinha aqui." Ele "Não, eu vou te dar mais vinte." Me deu mais vinte.

Orador B: As coisas que Deus prepara.

Orador A: Passei em um concurso, demorou um tempo para chamar, quando chamou, chamou trinta.

Orador B: Você passou no concurso da prefeitura?

Orador A: Da prefeitura.

Orador B: Você lembra quando foi o concurso?

Orador A: Menino.

Orador B: Quanto tempo depois.

Orador A: Noventa e oito deu pose, mas esse concurso parece que aconteceu em noventa e quatro. Ele ficou parado sem chamar.

Orador B: Ahã.

Orador A: Eu não sei o que aconteceu. E ele nem caducou, não chamou. Depois chamou, foi chamando, chamou trinta.

Orador B: Concurso da prefeitura mesmo.

Orador A: Trinta, eu era trinta e um.

Orador B: Hum.

Orador A: Eu fiquei de fora por um. Porque uma pessoa que entrou nos trinta, no trigésimo aqui, pessoa trabalhava quarenta no estado, o olho foi maior, essa pessoa

pegou a aula. Depois, eu sabia, eu entrei com um recurso no sindicato, essa pessoa teve que pedir exoneração do município que essa pessoa assinou uma falsidade ideológica.

Orador B: Uhum.

Orador A: Que você assina. Então essa pessoa era ilícita, não era lícita. Então essa pessoa saiu, ficou a vaga, eu peguei depois de trinta dias e me chamaram em noventa e oito, me chamaram para poder assumir esse concurso. Então concursada eu tenho trinta e um anos de rede municipal, concursada eu sou de noventa e oito até a presente data, eu sou concursada.

Orador B: Uhum.

Orador A: No caso aqui. Só que eu fiquei esse tempo todo, quase dez anos da minha vida sem um concurso, só com contrato.

Orador B: Mas sempre trabalhando?

Orador A: Sempre trabalhando.

Orador B: Uhum.

Orador A: Não me faltava aulas.

Orador B: Ahã.

Orador A: Só que era assim, chegava dezembro, que fazia o acerto, a gente ficava sem dinheiro.

Orador B: Ficava sem dinheiro.

Orador A: E eu entrava em choque, desesperava só que o que eu fazia, diferente de muitos que morava aqui, eu ia para a casa dos meus pais. Pagava o aluguel, deixava a casa fechada com um vizinho cuidando.

Orador B: Ahã.

Orador A: Eu ia para a casa dos meus pais para poder me alimentar.

Orador B: Ahã.

Orador A: E não ficar sem comer e não gastar. Passava as minhas férias todinhas lá. Eu tinha uma amiga aqui, naquela época tinha muita coisa de procuração, ela é até falecida.

Orador B: Uhum.

Orador A: Eu passava a procuração, ela pegava o meu salário, recebia por mim, ela depositava na época no antigo Balmeirinho, no uso do banco que é hoje, que foi o HSBC, que hoje.

Orador B: Bradesco.

Orador A: É o atual Bradesco. Então eu passei por todo esse processo. Então minha vida é bem complicada, não é fácil não.

Orador B: E como que eram as aulas?

Orador A: As aulas.

Orador B: Tinha material, tinha espaço?

Orador A: Olha.

Orador B: Como que era?

Orador A: O material era muita sucata, eu trabalhava com muita bola de meia, muito material reciclado, garrafa pet a gente fazia aquele vai e vem.

Orador B: Sim.

Orador A: Aquele que fala assim "Vai e vem".

Orador B: Ahã.

Orador A: A gente fazia aquele com pedacinho de mangueira para não machucar a mãozinha das crianças, bolinha de meia. A gente ganhava pouco material naquela época, mas ganhava.

Orador B: Você chegou para dar aula o que que tinha na escola ali? Uma corda. Tinha uma corda.

Orador A: Tudo bola furada, tinha umas cordas, toda velha, toda detonada. E trabalhava com aquilo. Eu ia inventando brincadeiras, eu tinha até um.

Orador B: Tinha espaço?

Orador A: Tinha, era em um arreião.

Orador B: Um arreião, mas era dentro da escola?

Orador A: Mas só que não tinha quadra dentro da escola.

Orador B: Ahã.

Orador A: Mas só que eu ia muito para campinho, campinho do Paranapunga, trabalhei muito lá no sol com a molecada, trabalhei em um campinho ali também perto do Paranapunga que tinha um campinho que agora é um terreno que eles planaram, ali foi um campinho, trabalhei ali também. Lá próximo da escola eu ia com os meninos também no campinho, já levei menino para o quartel também para correr lá, para treinar.

Orador B: Ahã.

Orador A: Para o atletismo. Então era tudo assim de bicicletinha, eu e minha crianças carregando na garupa.

Orador B: Queria trabalhar alguma coisa diferente tinha que fazer.

Orador A: Tinha que reinventar. Mas sempre tinha alguém para auxiliar no planejamento, na secretaria de educação, tinham as nossas coordenadoras na escola também. Mas eu dava aula no sol eu trabalhava de boné, eu usei muito boné naquela época que era um arreião, os meus alunos faziam educação física a maioria descalço.

Orador B: Descalço.

Orador A: E era muito triste isso, muito pobre, mas era todo mundo feliz ali.

Orador B: E os professores de educação física da rede, eles eram valorizados igual os outros professores? Eles eram discriminados?

Orador A: Além de ser, olha, eu vou dizer para você enquanto profissional de educação física.

Orador B: Ahã.

Orador A: O professor regente é até hoje, que hoje eles são valorizados, igual no caso, eu não estou na ativa, mas todos são valorizados, mas na época, que na minha época era um olho torto para o professor de educação física, mas como eu sempre trabalhei com parceria e eu sempre gostei de trabalhar interdisciplinar, mesmo sem mandar.

Orador B: Uhum.

Orador A: Eu trabalhava, então aquilo eu criava o vínculo, com o professor de sala. Então onde eu sempre estive sempre foi legal, não olhava, não teve olho torto para mim. Você entendeu?

Orador B: Ahã.

Orador A: Então é uma escola que eu tenho muita paixão.

Orador B: Ah que lindo.

Orador A: Eu tenho aula lá e eu tenho aula aqui por conta da direção eu tive que deixar um pouco lá e jogar um pouco para cá na época que desmembrou.

Orador B: Uhum.

Orador A: Essa principal, mas eu sempre dei aula lá no Filinto, aqui era uma extensão da Filinto, aqui onde eu trabalho hoje.

Orador B: Ahã.

Orador A: Trabalhei muitos anos como professora de educação física e no ano dois mil eu passei na rede estadual.

Orador B: Ah.

Orador A: Eu fiz um concurso, eu não ia fazer e minha colega falou "Não, faz". Não tinha nem dinheiro, eu lembro que era trinta e seis reais que tinha que pagar. Eu não tinha dinheiro. Ela falou "Não, pega". Na época eu usava, tinha um limite, eu não conhecia esse negócio de limite. Ela falou "Pega do seu limite. Falei 'AH meus Deus do céu, não me ensina não". Peguei esse dinheirinho do meu limite, depois eu paguei do limite do banco, era cheque especial que é falado hoje.

Orador B: Ahã.

Orador A: Eu peguei esses trinta e seis reais e fiz minha inscrição, fiz a prova, era aqui mesmo em Três Lagoas. Depois saiu o edital e eu não vi. Meu finado Colega, que era o finado Esquerdinha, que ele tem o nome de uma escola municipal hoje, ele era professor de uma escola na rede municipal. Odeir.

Orador B: Odeir.

Orador A: Odair Teotônio, me ligou e falou, eu era muito amiga dele "Marlizinha, você já olhou o edital? Já olhou o jornal?". Eu falei "Lê o jornal para quê?". Ele falou "Saiu

aí o seu nome." Eu falei "Como, o meu nome?", ele falou "É". Eu nem, sabe quando você faz e esquece? Ele falou "É, parabéns, você passou em primeiro lugar em educação física". Falei "O que? Eu?". Sabe quando eu não me acreditava? Eu falei "Eu passei em primeiro lugar?", ele falou "É, você passou em primeiro lugar.". Porque aqui em Três Lagoas na época, em dois mil, eu em primeiro, segundo lugar o Diogo, O irmão da Maria Diogo que eu o chamo de Diogo.

Orador B: Ahã.

Orador A: O altão e a Valdênia. Então primeiro eu, segundo ele, terceiro Valdênia. Nós três. Inclusive eu peguei até a vaga da Valdênia na época que era no Jomap, que era a melhor escola, quadra coberta. Eu falei "Eu vou escolher, eu estou na frente." Eu vou escolher, só que eu fui para observar. Eu passei em primeiro lugar e trabalhei no Jomap até, de dois mil até, que ano eu trabalhei, dois mil e doze. É, doze anos eu trabalhei no Jomap. Dois mil e sete.

Orador B: O estado, ele tinha um prestígio maior?

Orador A: Tinha. Ganhava-se mais, ganha até mais em termo de professor.

Orador B: Uhum.

Orador A: O salário é melhor do que do município, isso não se copia, copia outras coisas.

Orador B: É.

Orador A: Dois mil e sete, fazia sete anos que eu estava trabalhando na rede estadual, me apareceu a oportunidade, a Selminha, ela trabalhava na secretaria de educação, no setor de nomes e monitoramento. A Selminha, ela foi minha diretora da Filinto e em dois mil e sete tinha aqui essa extensão, a escola em que eu trabalho hoje.

Orador B: Ahã.

Orador A: Era muita extensão da Filinto Muller, só tinha quatro salas e mais uma sala no Jardim das Acácias que fazia parte dessa escola e lá da Filinto Muller. Então aqui era polo da Filinto Muller.

Orador B: Ahã.

Orador A: Não, extensão da Filinto Muller. Filinto Muller era polo, a central. Então a Selminha, em dois mil e sete tinha eleição, ela me chamou para ser diretora adjunto, eu não queria de jeito de jeito nenhum, porque eu achava que ser diretor era um horror eu ser, porque vida de diretor não é fácil. Eu falei "Não quero", "Não", ela falava, "Não, não Joatinha", ela me chamava de Joatinha. "Não, Joatinha, seja, você não vai nem atuar."

Orador B: Ahã.

Orador A: "Você vai ser minha, quando eu precisar e tiver de atestado, você é que vai ficar", falei "Ta bom", ela não vai ficar doente mesmo.

Orador B: Ahã.

Orador A: Então não acontecer. Em dois mil e sete eu passei a ser. Não comportava ainda o tanto de aluno para eu atuar com ela, eu era, mas eu ainda dava aula de educação física, eu só era adjunta. Como aumentou o número de alunos, ela falou "Agora você vai ter que atuar", eu falei "O que?", ela falou "É, você vai ter que atuar como adjunta comigo". Eu passei a atuar junto com ela como adjunto, lá para o mês de abril desse ano aqui.

Orador B: Dois mil e sete.

Orador A: Dois mil e sete. Então desde dois mil e sete até esse ano de dois mil e dezenove, eu ainda sou diretora de escola, porque na época eu era adjunta, passei a ser diretora em dois mil e nove, eu fiquei trabalhando com ela, nós duas em parceria. Ela foi minha professora e é até hoje, eu agradeço imensamente, tanto quanto amiga pessoal quanto como minha ex-diretora. Então em dois mil e nove teve eleição, ela não podia sair, ela foi convidada para trabalhar na secretaria de educação, que ela está lá desde dois mil e nove e eu passei a ser diretora de lá da Filinto Muller, nessa época de dois mil e nove, então são dez anos, são dez anos nada, dois mil e nove até dois mil e dezenove, dez anos.

Orador B: Dez anos.

Orador A: Mais dois?

Orador B: Isso.

Orador: Mais dois?

Orador B: Doze anos.

Orador A: Doze anos.

Orador B: Doze anos.

Orador A: Doze anos enquanto diretora.

Orador B: E.

Orador A: E é meu último mandato aqui esse ano porque se tudo correr bem, abril tem eleição para direção.

Orador B: Ah.

Orador A: E eu não posso sair como diretora.

Orador B: Só como adjunto?

Orador A: Eu posso sair como adjunto.

Orador B: Uhum.

Orador A: E isso não me compete também porque eu não tenho aquela coisa "Ah, eu só quero ser se for tal", não. Não me importa, se eu voltar, eu sou professora, se eu voltar para a minha função de professora eu tenho minhas aulas aqui, eu tenho seis aulas aqui na Elson Lot Rigo e eu tenho mais nove aulas na Filinto Muller. Então nessas duas escolas.

Orador B: E o seu cargo do estado?

Orador A: Vou te explicar o Estado, isso mesmo, ninguém vai entender, porque eu entrei depois no Estado e eu já sou aposentada da rede estadual para você ver. O Estado, até quanto eu trabalhei em dois mil e doze, até dois mil e doze que eu trabalhei no Jomap, eu trabalhei doze anos no Jomap. Eu fui cedida do Estado para o Município, por ser diretor eu tinha esse direito. Eu era cedida com ônus, ganhava.

Orador B: Uhum.

Orador A: Então eu tinha que trabalhar o período do Município, como é administração que eu estou na direção, eu tinha que trabalhar as quarenta.

Orador B: As quarenta.

Orador A: Ah, mas eu tinha que trabalhar as sessenta. Porque do Estado eu ganhava.

Orador B: Uhum.

Orador A: Eu não fiquei sem receber, com ônus, ônus para a origem. Eu fiquei de dois mil e doze, dois anos, acho que só dois anos cedida do Estado para o Município. Trocou de governador e não era o mesmo da Marcia Moura na época, teve aquela contrapartida e a gente teve que retornar. Eu retornei sem vaga porque eu perdi a minha vaga no Estado. Deram posse para um outro professor que veio de fora no meu lugar lá no Jomap e eu fiquei sabendo que eu tinha perdido as minhas aulas, a minha lotação, não as minhas aulas, a minha lotação.

Orador B: Lotação.

Orador A: Lá no Jomap, eu fiquei sabendo quando eu fiz uma cirurgia em dois mil e treze.

Orador B: Uhum.

Orador A: Então em dois mil e doze eu saí. Eu fiquei pouco tempo cedida, não, eu fiquei cedida acho que até dois mil e catorze, dois mil e quinze, alguma coisa assim, só que aqui eu perdi a lotação, aqui, foi aqui que eu fiz minha cirurgia no mês de agosto de dois mil e treze. Perdi minha lotação. Então se eu perdi minha lotação aqui, eu ainda estava cedida, em dois mil e treze estava sem lotação e eu tive que correr atrás de aula, aonde? Eu fui correr atrás, não tinha. Deus iluminou uma diretora, ela é aposentada do Estado, a diretora Lurdes que foi do João Ponce. Ela me encontrou e ela estava com a filha dela, a filha dela precisava pegar aula que de artes. Ela falou "Ah, você está lá na Elde?", falei "Estou". Ela falou "Quem bom, minha filha vai trabalhar com uma pessoa que a gente já conhece". Ela falou "E você? Você está aonde?", eu disse "Eu estou sem aula, sem lotação", ela falou "Como? Lá na minha escola teve uma professora que se aposentou, Rosa, mulher do Doutor Chofre. Tem vinte horas lá, eu te dou essas vinte horas". E o diretor que tem muita influência, não sei se esse ano tem.

Orador B: Uhum.

Orador A: Na rede estadual. Ela foi lá no MPE comigo e foi em foi no Tranini falou com que ia me dar independente, tinha um professor na minha frente que ia pegar, ele era mais velho de casa que eu, só que ele não trabalha, ele só pega atestado, ele lota e

arruma atestado. Fala que que está com um monte de coisa. Ela falou "Não, eu não quero ele na minha escola, você trabalha, eu não quero outro professor."

Orador B: Uhum.

Orador A: Foi lá, conversou, ele deu essas aulas, e deu picada para desse professor.

Orador B: Ahã.

Orador A: Porque ele não para. Eu fiquei com essas aulas, então eu trabalhei dois anos, quase dois anos, voltei em dois mil e quinze para a rede Estadual, trabalhei dois mil e quinze inteirinho, dois mil e dezesseis eu comecei a trabalhar, mas eu dei entrada na minha aposentadoria no começo do ano de dois mil dezesseis. Até então quem era presidente do sindicato era Maria Laura, Maria Laura não, a Maria Diogo.

Orador B: Diogo.

Orador A: A Diogo falou assim "Marlizinha, a verba, dez anos do Município, no Estado. Aposenta do Estado. Pelo menos se aposenta de um". E eu pensei e fiz isso, averbei dez anos aposentei da rede Estadual, juntei com o do Município, com o do Estado e deu 26, me sobrou um ano ainda que eu vou trazer para o Município. Eu me aposentei no mês de junho, chegou uma carta falando que era para eu aguardar em casa, que eu não precisava mais trabalhar para o Estado. Eu saí chorando porque meus amigos e alunos choravam e eu também chorava. Então nesse tempo que eu dei aula para eles, eu dei aula para adolescente. Eu não dava aula para adolescente antigamente quando eu estava na rede estadual. Eu dava aula para o fundamental, primeiro ao quinto ano. E para mim foi um baque. Eu falava "Meu Deus, adolescente não". Era aborrecente, aborrecente é muito teimoso, são bocudos, mal-educados, não vai dar certo nossa amizade. Eu falei "Senhor, o Senhor colocou isso na minha mão, então Senhor, eu vou dar conta". Eu dei conta até hoje de tudo na minha vida. Eu fui da aula, no meu primeiro dia eles me olhavam porque tinha saído a professora que tinha se aposentado, "Ah professora vamos para a quadra", "Ah professora eu quero jogar bola.". Eu falei assim "Olha, vamos dar uma conversada aqui, vamos dar uma parada, dá uma segurada." Tem essa mania de falar.

Orador B: Ahã.

Orador A: "Vamos dar uma segurada, vamos conversar". Primeiramente, meu nome é Marli, eu sou professora de educação física a tanto tempo, da rede estadual a tanto

tempo. Atualmente minha vida é complicada, eu trabalho três períodos porque eu sou diretora de uma escola municipal. "Você é diretora?", falei "Sou, por quê?", "A senhora é diretora?", "Sou, trabalho três períodos. Sessenta horas.", "Nossa, nossa professora", desse jeito, e aí já começaram.

Orador B: Ahã.

Orador A: Eu falei "É, a minha vida não é fácil não. Só que assim, aqui nós vamos fazer uns combinados. Esquece a minha parte lá na outra escola, eu só contei um pouco de mim. E como vai ser a minha vida aqui. Aqui eu sou professora de vocês como qualquer outro professor de vocês, eu sou professora de educação física aqui, então não precisa me chamar de tia Marli. Vocês já são maiores, podem me chamar de Marli desde que tenham respeito. Não precisa me chamar e senhora."

Orador B: Uhum.

Orador A: Mas falavam senhora, a maioria. "Me chama de Marli, mas desde que tenha respeito. É assim, assim e assim que eu gosto, é assim que tem que ser. Não é jogar bola, não é assim 'vamos jogar. Ah professora Rosa, a professora fazia isso comigo.'", eu falava, "Mas ela tinha a maneira dela e vocês não gostavam dela? Ela dava a aula dela para vocês não dava? 'Dava', então eu sou assim, o meu jeito é assim, vocês vão jogar bola? Vocês vão jogar bola, mas primeiro tem os combinados, tem o que a gente vai fazer, tem o aquecimento, tem isso, tem aquilo", eles ficavam olhando para mim, "Tem as brincadeiras, tem as dinâmicas", ficavam olhando para mim, a gente ia para a quadra, todo mundo fazia. Os rebeldes "Ah não quero fazer", peguei, peguei essa parte. "Não quero fazer", olhava para mim assim, falei "Hum, meu Deus e agora o que eu vou fazer?", só que eu ignorava essa parte, jogava "Eu dou prova assim, assim, a coordenação conversou comigo, tem a aula prática e tem a aula teórica. Na teoria eu vou fazer tudo certinho para vocês, não vou ficar passando diretão na lousa, vou trazer já impresso, a minha prova só não vai tirar nota quem não quer! Porque tem um texto. Dentro da minha disciplina.

Orador B: Uhum.

Orador A: "Vocês vão ler, é de acordo com o que eu vou trabalhar, que eu vou fazer o meu planejamento que eu vou apresentar para a coordenadora. Se é sobre a obesidade, é sobre a obesidade. Se é sobre anorexia.

Orador B: Ahã.

Orador A: Vocês vão fazer sobre, ali é tudo sobre isso, então tudo que tem para eu fazer, para eu apresentar para a minha coordenadora no meu planejamento é o que eu vou fazer com vocês, não tem nada diferente. A gente vai para a prática sim. A gente fazia, teve os trabalhos e quem não tirava nota ficava louco, senão trazia trabalho era com zero. Dividia, tirava vermelho, ficava louco. No próximo bimestre fazia tudo certinho. Aí foi entrando no eixo. Então esse pouco tempo de vivência que eu tive com esses adolescentes para mim foi uma coisa totalmente diferente da minha vida que eu jamais esperei encerrar a minha carreira na rede estadual.

Orador B: Ahã.

Orador A: Enquanto professora de educação física. Porque eu enfrentei, como eu posso dizer? Alunos vândalos que pulavam o muro da escola. Além de eu dar aula normal, eu tinha direito de pegar três treinamentos. E como eu gosto de futebol, eu peguei o futsal. Eu gosto de xadrez também, eu sei jogar um pouco de xadrez. Tudo em básico.

Orador B: Uhum.

Orador A: Para dar aulas de xadrez. Não sou expert, mas eu sei tudo que se deve se jogar no xadrez.

Orador B: Sei.

Orador A: Sei as regras, tudo certo, o que pode, o que não pode. Eu dava o futsal, depois do meu horário já ficava e trabalhava para lá. Então a minha vida era aquela loucura. Todos os dias de manhã eu estava aqui na escola, tinha dois dias da semana que eu estava a tarde. E as outras três da semana, não, as outras todas da semana, porque eu tinha que conciliar por causa da minha carga horaria como diretora, eu estava aqui na escola, entendeu? Então foi sempre tudo maçante, sempre cansativo. Quando eu saí de lá eu saí chorando, eles não queriam que eu deixasse, nem a diretora, porque ela falou "Você tem certeza que você quer isso? Você não quer ir trabalhando depois que você se aposentar ficar aqui?" Falei "Hum, hum. Porque vai dar acúmulo, eu vou ser denunciada". Porque eu já fui denunciada.

Orador B: Ahã.

Orador A: Por alguém que eu não sei quem, por conta dessas sessenta horas. Então quem me denunciou é uma pessoa leiga, porque falaram que eu estava trabalhando ilícito. E eu fui parar em Campo Grande, no CRAS de Campo Grande. Passei por uma mesa redonda como se eu fosse uma ré. Fui sozinha, eu e Deus e eu tive que provar todos os meus horários, mas como eu sempre andei certinha e estava certinha e era legalidade do fato, porque quando eu fui me candidatar diretora, eu procurei primeiro um sindicato para ver se eu podia. Como era Elaine na época, não era Maria Diogo, ela a Elaine que era presidente, ela falou que estava tudo certinho, que eu podia ser candidata. Eu fui, então alguém que queria as minhas aulas, não sei, me denunciou. Ou os próprios colegas de trabalho, não sei. Fui parar em Campo Grande provar e provei. Provei, eu tenho no diário oficial, tem na minha pasta de servidor, fiz questão de trazer a minha pasta de servidor. Ela é uma bíblia. Por que eu digo que ela é uma bíblia? Porque teve muitas denúncias, eu tive, como eu digo para você? Eu tive que provar através de pontos assinados. Meus livros ponto iam ver, prefeitura de Três Lagoas também já queria saber, porque também achavam que eu estava sendo diretora e não estava trabalhando. Só que quebraram, o jurídico daqui quebrou porque eu provei com tudo.

Orador B: Uhum.

Orador A: Falei assim "Não, como eu vou fazer uma coisa dessas? Jamais." Quem que iria me deixar fazer uma coisa dessas? Ilegal. Provei tudo certinho, até aqui. Complicado. Provei tudo certinho, saiu no diário. Já fui ao fórum também Ilansa me chamou também, "Fiquei sabendo que teve denúncias como diretora", falei "Meus Deus do céu", isso aqui é um cargo passageiro, é uma função. Passageiro.

Orador B: Ahã.

Orador A: Eu falei assim "Isso aqui, a gente está aqui hoje, amanhã não, mas eu tenho o meu concurso. E a pessoa que quiser um dia, seja. Você sai candidato também. Vai brigar sozinho porque comigo não vai brigar, porque eu não sou de brigar com ninguém, eu sou de trabalhar."

Orador B: Uhum.

Orador A: Desde que não difame a minha vida, que eu vou procurar saber o que está acontecendo, porque eu não mexo com a vida de ninguém. E foi assim a minha vida,

entre trancos e barrancos, eu falei “Meus Deus do céu, será se vai ser assim até me aposentar também? Da minha outra carreira de professor de educação física? ” Muitas vezes a gente chega, eu sou uma das mais velhas agora, porque o Alex aposentou, Sueli Flores aposentou, Edna Porto aposentou. Quem mais aí que aposentou da minha época? Odeir que era da minha época.

Orador B: Ahã.

Orador A: Que só não tinha se aposentado e eu só não aposentei porque eu tirei dez anos, tenho que trabalhar mais cinco se nada mudar. Se mudar, que pelo jeito que está caminhando.

Orador B: Verdade.

Orador A: Vou ter que trabalhar de idade. Falei "Meu Deus do céu, não aguento mais não", falei "Não tenho mais estrutura para isso mais não, mais uns cinco, seis anos da minha vida está bom já", mas se tiver que ser, será. Você entendeu? Não tem jeito. Vamos pensar pelo lado positivo. Eu falo assim, “Por mais que a gente está focando de repente em dois mil e dezenove, parece um ano negro, pior, vamos fazer dele diferente, vamos acreditar”. Eu sou uma pessoa muito pé no chão. Se você falar "Marli, eu preciso te dar uma notícia, você quer a boa ou a ruim?", eu prefiro ouvir a ruim, eu ouço a ruim primeiro para depois você me falar a boa. Porque eu encaro tudo, morte, sofrimento.

Orador B: Uhum.

Orador A: Encaro tudo, mas não a coisa errada, a difamação, isso não dá certo. Porque somos seres humanos e a gente está aqui só para ajudar um ao outro.

Orador B: É verdade.

Orador A: Só um ao outro. E meu mandato está acabando.

Orador B: E você considera a sua vida de professora, como que você resume a sua vida de professora?

Orador A: Minha vida de professor sempre foi uma loucura, depois de dois mil e sete sempre trabalhando intensamente, antes disso também, intensamente porque as minhas danças, eu dava as minhas coreografias, tinha que ser perfeito. Meus ex-alunos me encontram falam " Nossa, professora você era brava". Eu era brava, falei assim "Eu reconheço que eu sou brava enquanto professora", eu sou brava com os danados, quando a gente encontra a gente conversa, mas verdade "A gente ama a senhora, porque

a senhora ensinava tudo certinho. A senhora queria a dança perfeita, sem erros", falei, "Mas errar é humano, mas eu queria corrigir para que vocês fizessem um trabalho bonito". Até então, eu tenho uma reportagem guardada lá na minha casa que as minhas crianças na época de dança, eu era professora lá na Filinto, eles saíram na Nova Escola e foi com Brasil quinhentos anos na época que ele saiu.

Orador B: Você pode depois tirar uma foto e me mandar?

Orador A: Posso

Orador B: Eu quero tudo o que você tiver.

Orador A: Mas eu tenho que procurar dentro do meu armário.

Orador B: De documentação, foto.

Orador A: Eu vou te mandar até das minhas portarias, enquanto diretora, enquanto concurso.

Orador B: Isso, pode mandar.

Orador A: Enquanto eu fui, como posso dizer, eu fui julgada e depois que eu fui lícita, tudo isso eu te mando. Mando certinho, mando sim porque eu não tenho nada o que esconder da minha vida, a minha vida é um livro aberto. Eu não tenho o que esconder.

Orador B: Ahã.

Orador A: Eu tenho tudo na minha pasta aqui e essa das minhas crianças eu tenho lá em casa e se eu achar alguma foto minha, que são poucas porque eu não gosto muito de tirar foto.

Orador B: Ahã.

Orador A: Mas eu tiro. Hoje em dia eu lido mais com isso, eu tiro. Mas eu vou te mandar. Porque eu era bem magrinha, você vai ver. Falo "Marli do céu, quantos quilos? Quarenta e dois, quarenta e três quilos", a diferença é grande, depois que a gente passa com mais idade.

Orador B: Atleta.

Orador A: Verdade, a gente dá uma engordadinha.

Orador B: E você vê que tem diferença a educação física da sua época para a de hoje? O que você sente de diferente?

Orador A: Antigamente os profissionais de educação física eles eram mais unidos, hoje em dia os profissionais de educação física é um querendo engolindo o outro e dedar o outro. Se observa muito isso.

Orador B: Uhum.

Orador A: Querendo pegar o que é do outro, passar a perna no que é do outro, só que tem muita amizade também. Você nota que nós profissionais de educação física, a gente luta pela nossa disciplina, a gente briga pela nossa disciplina. Eu não gosto quando alguém vem e fala "Ah, aquele professor de educação física vem e joga a bola", igual ele falou "Professora da a bola", não é assim "dá a bola", "Joga a bola".

Orador B: Uhum.

Orador A: Jogar a bola lá, pronto, acabou. Você vai sentar em uma cadeira? Se eu sentar em uma cadeira eu estou doente ou eu estou fazendo uma chamada que eu tenho que sentar, eu vou me levantar, você entendeu? Mas eu vou dar uma aula sentada? Os meus alunos lá se acabando, as vezes até brigando lá se catando, rasgando a camiseta, as meninas xingando uma a outra? Não, não é assim não. A aula precisa ser bem dada. Então hoje em dia você vê que tem professores e tem professores. Tem médicos e tem médicos.

Orador B: Hã.

Orador A: Então tem carreiras que tem os pros e os contras porque se a vida fosse boa ela seria tudo flores, e a vida, ela tem que ter os espinhos, ela tem que ter.

Orador B: É linda a sua história, viu.

Orador A: É.

Orador B: (-Risos)

Orador A: Tem mais ainda, mas tem coisas que eu deixo passar porque é muita coisa.

Orador B: É.

Orador A: Muita coisa, e enquanto pessoa, hoje ou épocas atrás, eu não gosto quando vem alguém, por exemplo, chega aqui nessa sala, você me mandou WhatsApp, você me explicou certinho porque as vezes a gente pensa que é trote.

Orador B: Ahã, claro

Orador A: A gente acha que é trote. Você viu que eu fiz umas perguntas.

Orador B: Uhum.

Orador A: Você falou tal, Sueli.

Orador A: Falei então tá.

Orador B: Ahã.

Orador A: Vou conversar. A minha amiga, a Cintia, aquela altona. Ela é a diretora adjunto, a Cintia.

Orador B: Ahã.

Orador A: Então por eu ser negra e ela ser branca tem pessoas que chegam em mim e fala assim "Eu vim falar com a diretora, e já vai direto nela e passa. Eu olho para ela, ela olha para mim, (-Risos) a gente dá uma risadinha, a gente já sabe.

Orador B: Ahã.

Orador A: Ela é minha amiga.

Orador B: Sei.

Orador A: Porque independente do trabalho que a gente faz aqui a gente é amiga, por isso que dar certo essa parceria. Ela fala assim "A diretora é a Marli. Eu sou Diretora adjunto" Então quando você chega a um local você fala "Eu gostaria de falar com a diretora ou a diretora adjunta" Porque existe as duas.

Orador B: Uhum.

Orador A: Quando uma está a outra também está para saber das coisas que sabe.

Orador B: Ahã.

Orador A: Sabe trabalhar em escola.

Orador B: Trabalho em parceria.

Orador A: Trabalho em parceria, então a gente ri. Da uma risadinha educadamente para a pessoa, que a pessoa chega indiscretamente, as vezes olha de cima e em baixo, da cabeça aos pés.

Orador B: Uhum.

Orador A: Para ver como você está trajado, está vestido. Não é um chinelinho de dedo que vai te fazer.

Orador B: Claro.

Orador A: Porque eu sou uma pessoa, eu sou diretora, mas se eu tiver que deixar meu sapatinho e colocar meu chinelinho para ajudar as meninas da faxina eu vou ajudar, se precisar, tá faltando funcionários eu vou ajudar, porque trabalho em prol dos alunos, dos pais, de quem chegar na nossa unidade escolar.

Orador B: Com certeza.

Orador A: Minha história é bem complicada porque a gente sente assim, "Você fez faculdade?" Tem gente que pergunta ali "Você fez faculdade?". Antigamente eu dava umas tiradas e eu aprendi muito com a vida, a vida me bateu muito, já fui humilhada, não respondia. Hoje eu respondo a altura, porque do jeito que vem a pergunta para você, te ofendendo, você tenta responder à altura de um jeito que a pessoa fica desconsertada. "Tenho sim a faculdade de educação física", "Sim sou formada professora.", "Formada professora?". Quando eu cheguei aqui em Três Lagoas eu escutei muito isso "Você?". Tipo assim "Essa neguinha?" Era assim, é assim, sim, eu falo assim porque hoje é de boa.

Orador B: Uhum.

Orador A: Porque isso não me fere. Me feriu enquanto adolescente. Depois a gente vai criando uma cabeça diferente, não é que a gente não fica magoada. É que a gente sabe lidar.

Orador B: Aprende a lidar com a situação.

Orador A: Aprende com a vida. Você entendeu? A vida ensina muito. Muitas vezes.

Orador B: Com certeza.

Orador A: Ah Marli, Marli, mas porque a Marli? Eu fui em uma reunião agora, eu era a segunda diretora que estava. Era eu e mais uma que estava no fundo. Era tudo a Marli. Citava eu, citava eu. Porque tudo de secretaria eu sei. Se sua secretaria falta, fez cirurgia, eu vou e ajudo a fazer uma transferência e levo para a secretaria de educação para ver se eu não fiz nada de errado. Porque a gente erra.

Orador B: Uhum.

Orador A: Principalmente os documentos complexos e eu estou aqui para aprender a cada dia.

Orador B: Com certeza.

Orador A: E se puder ensinar para poder contribuir, não ser egoísta, porque tem muitas pessoas que são. Eu acho que na nossa disciplina de educação física, tem os pros e os contras. Tem aqueles que querem te derrubar e aqueles que querem te levantar. Inclusive eu acho que a minha denúncia partiu de uma professora, de um professor de educação física porque lá eles são éticos, eles não podem falar.

Orador B: Não pode.

Orador A: Depois a gente conversou, me emocionei no final, eles viram que estava tudo correto, foi publicado. Eu tenho essa publicação que eu guardo na minha pasta. Porque se alguém me condenar está aqui. Tanto é que eu levei para o fórum, para o Blanza que ele me chamou porque teve denuncia de diretores, disso e daquilo porque tinha diretos fazendo coisa errada, que não poderia fazer aquilo, e ele e eu fui mais uma delas. Fui. Aí provei para ele. Ele falou "Ata", "Eu sou lícita", falei para ele. "Eu não sou ilícita, eu fui condenada, mas eu sou lícita." Ele olhava para mim "Será se ela entende mesmo?", pensando.

Orador B: Ahã

Orador A: Depois de tudo isso eu entendo, minha vida é um livro.

Orador B: Sim.

Orador A: Se você olhar a minha pasta de funcionário tive que colocar os pontos daqueles que eu tive que encaminhar para o fórum, encaminhar para a prefeitura, para poder provas, mas graças a Deus eu sempre estive amparada pelo sindicato de Três Lagoas, independente de quem esteja ou não, de quem foi ou não, eu estou amparada e sempre foi. Eles estão ali para nos amparar.

Orador B: Você sempre foi sindicalizada?

Orador A: Sempre fui.

Orador B: Uhum.

Orador A: Um dia eu não fui, mas depois de uma greve que teve e estava mandando todo mundo embora, o finado Elson Lot Rigo que tem o nome dessa escola

Orador B: Uhum.

Orador A: Olha a coincidência da minha vida, eu sou de uma escola, e sou concursada de uma escola, escola Senador Filinto Muller e aqui era uma extensão da Filinto Muller, depois em dois mil e onze, dois de setembro de dois mil e onze, há oito anos, vai fazer em setembro. Ela foi desmembrada, ela se tornou uma sede própria.

Orador B: Uhum

Orador A: Uma escola própria com nome próprio, Escola Municipal Professor Elson Lot Rigo. Ele foi sindicalista, ele foi presidente do sindicato há muitos anos e ele foi professor de educação física também. Ele faleceu há anos, então o SIMPED, o nosso sindicato tem um anfiteatro com o nome dele.

Orador B: Uhum

Orador A: Elson Lot Rigo, tem o nome dele Elson Lot Rigo e depois também nos documentos eu vou te dar o histórico que eu guardo também que é a mulher dele trouxe, trouxe vários da vida dele e esses histórico está na nossa proposta didática.

Orador B: Pedagógica.

Orador A: Pedagógica. A nossa falava Proposta pedagógica, agora fala PPP.

Orador A: Projeto, político pedagógico.

Orador B: Projeto, político, pedagógico.

Orador A: Que é a mesma coisa.

Orador B: Sim.

Orador A: Só o nome que é bonito.

Orador B: Ahã.

Orador A: Então eu tenho um memorial que é colocado nele, tem a vida dele, como que surgiu essa escola, por conta do nome dele.

Orador B: Ahã.

Orador A: A partir de dois mil e onze. Esquece primeiro de setembro de passado.

Orador B: Ahã.

Orador A: De dois mil e onze porque ela passou a ser sede, dois de setembro de dois mil e onze. E eu vim para cá como indicada, como diretora indicada, depois passei pelo processo de eleição em dois mil e treze eu e a Cintia.

Orador B: Dia primeiro de setembro é o dia do professor de educação física.

Orador A: Professor de educação física.

Orador B: (-Risos)

Orador A: Foi um presente que eu ganhei. Dia dois foi publicado o decreto.

Orador B: Ahã.

Orador A: Vou pegar para você a cópia desse decreto, tudo o que eu tiver vou fazer umas pastinhas.

Orador B: Por favor.

Orador A: E entregar na sua mão, se você quiser anexar no seu trabalho.

Orador B: Por favor.

Orador A: Na sua graduação para você fazer bem legal, bem bonito para você recheiar seu trabalho eu tenho certeza que os profissionais que você já entrevistou.

Orador B: Uhum.

Orador A: Tenho certeza que tiveram várias histórias lindas.

Orador B: A vida de vocês é uma inspiração para a gente que ainda está começando engatinhando ainda na carreira.

Orador A: E você sabe que, você vê aí diretores, a maioria é professor de educação física.

Orador B: É, exato.

Orador A: Então os professores de educação física, como era muito, como posso te dizer? A palavras? Era muito visado.

Orador B: É.

Orador A: Muito falado, muito apontado.

Orador B: Por muito tempo foi esnobado.

Orador A: Isso.

Orador B: E hoje.

Orador A: Hoje você vê que os professores de educação física estão lá em cima, estão fazendo uma outra faculdade, estão fazendo mestrado, estão fazendo doutorado. Eu parei na minha pós-graduação, eu quero fazer um mestrado ainda.

Orador B: Ahã.

Orador A: Mas não para dar aula, mas para fins de aposentadoria.

Orador B: Sei.

Orador A: Um ganho maior. A minha pós-graduação eu fiz na Ilha Solteira, eu não sei se fechou essa faculdade que era na FAR- Faculdade Reunidas, eu não sei se tem mais eu acho que ela foi extinta.

Orador B: Uhum.

Orador A: Eu fiz lá a minha pós-graduação, também foi muito sofrida. Foi um ano ralado. Tanto de ir para a faculdade cansada quando para pagar a faculdade não foi fácil eu morava sozinha, paguei minha faculdade de pós-graduação. E eu lembro que eu queria fazer na minha área mesmo de educação física, dança, alguma coisa. Mas como não tinha eu fiz a minha monografia que era a "importância da educação física no ciclo um e dois" Que eu dava aula no ciclo no Jomap antigamente. Que era chamado de ciclo um e dois. Chamava ciclo, não tem mais

Orador B: Uhum.

Orador A: Não tem mais, agora é o ensino regular mesmo.

Orador B: Uhum.

Orador A: Agora é o ensino regular mesmo que é do primeiro ao nono ano, ou primeiro ao quinto ano do ensino fundamental. Então eu fiz a minha monografia "Importância da educação física no ciclo" acho que dois. "A importância da psicomotricidade na educação física", no ciclo dois, no Jomap. Esse foi o tema da minha pós.

Orador B: Muito legal, muito legal. (-Risos)

Orador A: A gente estuda cada dia aqui mesmo no trabalho da gente.

Orador B: Ahã, não para.

Orador A: Não para.

Orador B: A gente não para de aprender.

Orador A: É, não para de aprender. Você falou tudo, não para de aprender.

Orador B: Muito Obrigada, Marli.

Orador A: De nada.

Orador B: Para mais informações eu vou te procurar, ta?

Orador A: Pode sim.

Orador B: Depois como eu te falei, eu vou transcrever a sua entrevista.

Orador A: Sim.

Orador B: Vou trazer para você ler. Você faz as alterações que quiser.

Orador A: Ta bom, você vai cansar coitado, eu estou falando a tempos. Desculpa.

Orador B: Imagina, eu gosto. Só faltou um detalhe.

Orador A: Pois não, pode falar.

Orador B: Eu queria que você falasse seu nome completo e data de nascimento.

Orador A: Tá, meu nome é Marli Aparecida dos Santos. Marli com "I".

Orador B: Ahã.

Orador A: Minha data de nascimento é dezenove do onze de mil, novecentos e sessenta e seis, nasci no dia da bandeira.

Orador B: Olha só.

Orador A: Sou do signo de escorpião.

Orador B: (-Risos) Está certo, muito obrigado.

Orador A: Por nada, disponha.

Fim da Transcrição 01:20:23

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA VERÔNICA

Duração do Áudio: 01:21:04

Orador A: Vamos começar. Hoje é dia oito de janeiro.

Orador B: Hoje é aniversário da minha sobrinha, ela está na Espanha.

Orador A: Qual o seu nome completo, Verônica?

Orador B: Com nome de casada?

Orador A: Isso.

Orador B: Verônica Rosa Gomes Mendonça.

Orador A: A sua data de nascimento.

Orador B: Primeiro de junho de mil novecentos e quarenta e sete.

Orador A: O local, foi em Três Lagoas, aqui mesmo?

Orador B: Três Lagoas.

Orador A: Qual o nome da sua mãe?

Orador B: Florinda Rosa Gomes.

Orador A: E o pai?

Orador B: Otávio Gomes Dario.

Orador A: Qual era a profissão da sua mãe?

Orador B: Do lar.

Orador A: E do seu pai?

Orador B: Ferroviário.

Orador A: Aposentado também?

Orador B: Sim.

Orador A: Qual foi o local onde você se formou em Educação Física?

Orador B: Andradina, primeira turma da faculdade.

Orador A: Você se lembra o ano?

Orador B: Acho que foi em mil novecentos e oitenta e seis, só não tenho certeza, tenho que fazer as contas.

Orador A: Mas depois nós pegamos seu diploma, suas coisas para colocar no trabalho também. Vou tirar foto dos seus diplomas, coisas que você tiver para separar para mim. Você separa tudo para mim essas coisas para a próxima vez que eu vier.

Orador B: Você é foda, por que você não fala? Eu sou bagunceira.

Orador A: Não, mas vamos ter outros encontros. Seu local de trabalho, você se lembra onde começou?

Orador B: Antes de ser professora de educação física fazia letras. E eu trabalhei, na época se chamava Agência Regional de Educação, e depois quando eu estava no primeiro semestre de faculdade tinha uma vaga na escola João Ponce, eu fui para lá, depois do administrativo.

Orador A: Já para dar aula de educação física?

Orador B: Sim, já para dar aula no primeiro semestre.

Orador A: Contratada pelo prefeito?

Orador B: Não, pelo Estado. Naquela época não era contrato, era admissão, então nós éramos admitidas. Eu comecei no João Ponce, e surgiu uma outra vaga no Dom Aquino, até no momento eu não queria pegar porque fazia dois anos que eu tinha saído do Dom Aquino, feito magistério. E a diretora queria que eu fosse dar aula lá. Eu falava: "não vou". Eu já dando aula no João Ponce. Eu a conhecia. Era sargentão. Na época que eu fiz o magistério foi nessa base, sargentão. E eu estava no primeiro semestre de faculdade, e ela falava: "eu quero você lá", e eu: "eu não quero, não vou". Porque você está no primeiro semestre de faculdade, e eu já ia pegar o magistério lá. Tremi na base. Eu falei: "gente eu não sei nada, como eu vou fazer?"

Orador A: E no João Ponce era o quê?

Orador B: Era primário, eram crianças.

Orador A: E eram vinte horas?

Orador B: No João Ponce era e na época a gente falava vinte e duas, depois que passou, e na quarta era atividade. Eu peguei e falei: "não vou", eu indicava a Nely, a Marcinha, todos que eram da mesma turma que começou educação física em Andradina. Nós

éramos vinte e poucos alunos só daqui. Ela falou: "não, eu quero você, eu te conheço. Minha irmã era delegada de ensino na época. Eu falei: "não vou. Gente, o que eu vou dar aula em magistério?". Faz dois anos que eu saí do magistério. Aí ela chegou e falou assim: "você pega com a professora Cacilda", ela tinha sido minha professora no magistério. Ela nem tinha educação física também. Ela fazia faculdade comigo, a mulher falou. A primeira esposa dele. Ela falou: "pega com ela todos os dados, tudo, mas eu quero você". Eu fui. Fazer o quê. E fiquei até aposentar lá no Dom Aquino. Eu trabalhava assim, era escola normal na época, eu trabalhava no João Ponce e no Dom Aquino, aí ela falou, eu trabalhava no Dom Aquino a noite, eu fazia faculdade de manhã. A tarde eu estava no João Ponce e a noite no Dom Aquino dando aula no magistério. Ela falou assim: "eu te quero para o outro ano, eu quero você só aqui, eu não quero dividir você com outra escola, porque na hora que tiver reunião de professores, quero você só comigo, vou te dar as quarenta e quatro aulas".

Orador A: E isso foi quando, você se lembra?

Orador B: Eu tenho que olhar na minha ficha [inint] [00:05:0], mas nessa época. Eu entrei no Estado em mil novecentos e setenta e quatro, deveria ser em mil novecentos e setenta e oito por aí, assim que eu fui para o Dom Aquino.

Orador A: Mas já como educação física.

Orador B: Foi, porque naquela época você não era formada, não tinha concurso.

Orador A: Você tinha magistério.

Orador B: Depois com a divisão do Estado você vai trabalhando. Depois de dez anos eles nos efetivaram, quer dizer, todos que trabalhavam no estado, que era admitido já efetivaram, quer dizer, nunca fiz concurso.

Orador A: Você se lembra qual foi o seu ano de aposentadoria?

Orador B: Eu estava com cinquenta e um anos, hoje eu tenho setenta e dois, há vinte e um anos atrás.

Orador A: Então foi nos anos dois mil, mil novecentos e noventa e nove.

Orador B: Mil novecentos e noventa e seis? Eu tenho tudo na ficha, data eu tenho que pegar.

Orador A: Então vamos começar lá pelo começo, onde tudo começou. Fala um pouco para mim sobre a sua infância, como foi a sua infância. Foi uma infância feliz, foi uma infância de necessidade, como foi? Seu pai trabalhava, sua mãe? Como era? Você, suas irmãs.

Orador B: Deixe eu achar a palavra certa, dentro da nossa época éramos felizes, porque a gente era até adulto, até mocinha a gente brincava na rua com os vizinhos de pega-pega, aquelas músicas, cantigas de roda, porque não tinha malícia nenhuma, era tudo adulto ali, o Ailton, aqueles nossos vizinhos, então a gente brincava de roda, brincava de pega-pega, eu era bem moleque, eu gostava de birola, empinar papagaio ou pipa, brincava muito na rua, boneca não era o meu forte, subir nas árvores, fazer balanço, eu gostava de circo, essas coisas, então foi tranquilo porque naquela época era muito bom, a gente era criança. Então a gente foi muito arteira, bem danada, eu era o moleque da casa, meu irmão era mais medroso, eu não, era mais atrevida para os brinquedos, nossa, aqueles pés na lata, aquelas coisas, nossa.

Orador A: Vocês eram em quantos irmãos?

Orador B: Que vivemos esta fase éramos em cinco, mas o meu irmão já morava fora que estudava para padre, a Elza já era professora, então tinha o Dario que também ficou um pouco fora, estudou em seminário, eu e minha irmã Bernadete que não era de brincar, nada, a poeira era eu.

Orador A: Como chamava seu irmão que morava fora?

Orador B: Tem o Marcelo que era o mais velho que foi padre, quase padre, e o Dario que hoje é Major da aeronáutica e estudou em seminário, depois ele voltou e seguiu carreira militar.

Orador A: Então como você era criança eles já eram mais crescidos. Você é a mais nova?

Orador B: Não, eu sou a quarta, minha mãe teve cinco filhos, mas o Dario foi para o militar e ficou desde que entrou para o quartel, quer dizer, normalmente ficavam só as meninas. A Elza, eu e a Bernadete. Então foi tranquilo assim.

Orador A: Brincando aqui na rua, nessa rua mesmo, na Manoel.

Orador B: Ao lado aqui, era tudo areia, pedregulho, não tinha casa por aqui, era um trieiro, da minha casa assim fazia um trieiro. Não sei se você sabe o que é trieiro.

Orador A: Sei.

Orador B: A gente atravessava aqui e saía lá na estação que o meu pai trabalhava, ia todos os dias na hora do almoço, meu pai saía dez horas e eu ia encontrar meu pai. Quer dizer, era tão tranquilo que era trieiro, é mato para todos os lados e você andava ali no meio tranquilo, nossa, foi muito bom, que saudade que dá daquele tempo. Minha mãe gostava muito de fazer piquenique, então juntava os vizinhos, o Airton, a família e a gente ia para o córrego da onça, esse era o passeio de final e semana. Fazia panelada de comida, e eu como era pequena ia sempre no colo de alguém, porque eu era apertadinha assim, eles punham no cangote, o Airton, a irmã dele, me colocava no cangote e ia, naquela época usava chinelo, essas coisas, ou descalço, subia no pescoço deles e ia embora, cada um levava as panelas de comida, chegava na beira do rio e achava uma árvore, era córrego ali, estendia todas as comidas, as panelas, e a gente ficava o dia inteiro no córrego brincando. Foi muito saudável, eu acho que meninos de hoje não aproveitam o que a gente aproveitou, foi muito, muito, muito bom, mas só coisas boas que eu lembro, eu era nossa.

Orador A: E na escola, pequenininha, como você era? Já ia para a escola?

Orador B: A Eufrosina era nessa rua aqui onde é o centro espírita, eu ia. Na escola eu fui marrenta, eu não gostava de estudar, tomei trocentas reprovações em minha vida, fiz três quintas, duas sextas, duas sétimas, e minha mãe falava assim: "não vai sair da escola, vai ficar velhinha, mas vai se formar". Rapaz, eu era assim, muito birrenta com professor.

Orador A: E acabou virando o que?

Orador B: Uma professora austera. Quem fala diz que eu era muito brava, não, eu fui, fui assim. Não é que eu fui brava, a gente foi educada, quer dizer, quando eu comecei, comecei com uma diretora que tinha uma linha bem severa. Naquela época professor era respeitado. Minha irmã que foi delegada de ensino, disse que a partir do momento que avacalharam chamar o professor de tia perdeu o respeito. Tia é irmã da mãe, irmã do pai. Professor é professor. Quando se chamava atenção do aluno, sim professor. Hoje não. Então foi assim, quando eu fiz o magistério foi nessa linha. Não é uma palavra forte, pesada, sargentão, mas era assim, você fazia fila para entrar na escola, você cantava o hino nacional, você rezava, na época em que eu fiz o magistério era lá no Jomap. Você subia a escada uma atrás da outra e ia para sua sala, entrava na sala assim,

uma atrás da outra. Hoje quando solta o sino parece um bando de boi que sai, para entrar quando tocava tudo de uma vez. Naquela época não, era uniforme, olhava se você estava com sapato engraxado, a meia branca, a fita do cabelo só podia ser preto ou azul marinho. Você não usava um sutiã colorido por baixo da sua camiseta branca, e se a blusa era fina você tinha que suar um corpete para não aparecer, e a educação sim, respeito pelo professor mais do que com o pai e a mãe. Então foi dessa forma que eu comecei a trabalhar.

Orador A: E quando você era criança, seus professores eram assim também, você tem essa recordação?

Orador B: Eu lembro, porque eu estudei em escola particular na época, Magiano, primário. Rapaz, tinham umas palmatórias, uns paus redondos com uns buracos, tinha tabuada, dois a dois assim, acho que eu vejo. Então um perguntava ao outro, se você não acertava o que estava junto com você, te dava bolacha.

Orador A: Na mão?

Orador B: Na mão. Foi bravo.

Orador A: Aqui em Três Lagoas, no Magiano?

Orador B: Sim.

Orador A: E isso de que série a que série, você se lembra?

Orador B: Eu fiz até a quarta série lá. Porque era primeira, segunda, terceira e quarta. Antigamente não tinha esse negócio de pré. Então eu estudei lá. E era assim, aqueles pontos que você fazia, aquelas carteiras duplas, sentava de dois em dois. Fim de ano.

Orador A: Uniforme passadinho.

Orador B: Uniforme. Acho que não, uniforme era só para desfile, saia caqui pregueada com fita gravata, quando eu fiz ginásio também depois tinha uniforme, uma saia pregueada, bolso bordado o nome da escola e quantos pauzinhos era a série que você estava fazendo, bordado. Mas no Magiano era assim, chegava no fim do ano, já na terceira e quarta série você tinha que copiar, era comprido assim, tipo caderno de linguagem os pontos, tinha pontos. Você tinha que copiar toda aquela matéria para as folhas de papel almaço. Não podia ter uma rasura, um pingo de tinta. Eu lembro, minha mãe punha a gente, você tomava banho, minha mãe punha a mesa no quintal, forrava a toalha. Tinha que ser tinta parca ou goiano naquela época e caneta pena doze. Tomava

banho e sentava, ali, se você tivesse nas últimas quatro folhas de papel almaço, se você errasse a última palavra, não podia rasurar. Se você errasse tinha que fazer tudo de novo. Não podia ter rasura e nem apagar nada. Tinha que começar tudo de novo. Cada matéria era uma cor de papel de seda que você encapava os pontos e punha uma etiqueta. Aí no fim do ano tinha prova oral. Você tinha que saber tudo aquela matéria. A professora abria um ponto, uma página e te fazia pergunta. Nossa, você tremia nas bases, cara do céu.

Orador A: E a sua mãe, como era nessa época assim, fazia, obrigava?

Orador B: Fazia estudar.

Orador A: Obrigava?

Orador B: Obrigava. Ela ralou, lavou muita roupa para fora para dar para os filhos o que ela não teve que foi o estudo. Ela falou: “a única coisa que eu posso dar é estudo”, então vamos. A minha irmã mais velha, meu irmão, vendiam banana. Minha mãe comprava cacho de banana, eles saiam com a cesta na cabeça, vendiam para ajudar a pagar escola, porque a escola eram todas escolas particulares.

Orador A: E quem estudava na escola particular era a nata?.

Orador B: Era, porque inclusive na época do Magiano, depois passou para o senhor Gilberto. Era internato. Esse povo de fazenda, filhos de fazendeiro, todos moravam lá dentro. Quem estudou no Magiano, é que o primário daquela época é o ginásio, segundo grau hoje. Muito puxado, estudei em 2 de Julho, Magiano.

Orador A: E tinha aula de educação física?

Orador B: Não.

Orador A: Não tinha?

Orador B: Não, naquela época não. Que a gente fez primário não tinha.

Orador A: Era o quê, português, matemática.

Orador B: Ciência, geografia, história.

Orador A: Ginástica não tinha.

Orador B: Nada. Na época que eu fiz o primário não tinha educação física. Quando eu fiz ginásio.

Orador A: O ginásio é a quinta série.

Orador B: Era.

Orador A: Quinta série até a oitava.

Orador B: É, eu estudei em 2 de Julho na época, que hoje é Afonso Pena. Aí tinha no horário contrário. O meu primeiro professor de educação física foi o professor Ernaldo Calvoso e a mulher dele, Raquel.

Orador A: E aí você estudava de manhã?

Orador B: E fazia educação física a tarde.

Orador A: Tinha que voltar lá.

Orador B: Tinha que voltar.

Orador A: E como que você fazia para ir, você ia sozinha, com suas irmãs?

Orador B: Não, eu estava na quinta série, já estava mocinha, já não tinha problema. Eu estudei no Patronato, que eu tomava bomba aqui e corria para lá. Tomava bomba e ficava chateada, não queria ficar repetindo as mesmas caras. E era assim shorts assim, eu comecei a jogar em, fiz ginásio no Patronato que era o Bom Jesus hoje, que chamava Patronato Lá eu jogava queimada, às vezes um pouquinho de basquete, mas eu era boa mesmo, campeã todo ano, a nossa turma era até aquela professora Lúcia Firmino era da minha turma. Essa menina era gorda.

Orador A: Na queimada.

Orador B: E era boa. Só que eu tinha muita força dessa época já. Teve uma menina que falou assim: "nossa, você me amassou". Maria da Graça, que ela trabalhava no fórum, advogada. Quem falou para mim, não, foi a Elide que falou: "Verônica, eu tenho uma marca de uma bolada sua, você tinha uma força danada, viu". Eu falei: "porquê?". Ela falou assim: "ah, eu tenho marca até hoje". Não sei ainda que lugar ela falou, mas aí eu caí na risada. Mas eu tinha força, então as meninas abraçavam a bola na queimada naquela época bem diferente da de hoje. Encaixava a bola e passava para mim porque eu tinha queimada e tinha uma pontaria certa. A gente todo ano ganhava campeonato. Eu tinha meus diplomas, medalhas. Então foi aí que eu comecei a gostar de esporte. Vôlei não era muito a minha praia, aí depois a gente jogava basquete com os meninos. Naquela época misturava tudo. Tanto na educação física quanto campeonato.

Orador A: É isso que eu ia te perguntar. Como eram as aulas de educação física.

Orador B: A gente quando pertencia, quer dizer, mais ou menos elitizado, porque quando você joga, você já é diferente. Quando você tem habilidade para algum esporte você já é diferenciado da educação física normal. Então você praticamente vai e treina. Então a gente fazia racha com os meninos, hoje é tudo homem de sessenta, setenta anos, todos espichados já, mas era muito tranquilo, a gente fazia ali, parece que estou vendo a quadra do Bom Jesus.

Orador A: Como era a quadra lá?

Orador B: Era cimento mesmo, a rede a gente armava, normalmente tudo era rasgado, remendava aqui, puxa daqui os ferros. Então era quadra de cimento rachado, aqueles altos e baixos assim, igual que faz calçada, não é desses pisos bons assim, retinhos, mas foi muito bom, gostei demais.

Orador A: Então não era uma educação física separada menina para um lado e menino para o outro?

Orador B: Era, mas a gente que jogava...

Orador A: Quem jogava, jogava junto?

Orador B: Jogava, a gente juntava um lado às vezes jogava menino, misturava, não tinha essa separação.

Orador A: Agora quem não jogava...

Orador B: Fazia educação física normal.

Orador A: Como era, você se lembra?

Orador B: Abdominal, polichinelo, aquela coisa

Orador A: Era uma ginástica.

Orador B: Era uma ginástica, só era aquilo, ginástica. Porque na época quando a gente começou a dar aula, que eu dei para o primário, você pegava as crianças, levava para a quadra, você dava a ordem unida.

Orador A: Ordem unida, o que é?

Orador B: Direita, esquerda, lateral, vira para a direita, esquerda, meia volta volver, isso fazia parte do início da sua aula. Depois ensinar a cobrir, postura, eu era chata demais,

eu lembro. Aí depois dessa orem unida, não podia errar, tinham todos que acertar se era direita, se era esquerda, meia volta. Então tudo isso. Cobrir, postura de ombro, de cabeça, era tipo militar mesmo. Aí depois você começava com aquecimento, corria, você fazia dentro do aquecimento a marcha do pato. Depois você colocava os alunos em quadra, primeiro assim intercalando tudo, fazia polichinelo, tinha abdominal, azia tudo, alongamento.

Orador B: Então a educação física inicia assim, depois você dava relaxamento. Quer dizer, só que a vida inteira a minha trabalhei no sol, eu não tinha quadra coberta, então tinha exercício que você não dava ali porque não tinha como você deixar aluno sentar no chão, fazer uma atividade mais forte.

Orador A: Isso na época que você dava aula, e quando você estudava no segundo já, no ginásio?

Orador B: No ginásio?

Orador A: Sim, também tinha essas calistenias?

Orador B: Tinha.

Orador A: Tinha que fazer antes de jogar.

Orador B: Quando eu estudei no Afonso Pena que hoje era 2 de Julho, a gente tinha trave de equilíbrio, parecia essas ginásticas artísticas. E como a gente é danada, quando você é danada você é atrevida não tem medo. Então era assim, subia uns degraus assim, e andava aí, a gente que era mais atrevida andava meio que correndo. Os outros ficavam lá. Então você morria de rir. Aí tinha caixa de areia que você saltava, pulava, então era tudo improvisado, tudo feito assim, não tinha material comprado. Professor que fazia, onde é Afonso Pena hoje.

Orador A: Aqui quem dava aula para você?

Orador B: Professor Ernaldo.

Orador A: E depois você foi para? quando você repetia você ia para outra escola?

Orador B: Outra escola lá chamava Bom Jesus.

Orador A: No Bom Jesus era Teca.

Orador B: Era Tequinha, era.

Orador A: E era o mesmo estilo?

Orador B: Sempre era a mesma coisa.

Orador A: Você sabe se tinha alguma diretriz que tinha que seguir no Estado para educação física?

Orador B: No estado? Não, porque ninguém era formado.

Orador A: Ninguém era formado?

Orador B: Acho que o único que era professor foi o Ernaldo, ele era professor de educação física. Quando eu fiz faculdade em Andradina ele foi meu professor lá. E a mulher dele também era formada. Ele era formado no Estado de São Paulo e deu aula aqui. Mas o resto não sei como era escolhido. Alguém que sabia jogar alguma coisa, então dava, mas era bem light, não tinha planejamento, essas coisas, achava o que dar, corria, saltava, fazia as atividades, acho que sem nenhum planejamento.

Orador A: Nem planejamento nem instrução.

Orador B: Não, porque ninguém era formado. Acho que eu via o que militar fazia e jogava lá.

Orador A: E não tinha ninguém que ia fiscalizar lá.

Orador B: Não.

Orador A: E você foi se formando atleta nessa época, no ginásio.

Orador B: Depois joguei vôlei lá no Bom Jesus, porque já tinha saído do 2 de Julho, estava lá no Patronato, foi quando eu comecei a jogar queimada lá, e fui desenvolvendo, joguei vôlei e brincava de basquete às vezes, inclusive na época que eu fazia faculdade, teve uma olimpíada em Araçatuba, a nossa faculdade participou. Eu quis morrer, eu não jogava basquete, me botaram para jogar basquete, que tédio, eu jogava voleibol, fazia atletismo, salto em extensão, salto em altura, e eu fui para a olimpíada de educação física para Araçatuba e me colocaram na quadra de basquete, não vou nem saber conduzir essa bola, mas foi muito bom.

Orador A: Foi divertido.

Orador B: Foi. Eu não quero, porque, a Ildinha é professora de educação física, casada com o Arencó, Aparecida Ferreira. Ela era grandona, ela se machucou, e eu era outra

grandona, então eu entrei, mas não era minha praia, mas foi muito legal, foi muito boa essa fase.

Orador A: Aí depois do ginásio você foi fazer o magistério.

Orador B: Fiz o magistério.

Orador A: Entrou direto assim, não parou.

Orador B: Não, foi direto. Eu já estava com quinze, dezesseis anos, já estava na hora de ir.

Orador A: Qual oi o magistério que você fez?

Orador B: Dom Aquino.

Orador A: Dom Aquino.

Orador B: Dom Aquino, era escola normal, naquela época chamava assim: Escola Norma Dom Aquino Correa, depois que passaram para o magistério, mas era escola normal. Mas aí eu fui três anos direto, saí num ano, eu saí do magistério fui fazer letras, era muito boa de português, gostava de inglês. Eu gostava de línguas. Gostava de latim também inclusive, aí eu fui fazer letras.

Orador A: Aqui, na UFMS.

Orador B: UFMS, mas eu tinha preguiça de ler. Tinha não, eu tenho preguiça de ler! Duro que passei isso para os meus filhos. Então eu tinha preguiça de ler, então quando eu comecei a matéria de literatura que tinha que ler, eu disse que não era minha praia. Teve uma época que eu pedi a Marlene para ler um livro e fazer um resumo, aí me engasgou, eu gostava do latim, gostava de inglês, mas falou que era para ler, eu falei, não quero não! Aí eu saí, no fim do ano.

Orador A: Fez um ano?

Orador B: Fiz um ano. No fim do ano eu tinha ficado com a Luci em literatura, justamente. Ficaram me esperando fazer exame. O quando minha mãe pegou um menino para criar, o Ricardo. E eu era apaixonada por criança, queria que minha mãe arranjasse um bebê, adotasse. Eu queria uma menina, por fim minha mãe conseguiu pegar um menino, e aí eu não queria saber mais de estudar, eu queria saber de cuidar dele. E aí o padre Jair na época, o padre Jair era diretor, veio aqui e falou: "Verônica não abandona no último ano, você ficou em uma matéria. "Vai lá fazer essa prova". Se

não eu ia ficar de “DP”. Aí eu não fui. Meu irmão fazia matemática, o Dario. Seu nome está lá, você ficou de “DP”. Não vou estudar mais, e não fui! A professora ficou me esperando lá.

Orador A: Trancou.

Orador B: Que tranquei nada, larguei lá.

Orador A: largou e não voltou mais.

Orador B: porque no outro ano saiu educação física em Andradina.

Orador A: Ah, foi assim. Não tinha educação física.

Orador B: Não, foi a primeira turma de educação física em Andradina. Aí fiz vestibular e fui embora. Essa Tequinho que foi minha professora de educação física no Bom Jesus, ela trabalhava na agência de educação, que é Delegacia de Ensino que eles falavam depois, e aí eu era bem chucra, ele falou assim: "tem que ir lá em Andradina fazer a inscrição". Ninguém se prontificava. Ele pediu para minha irmã um carro da agência. Ela falou: "valos lá, vamos arrumar os documentos e eu vou fazer a inscrição da faculdade". Eu queria, mas não tinha, como diz, aquele incentivo, de "eu vou fazer tal", eu gostava, falou: "você vai fazer educação física." Eu já tinha parado de fazer letras. Aí ela me levou em Andradina, fiz a inscrição, depois o vestibular e foi embora.

Orador A: Só voltando um pouco antes da gente entrar nessa parte da sua formação. No seu magistério você tinha aula de educação física?

Orador B: Não, porque no magistério você tem, não tinha não. Tinha, mas era só teoria, onde a Cacilda dava, só teoria.

Orador A: teoria da educação física?

Orador B: É.

Orador A: Como era?

Orador B: Histórico, quando surgiu a educação física, os métodos que se usavam. Então não tinha educação física prática. Tinha educação física, mas era teoria.

Orador A: Era teoria.

Orador B: Era teoria. Quando eu trabalhei no Dom Aquino o primeiro e o segundo era teoria, o terceiro era recreação, aí eu ia para a prática. Então lá a gente tinha recreação

que era cantiga de roda, aquelas brincadeiras, aqueles joguinhos, aquelas coisas, mas aula prática para educação física não tinha.

Orador A: Não tinha.

Orador B: Não, não tinha.

Orador A: Fanfarra, essas coisas, chegou a participar de alguma coisa?

Orador B: Não, ave Maria.

Orador A: Seu negócio era esporte.

Orador B: Meu negócio era bola. Nossa, meu amor era bola. Bola, birola, papagaio, Como eu empinei pipa, nossa, que delícia. Esse o Guilherme herdou, porque ele adorava uma pipa. O Saulo já foi mais tranquilo, não gostava.

Orador A: E nesse meio tempo, quando você casou?

Orador B: Demorou.

Orador A: Mas você já era formada?

Orador B: Já era professora.

Orador A: Então vamos voltar.

Orador B: E eu me formei.

Orador A: Como foi o vestibular, você se lembra? Teve prova prática também? Teve prova teórica?

Orador B: Quase morri. Rapaz, teve prova prática.

Orador A: Vocês montaram em um ônibus e foram.

Orador B: Não, a gente ia de trem, porque ninguém tinha dinheiro para montar ônibus naquela época. A gente comprava passagem e segunda que era mais barato, mas a gente sentava banco de primeira. Nossa, aqueles homens, chefes de trem, um dia, nós éramos em vinte e poucos, a gente lotava o trem, aí a gente saía andando no trem, porque a gente precisava dormir, porque a gente trabalhava a tarde e à noite, então a gente precisava dormir. Tinha dia que eu dormia meia noite e levantava seis da manhã. Você tinha uma coisa de faculdade para fazer, alguma coisa. Então até que você chegava onze horas da escola, eu ia a pé lá no Fernando Corrêa e voltava. Quando chegava aqui já era onze horas. E ia fazer alguma coisa, ajeitar para o outro dia, você tinha que deixar

tudo pronto, porque acordava as três horas, tomava um banho meio dormindo para pegar o trem três e meia aqui. Então a gente comprava de segunda porque o dinheiro era curto. E pegava o trem e sentava nos bancos de primeira. Uma vez o guarda falou assim, começou a reclamar, vou deixar todos vocês de castigo, a gente dava vaia neles. É assim, um pouco dormia, eu tinha uma toalhinha vermelha e cobria o rosto para dormir, E quando estava chegando um ia acordando o outro. Foi muito bom.

Orador A: Eles não viam que você era filha de ferroviário?

Orador B: Não, aí meu pai já era aposentando. Mas não, a gente tentou. Na época era até o Darci. A gente tentou, mas ele não tinha como dar um passe, alguma coisa para a gente. Aí ele foi lá, que era o chefe da estação e falou: "a única coisa que eu posso fazer é, vocês continuam comprando de segunda", que era a metade do preço praticamente "e vocês na medida do possível, pode sentar na de primeira, eu vou conversar com aqueles homens que passam picotando as passagens. Então a gente ia tranquilo, voltava de carona. Porque o dinheiro era curto, para sair de madrugada você tinha que comer alguma coisa senão, não aguentava. E aí, por exemplo, na época de vestibular a gente pegava o ônibus de linha, quando tinha estágio, dia de sábado e domingo. E tinha aula dia de sábado. Às vezes tinha estágio, um jogo que você tinha que acompanhar, fazer relatório. Dia de domingo você tinha que ir participar. Então foi puxão mesmo. E aí a gente tentava economizar, aí a gente vinha de carona. Cada carona que pelo amor de Deus. Uma vez eu pegue uma carona, eu e Anelise Scaranze. A gente sempre andava de duas e um menino, Gerê meu amigo, que deus o tenha. Então era Neli, eu e o Gerê, Ele não nos deixava sozinhas para pegar carona. Vinha vindo um carro com [inint] [00:36:45]. Ia entrar e, Andradina e a gente estava naquela rotatória que vem para três Lagoas. Eu e a Anelise lá na frente, porque a gente usava um uniforme indecente, verde, parecia um papagaio. Aí o cara ia entrar em Andradina, passou direto, a gente foi fazer assim, Três Lagoas. Está, entra aqui e vamos. Quando ele parou o Gerê veio. Era um negão de barba. A gente entrou no fusca, o cara estava sozinho. Um fusca azul, me lembro até hoje. Atrás, e o Gerê sentou na frente com ele. Nossa, depois a gente ficou sabendo, ele veio, vendia peças de bicicleta, ia fazer Andradina e ia para Três Lagoas a tarde. Como ele nos viu na pista, "ah, vamos levar essas meninas". O Gerê entrou, a gente ficava ali perto do semáforo na esquina Afonso Pena, normalmente era ponto que a gente ficava. Que aí eles seguiam os destinos eles. Ele chegou, foi na bicicletaria e falou: "você não vinha há tarde?" "tinha duas máquinas na pista pedindo carona, eu

levei". Quando eu paro o carro, entra um negão barbudo e senta comigo, se eu pudesse mandava os três descerem. Aí depois o cara conhecia que era o Gerê e contou para ele que quem deu carona nós. Foi o máximo, faria de novo, era desse estilo a faculdade.

Orador A: É gostoso, essa época de faculdade é muito gostosa.

Orador B: Você sabe que o bom é que não tinha maldade, era muito bom, tudo espontâneo, tudo sincero, honesto, você tinha uma amizade muito limpa. Hoje acho que você não tem, Era um por todos e todos por um mesmo. Hoje acho que as coisas estão cada um em seu quadrado. Então era muito bom!

Orador A: Então me fala como foi seu vestibular. O que você lembra?

Orador B: Na teoria não lembro nada mais, mas na prática, menino do céu, a gente tinha equilíbrio, tinha três exercícios. Tinha equilíbrio, abdominal.

Orador A: Não tinha corrida, natação, essas coisas para entrar na faculdade?

Orador B: Teve natação, eu era um cabo de machado, porque eu tenho hidrofobia. Corrida para mim, salto, essas coisas, era moleza, agora chegou na piscina, eu não conseguia nadar, não sei quantos metros era, a piscina inteira. Você nadava, não tinha estilo, você tinha que nadar. Aí o professor lá falou assim: "quem não conseguir nadar tem que mergulhar, pegar uma pedra lá no fundo". Eu mergulhei de boa, mas o medo era muito, eu tenho medo de afogar até hoje, eu não tomo banho com a água caindo no meu rosto. Eu desvio, eu não consigo enfiar o rosto em uma bacia de água, mas eu gosto de mar. Incrível. Rio eu não gosto e piscina também não. Primeiro porque eu tenho nojo de piscina. Conclusão, tive que pegar a pedra, mergulhei lá. A nossa turma era tão safá, tinha gente na época, eu já fiz minha faculdade, eu já tinha mais de vinte anos quando entrei na faculdade, eu entrava, era um pouco atrevida e entrava, só não enfiava a cara dentro, mas tinham aquelas pessoas que tinham medo de entrar, era bem mais de idade que eu naquela época, tinha mulher casada que já tinha filhos, e aí o que nossos colegas faziam, ou os meninos, mergulhava, ficava lá embaixo, o professor está lá sentado. O que eles faziam, ficavam lá embaixo mergulhados, a pedra está lá, a bola, o que eles faziam. Você enfiava a cara, outra pessoa vinha, te dava na mão, você levantava e trazia.

Orador A: Foi assim que você fez?

Orador B: Não, eu consegui mergulhar.

Orador A: Você pegou.

Orador B: peguei, mas tinha gente que ficou assim, que não entrava na água, entrou na água, tinha o Claudinir, o jacaré, essa turma toda, o Paulão, o peru, todos foram da minha turma, nossa primeira turma, aí eles entravam lá debaixo, ficavam mergulhados e ficavam com a pedra na mão, a pessoa abaixava assim e já vinha com a pedra na mão. Mas não, eu consegui mergulhar. Eu fazia, mas tinha medo, quando o professor chegava chamava Neizão, eu falava: "Ney, faço tudo o que tem que fazer, mas eu morro de medo, se eu não voltar você pode entrar que eu já morri, então ele sabia.

Orador A: Isso na aula já?

Orador B: Na aula, eu falava para ele.

Orador A: Na aula de natação?

Orador B: Na aula de natação, eu falava assim: "eu tenho medo, não tem como não ter, mas falar, aquele salvamento, a última prova que tem aquele de salvamento eram dez circuitos, quase morri, mas fiz todos. Nem fiquei para o exame, eu fazia, mas ele sabia o medo que eu tinha. Até hoje eu tenho medo, realmente chega até que acabou, mas no mar eu vou até aqui também, não enfio o rosto dentro da água, embaixo do chuveiro, em bacia de água, mas foi legal o vestibular. Agora, na prova prática, porque eu era magrinha, então eu tinha flexibilidade e tinha facilidade, então o que acontecia, você tinha um minuto para fazer, não sei se era um minuto, os exercícios, abdominais, polichinelo, aquele que você joga as pernas para trás, flexiona, no outro dia nós não andávamos, você ficava uma semana moído, porque era tempo e quantidade, então você queria fazer mais rápido, porque quantos você fazia era a quantidade de pontos que você recebia. No outro dia você não conseguia sentar, naquela semana você não conseguia tossir porque doíam todos os músculos, você está parado, não está acostumado a fazer essa atividade, quantos anos de não fazer nada?

Orador A: Quais as disciplinas você tinha na faculdade, futebol, basquete?

Orador B: Não tinha?

Orador A: Não tinha?

Orador B: Futebol era só masculino.

Orador A: Só homem que fazia.

Orador B: Eu tinha basquete, vôlei, atletismo, natação, rítmica e ginástica.

Orador A: E os homens tinham o que?

Orador B: mais o futebol.

Orador A: mais o futebol?

Orador B: Eles não tinham rítmica.

Orador A: Então as mulheres faziam rítmica e os homens futebol.

Orador B: Isso.

Orador A: Mas handebol, não tinha handebol.

Orador B: Não tive handebol.

Orador A: Mas vôlei e basquete ambos faziam.

Orador B: Tudo, ele era um general, ele falava para as mulheres: "quando você joga algum esporte você tem noção de outros, então você tem mais facilidade, e tinham algumas mulheres lá que até para jogar, você não podia cortar nelas, eu jogava nessa época. Gente, eu falava assim, seu lugar é na cozinha pilotando um fogão. Na quadra com as mulheres assim. E quando foi denúncia na época que ele estava ensinando bandeja, as mulheres vinham e faziam assim. Ele acabava com essas mulheres, a gente tinha noção fazia de boa, a agente jogava. A nossa turma de Três lagoas foi a melhor turma. Se tinha um time e voleibol era daqui. Se tinha masculino era daqui se tinha basquete era daqui. O basquete nosso tinha pouca gente. Tinha a Ildinha, tinha pouca menina, eu não era chegada em basquete, só que Andradina tinha mais menina, então estava mesclado, mas o vôlei, o basquete, tudo era lá. Atletismo, Narcisa era boa em atletismo. Eu gostava de salto em altura, de salto em extensão.

Orador A: E vocês foram a primeira turma de Andradina?

Orador B: Sim.

Orador A: Foram três anos ou quatro?

Orador B: Dois e meio com seis horas de aula por dia, seis matérias e dia de sábado também. Então foi um currículo completo, mas nesse tempo.

Orador A: Foi bem puxado.

Orador B: Sim, você não tinha descanso. Eu chegava em casa onze e meia, almoçava, tomava um banho rápido, almoçava em pé, meio dia e meia tinha ia pra escola, saía cinco horas do Dom Aquino, fazia inglês, chegava atrasada no inglês.

Orador A: [inint] [00:47:12].

Orador B: Quando eu chegava do inglês eu só tomava banho e nem jantava, ia para o Dom Aquino porque quinze para as sete tinha que estar lá, Chegava um pouquinho atrasada na aula de inglês e saía um pouquinho antes. Aí por fim não estava conciliando mais e eu larguei o inglês no quarto ano. Mas eu gosto de inglês. Não sei mais nada, mas está bom;

Orador A: E as suas aulas de rítmica como era?

Orador B: Pelo amor de Deus.

Orador A: Você gostava de dançar?

Orador B: Odiava. Eu chorava, eu parecia um cabo de vassoura, eu era bem magrinha, tinha cinquenta e poucos quilos, um cabo de vassoura, era magrela, comprida, eu não dava conta de fazer os pleiê, os “escambal”, as pernas, os braços, aqueles trens todos, eu tirava nota baixa. Eu me lembro, um dia que teve prova individual, a professora colocava uma música e você tinha que dançar, colocar todos os passos do balé em cima da música.

Orador A: Tinha que montar uma coreografia.

Orador B: Eu chorei, não consegui fazer a prova, cheguei, estava com lona preta, fui para o banheiro. A professora falou assim, ela se chamava Dinéia. Ela falou assim: "Verônica, relaxa, descansa e você faz prova depois". Eu fui para o banheiro, sentei lá e chorei. Você sabe os passos, você sabe fazer, lógico que não sai com perfeição porque você não tem o dom, mas então falava, só que ela colocava música e você tinha que criar em cima daquilo ali. Fazer os passos que ela ia determinar. Como eu ia fazer isso? Só chorava. E a vergonha? Gente, que vergonha, todo mundo sentado em volta e eu ali no meio dançando. Não. Aquele dia eu não consegui fazer prova. Eu fiz outro dia sozinha com a professora, não sei nem o que saiu ela deve ter dado nota.

Orador A: Mas deu certo. Passou.

Orador B: Passei, ela deve ter me passado. Eu só chorava. Gente, pelo amor de Deus. Rítmica foi um horror.

Orador A: E o futebol não podia fazer de jeito nenhum.

Orador B: Não fazia.

Orador A: Nessa época você já dava aula.

Orador B: Sim. Eu tive assim...

Orador A: Para dar aula de futebol.

Orador B: Eu só trabalhava com menina, naquela época que eu comecei a dar aula era menina com menina e menino com menino. Professora só dava aula para menina quando eu comecei. Masculino só com o professor. Então não estudava, depois de algum tempo que professor dava aula para menina então você fazia. separadas. Professor dava aula só para menino, então a gente não tinha! Na época que eu comecei a trabalhar, eu comecei a trabalhar com turma de treinamento. Eu dava aula e a gente tinha direito a ter não sei quantas turmas de treinamento. Vôlei, basquete, atletismo, eu abraçava tudo, eu era chata, eu queria fazer tudo! Então eu tinha as minhas equipes. No começo do ano eu ia lá, porque eu amei o que eu fiz, e amo a educação física, eu me realizei fazendo como eu queria, como eu fiz, então foi uma realização profissional para mim ser professora de educação física e ter as equipes que eu tive. Agora, lá no Dom Aquino a gente tinha uma facilidade porque, Três Lagoas tinha muito aluno e a gente tinha alunos que sobressaiam, então o que eles faziam, fazia parte da seleção da cidade, porque Dom Aquino foi uma escola quando começou, de elite, que estudava no Dom Aquino, quando conseguisse uma vaga lá era um Dom Bosco na vida, na época. Então eram minhas alunas, só que eles tinham um técnico lá, que era o Dalmo, que eram os meninos de basquete, o Pedrinho de futebol. Então eu tinha os alunos, os nossos alunos estudavam no ginásio esporte, eles faziam as minhas aulas e fazia lá. Quando tinha que montar equipe eu já tinha equipe pronta. Então durante muitos anos a gente tinha muito troféu, muito campeão, mas na época o que eu sentia é que eu fazia por prazer, então você deixa filho, deixa marido, sua casa, você vive aquele momento, eu era assim, eu me entregava de corpo. Quando eu tinha época de campeonato eu saía daqui cinco horas da manhã. Minhas aulas, tinha o guarda, ela chegava.

Orador A: Você estava falando sobre sua realização profissional.

Orador B: Inclusive fizeram uma homenagem, o meu marido foi atleta também, aí fizeram uma homenagem para ele, deram uma medalha, e eu fui e eles fizeram uma

homenagem para mim. A velhinha chora. Aí foi quando eu falei que eu me senti uma pessoa realizada profissionalmente porque eu sei que eu dei conta do recado, e o que eu fiz foi com o maior carinho, muito amor, eu era “carcamano”, eu cobrava muito, mas eu sei que eu ensinava. Inclusive o magistério, quando eu falava assim: "eu trabalho, mas eu cobro porque eu sei o que eu passei para vocês". Eu era nojenta, cheguei a reprovar uma menina no terceiro ano do magistério. Falei com ela não compra vestido porque você não vai passar, não foi uma ameaça. Uma aluna que durante o ano inteiro tirou quatro, tirou cinto, três, que era primeiro e segundo na teoria e no último ano recreação, na quadra. Eu falei com ela, se não tirou durante o ano um seis, vai tirar nove na última prova? Não uma, eram três meninas. Meninas não, moças velhas. Não compra roupa de formatura que você não vai passar. Tinha uma que era cunhada do irmão da Rosa. Conhece a Rosa?

Orador A: Não.

Orador B: Foi minha aluna também. Aí o veio. Eu vou dar um, chama Mariuza, o nome dela, eu dou um atestado e você anula a prova. Eu não vou dar. Já tinha feito o conselho de classe, eu já tinha falado, não passo! Era eu, a professora Angélica de Biologia, e o professor Sérgio, nós três trabalhávamos juntos, sabendo de cada aluno. Porque de repente se fica só com um vai querer recorrer alguma coisa, então a gente fechou aquele conselho daqueles alunos que a gente sabia que não podiam passar.

Orador A: Eles eram professores de quê?

Orador B: Português e Biologia. A Angélica é biologia e química. Então a gente sabia que não ia passar! Eu chegava no conselho e fazia, tinha um cara que era safado, eu dizia. Ela pode ser boa para você, mas como aluna para mim não serve, não vai passar, não sabe nada, não aprendeu, não vai! E ele dava para todo mundo, e na hora de votar ele votava que era para passar. Não passo! Comigo não passa! Então a gente era assim, fechado, não para prejudicar, mas para ter um respaldo de que aquela aluna, a gente sempre trocava ideia nas reuniões, conversava: “fulano não tem como!”. Ela ameaçou, na época ela ameaçou a raptar o Gustavo, ele era bebê. A outra chegou para o senhor Sérgio e falou assim: "olha, eu vou para o motel com você, faço o que você quiser e pago tudo." Olha a baixaria há quantos anos, vinte e cinco anos atrás, porque ela era safada. Aí essa filha, do finado Jofre, a irmã dela: “como, meu pai tirou o dinheiro a poupança?” Ai eu falei: “Eu avisei pra ela. Eu falei, "sabe onde ela deve ter nota dez?”

Eu morava naquela casinha, o Gustavo estava bebê, estava amamentando-o. Eu falei: "ela deve estar no motel!", porque todas as minhas aulas de recreação, era a última, as duas últimas aulas, justamente os últimos porque já suava e tal para já ir embora pra casa, Ela ia de vestidinho, salto, toda bonitinha, que era sexta-feira que ela ia para o motel com o namorado dela!

Orador A: Era sexta à noite as aulas?

Orador B: Era, porque o magistério era a noite, eu dava aula para a turma do noturno. Aí falei assim: "a aula dela está no motel". Então, eu sabia do meu dever cumprido, eu sabia que eu tinha feito bem feito, dado a aula certinho, bonitinho, então eu cobrava! Cobrava bonito mesmo! Minhas provas eram "fodidas", não eram difíceis, mas eu fazia quatro provas. Em uma prova eu dividia em quatro, só mudava as ordens, as alterações, quer dizer, não adianta colar.

Orador A: Tinha prova teórica de educação física?

Orador B: Era primeiro segundo ano teórico. E eu falava assim: "eu não vou falar para vocês que não colam comigo, mas eu vou fazer o possível para que vocês não colem. Tinha uma moça já meio idosa lá, da minha idade, ela olhou assim. E eu falava assim: "e outra não adianta copiar risquinhos, x, alguma coisa, porque não são iguais as perguntas. Eram as mesmas perguntas, mas em ordens alteradas, vocês vão copiar tudo as respostas erradas porque não vai dar certo. E eram quatro tipos de prova, uma aqui, outra aqui, outra lá e outra lá. Então não tinha como trocar. Eu era encardida, e naquela época era de mimeógrafo que a gente batia.

Orador A: e no ginásio como eram suas aulas, como você dividia? Porque não tinha nada do Governo. Vinha alguma coisa do Governo para vocês seguirem?

Orador B: Não sei em que ano, mas depois de uma certa época, já vinham os planos prontos para a gente.

Orador A: Antes não.

Orador B: Não, a gente fazia e montava.

Orador A: Mas tinha que entregar na escola o plano de aula.

Orador B: Sim, plano de aula nunca fui de fazer, planejamento.

Orador A: Planejamento tinha que entregar.

Orador B: Sim, tinha que entregar, mas educação física sempre...

Orador A: Sim.

Orador B: Educação física sempre... A gente sabia, hoje acho que nem sei fazer mais, nem sei como andam as coisas. Então era o Marinho, eu, Eugenio, o Marlan, depois tinha o Naninho, tinha uma época que nós tínhamos seis professores no Dom Aquino. O Dom Aquino era muito grande. Então a gente sentava, a Bazé era nossa coordenadora, Terezinha. Ela fala que aprendeu tudo em educação física com a gente, então montávamos bonitinho, mas nunca sei de tudo, você sabe o que você tem que fazer, então você vai fazendo!

Orador A: Mas você dividia mais ou menos como, você se lembra? Por exemplo, vocês colocavam futebol no primeiro bimestre, vôlei no segundo bimestre, ginástica no terceiro ou não era, era tudo misturado, quem queria jogar bola ia, como era assim?

Orador B: Eu como era chata, eu nunca fui aquela professora que falava assim, levava todo mundo para quadra e jogava a bota, toma! Não, eu era muito chata! Aí a gente separava as turmas, então tinha turma de voleibol, você tinha faixa etária, então você tinha voleibol, depois teve uma época que era por sala. Quando você tinha turma, tinha turma de voleibol, que era período contrário. De horário, de tanto a tanto voleibol um, tal a tal, voleibol dois, outro é o basquete, tal turma era atletismo. Atletismo eu saia, pegava no Dom Aquino assim, pegava aqueles “trieiros” e ia correndo, fazendo a corrida até na São João. Não tinha perigo nenhum, era tudo mato.

Orador A: Você ia correndo junto com os alunos?

Orador B: Ia junto com elas, a gente ia e voltava. Calculava o tempo não em quilômetros.

Orador A: Isso no ginásial?

Orador B: Ginásial, foi muito bom. A gente saia.

Orador A: Então era o pessoal que estudava de manhã e você dava aula a tarde.

Orador B: Sim.

Orador A: E tinha as aulas de treinamento e tinha as aulas que não eram de treinamento.

Orador B: Sim.

Orador A: As de não treinamento como eram?

Orador B: Al normal. Aquela ginástica comum.

Orador A: Sim.

Orador B: Você alternava muito, porque tinha muito sol quente, essas coisas, então você tinha corda, como eu fazia magistério, forma de trabalho, eu pedia tal sala vai fazer peteca, eu ensinei a fazer peteca de palha, tal sala vai trazer bambolê, tal sala vai trazer cabo de vassoura, tal sala vai trazer corda, então a gente tinha essas alternativas. A gente tinha muita árvore por perto, então a gente tinha corda grande, corda individual, então era assim que a gente trabalhava, porque tinha uma época que o governo até chegou a suspender as aulas por causa do sol, então a gente ficava só na sombra porque não tinha como você ir para a quadra, aquele sol, eu dava aula meio dia e meia. Mata as crianças. Então você dava, tinha uma sombra, e a gente tinha banheiro ali, era bem ajeitadinho, tomava banho, tinha os bebedouros, sabe.

Orador A: Veio cartilha do Estado para vocês seguirem?

Orador B: Apostila.

Orador A: Apostila?

Orador B: Ninguém seguia.

Orador A: Ninguém seguia?

Orador B: Não. Você registrava o que tinha que ser registrado, mas porque você de acordo com o dia, com o momento, vai encaixando.

Orador A: Vocês eram cobrados?

Orador B: Assim, eu não, não que eu era melhor, mas eu sempre gostei do que eu fiz, eu não fui aquela pessoa que jogava bola, todo mundo se virava e ficava em um canto batendo papo. Eu estava ali: "Ergue essa bunda!" "Faz esse exercício direito!" você entendeu? Eu era isso! Infelizmente não é que é falta de ética, mas eles não estavam nem aí. Tinha professor que falava assim, eu lembro uma vez que tinha professor que jogava salão, e quando chegava perto de competição eles não queriam inscrever os meninos porque a competição você tem hora para entrar não tem hora para sair. Eu já saí do ginásio meia noite, onze e meia da noite, começava sete horas. E aí tinha que ir. Às vezes meu marido ia levar, entregar menina que era de baixa faixa etária em casa, porque o pai não deixava vir, então ficava na minha responsabilidade. Meus colegas falavam assim: "pelo que eu recebo estou fazendo demais. " Isso me magoava muito,

eles falavam que eu era besta. Os meninos chegavam: "professora, inscreve a gente, eu quero jogar". E os professores não montavam equipe, eu tinha que fazer atletismo, masculino, feminino, vôlei, tudo. Eu gostava do que eu fazia, eu gosto ainda dessa coisa assim, mas eles não me ajudavam, e aí uma vez eu falei: "professor, toma conta do feminino", que eu tinha jogo lá no JOMAP, até a professora Raquel na época me ajudou, eu tinha jogo no JOMAP e jogo aqui, como eu fazia? Conforme a turma os meninos de salão, como eram do time do Pedrinho no ginásio eles já eram coordenados, eles sabiam quem entrava, quem saía. Então eu pedia uma professora para ir lá, porque tem que assinar. Eu ficava com o vôlei que tem mais detalhe, alguma coisa assim. Eu falei, professor, você fica? Ele disse: "não, eu não vou passar vergonha, menina não sabe jogar." Eu disse obrigada, e fui campeã! A Marizete fazia festa, me expunha lá na frente, eu morria de vergonha, colocava uma mesa com todos os troféus, a meninada toda e medalha no peito, eu brigava pelo primeiro lugar mesmo. E aí saiu lá, Dom Aquino campeão futebol feminino. fui lá comprei e preguei bem na sala dos professores.

Orador A: para ele ver.

Orador B: Eu era fodida.

Orador A: Você acha que isso foi um pouco preconceito por você ser mulher?

Orador B: Não, é porque eles acham que eles não tinham obrigação, tinha turma de treinamento, mas não tinha obrigação de trabalhar com equipe. Agora, eu adorava! Não era para aparecer, mas eu gostava! Eu gosto até hoje disso! Então eles não queriam ficar, se trabalhavam até tarde, eles falavam: "porque eu vou trabalhar a noite nos jogos?" Eles falavam assim: "pelo que eu ganho estou fazendo muito", que era dar aula e jogar a bola. Então a gente via os comentários de outros professores na sala. A gente tinha a nossa sala de educação física, a gente não frequentava, sala dos professores é uma "focaiada" danada, eu nunca gostei, então a gente ficava na sala de educação física mesmo porque era pertinho assim, quase em frente ao Dom Aquino, ao lado da cantina, porque ali você tinha bola, tinha as redes, ficava aquela bagunça, nossa escrivadinha, nosso tudo ali, e os professores das outras matérias falavam muito. Eu tinha um professor que ele ia de roupa social, sapato social, camisa de linho.

Orador A: Professor de educação física.

Orador B: Para dar aula. Calça vincada, o povo metia a boca. Ele era assim. Eu não, naquela época a gente não usava nem bermuda, era abrigo mesmo.

Orador A: Agasalho.

Orador B: Agasalho.

Orador A: Com tênis.

Orador B: Tudo, sempre foi assim. Mas não era que a gente discriminava, era pelo que apresenta, aí eles começavam, nossa, Verônica foi campeã, Verônica tal, e todo mundo sabia a dedicação que eu tinha, porque eu trabalhava à tarde e à noite. Cinco horas da manhã eu ia dar treino ou de vôlei ou de basquete, porque sete horas eu trabalhava numa clínica de fisioterapia. Então eu trabalhava das cinco às seis e meia, saía de lá e andava a pé naquela época, nem bicicleta eu tinha. Ia do Dom Aquino até ali perto da SANESUL. Tinha uma clínica, e eu trabalhava nessa clínica, todo dia, isso era normal para mim, fazer essa caminhada.

Orador A: Depois a noite ia dar aula de novo.

Orador B: Eu ia, à tarde e à noite. Mas quando você gosta do que você faz, você se realiza, você não é dessa forma.

Orador A: Você acha que teve preconceito na época da sua graduação? Teve preconceito de menina, menina fazendo educação física, mulher.

Orador B: Nunca.

Orador A: Você nunca sofreu.

Orador B: Às vezes era pai que não gostava, tinha pai que não gostava, tinha uma mãe que a menina jogava, era uma gracinha, chama Carlinha, só que era miúda, naquela época não precisava ter tamanho, mas a mãe não deixava, ela só fazia aula de educação física, se marcasse um treino extra ela não ia porque a mãe não deixava. Ela não deixava. Eu falava assim: "Ê Carlinha", ela dizia: "minha mãe não deixava". Tinha que ir embora para a fábrica. A mãe dela tinha fábrica de pastel, ela tinha que ir para a fábrica para ajudar. A mãe não a deixava. Então tipo e mãe assim, de ir lá conversar com pai, eu tinha que buscar menina e levar, arranjar carro dos colegas, vamos pegar fulano, ia lá buscar, terminava o jogo tinha que ir lá entregar. Naquela época, já tive que sair onze e meia da quadra.

Orador A: Você lembra quando que foi mais ou menos que deixou de ser separado aula só para menina e aula só para menino? Lembra quando foi mais oi menos?

Orador B: Não me lembro.

Orador A: Foi assim nos anos oitenta aproximadamente?

Orador B: Acho que foi mais de oitenta.

Orador A: Mais de oitenta. Ainda era tudo separado.

Orador B: Era homem com homem, mulher com mulher. Ainda era tudo assim. Tinha que ser uns shorts assim. Foi na época que saiu a sunga adidas. E não era qualquer um que podia comprar. Eu tinha, eu usava, e as meninas usavam. Porque normalmente o short na escola era com elástico aqui. Aqueles de brim que fazia de pano. Eu tinha o meu, porque eu já jogava depois, mas eu não jogava dentro da escola, eu ficava de abrigo, as meninas iam com aquela sunga assim parecia um biquíni, uma calcinha mais longa. Os meninos ficavam doidos com as meninas. Aí eu falei assim, os professores: "nossa". Eu falei: "gente, isso é uma sunga de voleibol".

Orador A: Você tem fotos disso?

Orador B: Eu talvez tenha, eu tenho, isso são fotos, mas são os alunos.

Orador A: Então, você tem?

Orador B: Eu falei, "eu preciso encontrar os donos para entregar", quando eu morrer eles vão jogar tudo fora. Eu tenho um menino assim. Aí eu trabalhava com nataçãõ, eu era meio atrevida. Trabalhava com nataçãõ, xadrez, eu inscrevia os meninos.

Orador A: Onde você trabalhava com nataçãõ?

Orador B: Na faculdade, aqui. Porque não tinha mais Três Lagoas clube. Era na faculdade, eu não sei se foi no SESI também. Na faculdade teve várias.

Orador A: o único lugar que tinha piscina?

Orador B: Então, eu tinha fotografia delas, tinha fotografia de menina, aí depois eu fui professora daquelas meninas que foram minhas atletas, que faziam atletismo. Eu olho assim e fico lembrando, muito bom. Era muito bom!

Orador A: E como que foi quando você se aposentou?

Orador B: No primeiro momento não foi difícil porque eu aposentei de uma cadeira e fiquei na outra. Eu tinha um pai, uma mãe para cuidar, então não senti aquela falta porque eu estava na escola, no convívio, só que eu tinha uma responsabilidade até que eu saí do serviço para ficar cuidando do meu pai e da minha mãe.

Orador A: Você foi se desvinculando aos poucos.

Orador B: Mas quando eu saí, num primeiro momento, no primeiro mês, ah, que delícia, não tenho que levantar, cedo, não tenho horário, não tenho nada! Aí meus filhos chegaram. Tinha competição e meu filho falava, o Gu: "Aqueles meninos não vão ganhar nada mais mãe, vai treinar, eles estão só brincando". Eu falei: "filho, eu não posso". Não sei se era o Gu que falou: "vai, vai ser voluntária, vai lá." Teve uma época que saiu um plano voluntário. "Vai lá". Eu falei: "filho, eu não posso, tem alguém no meu lugar, eu não vou ser mandada". Porque eu sei quem entrou, não ia dar prosseguimento naquilo que você a vida inteira começou. Porque quando eu comecei a trabalhar, às vezes eu pegava menina com onze anos, eu acompanhava essa guria até a oitava série. A gente pegava lista, quando você montava porque fazia aula contrário, fazia matrícula e ia para a escola. Tal série, eu quero fulano etc. Saía catando minhas alunas. As meninas que eu iniciei. Então eu tinha uma sequência.

Orador A: Dava continuidade.

Orador B: Aquela menina, eu sabia o que eu podia fazer e cobrar e aumentar, porque eu já a peguei desde dez anos. Ela tinha quatorze, quinze, estava comigo. Eles falavam assim: "ela escolhe os melhores". Não, eu escolho aquilo que eu trabalho. Tinha aluna de outro professor que falava assim, "me passe para sua turma, eu queria tanto jogar, queria aprender." "Minha filha eu não posso". "você é chata, mas assim que eu quero para aprender". Professor só joga a bola lá e não ensina, não dá um aprofundamento, deixava solto. Dava queimada. Realmente para mim isso era muito decepcionante. Então eles falavam que eu era besta, eles falavam que eu era boba. Então eu jogo assim, eu não pensava em dinheiro, se eu ganhava bem ou não, estava me realizando profissionalmente, fazendo aquilo que eu gosto. Foi o que eu escolhi fazer. Eles não, e as meninas falavam assim: "queria ser sua aluna", minha filha eu não posso. Separava todas elas, de vôlei, de basquete, de atletismo, então eu tinha uma continuidade. Eu tinha minhas equipes formadas. Então não tinha que reclamar, tinha mais é que ganhar. Gente, faria de novo. Quer dizer, dia três de setembro fizeram homenagem para mim, eu

falei "mata a velha. Veio a Rute aqui em casa e o Breno. Você conhece o Breno, Breno César.

Orador A: Ah, sim. Breno, sei.

Orador B: Breno foi meu aluno. Quando foi dia três de setembro bateu um aqui, olhei, a Rute eu conheci menina. Veio o Breno, ah professora, vieram trazer um convite para mim ser homenageada. Eu disse, você quer matar a velha minha filha. Eu fui lá, ele falou no palco, era abertura dos jogos, era para mim acender a pira. Eu falei, Jesus do céu, eu, aí fui, me chamaram lá, os políticos lá, Ele falou assim: "eu me inspirei nela, eu sou o que eu sou hoje, devo a ela porque essa é uma professora que dedicou sua vida e tal". Aí soltou os pombos. Aí eu falei "faz a velha chorar em cima do palco".

Orador A: Mas isso é o reconhecimento de um trabalho de uma vida inteira.

Orador B: É uma emoção, é incrível. Então tinha tanta gente, e uma moça lá em cima, ali daquele palco, que tinha sido aluna minha no magistério, que são professores do município. Porque naquela época, tudo quanto é gente era nossos alunos do magistério, que eram no Dom Aquino, então todas as professoras ali, a maioria passou pena nossa mão.

Orador A: E você nunca trabalhou no município.

Orador B: Não.

Orador A: Só Estado.

Orador B: Só estado. Eu comecei no Estado em setenta e dois. Setenta e quatro comecei dando aula em plena faculdade. Trabalhei vinte e oito anos e meio na escola. Naquela época você tinha que trabalhar, solicitar aposentadoria e você tinha que aguardar trabalhando. Aí eu pedi para dobrar uma licença especial para sair mais rápido. Dobrou a licença, eu perdi a licença, quer dizer, você perde porque está inserido no seu tempo. E eu esperei dois anos, eu ganhei um ano, quer dizer, a licença quando você perde, você ganha um ano, você dobra quando você não goza ela. Quer dizer, trabalhei até vinte e sete anos, vinte e oito anos. Trabalhei dois anos a mais, enquanto não sai no diário oficial, você não pode sair de sala de aula. Hoje não saiu lá, e você já sai.

Orador A: Naquela época era tudo mais demorado.

Orador B: Era uma burocracia tremenda. Quando era Cuiabá era pior ainda, mas sou feliz, realizada.

Orador A: Teve alguma mudança quando separou o Estado, continuou tudo a mesma coisa?

Orador B: Ficou assim, o que demorava lá em cima ficou mais perto para resolver a situação. Quando dividiu o Estado efetivou todos os funcionários do Estado que trabalhavam acima de dez anos foram efetivados.

Orador A: Que legal.

Orador B: Aí depois que eles começaram a fazer os concursos. Eu já estava efetivada, estava tranquila também da vida.

Orador A: Está bom.

Orador B: Legal, muito bom.

Fim da Transcrição 01:21:04